

Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em História Social da Amazônia

DURVAL DE SOUZA FILHO

Os retratos dos Coudreau: Índios, Civilização e Miscigenação através das lentes
de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom
Selvagem”. (1884-1899).

Belém
2008

DURVAL DE SOUZA FILHO

Os retratos dos Coudreau: Índios, Civilização e Miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem”. (1884-1899).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia. Orientador: Prof. Dr. Mauro Cezar Coelho (FAHIS/UFPA).

Belém

2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Souza Filho, Durval de

Os retratos dos Coudreau: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” (1884-1899) / Durval de Souza Filho ; orientador, Mauro Cezar Coelho. - Belém, 2008

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

1. Amazônia - Descrições e viagens, 1884-1899. 2. Índios da América do Sul - Amazônia. 3. Fotografia em etnologia - Amazônia - História. Título.

CDD - 22. ed. 918.11

DURVAL DE SOUZA FILHO

Os retratos dos Coudreau: Índios, Civilização e Miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem”. (1884-1899).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia. Orientador: Prof. Dr. Mauro Cezar Coelho (FAHIS/UFPA).

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mauro Cezar Coelho

(Orientador – Faculdade de História/UFPA)

Aldrin Moura de Figueiredo

(Examinador interno – Faculdade de História/UFPA)

(Examinador externo)

(Suplente – Faculdade de História/UFPA)

Aos meus filhos Luiza e Felipe,
e a minha mulher Regina,
pelo amor, apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer ao meu orientador, Mauro Coelho, pela dedicação, entusiasmo e, sobretudo, pelas sugestões, apontamento de falhas, correções e revisão criteriosa de cada linha deste trabalho.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia que, pela competência, entusiasmo e dedicação, facilitaram a minha pesquisa. Agradeço com especial carinho ao professor Aldrin Moura, sempre disponível a sugerir coisas novas. Agradeço também ao Rafael Chambouleyron, que sempre que me encontrava pela Quintino Bocaiuva, perguntava pelo meu trabalho. Agradeço a Magda, pelo carinho; ao Otaviano, a Leila Mourão, ao franco-paraense Serge Gruzinsk, pelas sugestões.

Aos membros da Banca.

A Ana Alice, amiga fiel de todos os mestrados.

A todos os meus colegas do curso: Alanna, Ana Paula, Andréa, Carlos Eduardo, Daniella Moura, Dawdson, Decluma, Francivaldo, Humberto, Joel, José Renato, Karol, Luiz Otávio, Mirtes, Marly, Rodrigo, Sílvio, Tony Leão, Valmir Bispo. Agradeço especialmente ao Sílvio, ao Carlos Eduardo e ao Luiz Otávio, pelas colaborações e apoio.

As bibliotecárias sempre prestativas e facilitadoras da minha pesquisa no Centur e na Comissão Demarcadora de Fronteira. Agradeço imensamente à Ivete pela solicitude.

A Regina, pelo amor, incentivo e apoio.

Aos meus filhos queridos, Felipe e Luiza, garantia da minha eternidade.

Ao amigo Zé Geraldo, sempre disposto a incentivar a formação de seus assessores.

Belém 08 de Agosto de 2008.

Chamo a Amazônia de Nação é porque, primeiro, vejo neste vale gigantesco, encerrado pela convexidade central dos Andes, os planaltos da Guiana e do Brasil, o grande golfo amazônico no Atlântico, um reino geográfico distinto; é porque neste reino geográfico vejo crescer uma nação que talvez falará português, como o Brasil, mas cujas crianças não se assemelharão mais aos brasileiros do Rio de Janeiro como estes não se assemelham aos portugueses.

Henri Coudreau

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

1. RESUMO	09
2. ABSTRACT	10
3. INTRODUÇÃO	11
Os retratos de monsieur e madame Coudreau	11
Sobre o Sujeito da minha Narrativa: personagens e objeto da pesquisa	12
Sobre os Métodos e escolha da Narrativa	14
Sobre a estrutura e ordem dos capítulos	17
Último Aviso	17
Notas	18
4. CAPÍTULO PRIMEIRO	22
Henri Anatole Coudreau e Octavie Coudreau, geógrafos, cartógrafos, etnógrafos, fotógrafos, anarquistas, casados, sem filhos, residentes e domiciliados em qualquer porto dos afluentes da margem esquerda do Amazonas	22
Henri Anatole Coudreau: realidades e devaneios tropicais	23
Para Entender os Coudreau: Análise Histórico-Literária das suas Narrativas de Viagens	25
Relatos de viagens dos Coudreau: uma obra considerável	25
Século XIX: Mundialização, Imperialismos e Viajantes	29
Coudreau: um explorador atípico	31
Os projetos de Coudreau para a Amazônia	36
<i>“Trabalho com ciencia, progresso com prudência”</i> : A idéia de utilização Racional da natureza no século XIX ou o projeto econômico para a Amazônia	37
Coudreau um “world historian” do século XIX	44
A utopia de Coudreau: Amazônia, o Novo Éden	47
Um projeto social para a Amazônia	49
Um projeto Político para a Amazônia	52
Uma república anarquista em pleno trópico Amazônico	53
O bom selvagem: <i>indiens inconnus</i> .	55
Viagem interrompida... Novas viagens, nova ordem	59
Octavie Coudreau: - “Sou explorador – esta palavra não pode ser feminilizada”	64
Madame Coudreau e os mocambeiros do Pará	65
Madame Coudreau e os índios	70
Da boa utilização do Índio	72
Da mestiçagem com o branco	74
Da catequese do índio	75
Notas	76
5. CAPÍTULO SEGUNDO	112
Em busca do Bom selvagem: Análise iconográfica e Iconológica de fotografias de índios e civilizados tiradas pelo casal Coudreau	112
Fotografar a Amazônia no século XIX: um ofício laborioso.	112
Fotografias de Viajantes na Amazônia dos Séculos XIX: Uma Arte a Serviço da Ciência	118
Narrativas Visuais: Toda imagem conta uma história	123
Os retratos dos Coudreau	125
Coudreau e Octavie, fotógrafos-viajantes	129
Lendo os Retratos dos Coudreau	132
Índios, Civilizados, Mestiços e os projetos social e econômico para a Amazônia:	138
Jurunas: triste resquício de um povo:	141
Retratos dos Carajá: a idealização do Bom Selvagem	148
Os bons selvagens de Octavie	152
Imagens	157
7. CONCLUSÃO	172
Notas	174
Bibliografia	185

RESUMO

Considerando a importância da iconografia, principalmente a fotografia, para a elucidação de fatos relacionados à história da Amazônia, principalmente aqueles relativos à história dos povos indígenas, à cultura, à natureza, à história da ocupação da região, à vida das populações tradicionais, faço um exame das fotografias produzidas pelo casal Henri e Octavie Coudreau, nas suas viagens pelo interior do Pará, a serviço do governo do Estado, no período de 1883 a 1899, e aquelas produzidas unicamente por Octavie Coudreau, depois da morte do seu marido, no período de 1899 a 1903, inclusive quando estava a serviço do governo do Estado do Amazonas.

Por meio de uma leitura detida e circunstanciada destes retratos, conjugada ao exame de outras fontes escritas, dentre as quais os próprios relatos dos viajantes, procuro entender aquilo que posso afirmar como sendo o maior paradoxo destes viajantes “de la Troisième République française”: a crença no ideal romântico do “bom selvagem” e a defesa intransigente de uma civilização e sua marcha inexorável, a qual, em última instância, seria responsável pela aniquilação total deste homem “primeiro e integral”.

Secundariamente, o objetivo desta pesquisa é também refletir sobre o que fez o casal Coudreau se apegar a uma idéia – que depois se transformou em uma crença – de que seria possível encontrar nas matas amazônicas o “bom selvagem”. Assim, pretendemos entender até que ponto isso seria realmente uma crença ou simplesmente uma “isca” para atrair seus leitores, pois é nítida, nos relatos de Coudreau, a existência de dois discursos diferentes: um discurso romântico, este do bom selvagem, e outro claramente laudatório com relação ao progresso da região, a defesa da colonização filantrópica dos povos “primitivos” e o progresso infinito do Homem.

Palavras-chave: História e Imagem, História e Fotografia, Literatura de Viagens, Exploradores do Século XIX, Índios da Amazônia.

ABSTRACT

Considering the importance of the iconography, mainly the photography, in order to clarify facts about the history of the Amazon, specially those related to life, culture, nature and the history of occupation of the region that belongs to Indian people and traditional populations, I did an accurated examination of photographs produced by Henri and Octavie Coudreau in their expedition for the interior of Pará, when both work for the government of the State, during the period of 1883 to 1899. I worked yet on the material produced only by Octavie Coudreau through the period of 1899 until 1903, after her husband death; at this time she was also working for the Amazonas State government.

Through attentive and detailed reading of these pictures, besides the examination of other written sources, including the proper travelers stories, I look for to understand what I can affirm as being the biggest paradox of these travelers *de la Troisième République française*: the belief in the romantic ideal of the “good savage” and the intransigent defense of a civilization and its inexorable march, which, in last instance, would be responsible for the whole destruction of this “first and integral” man.

Another secondary objective is also understand what became the Coudreau couple to be attached to an idea – that later became a belief – that would be possible to find in the Amazon Rain Forest the “good savage”. In my research, I intended, moreover, to reflect on if those facts would be really a belief or simply “bait” to attract their readers. Therefore it’s clear, in the stories of the Coudreau couple, two different speeches: a romantic one, that of the *good savage*, and a laudatory one, regarded to the progress of the region, the defense of the *philanthropic colonization* of “the primitive” people and the infinite progress of the Man.

Key Words: History and Image, History and Photograph, Outdoor Literature, 19th century explorers, Indians of the Amazon.

Eu leio textos, imagens, faces, gestos, cenas, etc.

Roland Barthes¹

Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo: que, além de prevalecerem para as lentes das máquinas objeções análogas, seus resultados apóiam antes que desmentem a minha tese, tanto revelam superporem-se aos dados iconográficos os índices do misterioso. Ainda que tirados de imediatos um após o outro, os retratos sempre serão entre si muito diferentes. Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes. E as máscaras moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico. Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando. [...]

Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem visões de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais. Por começo a criancinha vê os objetos invertidos, daí seu desajeitado tatear; só a pouco e pouco é que consegue retificar, sobre a postura dos volumes externos, uma precária visão. Subsistem, porém, outras pechas, e mais graves. Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente [...]

João Guimarães Rosa em “Primeiras Estórias”²

1. Os retratos de Monsieur e Madame Coudreau.

A citação de Roland Barthes e o texto do viajante dos sertões e dos recônditos da alma humana, Guimarães Rosa, tomados como epígrafe, servirão como guias da aventura que

proponho: uma viagem à Amazônia do século XIX em companhia de um casal de anarquistas: os geógrafos-fotógrafos-exploradores Henri e Octavie Coudreau. A minha missão é examinar de perto as teses de Mr. Coudreau acerca dos índios da região. O Sucesso da Viagem vai depender muito da decodificação de um conjunto de fotografias de índios e civilizados feitas pelos dois; além do exame dos seus relatórios de viagem. As palavras de Roland Barthes nos tranquilizam quanto a uma possibilidade de êxito. Quanto ao texto de Rosa, a princípio, me remete a uma dúvida. Mas é justamente este encabulamento, por mais contraditório que possa parecer, que servirá como estímulo à leitura destes retratos ou qualquer outra fonte imagética. Rosa aqui me dá dois avisos ou conselhos importantes: a imagem é sutil e a nossa visão é falha. Desistir? Nunca. O desafio é um grande estimulante. De mais a mais, o que não é frágil em história? Não são os textos também ambíguos e polissêmicos? O certo é sempre utilizarmos as imagens junto com outros tipos de evidência e desenvolvermos métodos de críticas de fontes assim como fazemos com os textos, “interrogando estas *testemunhas oculares* da mesma forma que os advogados interrogam as testemunhas durante o julgamento.”³ Ensina-nos Peter Burke com a experiência de quem já trilhou estas veredas.

2. Sobre o sujeito da minha narrativa: personagens e objetos da pesquisa.

Considerando a importância da iconografia, principalmente a fotografia, para a elucidação de fatos relacionados à história da Amazônia, principalmente aqueles relativos à história dos povos indígenas, à cultura, à natureza, à história da ocupação da região, à vida das populações tradicionais, faço um exame das fotografias produzidas pelo casal Henri e Octavie Coudreau, nas suas viagens pelo interior do Pará, a serviço do governo do Estado, no período de

1883 a 1899 e aquelas produzidas unicamente por Octavie Coudreau, depois da morte do seu marido, no período de 1899 a 1903, inclusive quando estava a serviço do governo do estado do Amazonas.⁴

Por meio de uma leitura detida e circunstanciada destes retratos, conjugada ao exame de outras fontes escritas, dentre as quais os próprios relatos dos viajantes, procuro entender aquilo que posso afirmar como sendo o maior paradoxo destes viajantes “de la Troisième République française”: a crença no ideal romântico do “bom selvagem” e a defesa irrevogável de uma civilização e sua marcha inexorável, a qual, em última instância, seria responsável pela aniquilação total deste homem “primeiro e integral”.

Apesar da ênfase no casal Coudreau, quero deixar claro que os mesmos não se constituem em sujeitos, em objetos principais da minha pesquisa. Não é minha intenção fazer um trabalho biográfico. Os Coudreau são apenas dois dos personagens da minha narrativa. A minha preocupação está muito mais centrada naquilo que Coudreau e Octavie pensavam, nas suas visões de mundo, principalmente na sua percepção de um mundo em particular, a Amazônia e seu antigo, atual e creio eu, eterno dilema: civilização *versus* natureza / desenvolvimento *versus* preservação.⁵

O objetivo, também, é entender o que fez Coudreau se apegar a uma idéia e depois numa crença que seria possível encontrar nas matas amazônicas o “bom selvagem”. Entender até que ponto isso seria realmente uma crença ou simplesmente uma “isca” para atrair seus leitores, pois é nítida, nos relatos de Coudreau, a existência de dois discursos diferentes: um discurso romântico, este do bom selvagem; e outro claramente laudatório com relação ao progresso da

região, a defesa da colonização filantrópica dos povos “primitivos” e o progresso infinito do Homem.

3. Sobre os métodos e escolha da narrativa.

Todo historiador deve, obrigatoriamente, desenvolver duas habilidades fundamentais para que seu ofício tenha sentido: a primeira delas é a capacidade de **fazer falar os mortos**⁶, coisa que não é lá muito fácil; a segunda é dizer-nos, de forma elegante e convincente, **o que disseram os mortos**, coisa que é quase impossível.

Escrevo aqui a guisa de metáfora para chamar a atenção para duas questões centrais do trabalho do historiador, as quais, dentro das minhas possibilidades, serão as bases desta pesquisa: a análise cuidadosa das fontes (no meu caso, textos e imagens) e a escrita ou narrativa da história.

Para a análise dos textos ou as narrativas de viagens do casal Coudreau e outros textos correlatos, utilizo trabalhos recentes ou já antigos (mais todos eles consagrados e respeitados) desenvolvidos no campo da Semiótica⁷, tais como as análises discursivas de Mikhail Bakhtin, com suas noções sobre polifonia, dialogismo, alteridade e exotopia; a poética estruturalista à maneira de Tzvetan Todorov⁸, a semiótica narrativa, a análise textual de Roland Barthes, dentre outras.

Para análise das fotografias utilizo a metodologia proposta por Panovsky⁹, ao mesmo tempo em que converso com autores do enfoque estruturalista ou semiótico, como Roland Barthes¹⁰ e Philippe Dubois¹¹; ou da História Social da Arte como Ernst Gombrich¹², além de

prestar atenção nas experiências relatadas por pesquisadores como Boris Kossoy¹³ e Peter Burke¹⁴.

Resolvida a primeira parte, esta que terminamos de propor, da análise dos documentos textuais e imagéticos, inscrita na nossa metáfora como sendo “o falar dos mortos”, passo ao enfoque narrativo do trabalho, à escrita propriamente dita; ou retornando à metáfora, “dizer o que os mortos disseram”.

Mas como falar disso? Todorov em seu livro “a Conquista da América: A questão do Outro”¹⁵ nos lembra que no tempo de Sócrates, o orador costumava perguntar ao auditório qual o seu modo de expressão, ou gênero preferido: o mito, isto é, a narração, ou a argumentação lógica. Na época do livro, a decisão, obviamente, não pode ser tomada pelo público, pelos leitores. Temos que fazer nós mesmos a escolha para que o texto exista. No meu caso escolhi contar, narrar uma história ou histórias.

Mas como contar uma história, sem nos aproximarmos perigosamente do mito e sem nos distanciarmos desnecessariamente da argumentação? Posto que em última instância estaríamos fazendo literatura e não História. Como conciliar a qualidade estética da narrativa e a necessária observância da argumentação lógica e do rigor metodológico, estes últimos, elementos obrigatórios de todo o discurso científico?

Várias respostas vem sendo colocadas, nas últimas décadas, graças à busca da historiografia por uma renovação em sua forma de narrar. Uma delas pode ser encontrada na bem sucedida tentativa da micro-história. Uma maneira de narrar fatos históricos, operando com escala de observação reduzida, exploração exaustiva de fontes, descrição etnográfica e

preocupação com a narrativa literária. A meu ver, um casamento perfeito entre o rigor metodológico e o discurso ficcional, ou literatura como queiram.

Quanto a minha escolha, devo advertir que é bem simples: após o rigor metodológico da análise das fontes, tomando emprestados métodos conhecidamente comprovados e eficazes da Semiótica, passo à escrita ou narração da síntese obtida em dois tempos: uma narração linear, onde os fatos são narrados na forma de uma história ou até mesmo de um texto jornalístico, sem intercalações ou retornos explicativos e argumentativos; e a argumentação, as explicações e as referências necessárias sendo desenvolvidas nas notas de fim de cada capítulo. Dessa maneira, ao fim do trabalho a narrativa pode ser tomada de três maneiras diferentes: pela leitura direta, sem pausas, através do texto principal; pela leitura das notas, onde se tem a idéia do trabalho e da sua criação; ou, pela leitura dos dois textos ao mesmo tempo.

Devo dizer que esta escolha não é fortuita e nem tampouco nova. Na verdade faço, em parte, uma apropriação da maneira narrativa utilizada por Rousseau em seu “Discurso Sobre a Desigualdade entre os Homens”,¹⁶ onde o autor, para não quebrar a unidade de seu Discurso, apresentou na forma de notas a documentação bastante erudita em que se apoiou. Como algumas dessas notas deram, porém, lugar a desenvolvimentos muito abundantes, Rousseau resolveu colocá-las no fim do discurso.

Vale ainda ressaltar, que a minha preocupação com a narrativa, muito da além do gosto estético, da beleza do texto, está centrada muito mais na construção e validação do discurso histórico. Longe dos modismos e novidades, me baseio no pensamento de Paul Ricoeur, em sua teoria da narração e em sua filosofia da história em particular. Nos três volumes de *Tempo e Narrativa*¹⁷ ele nos fala da importância da narração para a constituição do sujeito. Para

Ricoeur, toda produção historiográfica é regulada por princípios narrativos, já que os elementos com os quais o historiador trabalha – mentalidades, sociedade, memória coletiva ou eventos pontuais – são como personagens de um enredo. A narrativa é fundamental por ter a capacidade de articular os traços da experiência temporal, isto é, o tempo só se mostra inteligível para o homem na medida em que ele é pensado de modo narrativo.

4. Sobre a estrutura e ordem dos capítulos:

Além desta **introdução**, o trabalho se divide em dois capítulos e uma conclusão. **No capítulo primeiro**, examino seus relatos de viagens empreendidas no Estado do Pará, a serviço do governo do estado, tendo sempre a preocupação em cotejá-los com seus trabalhos anteriores, resultado de várias missões na colônia francesa. A partir destes relatos, faço uma pequena biografia de Henri e Octavie Coudreau, procurando situar o leitor com informações sobre suas vidas e o contexto histórico em que viveram. O que pensavam, seus projetos, suas relações pessoais e políticas etc. **No capítulo segundo**, faço a análise das fotografias tiradas pelo casal em suas viagens no estado do Pará. Para isso, tomo como referência as reproduções destas fotografias em seus relatórios e seus originais guardados na Sociedade Geográfica de Paris. **Na conclusão**, faço as considerações finais.

5. Último aviso.

E, para encerrar, gostaria de desculpar-me com os leitores pela utilização do EU nesta introdução. Relutei o quanto pude em fazer esta pequena nota explicativa na primeira pessoa,

mas entendo que em pouquíssimos casos, na escrita, deva existir uma espécie de licença onde é permitido o afloramento de uma subjetividade que seja capaz de pelo menos guiar-nos pelos meandros do texto. Entenda, pois, que este EU, parafraseando Roland Barthes, seja apenas um sujeito imaginário (no sentido psicanalítico do termo). Mais um personagem, que juntamente com Coudreau, Rousseau, Reclus, Comte e os índios da Amazônia, compõem a narrativa que se segue. Narrativa esta contada a muitas vozes e, por conseguinte, impossível de ser transcrita na primeira pessoa, como é impossível a qualquer texto, a não ser cartas. Um texto não é a nossa fala, pura e simples. Se assim fosse não precisaria ser escrito, bastaria falar. Ele é o resultado de muitas vozes: autores, personagens históricos, professores, colegas de curso, orientador, banca etc. Dessa forma, doravante diremos NÓS. Na próxima viagem e depois dela as que a seguem, levaremos na memória o que disse Walter Benjamin: “Se escrevo um alemão melhor que a maior parte dos escritores da minha geração, devo-o principalmente à observação, durante uns vinte anos, de uma única regrinha. Ei-la: nunca usar a palavra “eu” a não ser nas cartas”.¹⁸

¹ BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 44.

² ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

³ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular, História e Imagem**. São Paulo. EDUSP, 2004, p. ii (prefácio à edição brasileira).

⁴ Tratam-se das fotografias publicadas nos relatórios de viagem do casal: COUDREAU, Henri. **Voyage au Tapajós**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. COUDREAU, Henri. **Voyage au Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaia**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. COUDREAU, Henri. **Voyage au Itaboca et l'itacayuna**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1898. COUDREAU, Henri. **Voyage entre Tocantins et Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. COUDREAU, Henri. **Voyage au Yamundá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. COUDREAU, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. COUDREAU, Octavie. **Voyage au Cuminá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. COUDREAU, Octavie. **Voyage au rio Curuá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903. COUDREAU, Octavie. **Voyage au Mapuera**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903. COUDREAU, Octavie. **Voyage au Maycuru**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.

Algumas foram reproduzidas por litografia, outras impressas, ao que parece, diretamente de clichês de metal através do processo de fotogravura. O fundo Iconográfico da Sociedade de Geografia de Paris detém a totalidades dos originais das fotografias tiradas por Coudreau e Octavie em Suas Expedições.

⁵ Sobre o assunto ver GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994

⁶ Esta imagem metafórica não é minha. Vários historiadores já referiram metaforicamente ao ofício do historiador como sendo um ato de falar com os mortos. Bloch, por exemplo, referiu-se à História como sendo “a ciência que dá voz aos mortos e aos vivos”; recentemente li um trecho do livro de Márcia Schuback que falava do historiador, no sentido metafórico, como sendo um *voyeur necrófago*. Alguém que tem um interesse obsessivo pelos mortos. (SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais. Ensaio de hermenêutica interpretativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.).

⁷ O termo Semiótica é aqui utilizado na sua acepção clássica como sendo a ciência dos signos. Portanto, será utilizado tanto para designar os trabalhos derivados da corrente semiológica herdeira de Saussure, quanto para referir aos trabalhos com vinculação mais estreita à semiótica de Charles Sanders Peice. Estou ciente que não cometo nenhum pecado por esta apropriação. Alias, foram os próprios **semioticistas e semiologistas reunidos em Paris em 1969, numa trégua histórica, que nos autorizou** a utilização dos termos como sinônimos, apesar de tais termos, hoje em dia, serem cada vez mais utilizados tanto pelos próprios especialistas como pelos estudiosos de outras áreas, como denominação específica de cada vertente. Os seguidores de Saussure com propensões nitidamente lingüísticas e literárias como sendo semiologistas; e os de filiação peirceana com tendências lógico-matemáticas, filosóficas etc, denominados de semioticistas. Longe de querer filiar-me a uma ou outra vertente, chego mesmo a apropriar, ao mesmo tempo, das técnicas e métodos de especialistas historicamente pertencentes a campos diferentes; como é o caso da utilização de métodos desenvolvidos por Roland Barthes, historicamente semiologista e aos trabalhos de síntese de Tzvetan Todorov que de inclinação à semiótica de Peirce também trafega com desenvoltura pelo campo minado da semiologia francesa. Lembrando também, dos excelentes trabalhos desenvolvidos por este último a partir dos conceitos de Bakhtin como alteridade, exotopia e dialogismo. Sobre o assunto ver CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido, história**. Campinas, SP: Papiros, 1997. Ver ainda: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec. 7ª Edição. 1995.; BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec. 1996.; BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.; BAKHTIN, Mikhail. **O Freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.; BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2ª ed. 1997.; BARTHES, R. **A câmara clara**, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.; BARTHES, Roland, **A Aventura Semiológica**, Lisboa: Edições 70. 1987.; BARTHES, Roland, **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.; BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.; BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**, São Paulo: Perspectiva, 1999.; BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, s/d.; BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 9ª edição. 1993.; BARTHES, Roland. **S/Z**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.; TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970; TODOROV, Tzvetan.

Estruturalismo e poética. São Paulo: Cultrix, 1976; TODOROV, T. e DUCROT, O. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem.** Trad.Alice Myiashiro et al. São Paulo: Perspectiva, 1977; TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América - a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes. SP. 1988.; PEIRCE, Charles S. **Semiótica, Estudos.** São Paulo: ed. Perspectiva, 1999.; SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1985.

⁸ A poética de Todorov tem a vantagem, dentre outras, de efetuar uma síntese de muitas das noções e tendências que então se entrecruzavam na França e fora dela. Sobre o assunto ver CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido, história.** Campinas, SP: Papiros, 1997. Ver ainda TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970; TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética.** São Paulo: Cultrix, 1976; TODOROV, T. e DUCROT, O. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem.** Trad.Alice Myiashiro et al. São Paulo: Perspectiva, 1977; TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América - a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes. SP. 1988.

⁹ Erwin Panofsky, no seu livro “Significado nas Artes Visuais”, propõe que a análise de uma imagem seja feita em três níveis distintos: a descrição pré-iconográfica, a análise iconográfica e a análise iconológica. No primeiro nível, ou seja, na **análise pré-iconográfica** (ou estudo técnico iconográfico conforme sugestão de Boris Kossov) pode ser entendida como a enumeração e a descrição precisa e rigorosa dos elementos e objetos visíveis e facilmente identificáveis da imagem. Esta primeira investigação requer uma dupla arqueologia do documento para a recuperação das informações quanto à constituição do processo que a gerou (factual) e o seu conteúdo de representação (expressional). Esta dupla investigação, conforme me mostrou a experiência, pode ser feita concomitantemente, e seu resultado será tanto mais rápido e eficaz, quanto maior for a familiaridade do pesquisador com as imagens pesquisadas. Nesse caso, se torna imprescindível a reconstrução do tempo histórico em que o documento foi produzido. Caso contrário, poderemos incorrer no erro de identificação de determinado elemento ou objeto que hoje nos significam uma coisa, mas que no passado tinha significado completamente diferente.

Transposto o primeiro nível, onde apreendemos a expressão contida na imagem a ser analisada, passaremos para o tema secundário ou convencional, cuja apreensão se dará pela **análise iconográfica** propriamente dita.

A análise iconográfica tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado.

É bom lembrar que ainda estamos na fase descritiva da imagem. Assim, depois de identificar o objeto, debruçaremos agora sobre o tema ou conceitos que ele representa.

Realizada as fases descritivas da imagem passaremos agora para a sua **interpretação iconológica**, onde buscaremos o significado intrínseco ou conteúdo propriamente dito do objeto visual. O que fizemos até agora se situa a meio caminho da busca do significado do conteúdo, seu valor intrínseco; ver, descrever e constatar não é o suficiente. É necessária agora uma incursão em profundidade da cena representada em busca de seus valores simbólicos. Se até agora trabalhamos como arqueólogos doravante a sensibilidade de um analista deverá ser evocada, pois uma

(...) interpretação realmente exaustiva do significado intrínseco ou conteúdo poderia até nos mostrar técnicas características de um certo país, período ou artista [...] são sintomáticos de uma mesma atitude básica, que é discernível em todas as outras qualidades específicas de seu estilo. Ao concebermos assim as formas puras, os motivos, imagens, estórias e alegorias, como manifestações de princípios básicos e gerais, interpretamos todos estes elementos como sendo o que Ernest Cassier chamou de valores ‘simbólicos’. (PANOFSKY, Erwin. Significado das artes visuais. São Paulo: Perspectiva, 1979, 2ª Ed, p. 52.)

Assim, com a interpretação iconológica, através de um processo de síntese, chegaremos à descoberta dos significados dos objetos visuais. Está, pois, concluída a análise proposta por Panofsky.

¹⁰ Ver bibliografia exposta na nota 7.

¹¹ DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1999.

¹² Ver dentre outros: GOMBRICH, E.H. Norma e Forma. Trad. Jefferson L. Vieira.- São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹³ Boris Kossoy possui uma extensa bibliografia sobre o assunto, para este trabalho atemos mais ao seu livro: KOSSOY, Boris. Fotografia e historia. São Paulo, Ática, 1989. (Série Princípios)

¹⁴ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular, História e Imagem**. São Paulo. EDUSP, 2004, p. ii (prefácio à edição brasileira).

¹⁵ TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**; trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993., p. 4.

¹⁶ ROUSSEAU, J-J., **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**, Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973., p. 214-319.

¹⁷ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**, vol. I, II e III. Campinas: Papirus, 1994, 1995, 1996.

¹⁸ Walter Benjamin, “**Berliner Chonik**”, em **Ges. Schr. VI, Frankfurt am Main**, 1985, p. 475. Citado como “Crônica Berlimense” por GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva. 2004., p. 73.

CAPÍTULO PRIMEIRO

As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

Fernando Pessoa

1. Henri Anatole Coudreau e Octavie Coudreau, geógrafos, cartógrafos, etnógrafos, fotógrafos, anarquistas, casados, sem filhos, residentes e domiciliados em qualquer porto dos afluentes da margem esquerda do Amazonas.

O título deste primeiro capítulo não poderia, de forma alguma, ser conciso por dois motivos: primeiro porque enuncia a história de duas pessoas, segundo porque a história a ser contada é uma das mais fascinantes¹ histórias de viajantes e exploradores da Amazônia. Conheceremos, nas linhas a seguir, Henri Coudreau e Octavie Coudreau. Ele geógrafo, etnógrafo, aventureiro romântico e sonhador; ela cartógrafa, mulher destemida, prática, decidida; ambos fotógrafos, ambos anarquistas.

Começaremos por Henri Coudreau, sua busca obstinada por missões exploratórias nas colônias francesas, desde seus primeiros trabalhos na Guiana até sua morte prematura às margens do lago Tapagem, rio Trombetas, perto de Oriximiná, no Estado do Pará. Relataremos suas aventuras políticas como a instauração da

República de Counani, território hoje pertencente ao estado do Amapá, suas utopias, sua crença no *bom selvagem*, seu triplo projeto para a Amazônia, suas relações pessoais e políticas na Guiana Francesa, suas relações com a elite política do Pará e Amazonas, principalmente as relações bastante próximas a Lauro Sodré, governador do Estado do Pará; e os irmãos Nery do Amazonas, o mais famoso deles, o Barão de Santa-Ana Nery, chegou a prefaciá-lo seu livro *La France Équinoxiale*; outro, Constantino Nery, governador do Amazonas após a morte de Coudreau, convidou Octavie Coudreau a trabalhar para seu Estado a partir de 1.905. Saberemos também das suas relações com anarquistas paraenses famosos como Ignácio de Moura, o fotógrafo J. Girard e o escritor Juvenal Tavares; sua amizade com Elisée Reclus e Quatrefages, o primeiro, um dos maiores teóricos do anarquismo que foi capaz de romper com Marx e Engel na I Internacional Socialista e finalmente expulso na II Internacional; o segundo, naturalista famoso que disputava na época o mesmo espaço hoje ocupado por Darwin. Ambos influenciaram decididamente Coudreau. Veremos ainda o que dizem seus contemporâneos sobre ele. As duras críticas de Arthur Vianna² sobre os relatórios de suas viagens a serviço do governo do Pará e os ataques de Emílio Goeldi em jornais de Belém e da Europa com relação à questão do Contestado franco-brasileiro.³

1.1. Henri Anatole Coudreau: realidades e devaneios tropicais.

Henri Coudreau⁴, francês, de ascendência humilde, filho de agricultores, nasceu no departamento de Charente Inferior, atual Charente Marítima, na minúscula Sonnac⁵, em 6 de maio de 1859. Desde pequeno sonhava ser marinheiro, contrariando os propósitos de seus pais que o desejavam ver tabelião. Em 1877, ele entra na Escola

Normal de Cluny e logo avisa ao diretor do colégio que não queria tornar-se professor. Seus propósitos seriam outros: seriam as missões científicas. Mesmo assim, em 1880 ele ocupa uma cadeira de História e Geografia na Escola Profissional de Reims.

Não contente com o primeiro emprego, o jovem Coudreau luta de todas as formas para integrar a missão trans-sahariana de Flatters. Por azar ou pura sorte seu clamor não foi atendido pelas autoridades francesas. E que como sabemos, poucos meses depois de iniciada a expedição em terras africanas o grupo de Flatters foi quase que totalmente massacrado, sobrando apenas vinte e uma pessoas (nenhum sobrevivente era francês) das quase cem que compunham a expedição⁶. Nesse ínterim Coudreau, agora nomeado para o colégio de Chermont-Ferrand, continua insistindo na carreira de explorador. Desta vez, resolve apostar tudo e pede que o enviem para qualquer posto em qualquer uma das colônias francesas. Assim, obtém aos vinte e um anos uma cadeira de professor no colégio de Caiena, na Guiana Francesa. Era o começo de uma grande aventura nas florestas e rios da Amazônia.

Os dois primeiros anos do jovem explorador na Amazônia são dedicados, além do ensino no Colégio de Caiena, ao reconhecimento e estudo das populações litorâneas. Conhecimentos necessários para subsidiá-lo na sua primeira missão oficial. Em fevereiro de 1883, ele é autorizado, pelo subsecretário de Estado para as Colônias, a fazer uma expedição com a missão de explorar os territórios contestados entre o Brasil e a França, que se estendem do Oiapoque ao Araguari.

Esta missão foi efetuada de Caiena ao Amazonas e de Macapá ao rio Uaupés na fronteira colombiana, entre 1883 e 1885. Em 1887 e 1889, duas missões do Ministério da Instrução Pública possibilitam que o mesmo explore, desta vez, o

território guianense propriamente dito, mais particularmente as fontes do Maroni e do Oiapoque. É também a grande oportunidade do agora já explorador reconhecido realizar um dos maiores sonhos de sua vida: ver de perto os lendários montes Tumuc-Humac (Tumucumaque), até então conhecidos apenas pelas descrições de Sir Walter Raleigh⁷ e Jules Nicolas Crevaux.⁸

A partir de 1895, passa a trabalhar para o governo do Estado do Pará em missões de exploração dos afluentes da margem esquerda do Amazonas, dentre eles o Tapajós, o Xingu, o Tocantins, o Araguaia, o Yamundá e o Trombetas. É durante a exploração do Rio Trombetas, sobre o Lago Tapagem, que encontra a morte, em consequência das constantes malárias contraídas e não tratadas, em 10 de Novembro de 1899.

2. Para Entender os Coudreau: Análise Histórico-Literária das suas Narrativas de Viagens.⁹

2.1. Relatos de viagens dos Coudreau: uma obra considerável.

O conjunto da obra do casal Coudreau, um total de 57 publicações conhecidas (01 álbum fotográfico, 18 livros, 29 pequenas publicações na forma de artigos ou brochuras, 05 grandes reportagens para o “Journal des Voyages” e 04 verbetes para “la Grande Encyclopédie Berthelot”), pode-se dividir em duas etapas: os escritos de Caiena e os escritos brasileiros. Os textos de Caiena, que vão de 1881 a 1895, podem ser subdivididos em relatos de viagens e ensaios corográficos. Já os textos brasileiros, na sua maioria relatos de viagem, excetuando apenas as publicações de um artigo corográfico e um álbum sobre a cidade de Belém, podem ser

subdivididos em duas etapas: a etapa Coudreau, que abrange as publicações que vão de 1895 a 1899 todas elas *feitas a 04 mãos*, mas que predomina o trabalho de Henri Coudreau; e uma segunda etapa, abrangendo as publicações de que vão de 1899 a 1906, período, portanto pós-morte de Coudreau, e que figuram apenas os relatos das viagens feitas exclusivamente por Octavie Coudreau no Pará e Amazonas.

Os Escritos de Caiena que vão desde o seu primeiro trabalho publicado sobre a região de Wargla, na Argélia, norte da África, até a sua última viagem a serviço do governo francês, para explorar os rios Branco e o alto Trombetas. Coudreau teve seus artigos publicados por várias sociedades de geografia da Europa, através de suas revistas ou edições à parte, na forma de pequenas brochuras, ao que soma em pelo menos vinte e nove pequenas publicações dentre elas: **Le Contesté franco-bresilien, La Haute Guyane, Les Indiens de Guyane, Les Caraïbes, Les Tumuc-Humac, Les Légendes des Tumuc-Humac, Le Brésil nouveau, L'Émigration au Nouveau Monde, Dix de Guiane**. Todos estes textos foram depois reunidos, em 1886, numa única publicação, em três volumes com encadernação de luxo, denominada **La France Équinoxiale volume 01, 02 e 03**. Também foram publicados em encadernação de luxo os livros **Voyage au Rio Branco, Les Français en Amazonie, Dialectes indiens de la Guyane, Chez nos indiens**.

No **La France Équinoxiale**, Coudreau distinguiu seus escritos corográficos dos seus relatos de viagens. No primeiro tomo, ele reuniu todos os seus artigos histórico-geográficos sobre a Guiana Francesa e Amazônia; no segundo tomo, ele reuniu todos os seus relatos de viagens através da mesma região; no terceiro, Coudreau publicou uma série de oito mapas coloridos. Outro livro também muito importante de Coudreau, que vem a ser uma mistura de relato de viagem com ensaio

etnográfico sobre os índios da Guiana Francesa, é o **Chez Nous Indiens**, resultado de suas viagens pelo interior das Guianas até os montes Tumucumaque na divisa do Brasil, no período de 1887 a 1891, publicado em 1895.

Os relatos de viagens do casal Coudreau se caracterizam pela riqueza descritiva¹⁰ e por um estilo que poderíamos dizer “mestiço” que, por sua pretensão científica, quer ser realista, mas ao mesmo tempo são carregados de passagens românticas, principalmente suas descrições quanto às paisagens naturais dos campos gerais paraenses e os planaltos da Guiana. A mesma referência ao romantismo pode ser dada quanto às suas descrições do índio amazônico. É bom que se diga que esta verve romântica do casal Coudreau, para os leitores brasileiros da época, não estaria de toda deslocada.

No Brasil do Século XIX, a natureza passa a ser o principal elemento para a definição de uma identidade nacional. Para os românticos brasileiros a natureza que servira para a Europa do século XVIII como válvula de escape para um mundo em crescente processo de urbanização e industrialização é redimensionada para uma natureza que não só passa a ser tomada como uma idealização, mais como objeto da ciência, fonte de inesgotáveis matérias-primas e palco de uma grande civilização.

Devemos lembrar também do esforço do Império Brasileiro (tendo a participação ativa do próprio D. Pedro II) na consolidação de uma imagem romântica do país, caracterizada pelo exotismo, pela natureza exuberante e selvagem, por seus indígenas belos, nobres e liberais. Esta imagem foi durante o século XIX amplamente divulgada, entre nós, pelos autores românticos que recebiam muitas vezes incentivos do próprio Estado; e mais ainda, durante a segunda metade do século XIX, na Europa e Estados Unidos, através das gigantescas exposições internacionais. Estereótipo este

que ainda permanece até nossos dias, nos discursos dos políticos, na conversa do povo, na poesia, na música, como nos lembra muito bem Jorge Ben Jor: “um país tropical, abençoado por Deus e bonito por Natureza.¹¹”

Neste caso, para o homem do século XIX, não seria absurda a utopia social de Coudreau para a Amazônia, tal qual veremos adiante. Uma volta consciente do homem civilizado às nobres independências da vida selvagem, passando pela conciliação da civilização com a vida selvagem, da razão com a liberdade, do progresso com a igualdade. Neste caso, o homem natural, o índio, entraria na formação desta nova sociedade emprestando seu sangue já aclimatado, bem como o seu saber ancestral.

Nos escritos brasileiros, um livro em especial, desperta bastante o interesse dos leitores, que é a passagem da fase Coudreau para a fase Octavie. O livro em questão é o “Voyage au Trombetas”. Livro inacabado, devido à morte de Henri Coudreau durante o curso da viagem, e terminado por Octavie, a partir dos apontamentos de viagem feitos por Coudreau. Nele, Coudreau relata toda a viagem feita pelo Casal ao alto Trombetas, saindo de Belém no dia 07 de agosto de 1899. Para a expedição, o Casal contou com dez homens, mantimentos e duas canoas. A viagem, como sabemos, é interrompida, em 09 de novembro de 1899 com a morte de Coudreau, no lago Tampagem, quando já retornavam para Oriximiná. Octavie retorna a Belém em 25 de novembro de 1899. Para escrever o livro até o capítulo VIII, Octavie utiliza os apontamentos do marido. Já o capítulo IX, que traz um relato sobre os mocambeiros, é feito totalmente por Octavie Coudreau. Outro livro muito interessante é o Voyage au Cuminá¹², no qual a viajante procura exorcizar seus demônios, sua imensa tristeza pela perda do seu ente querido. Este é com certeza o

relato mais subjetivo de Octavie Coudreau. Nele a autora mostra a face de uma mulher apaixonada e completamente dedicada ao marido e ao seu trabalho.

2.2 - Século XIX: Mundialização, Imperialismos e Viajantes.

Há momentos em que o desenvolvimento está a tal ponto amadurecido em todas as áreas da economia capitalista – no terreno da tecnologia, dos mercados financeiros, do comércio, das colônias – que é preciso ocorrer uma expansão extraordinária do mercado mundial. O conjunto da produção mundial será aumentado a um nível novo e mais abrangente. Neste momento, o capital começa a entrar num período de avanço impetuoso.¹³

O fato maior do século XIX é a criação de uma economia global única, que atinge progressivamente as mais remotas paragens do mundo, uma rede cada vez mais densa de transações econômicas, comunicações e movimentos de bens, dinheiro e pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não desenvolvido.¹⁴

A segunda metade do século XIX é marcada pelo início da segunda expansão da economia capitalista em uma escala mundial jamais vista¹⁵. Se no século XVI o mundo provou uma primeira mundialização¹⁶ ou internacionalização da economia capitaneada pelo capitalismo comercial, no século XIX este processo é protagonizado pelo capitalismo industrial e comercial, numa integração da economia mundial sem precedentes, que passa de um simples conjunto de economias interdependentes, para um conjunto de extensão inconcebível em outros tempos.

Já a partir de 1869, a Europa, seguida pelos Estados Unidos, anseia por interligar o mundo em uma rede de comunicações viárias capaz de acelerar as trocas comerciais. A indústria em franco desenvolvimento necessita de meios rápidos e

eficientes, tanto para o escoamento de sua produção, quanto para captação de matérias-primas para a industrialização destes produtos. Necessita, portanto, de estradas de ferro e da melhoria do transporte marítimo; da abertura de canais ligando oceanos para encurtar distâncias. Muito mais do que isso, é preciso:

- interligar toda Europa, mesmo que para isso tenha que perfurar as rochas duras e geladas dos Alpes em dezenas de túneis, resultando em uma intrincada rede de ferrovias que mais parecem as malhas de um tecido;
- construir uma linha transcontinental cortando o Canadá de ponta a ponta. Ligar a Rússia à costa do pacífico, partindo de Vladivostok.
- na América do Sul, assim como nos Alpes, vencer os maciços dos Andes;
- abrir a navegação pelo rio Amazonas, da mesma forma que se deve melhorar a navegação do Nilo e Ganges;

Mas, para isso é imprescindível, antes de qualquer coisa, ter o conhecimento preciso da geografia e topografia de todo o globo. É imprescindível também conhecer bem as populações por onde passarão estes caminhos do *triunfante progresso*. Saber até que ponto estes nativos serão capazes de oferecer ou não resistência à *inexorável* marcha da civilização.

Surgem, em meio a esta nova ordem, as Sociedades Geográficas¹⁷ em quase todos os países europeus e, ligada ou não a estas sociedades, surge uma nova estirpe de viajantes, os quais diferem radicalmente daqueles viajantes-filósofos-naturalistas dos séculos XVII e XVIII, amantes da ciência.¹⁸

Os novos viajantes, melhor chamarmos de exploradores, pois assim eles se autodenominam, são investigadores científicos, especializados cada um num domínio da natureza que lhe é específico. Estes novos exploradores não têm a cultura humanista dos precedentes. Mais ainda, os novos cientistas são nacionalistas que rivalizam no conhecimento assim como na possessão do mundo.¹⁹ Os antigos cientistas, os homens do século XVIII e do início do século XIX trabalhavam por amor da humanidade e por sede de conhecimento; os novos vêm construir e fortificar impérios coloniais.

Neste contexto, jovens exploradores como: Richard Francis Burton (21 anos)²⁰, Savorgnan Brazza (23 anos)²¹, Alcides de Origny (24 anos)²², Jules Crevaux (29 anos)²³, Hermenegildo Carlos de Brito Capello (25 anos)²⁴, Roberto Ivens (27 anos)²⁵, David Livingstone (27 anos)²⁶, Henri Coudreau (24 anos), Henry Morton Stanley (31 anos)²⁷, dentre tantos, são enviados aos quatro cantos do globo, como missionários, para preparar o terreno para a “inexorável marcha civilizatória”.

2.3 - Coudreau: um explorador atípico

Dos exploradores de século XIX, Coudreau traz muitas semelhanças. Por outro lado, vários aspectos, muitas vezes contraditórios o fazem, sem sombra de dúvida, uma figura à parte, radicalmente diferente dos seus contemporâneos. Apesar de muitas vezes advogar uma visão entusiasta e sentimental de um colonialismo filantrópico, não existe em Coudreau aquele nacionalismo exacerbado comum aos demais exploradores do seu tempo.²⁸

Às vezes colonizador, noutras libertário²⁹, enquanto oficialmente, no caso do contestado franco-brasileiro, junto às autoridades francesas, advogava a necessidade da sua pátria lutar por esta “nova colônia”, que, como costumava dizer há mais de 200 anos era francesa, junto à população local defendia abertamente o estabelecimento de uma região livre, nem ligada ao Brasil, nem dependente da França. É aqui que podemos ver esta característica bastante dupla (vejam bem não utilizei a palavra dúbia) da personalidade de Coudreau. Um homem que tem um sonho, uma idéia fixa, uma região imensa a percorrer. Mas, para isso é necessário contar com recursos oficiais.

Como veremos Coudreau sempre exerceu suas funções a serviço do Governo de seu país, num primeiro momento; e para o governo do Pará, em outro. No entanto, em seus relatos se vê claramente sua postura crítica em relação ao colonialismo, no caso de seu país ou a exploração predatória e “escravizante” da coleta e mercado do látex na Amazônia brasileira. Somos levados a crer que isso tudo se deve às suas convicções políticas. Isso veremos adiante. Por ora, nós ateremos ao que em Coudreau parece com os demais exploradores.

Ao partir em sua primeira missão ainda muito jovem, aos 24 anos, Coudreau iguala à grande maioria dos exploradores do seu tempo que vêm na aventura nas colônias um exutório à crise existencial de fim de século pela qual passavam a juventude européia. Partiram muito cedo, também jovens e destemidos Savorgnan Brazza (23 anos), Alcides de Orbgny (24 anos) ou Jules Crevaux (29 anos). Da mesma forma, ao ter encontrado a morte prematuramente, em plena missão, o coloca ao lado de outros viajantes famosos como o Príncipe de Orleans (34 aos), Jules Crevaux (35 anos) ou René Caillé (39 anos), arrebatados por doenças tropicais,

massacrados por nativos ou simplesmente desaparecidos no “coração das trevas”, lembrando um pouco de Joseph Conrad.³⁰

Para o explorador civil, como Coudreau, as dificuldades das missões eram dobradas. Primeiro não contava com as condições financeiras e de infra-estrutura presentes nas expedições militares; segundo, não contava com aparato militar para defesa. Isso exigia dele duas qualidades fundamentais: primeiro, a capacidade de convencimento e paciência para bater “de porta em porta” atrás de fundos para financiar suas expedições; segundo, na falta de um pequeno exército para escolta, devia-se agir como um diplomata e apresentar intenções pacíficas para com os indígenas, quase sempre arredios à presença do homem branco. Coudreau foi excepcional nas duas características.

Para conseguir o dinheiro necessário às suas viagens, soube se valer de amizades como a de Charles Maunoir, secretário da Sociedade de Geografia de Paris, a do Subsecretário de Estado para as Colônias, de comerciantes patricios da Praça de Belém³¹, e do Governador do Pará, Lauro Sodré³².

Em campo, portava-se como indigenista hábil e perspicaz, igualando muitas vezes a exploradores do século XX como o caso do Marechal Rondon³³, com uma grande diferença: Rondon contava com uma razoável escolta; Coudreau apenas com a palavra.

Alias, a comunicação nunca foi problema para este poliglota versado em línguas ameríndias. Em pouco tempo, Coudreau foi capaz de aprender a maioria dos idiomas falados pelas populações da Guiana.³⁴

Para as viagens ao Rio Negro e fronteira com a Venezuela, bem como pelo interior do Pará contava com o seu excelente português e vasto conhecimento da **Língua Geral da Amazônia**, o Nheengatu³⁵.

Muitas vezes, ele próprio servia de intérprete em diálogos entre índios de etnias diferentes. Não ficava só nisso, Coudreau, portador de uma capacidade de observação ímpar, foi capaz de apreender os costumes dessas populações ultrapassando a prática da maioria dos viajantes, que era a tomada de registros de impressões e coletas de utensílios e artefatos das culturas alienígenas, os quais eram levados para os etnógrafos estudarem em seus gabinetes. Coudreau seguramente ultrapassava esta barreira e comportava-se muitas vezes como os modernos etnógrafos de campo.

Quase que totalmente esquecido, em seu país natal, nos dias atuais, a poucos meses de completar 110 anos de sua morte, Coudreau gozou ainda em vida, de relativa fama, a ponto de Ernest Hamy (1842-1908), reconhecido antropólogo e fundador do Museu do Trocadéro (1880), dizer no prefácio de *Chez Nous Indiens* que Henri Coudreau era um dos mais populares entre os exploradores de sua época. “Todas as Sociedades de geografia conhecem-no e apreciam-no, e sempre que o seu nome é inscrito no programa de uma delas, é certo fazer-se sala cheia”³⁶, acrescenta.

Da mesma forma que suas palestras, seus livros despertavam grande interesse do público leitor e das editoras. São rapidamente editados pelas principais casas francesas (Hachette, Challamel ou Lahure) e logo tornam sucesso editorial.³⁷ No entanto, apesar de um vivo sucesso à sua época, são hoje extremamente raros. De mais de uma dezena, apenas três de seus livros foram republicados. E é bom que se diga, apenas por editoras brasileiras.

Além da fama junto ao público leitor, Coudreau também recebe, de seus pares, o reconhecimento pelo seu trabalho. Em 1892, no Grande Anfiteatro da Sorbone, Coudreau recebe uma medalha de ouro da Sociedade de Geografia de Paris, pelos seus dez anos de estudos na região das Guianas; antes, já havia sido agraciado com a medalha de ouro da Sociedade de Geografia comercial de Paris (1886) e o prêmio trienal da Sociedade dos Estudos Coloniais e Marítimos, em 1887. Se foi tão famoso em vida, por que então a França esqueceu Coudreau? Pouco interesse pela história da Amazônia? Achamos que não. De qualquer forma Sébastien Benoit parece ter uma pista:

Apesar da sua importância de junção e a soma de conhecimentos que nos deixa sobre a região Amazônica, continua a ser difícil, na França, encontrar as obras de Coudreau e é necessário às vezes, no silêncio ensurdecedor de uma biblioteca, rasgar febrilmente as páginas ainda coladas do um dos seus artigos, ainda nunca lidos. Como se o tivéssemos esquecido voluntariamente. Como se, na consciência dos Franceses, as suas tomadas de posição contraditórias, as suas empresas de colonização desastrosas na região do Contestado, a sua traição final em proveito do governo brasileiro tivessem ocultado a sua obra de cientista. Como se, por último, não parecêssemos ainda prontos para assumir este passado colonialista da França na América do Sul ao qual ele nos faz lembrar de maneira muito direta.

Como explicar diferentemente qualquer outra concepção que tem hoje a comunidade científica brasileira? Para além do Oyapock até Brasília, Henri Anatole Coudreau é ainda honrado como um espírito pioneiro e considerado um dos fundadores da geografia da região e da identidade Amazônica. Até os ribeirinhos, Caboclos e descendentes de escravos fugitivos que guiam-nos através da desordem encantada da floresta para rejuntar ao mesmo teatro desta exploração de um outro tempo, todos recordam-se do Doutor francês.³⁸

2.4 - Os projetos de Coudreau para a Amazônia³⁹

Enquanto a maioria dos exploradores do seu tempo viaja pela simples descoberta de caminhos e de nascentes, abrindo estrada para a sanha exploratória da nação a que pertence, Henri Coudreau lança um olhar escrupuloso e interessado sobre a natureza que o cerca. Não se limitando somente ao reconhecimento geográfico das diversas regiões visitadas, (ao que é minuciosamente registrado em mapas e relatos) o viajante se entrega à evocação do cotidiano da exploração científica e, a partir de suas observações do novo meio, foi capaz de formular um projeto de colonização para a Amazônia que estaria assegurado por um tripé econômico, social e político.

As idéias de Coudreau, mesmo inseridas num contexto de colonização européia, se mostram bem fiéis às idéias de Elisée Reclus. Alias, o próprio Reclus não escapa a este enquadramento colonial. Não obstante as suas idéias políticas radicais, ele próprio defendia a colonização quando feita na forma de “colônia de povoamento”⁴⁰ em substituição à “colônia de exploração” – esta, na visão do grande geógrafo anarquista, uma forma perversa de dominação de determinadas classes sociais sobre as outras.

Reclus chamava a atenção para o fato de haver sempre no mundo colonial uma classe dominante local que se beneficiava com a dominação e que se aliava ao dominador estrangeiro, oprimindo o povo. Assim, enquanto questionava a forma de colonização implantada pelos ingleses na Índia e na Indochina, onde analisou como uns poucos ingleses foram capazes de dominar uma numerosa população valendo-se de alianças com grupos nativos rivais e desarticulando qualquer possibilidade de sublevação, da mesma forma que retirava do país a matéria prima necessária a suas

indústrias a preços baixos, arrasando a economia local; por outro lado, elogiava a mesma Inglaterra por implantar o que ele chamou de “colônia de povoamento” no Canadá, sul da África, Austrália e Nova Zelândia, além dos Estados Unidos num período anterior. Chegou mesmo a defender a ocupação francesa na Argélia, mesmo não escondendo a luta e a desapropriação da população Árabe. Da mesma forma que não omitiu informações sobre massacres de nativos por tropas inglesas e por colonos, seus descendentes, no caso dos Estados Unidos.

No rastro do amigo e mestre, Coudreau também defendia a colonização européia por povoamento e chega a tecer rasgados elogios à ocupação francesa da Argélia no texto que prefacia o livro do escritor Jules Gros “Les Français em Guyane – 1887”⁴¹.

2.4.1. “*Trabalho com ciencia, progresso com prudência*”: A idéia de utilização Racional da natureza no século XIX ou o projeto econômico para a Amazônia.

Coudreau tinha uma visão bastante utilitarista da natureza amazônica, neste caso, em suma, seu **projeto econômico** para a região passaria pela domesticação da natureza. Assim, Coudreau vai propor possibilidades concretas de exploração, em função de um contexto econômico particularmente próspero na Amazônia, a do comércio da borracha.

É claro que a coleta do látex da hévea, da maneira que estava sendo conduzida, preocupava muito o viajante. Observador, Coudreau pôde presenciar a discrepância que existia entre o fausto das praças de Belém e Manaus e a pobreza absoluta do seringueiro em meio a casebres miseráveis, sujeito a todo tipo de mazelas

nas florestas úmidas da Amazônia. Coudreau sabia que o único vislumbre de prosperidade passaria pelo fortalecimento da agricultura. É interessante como a sua defesa apaixonada por uma ocupação da região de forma prudente e racional, com enfoque para a exploração dos artigos da floresta (fauna e flora) consorciada com uma agricultura a ser levada por “empresas familiares” antecipam as idéias contemporâneas de “desenvolvimento sustentável” e “agricultura familiar”⁴².

Quando observava a extração do látex, o seu interesse recaía obviamente sobre as explorações familiares, onde as condições de trabalho segundo ele são corretas. Se se trabalha em família, se é livre de qualquer controle, organiza-se o seu próprio tempo de maneira a caçar, pescar e cultivar o seu roçado; e a produção, honesta, permite matar a sua fome e melhorar às vezes o trivial.

É interessante ver nos relatos de Coudreau a viva defesa pela agricultura como aporte econômico para a Amazônia e o silêncio quase que total com relação à exploração mineral, por exemplo. É de se estranhar conforme nos disse certa vez o professor Vicente Sales⁴³, em uma conversa que tivemos sobre o viajante, que Coudreau tenha passado ao lado e até mesmo fotografado vários afloramentos de minerais sem, no entanto, fazer qualquer referência às possíveis riquezas minerais a explorar⁴⁴, nos relatos que fez sobre sua viagem ao Tocantins-Itacaiúnas.

Da mesma forma, Coudreau esquadrinhou quase que totalmente a região fronteira entre o Brasil e a Guiana, a famosa região do contestado franco-brasileiro, sem dizer muita coisa sobre possíveis jazidas auríferas. Tempos depois, ainda a sua época, uma turba enlouquecida de garimpeiros guianenses e brasileiros acorria para as margens do Oyapoque em busca de ouro que afluía em abundância. Descuido, desconhecimento? Imagino que não. Observador perspicaz e excelente geógrafo,

Coudreau jamais passaria despercebido por alguma coisa que quisesse ver. O interesse do geógrafo era outro. Coudreau, como sabemos, era totalmente avesso a qualquer empreitada que não fosse capaz de fixar o homem amazônico ao seu meio.

Neste caso, muito mais do que as riquezas minerais, o cacau, a salsaparrilha, o guaraná, uma vez cultivados de forma racional, seriam capazes de atrair e fixar futuros colonos na Amazônia. Há também as plantas medicinais, como o coumana dos Índios Roucouyenne (atuais Wayana), que cura instantaneamente mordeduras de serpentes e que salvou a vida de Laveau, o seu companheiro. De qualquer forma a árvore-rei da Amazônia, a riqueza final, a que oferece neste fim de Século XIX todas as promessas a quem saberá fazer-se seu amigo ou mestre, é a borracha.⁴⁵ Bem entendido que deveriam ser implementadas várias mudanças para a melhor apropriação deste bem tão único da Amazônia.

Primeiro, como já vimos, o estabelecimento de uma agricultura racional capaz de assentar as famílias de colonos; depois, melhorias deveriam ser feitas, principalmente no caso da comunicação entre os centros produtores e exportadores da borracha, impedindo assim o monopólio dos batelões: o comércio inescrupuloso que despoja e mata.

Em sua viagem ao Xingu, Coudreau fica revoltado com a ação dos batelões e dispara “qual é mesmo o filósofo que pretende que seja o comércio que teria abrandado e refreado os costumes? Por que então o tráfico de negros?!”.⁴⁶ Numa passagem emocionante, pueril é bem verdade, mas muito carregado de simbolismo, Coudreau depositou 45 quilos de miçangas⁴⁷ sobre a “Pedra Seca”⁴⁸ ao lado de antigas oferendas indígenas, dizendo:

Acrescento a estes fragmentos uma dádiva de fanático ou de príncipe das finanças: quarenta e cinco quilos de contas, nem mais nem menos! É o resto de um estoque que tenho trazido comigo há vários anos, a fim de dá-lo aos verdadeiros índios, a cada dia mais difíceis de serem encontrados, de vez que todos estariam sendo absorvidos pela civilização ou dizimados pela morte. ”⁴⁹

No entanto, aquilo seria somente um ato simbólico, já que certamente não seriam os índios a usufruir daquele precioso presente conforme profetiza Coudreau:

Sei quem vai tirar proveito destas contas. Elas serão vendidas muito caro no baixo Xingu aos sobreviventes dos Jurunas e dos Penas. Serão vendidas por aquele sujeitinho matreiro que ficará bem convencido de que jamais conhecerei ou adivinharei qualquer coisa a seu respeito. O bânia e o mascate assentam-se sobre as covas funerárias dos índios há pouco mortos por causa deles, senão por eles próprios. E ficam zombando. [...] É como em todo lugar: o povo é bom, as classes intelectuais são simpáticas, mas muitos intermediários são um misto de vigaristas e de pedantes. ”⁵⁰

Estes agentes são na visão de Coudreau, muito mais do que as cachoeiras e corredeiras com seus paredões de pedras, os verdadeiros obstáculos para a livre navegação dos rios da Amazônia. Decididamente, os rios da Amazônia são rios com pedágio. Apesar da época, tal anomalia subsiste. Este

conjunto de circunstâncias especiais pode fazer com que todo o desenvolvimento de uma vasta região, todo o progresso, todo o interesse geral de uma extensa área tenha por barômetro, por regulador e por freio o apetite de lucro de interesses particulares.⁵¹

É preciso a interferência do Estado para suprir de maneira completa estes obstáculos, para assegurar a rapidez e a gratuidade das comunicações nos diversos trechos dos rios da Amazônia, pois:

Se o papel do estado é o de proteger o interesse geral contra a tirania do interesse particular, eis ai um caso típico onde efetivamente o cumprimento desta tarefa não deveria sofrer qualquer adiamento: é quando o Estado começa a tomar consciência de ter benevolmente abdicado tanto de seus direitos quanto de seus deveres, assim favorecendo, com esta sua tácita desistência, o concorrente que apenas tem por móvel, por princípio ou por fim o lucro imediato e em seu inteiro benefício.⁵²

Vencidos estes obstáculos, tendo agora os caminhos naturais a possibilidade real da liberdade do ir e vir, torna-se se necessário a implementação das vias artificiais: as estradas de ferro como elemento propulsor da colonização e do progresso. Coudreau tinha em mente que o franco desenvolvimento por que passava a cidade de Belém, por exemplo, poderia ser estendido ao interior da Amazônia se fossem tomadas providências quanto à livre navegabilidade dos rios em conjunto com a construção de estradas de ferro e o incentivo à colonização através da imigração em massa de famílias de colonos europeus.

Em seu artigo intitulado “O Futuro da Capital do Pará”, escrito provavelmente em 1899, ano de sua morte, e publicado nos Annaes da Biblioteca e Archivo Público do Pará em 1913, na verdade uma síntese das suas observações nas viagens empreendidas pelo interior do Pará no período de 1895 a 1998, a serviço do governo do estado⁵³, o geógrafo-historiador-etnógrafo vislumbra um futuro grandioso e inexorável para a cidade de Belém, capital do Estado.

Para ele, a posição geográfica em que uma cidade está circunscrita é determinante para seu desenvolvimento. Ele afirma que não importa se o homem elege este ou aquele lugar como estratégico, “as grandes cidades não são uma criação artificial do homem”⁵⁴. Coudreau entende que as populações humanas se

desenvolvem necessariamente em determinados pontos do planeta, sendo que existem reduzidíssimos pontos no globo propício ao desenvolvimento da civilização.⁵⁵

Neste caso na América Latina haveria apenas dois lugares geograficamente fundamentais: a cidade de Belém, na bacia do Amazonas; e a cidade de Buenos Aires, na bacia do Prata. Portanto, o futuro estava delineado. Não poderia haver dúvida, os dois centros seriam quer queiram quer não as duas maiores cidades da América Latina no futuro.

A dúvida seria precisar quem se desenvolveria mais rápido. Buenos Aires tinha a vantagem de ter um clima temperado, no entanto sua posição era sobremaneira desvantajosa em relação à segunda praça. Belém está voltada para Nova York, Londres e Paris; Buenos Aires está voltada em direção ao Pólo Sul. É claro que isso é apenas um exercício de retórica, porque para Coudreau estava muito claro que Belém seria a cidade eleita. “A disposição dos continentes e dos mares predestinou o Pará [Belém] a tornar-se um dos grandes entrepostos não somente do Novo Mundo mas ainda de toda a terra”, vaticina.⁵⁶

Antes de continuarmos com as descrições em que o visionário Coudreau aponta as condições que deveriam ser implementadas para apressar este futuro grandioso, devemos nos deter em algumas questões. Primeiro, devemos raciocinar como fez Coudreau, pensar o mundo a partir dos trópicos, a partir da Amazônia, a partir da Belém do século XIX, no contexto do *Boom* da borracha. Senão, fatalmente o tomaremos como louco e hiperbólico que faz um discurso grandiloquente para adular as autoridades da Belém de então. Assim, um discurso lúcido de alguém que vê uma região protagonizar uma história global seria reduzido a simples anedota. Segundo, devemos ter em mente que se Coudreau assim pensa é porque naquela

época havia realmente condições para tais previsões. Não devemos culpá-lo hoje por ser impreciso e fantasioso em suas previsões. Seria mais lógico culpar a própria sociedade da época, em especial a elite comercial, pelo malogro.

Ora, sabemos muito bem que as causas do declínio da exploração da borracha da Amazônia são muito mais endógenas do que aquilo que sempre se propalou sobre o roubo das sementes da *hévea* e a transplante da cultura para o sudeste asiático. Está claro, pelo menos depois dos trabalhos dos historiadores Warren Dean⁵⁷, Bárbara Weinstein⁵⁸ e Nazaré Sarges⁵⁹, que muito mais do que a concorrência com as novas produções do Ceilão e da Malásia, que o declínio do negócio da borracha se deu pela sua exploração eminentemente predatória.

A ganância pelo lucro máximo e fácil levou a elite da Amazônia a estabelecer um negócio totalmente desfavorável. De um lado uma burguesia comercial sediada nas praças de Belém e Manaus gastava seus cabedais em futilidades; do outro lado, cada vez mais embrenhado no interior da selva, caboclos e índios penavam num esforço supra-humano, num trabalho desgastante onde o que se ganhavam, com a venda do látex coletado, era insuficiente para pagar as contas com os donos de batelões ou mesmo na venda dos donos dos seringais.

Como poderiam vislumbrar a continuidade e perenidade de um empreendimento onde só um lado ganhava? Que futuro teria um negócio onde os únicos investimentos da empresa se resumiam em algumas frotas de precários batelões e um punhado de cadernetas de contas atrasadas a serem cobradas dos seringueiros? O próprio Coudreau viu e denunciou as condições de penúria de índios e seringueiros em suas viagens.

Devemos ter, portanto, em mente que Coudreau raciocina a partir do contexto da época. O mundo estava em expansão e o Pará, neste momento, é um dos protagonistas deste processo.

Podemos muito bem imaginar o intenso movimento da cidade nesta época. Grandes negócios sendo feitos, trocas intensas com todas as partes do mundo. Ele próprio faz levantamento sistemático do volume destas trocas. No porto, barcos ingleses, americanos, franceses e do sul do Brasil aportam e levantam âncora num movimento frenético.

Neste momento, para Coudreau, um observador munido de múltiplos conhecimentos, poliglota e ciente do que se passa em todo o mundo, através das trocas constantes de informações com seus pares que como ele esquadrinha determinadas partes do globo, Belém é o um dos centros do mundo.

2.4.2. Coudreau um “world historian” do século XIX⁶⁰

Muito mais do que profetizar a boa nova, o que Coudreau fez foi inverter a lógica da história. O seu texto, como veremos a seguir, propõe muito mais do que um projeto econômico para a Amazônia. Ele insere definitivamente a região no contexto da história global. Coudreau parte do “local”, mas um local que tem a sua história e seu porvir interconectados com o restante do Globo.⁶¹ No entanto, esta ligação não é jamais uma ligação dependente. A região tem seu próprio destino.

Assim no curso de sua história, a cidade (é importante aqui que a noção de cidade para Coudreau extrapola os marcos do perímetro urbano, em última instância a

cidade é o próprio Estado) poderia ter seu progresso acelerado ou retardado dependendo da ação governamental.

Portando, a evolução da cidade independe da ação da política, ela é inexorável. A política poderá sim apressar ou retardar esta evolução, “mais cedo ou tarde esta evolução chegará a seu termo”⁶²; e ela poderá ser mais ou menos completa dependendo da disposição de sua gente. Mas, jamais seu curso será interrompido. Da mesma forma, o destino da cidade não está vinculado a fatores externos já que suas próprias condições naturais a qualifica [a cidade] para seu próprio desenvolvimento.

Coudreau entendia que “a disposição dos continentes e dos mares predestinou Pará [Belém] a tornar-se um dos grandes entrepostos não somente do Novo Mundo mais de toda a terra”⁶³. A cidade possui localização estratégica por estar em um ponto do globo de fácil difusão e convergência com as regiões desenvolvidas do globo. Não só isso, a cidade tem às suas costas a maior bacia fluvial do mundo com cerca de seis milhões de quilômetros quadrados. Somada esta extensão, regiões da Bolívia, Peru, Chile e Argentina que certamente usarão os portos da cidade para escoar seus produtos, está soma ultrapassaria a cifra de sete milhões de quilômetros quadrados, quase a superfície total dos Estados Unidos, sem o Alasca.

Atualmente é preciso observar aqui que essa bacia tão vasta quanto a grande República do Norte, apresenta uma disposição diferente. Não há na Bacia Paraense, como existe nos Estados Unidos, uma longa costa e vários grandes portos para a entrada e saída do Atlântico em direção ao interior, ou mesmo do interior em direção ao Atlântico. O que existe, porém, é uma costa de pouca extensão com somente um porto, Pará [Belém] porto único e único entreposto de uma região tão vasta quanto os Estados Unidos da América do Norte.⁶⁴

Se comparada em extensão a região que é sua tributária, a cidade de Belém, melhor que Nova York, é o único porto de uma imensa região, enquanto Nova York é apenas um dos diversos portos espalhados pelo seu território. Além disso, Nova York tem apenas o Hudson como via de comunicação com o seu interior; Belém possui a maior bacia navegável do mundo.

E ainda, é correto dizer que a cidade do Pará, como centro geográfico, tem sobre Nova York uma incontestável vantagem, Nova York é a cidade do Hudson, pequeno rio de terceira ordem. A navegação interior, facilitada pelo canal que liga o Hudson aos grandes lagos, desenvolveu suficientemente bem. Mas o que seria, com igual população, essa pequena rede de navegação interior da qual Nova York é ou pode tornar-se o ponto inicial, ao lado das dezenas de bilhões de quilômetros navegáveis a vapor na Bacia do Amazonas, tendo necessariamente a cidade do Pará como ponto de partida? ⁶⁵

Mas, isso não era o bastante, seria preciso programar condições para o desenvolvimento total e não parcial da cidade. O destino completo não seria fatal, não fossem tomadas providências para isso. Aí que entra outra originalidade de Coudreau: ele não se restringe à economia predominantemente extrativista da época. Para ele, era preciso diversificar as culturas através da importação maciça de mão-de-obra nacional e européia, o que asseguraria um povoamento definitivo da Amazônia e permitiria a numerosos indivíduos, vindos das províncias menos favorecidas ou da Europa, de mostrar o seu espírito empreendedor.

Por último, era imprescindível interligar a cidade ao interior do continente e de lá ao Pacífico, numa imensa estrada de ferro Belém-Mato Grosso-Pacífico.

De uma maneira geral, Coudreau tem uma consciência aguda da potencialidade da Amazônia e tenta, a partir de suas explorações, atrair a atenção de

cientistas, o público industrial e comerciante, mas sobretudo a autoridade francesa sobre esta região, no seu entender, esquecida. Ele queria mostrar que a Amazônia merecia a mesma atenção, se não mais, que as novas terras da Ásia ou da África. Para ele, a grande oportunidade da Amazônia seria aquela. O memento a ser aproveitado seria aquele, porque outra oportunidade histórica jamais se repetiria para a região; “o século XIX será amazônico ou não será!”⁶⁶ Em suma, o seu trabalho geográfico, a sua observação da fauna e da flora, a sua simples percepção do ambiente são subordinados fortemente ao seu projeto econômico para toda a bacia Amazônica.

2.4.3. A utopia de Coudreau: Amazônia, o Novo Éden.

Antes de apresentar a visão de Coudreau para a Amazônia do futuro é bom situá-lo no seu tempo e procurar precisar a partir de que matriz filosófica ou ideológica o viajante tecia suas idéias. Estamos convictos de que o pensamento de Henri Coudreau pode muito bem ser situado a meio caminho entre as idéias de Rousseau e as teses do socialismo nascente. Vamos tentar imaginar a cabeça de alguém impregnada pelas idéias românticas de Rousseau e que ao mesmo tempo lê Marx, Koproktin, Summer e dialóga com figuras como Elisée Reclus⁶⁷.

As previsões de Coudreau para uma Amazônia futura é de um paraíso, um novo Éden: "No Counani todos são e todos continuarão, ao mesmo tempo: um pouco agricultores, um pouco caçadores, e um pouco pescadores; mas dois grandes grupos se imporão sobre todos os outros: os silvícolas e os camponeses"⁶⁸. Em um artigo escrito para o Boletim da Sociedade Geográfica de 1889.⁶⁹ e, sobretudo no último capítulo do livro “La France Équinoxiale, tomo I”⁷⁰, onde ele descreve as

características da jovem e efêmera República de Counani, o Viajante é tomado de imensa paixão e lirismo.

Para Coudreau na Counani futura, enquanto jovens anacoretas nativos produziram a borracha sob a liderança de uma equipe de alguns Indígenas, as suas famílias consagrariam os seus dias à coleta de frutos, à pesca, a caça e à sesta. Nas savanas, cada um seria o seu próprio patrão e produziria seu próprio alimento, o seu peixe e as suas aves de capoeira, o seu leite, o seu café, o seu chocolate, a sua farinha de milho ou de mandioca - base da alimentação de todo a região.

Livres e iguais, os colonos não conheceriam a inveja e se presenteariam com as suas economias: os livros, a música, as viagens na cidade e mesmo na Europa. No verão, as manhãs frescas, o meio-dia calorento seria consagrado à ociosidade, as tardes ao labor e as noites à contemplação da lua acima das palmeiras e das planícies infinitas. O inverno trazia a chuva todo o dia, e a umidade penetrante se combatia com grandes goles de cachaça.

Nenhum vestígio de feras perigosas; os felinos de lá eram amigos do viajante e fugiam à sua abordagem. As palmas oleaginosas ofereciam a possibilidade de um real monopólio. O alimento dos habitantes era variado e encontravam-se conservas importadas do mundo inteiro. Os frutos eram abundantes e bem melhores que na Europa. Absinto, conhaque, cerveja, as lojas estavam cheias. Os charutos, o chocolate, a cachaça, o café são as produções locais superiores e menos caras que aquelas que se ofereciam "a vocês outros, Europeus!".⁷¹

Para Henri Coudreau, a Amazônia, pela sua vitalidade econômica naquele fim do século XIX, seria sem sombra de dúvida o verdadeiro Novo Mundo.

A Amazônia também é, para Coudreau, uma terra original e multi-étnica. Ao mesmo tempo em que serviria de válvula a uma Europa em plena crise social, parece-lhe destinada a tornar-se o berço de uma nova nação, ao mesmo tempo indígena e branca, à qual a mestiçagem cultural garantiria a prosperidade econômica e o equilíbrio social.

2.4.4. Um projeto social para a Amazônia

O projeto de sociedade para a Amazônia, na concepção coudreauniana, passaria necessariamente pelo elemento indígena e estaria fundado principalmente sobre a mestiçagem deste com o branco. A "boa utilização" destes Indígenas consistiria, sobretudo, em reconhecer a sua perfeita adaptação ao meio amazônico, em aproveitar do seu saber ancestral e de se chegar à elaboração de uma nova raça, para uma nova sociedade. Exatamente isso, muito mais do que legar vigor ao híbrido formado deste cruzamento, o índio seria capaz de oferecer a matriz cultural desta "nova sociedade"⁷², justamente por residir entre eles a mais pura noção de sociedade baseada na liberdade.

Segundo Sébastien Benoit esta nova sociedade proposta por Coudreau seria "um novo Paraíso terrestre concebido por homens civilizados que voltam, por escolha ciente, às nobres independências da vida selvagem bem compreendida [...]. Seria uma religião⁷³? Quem quer crer?..."⁷⁴. A Utopia social de Coudreau passaria pela conciliação da civilização com a vida selvagem, da Razão com a liberdade, do progresso com a igualdade.⁷⁵

Coudreau defendia que quanto mais isolados, mais distantes do mundo civilizados, melhores são os homens. Daí a sua busca incessante pelos *verdadeiros índios*, ou o *bom selvagem*⁷⁶ de Rousseau. Esta busca o faz ingressar, por exemplo, nas selvas da Guiana Francesa em direção aos míticos montes de Tumuc-Humac (Tumucumaque), considerados por ele supostos abrigos da quinta-essência de uma humanidade preservada. Desde a sua primeira obra, não cessa de repetir que a verdadeira riqueza desta região é, sobretudo, a liberdade. Assim, ele volta novamente às idéias de Rousseau, de acordo com qual o que fez do homem selvagem um homem, é menos sua razão que sua liberdade - escolha de seu destino⁷⁷. Os Índigenas entrincheirados no mais profundo da floresta, a fim de evitar por muito mais tempo possível um contato com o branco, são, afinal, a encarnação de sua escolha.

Se por um lado os indígenas despertam atenção em Coudreau ao ponto do viajante mostrar-se bastante condescendente com eles, mesmo quando é atacado e ferido pelos índios Coussari ou quando doente é abandonado em coma no alto Rio Branco, na fronteira entre Brasil e Venezuela, pelos seus guias e carregadores; por outro lado, ele trata com certo desprezo e desconfiança a população negra ou mestiça de negros. O exemplo maior são as populações Negras da Guiana francesa, para as quais ele manifesta um racismo primário e um despeito evidente. Para ele, os Crioulos são ignorantes, presunçosos e arremedos de civilizados. Os Negros Refugiados do Maroni (essencialmente os Bonni⁷⁸) recebem da sua parte uma hostilidade bem maior ainda. Quando exploravam o Estado do Pará foi a vez de Octavie manifestar com igual despeito e racismo sobre os mocambeiros do Baixo Amazonas⁷⁹.

O mesmo tratamento vale para o índio civilizado que absorveu muito apressadamente os costumes desta população. A partir de suas observações de campo

concluí que o selvagem que tenta se civilizar rápida e artificialmente é infalivelmente condenado a perder a essência de sua grandeza e o seu saber, para adotar em contrapartida o que tem de mais perverso no branco.⁸⁰

O ideal para Coudreau seria o índio em seu estado natural, na sua liberdade anárquica e "imaculada virgindade", no entanto, nas vezes em que encarna o cavaleiro negro da Terceira República⁸¹, Coudreau passa a defender a colonização filantrópica dos povos "primitivos" e o progresso infinito do Homem. Assim como entende que a civilização e o progresso são inevitáveis, Coudreau defende como benéfica a assimilação e miscigenação do indígena pelo homem branco europeu⁸².

Ao mesmo tempo em que o craniologista Armand de Quatrefages (1810-1892)⁸³ - que Coudreau tanto admirava e com quem sempre aconselhava pessoalmente - via "a raça do Branco aclimatado pelo sangue do indígena"⁸⁴ como um grupo com grande potencial para o trabalho, o explorador elabora um retrato idílico dos mestiços de Brancos e de Indígenas, os mamelucos, apresentando-os como elementos progressistas da sociedade.

Para Coudreau, a empresa da mestiçagem dos Indígenas participa da elaboração desta nova sociedade Amazônica e da sua prosperidade econômica sempre crescente. Este empreendimento passaria por um triplo método: centralização da mão-de-obra indígena; aperfeiçoamento e racionalização dos procedimentos de extração dos produtos florestais; educação e "moralização" da população indígena. Um bom negócio e uma grande obra, de qual reconciliaria os economistas e os filantropos. Trata-se de oferecer uma solução americana à pergunta social que faz a revolução industrial na Europa: "há lá para nós, ao norte da Amazônia, mais que uma obra nacional, há uma questão nacional [...]"⁸⁵, afirma. Esta utopia social corresponde com

efeito a um projeto político que mistura idealismo romântico e pragmatismo, cujo centro será ocupado pelo difícil problema do contestado franco-brasileiro.

2.4.5. Um projeto Político para a Amazônia.

Chamo a Amazônia de uma nação porque, primeiro, vejo neste vale gigantesco, encerrado pela convexidade central dos Andes, os altos platôs da Guiana e do Brasil, o grande golfo amazônico no Atlântico, um reino geográfico distinto; é porque neste reino geográfico vejo crescer uma nação que falará português talvez, como o Brasil como tal, mas cujas crianças não se assemelharão mais aos brasileiros do Rio de Janeiro como estes não se assemelham aos portugueses.⁸⁶

Inicialmente, o projeto político para a Amazônia teria que começar pela região do Contestado. Dali, mais precisamente de Counani, Coudreau pode vislumbrar o nascimento daquilo que pensava como uma grande nação. De um lado a entrada natural da região através do rio Amazonas.⁸⁷ Ali mesmo aonde o Rio vinha depositar em sedimentos a memória e os restos mortais de tantas culturas jamais conhecidas. Dali que quase se podia avistar os altos montes Tumuc-Humac (Tumucumaque). “Counani: um nome harmonioso, algo de muita beleza, uma grande idéia.” Para Coudreau, a recém criada “república de Counani” era um país independente e que as potências relutavam em reconhecê-lo com tal. “Nada de uma república de ópera-cômica, nada do reino de Araucanie⁸⁸ do procurador Périgueux nem da Nova-França do marquês de Rays⁸⁹. É um belo e bom estado bem real, ao qual falta apenas uma ordem de cavalaria...”. Posteriormente, com o malogro do projeto Counani, a atenção do viajante se volta para Belém, como já pudemos ver a

pouco. De qualquer forma interessa-nos agora entender melhor este projeto de Coudreau que chegou mesmo a existir por pelo menos três anos.

2.4.6. Uma república anarquista em pleno trópico Amazônico.

À época de Coudreau, uma contenda envolvendo a França e o Brasil pela posse da região situada entre o Oyapock e o Amazonas, hoje pertencente ao Estado do Amapá,⁹⁰ que já se arrastava por mais de dois séculos sem uma solução definitiva, chamará a atenção do explorador que via ali a possibilidade de colocar em prática seu projeto político para a Amazônia: Counani seria o primeiro Estado anarquista do mundo.

Em 1885, com o apoio da população cansada de uma situação estagnada há dois séculos, um grupo de homens, em torno do escritor Jules Gros, proclama a República da Guiana independente, cujo território engloba a totalidade da zona litigiosa. Os separatistas redigem uma Constituição largamente inspirada na Constituição francesa, criam uma bandeira, uma moeda e mesmo uma ordem do mérito a qual batizaram de “a estrela de Counani.” Para o cargo de presidente é escolhido Jules Gros.⁹¹

Temendo aborrecimentos judiciais e mesmo as dificuldades que teria em conseguir novos créditos para suas viagens, Henri Coudreau evita a princípio uma participação mais ativa na aventura. No entanto, não esconde que é o mentor e mesmo o instigador de todo o processo. Prova disso é que são os seus próprios amigos que imaginam este novo Estado ao redor Jules Gros (1829-1891).⁹² Este último é sabidamente amigo muito próximo do explorador, tendo o mesmo oferecido, várias

vezes, conselhos, patrocínio ou prefácio de obras, como presidente da Sociedade de Geografia Comercial de Paris. Por seu lado, desde que chegou no continente, Coudreau regularmente mantém o amigo sempre informado sobre a região, com relatos detalhados sobre as riquezas e potencialidades da Guiana Francesa e do Contestado. Por último, a sua simples presença no território contestado vai despertar nos habitantes sentimentos patrióticos que, desiludidos com a situação de completa indefinição da área, vão abraçar fácil e rapidamente a idéia de uma Counani independente. Não fica só nisso, o sonho de Coudreau seria ver uma Counani igualitária.

Em seu livro “La France Équinoxiale”, no capítulo destinado à República de Counani, Coudreau expõe em “idéias de governo” o que seria a futura Counani socialista. Começa por citar Sammer⁹³, o qual segundo ele, via no descaso da burocracia o início da liberdade. Mesmo não sendo o caso da cidade Counani, que naquele momento, contava com mais de três capitães para pouco mais de 300 habitantes. Por isso, Counani não seria “ainda a república de acordo com o coração de Kropotkine.”⁹⁴ [Coudreau faz aqui uma clara referência às idéias anarco-comunistas de Pyotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921)].⁹⁵ De qualquer forma, mesmo com este excesso aparente de autoridade, a jovem república não escondia a sua vocação pelo anarquismo, já que estes chefes tinham caráter puramente decorativo. O governo de Counani foi estabelecido para “dar alimento a algumas vaidades infantis”⁹⁶, justifica o autor. Por isso, este governo não poderia de forma alguma ser prejudicial aos counanianos pelo simples fato de não existir, na prática, governo algum.

2.5. O bom selvagem: *indiens inconnus*.

Em todos os textos do Coudreau, há abundantes referências aos “índios desconhecidos” “*indiens inconnus*”. Sempre que tomam conhecimento, em suas viagens, desta ou daquela tribo que ainda não foram contatadas pelo homem branco, são capazes de desviar o curso normal de sua expedição no intuito de “descobrir” estes povos que resistem ao “mundo civilizado”. Esta busca é incessante. Se bem que por vezes eles próprios se convencem de que jamais encontraram estes *verdadeiros homens*. Ou seja, o *bom selvagem*.

Enquanto procura pelo *bom selvagem*, no entanto, Coudreau abomina parte dos índios “civilizados” que encontra pelo caminho. Muitas vezes, o mesmo tratamento dado aos negros é dispensado aos tais indígenas. No caso, por exemplo, de alguns índios Carajá, Coudreau, certamente influenciado pelas histórias, pelos relatos, de possíveis ataques sofridos pelos habitantes do Araguaia, passa a tratá-los como assassinos, traiçoeiros,... Chega mesmo a achar legítimo o direito de vingança da população atacada:

Contudo é necessário efetivamente dizer que no caso dos Carajás, índios vagabundos, bêbados, e se necessário assassinos, em que as crianças são, dizem, preparadas para roubar pelos seus pais, o direito de legítima defesa deve primar a obrigação de recorrer ao aparelho repressivo da justiça regular em casos mais ou menos similares. Mas a situação é já demasiada tensa e não me cabe dar conselhos aos civilizados do Araguaia.⁹⁷

Se bem que, mesmo entre os Carajá, existe o bom índio:

[...] com respeito a estes poucos interessantes Carajás, é necessário fazer uma distinção entre os diferentes grupos. Os Carajás ladrões, bêbados e se necessário assassinos, seriam especialmente os do

Araguaya até Barreira. Os Carajás do Alto Araguaya, de Tapirapé à Leopoldina, já são melhores. Os Carajás, ditos Tapirapés, porque habitam a parte inferior deste rio, seriam bons índios. Por último, não se tem mal a dizer da fração mais importante da tribo, os Javahès, que vivem no interior da Ilha do Bananal.⁹⁸

Neste Caso, para Coudreau existe o *bom índio*, o *bom selvagem*, aquele que está longe da civilização; e existe o índio mau, este que ataca o branco, que rouba, que assassina. O *bom selvagem*, aquele que detinha qualidades e estava na infância da humanidade, podendo ser assimilado pela civilização, e o *mau selvagem*, este que matava, agredia, e era um empecilho ao desenvolvimento da sociedade e retardava o progresso em todos os aspectos, mas principalmente no econômico, pois não trazia nenhum benefício à sociedade.⁹⁹

Já entre os Caiapó, Coudreau pôde sentir mais a vontade. No seu livro “Voyage au Tocantins-Araguaya, ele dedica um capítulo inteiro para descrever estes índios em todos os seus aspectos: sua história, sua cultura, seus costumes, seus rituais, suas festas, sua religião, suas relações com a missão do Padre Gil Vilanova. Depois de mais de trinta páginas de minuciosa descrição, conclui dizendo que

os Caiapós não são verdadeiramente índios inconvenientes. Os três chefes são de uma discrição perfeita e os seus homens são silenciosos e bem domesticados. Não tem, até entre jovem mulher, quem não seja de um perfeito comportamento, isto seja dito sem alusão aos seus costumes...¹⁰⁰.

Em Coudreau, há uma extensão do *bom selvagem*. O *bom selvagem* é aquele índio que mora no interior mais distante da civilização, na maior parte desconhecido, mas também o *bom selvagem* é aquele que coopera com o branco e seu

processo civilizatório. Neste caso há outra denominação para ele, que viria ser *índios mansos*.

Os Parintintins, segundo Coudreau “estão em contínua guerra contra seus inimigos mundurucus e Carajás”¹⁰¹, mas são mansos porque “estão em paz com os civilizados.”¹⁰² Eles são mansos também porque “seriam mais susceptíveis de se tornarem verdadeiramente civilizados do que os Mundurucu, pois apresentam a vantagem de apreciarem os nossos costumes. Além disso, “os Parintintins passam todos os anos, segundo parece, pelas estradas dos seringueiros civilizados do Crepori, do Cadari e também, acredita-se, do Tapajós. Apenas passam, sem fazer mal a quem quer que seja.”¹⁰³ Por fim, “seriam sóbrios, honestos, repletos de qualidades....”¹⁰⁴

Entre os Sateré_mawé, por sua vez, existem os “Maués bons” e o “Maués bravos”. Mesma coisa entre Bacairi, os Cajabi, os Arara. Já os Mundurucu “Não praticam nem a justiça, nem o duelo, nem a guerra, mas somente o assassinio.”¹⁰⁵ Para Coudreau, os Mundurucu não eram mais aqueles Mundurucu guerreiros de outrora. Segundo ele, os Mundurucu estavam em plena decadência, tanto do ponto de vista social ou moral quanto do ponto de vista econômico. Entre eles,

[...] não existem senão vulgaríssimos bandidos dos ermos, viajando em fortes bandos de 100 e às vezes de 200, quase a quinta parte da tribo, para cair à noite de surpresa sobre as aldeias sem defesa e confiantes, incendiando e matando para conseguir as cabeças que irão mumificar, e para roubar mulheres, moças e meninas, das quais farão suas concubinas e escravas, e também meninos, que logo irão adestrar no ofício de bandidos [...]¹⁰⁶

Portanto, uma contradição deste casal de viajantes. Ao mesmo tempo em que acredita no *bom selvagem* - o homem na infância da humanidade, sem pecados e livre - também chega a dizer que a maldade de certos índios é um atavismo.

Em quinze anos de viagens entre os indígenas, cheguei à convicção de que os índios *bravos* são pura e simplesmente bandidos hereditários e profissionais, em relação aos quais a filantropia é uma ilusão.¹⁰⁷

A mesma crítica recai também sobre aqueles grupos que se “civilizaram” de forma rápida e artificial ou que tiveram o processo civilizatório interrompido, como é o caso dos índios Carajá da aldeia Tamanacó:

Nós deixamos a casa dos Tamanacó após almoçar, por um tempo sempre úmido e frio. Esta tarde anormal, escura, fria, triste, harmoniza-se bastante bem com os pensamentos que inspira esta outra anomalia entristecida e pronta a esfriar certos entusiasmos: a anomalia apresentada por esta raça humana incluindo as crianças, mesmo civilizadas, que insistem em ir completamente nuas, nuas da nudez do paraíso terrestre, sem necessidades, nem ideal nem fé de sorte alguma, embora passassem por escolas do governo! Esta idéia que a civilização é um fato fortuito e sem nada de necessário ou de fatal, uma procura de encontro, um sonho realizado, e que certos homens de espíritos inquietos foram, originalmente, os únicos fatores deste estranho movimento, - esta idéia apreende aqui à garganta com mais força e amargor enquanto o frio nevoeiro que agora cai deste céu encoberto sobre esta terra adormecida.

E é curioso ver como esta minúscula fração da família humana encaminha-se rapidamente para a sua extinção total, após ter percorrido o ciclo, singularmente restrito, do seu progresso.¹⁰⁸

3.0 – Viagem interrompida... Novas viagens, nova ordem.

HENRI COUDREAU: Estamos abaixo destas terríveis cachoeiras que não podíamos atravessar. Agora é necessário apressar a viagem, há doze dias que eu me alimento unicamente de leite, e desde ontem o leite acabou. É impossível de se encontrar neste deserto, tem-se que apertar os dentes... e ir rapidamente. Esperando que eu possa voltar a comer, as minhas pernas dobram e não podem mais levar-me.

OCTAVIE COUDREAU: Esta frase foi a última escrita por Henri Coudreau, em 09 de Novembro [de 1899], às seis horas da noite.

Estávamos na nossa canoa. Henri Coudreau, o nosso chefe, estava sob os cobertores e preparado para dormir. Estava debilitado, mas o seu estado não inspirava nenhuma apreensão. A iluminação é diminuída. Não fui dormir, permaneci ao lado dele, procurando refrescar com as minhas mãos a sua cabeça que ficava cada vez mais escaldante.

Várias vezes, ele pediu-me leite. Mas do que tínhamos trazido, uma parte foi consumida, ao que sei, por dois homens do nosso grupo.

Infelizmente! Não quero maldizê-los, porque houve da parte deles muita falta de consciência. Estes homens primitivos não têm uma elevada cultura moral, os seus instintos são muito frequentemente os seus únicos senhores. Mas fizeram-me sofrer durante algumas horas os mais penosos e mais dolorosos suplícios.

Não podia satisfazer o desejo de um doente, de um moribundo, e este moribundo era a coisa que eu mais amava neste mundo, pelo qual deixei a minha família, a minha pátria. Por toda a parte onde ele fosse eu o seguia. Eu vivia da sua vida de seu trabalho, compartilhei dos seus perigos, e via chegar, com um indizível sofrimento, o momento da separação.

A noite muito clara deixava-me ver seu pobre e pálido rosto. Sentia que estava muito mal. Ele, contudo, falava-me do futuro e, como num sonho, fazia alegres projetos.

Eu chamei um dos meus homens para levantar o seu travesseiro e arranjar os cobertores. Ele tomou o braço do meu marido e deixou-o cair com estupor. Ele diz-me sem tremor na voz: "é o que eu já estaria lá!". Então eu vi que ao pulso o sangue não circulava mais, coagulará.

Henri Coudreau leu o meu temor nos meus olhos? Ele me chamou com uma voz dilacerante, de uma voz onde havia toda a lamentação de não ter gozado plenamente da vida que deixava. Eu li nos seus olhos a lembrança dos bons momentos passados e a dor amarga de deixar-me. "Ah minha Toutinegra, minha..." Foi tudo, foi o acesso pernicioso e fulminante em todo seu horror.

Eram duas horas e meia da manhã! A desolação estava completa. Eu o chamo desesperadamente, eu tentei as mensagens, mas nada: nem uma respiração nem um movimento responderam aos meus cuidados. Não podia mais guardar esperança. Levantei a cabeça para o Céu, olhando o Infinito, ouvindo se não eu entendia do fundo da minha alma algumas vozes misteriosas que mim falariam secretamente através da imensidão. Nada! Os meus olhos pesarosos olharam outra vez o meu morto bem-amado.

Os homens acenderam em redor dele algumas velas quais podiam dispor. Foi um espetáculo pungente e terrivelmente bonito que desta iluminação fúnebre ao meio das águas negras com, acima as nossas cabeças, um céu repleto de estrelas.

Devemos esperar-nos o dia para encontrar um canto de terra. O sol levantou-se inconscientemente brilhante e tornou mais penoso ainda minha vigília de morte.

Nós estávamos do outro lado do lago Tapagem na margem esquerda do rio. Há lá algumas colinas. Este lugar que eu escolhi para que possa dormir tranqüilo do seu último sono.

Nós não tínhamos madeiras para fazer o seu caixão. Eu mandei retirar as tábuas da canoa e permaneci lá quase sem vida todo o dia,

entre o meu marido morto e os homens que faziam o caixão do meu lado e que me distraem a cada momento da minha dor, para interrogar-me como era necessário ser feito.

Cada golpe de martelo retumbava no meu coração, e eu suportei esta penalidade durante várias horas, e não sei como não morri de emoção. Hoje, eu me pergunto como aquilo pôde acontecer, e porque estou ainda neste mundo, como eu resisti a tamanho abalo!

Os homens levaram no caixão quem sempre foi bom e doce para eles. Eu os acompanhei, consternada.

Como Jésus, Eu montei meu calvário, seria menos doloroso subir ao cadafalso que conduzir à sua última morada o companheiro da minha juventude, aquele que foi para mim um amigo, um pai, um irmão, um esposo.

Quando a fúnebre tarefa foi terminada, coloquei minha rede ao lado do túmulo, e disse: “Doravante vou permanecer aqui, morrerei para não separar do seu corpo, mesmo na morte”.

Eu resisti esta primeira noite, então um segundo. Mas porque ainda estou aqui?

É para rever a França? Não. Para ir encontrar a minha mãe, a minha irmã, minha querida pequena Jeanne? Não. Para terminar a tarefa que ele tinha começado? Não.

Então... então, não sei. No entanto a morte teria sido melhor neste momento ao lado do meu pobre morto, ela me teria sido suave perto do seu túmulo, na floresta virgem às margens do Trombetas.

Assim é do fundo do meu coração que digo com o poeta¹⁰⁹.

“E você, divina morte, onde tudo retorna e se apaga,

“Acolha as tuas crianças no teu seio estrelado,

“Livra-nos do tempo, do número e do espaço,

“E nos devolva o descanso que a vida perturbou.

(Coudreau, Octavie. Voyage au Trombetas, páginas 123 a 125, tradução nossa)

Reproduzo aqui este relato dramático e maravilhoso de Octavie Coudreau sobre a morte do seu marido e até então companheiro de viagens, Henri Coudreau, para que se estabeleça uma ruptura entre aquilo que foi produzido pelo casal e o que passa a ser a produção única de Octavie.

O casal Coudreau, tomado até agora como uma unidade, esconde em seus textos visões diametralmente opostas. Madame Coudreau era seguramente o inverso de seu marido, apesar, de como veremos adiante, suas idéias relacionadas aos índios terem certas semelhanças.

Racista, preconceituosa, fazia questão de deixar clara a sua visão enviesada que tinha com relação aos negros quilombolas e mestiços de negros com índios, para ela seres degenerados, preguiçosos, ladrões, traiçoeiros e incapazes de ascender a quaisquer condições civilizatórias superiores que sejam.

Para Octavie a condição *degradante* das populações negras do interior da Amazônia era a prova inequívoca de que os defensores da “doutrina unitarista” estavam errados. Em quase todos os seus textos, a viajante frisa esta discordância com os monogenistas, liderados na sua época, pelo naturalista Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau (1810-92)¹¹⁰, de quem era amigo e de quem o seu marido foi também amigo e seguidor. Nitidamente poligenista, Octavie via o negro como a mais inferior das raças.

Não quero dizer aqui que a visão tanto de Quatrefages quanto de Coudreau com relação ao negro seja a ideal, ou mesmo que advoguem a igualdade entre brancos e negros. Não! Estamos tratando de cabeças do século XIX. Cabeças como as de Samuel Baker, Richard Burton, J.H. Speke, Henry Morton Stanley, Savorgnan de Brazza, Jean-Baptiste Marchand, Jules Ferre, Jules Verne, Robert Louis Stevenson,

Joseph Conrad, Rudyard Kipling, Hermann von Ihering, sem contar aqui a extensa lista de brasileiros.

Devemos lembrar que Quatrefages, apesar de antiescravagista e monogenista, assim era por razões morais e religiosas. Se desejava a abolição da escravidão, era por causa da “imoralidade que ela necessariamente introduz entre os brancos”, e não “por simpatia para com a raça negra”. Se era monogenista era por sua condição de filho de protestantes e filósofo espiritualista. A sua visão sobre o negro não difere muito da visão de Octavie. A única diferença era que Octavie via no negro uma outra raça. Já Quatrefages via o negro como sendo da mesma raça que a do branco, só que degenerado. Vamos deixar então que ele fale:

O negro é uma monstruosidade intelectual tomando aqui o termo em sua acepção científica. Para produzi-lo, a natureza empregou os mesmos meios que quando dá à luz a estas monstruosidades físicas das quais nossos banheiros oferecem numerosos exemplos... Para alcançar este resultado bastou que certas partes do ser parassem num certo grau de sua formação. Daí, estes fetos sem cabeça ou sem membros, estas crianças que realizam a fábula do ciclope... Pois bem! O negro é um branco cujo corpo adquire a forma definida da espécie, mas cuja inteligência se detém inteiramente no caminho [...]¹¹¹

Mesmo assim a Cartógrafa, fotógrafa e naturalista, apesar de não comungar em todos os ideais de seu marido, do seu olhar “violento” sobre as comunidades negras, foi inegavelmente uma mulher de fibra, de coragem, e, provavelmente, mais obstinada que Henri. Até a expedição ao rio Trombetas ela ocupava um lugar coadjuvante, sem dúvida, o mais importante deles, junto àquele que é considerado o “último grande explorador francês do século XIX.” Após a morte de Henri ela assumiu o comando da expedição.¹¹²

4. Octavie Coudreau: - “Sou explorador – esta palavra não pode ser feminilizada”.

Marie-Octavie Coudreau (1870 – 1910) ¹¹³, se definia como “explorador”, “*je sui explorateur – ce mot ne support pas d’être feminisé*”. Para ela, o trabalho de explorador era sem dúvida masculino, por isso o adjetivo que qualifica este profissional não poderia ser de maneira alguma utilizado no feminino. Obviamente a nossa “explorador” se referia às condições hostis nas quais se desenvolvia um trabalho de exploração. Trabalho este que conduzia com mão de ferro. Era comum, antes de cada expedição a mesma fazer um discurso duro aos seus marinheiros e auxiliares, deixando claro que não aceitaria qualquer tipo de motim ou deserção. Costumava avisar aos seus auxiliares que em caso de ataques de índios à expedição se alguém tentasse fugir ao confronto ela não pensaria duas vezes em “mandar bala” no fujão medroso.

A condição de *mulher-macho*, relacionada à figura de Octavie Coudreau não se reduzia apenas à sua autodenominação de “explorador”. De fato, a fotógrafa utiliza-se de diversos artifícios, desde a forma como se vestia até sua conduta frente às expedições, tipicamente masculinas. Não sem razão, ela era quase sempre confundida com um homem por todos os lugares por onde passava e muitas das vezes não fazia nenhuma questão de desfazer o engano. Aquilo tanto a divertia como era também capaz de impor-lhe respeito. A não ser em alguns casos onde desfazer este engano seria necessário para a sua segurança e sobrevivência, como foi o encontro que tivera com os índios “Pianocotós” (Pianokoto), atuais Tyrió.

Octavie conta que durante o contato que tivera com os Pianokoto, estes, preocupados com a intenção do seu grupo, escondeu suas mulheres para que essas não fossem roubadas. Octavie pediu ao velho *tamouchi* para que mostrasse as mulheres da aldeia e diante da recusa e desconfiança do chefe indígena ela revelara que não tinha nenhuma intenção de levar suas mulheres, uma vez que ela mesma tratava-se de uma, ao que num primeiro momento foi tomado com reserva pelos índios. A confirmação só veio mais tarde quando o velho índio, ao tentar tirar-lhe o punhal, roçou sua mão sobre seus seios.

Abre o meu casaco, a minha camisa o surpreende. Pensa, por conseguinte, levo duas camisas, ele não tem nenhuma, a que não seria de surpreender com a sua admiração. Quer tomar o meu punhal, mas a sua mão roça um seio de mulher, retira-a, fecha o meu casaco e diz-me com um ar muito bestial: “-*Mamaye.*”

“- *Na yépé, you tamouchi-oli, your couni*” (Sim, amigo, sou uma mulher chefe, eu sou uma velha mulher).

É apenas agora, depois que ele tem certeza que sou uma mulher, que a sua confiança retorna. Uma mulher desconhecida inspira a confiança de um selvagem e os civilizados nos chamam de *traíçoeiras como uma onda.* ^{”14} ***[Itálico, aspás e parênteses da autora]***

4.1. Madame Coudreau e os mocambeiros do Pará.

Há interessantes trabalhos já publicados quanto à posição de Octavie Coudreau sobre a população negra da Amazônia, principalmente suas opiniões sobre os quilombolas ou mocambeiros dos rios Trombetas, Curuá e Cuminá. Os trabalhos pioneiros de Aldrin Moura de Figueiredo¹¹⁵ e Eurípedes Antonio Funes¹¹⁶ ainda se

configuram nas mais importantes fontes para quem quiser aprofundar mais na discussão tanto das idéias de Octavie Coudreau como da cultura e história das populações negras quilombolas do Pará. De nossa parte, faremos apenas uma pequena incursão sobre o tema, procurando apenas, dar uma idéia geral sobre o pensamento da viajante com relação ao negro. Neste caso, focaremos mais em seus relatos.

Como já vimos a pouco, todo o discurso de Octavie Coudreau sobre o negro está assentado, ao que é evidente, às suas idéias pré-estabelecidas de raça e moral. Declaradamente poligenista, ela vê o negro de acordo com aquilo que pensa numa escala de hierarquização das raças, tomando o europeu como raça superior e classificando o negro como o mais baixo degrau, uma raça inferior.

A própria madame Coudreau reconhece isso ao dizer: "tenho que reconhecer que o meu julgamento é feito segundo as minhas idéias de civilizada, de idéias feitas, consequência forçada das nossas convenções sociais. Talvez eu seja injusta com relação a eles, pois apesar de tudo, não se pode exigir as mesmas qualidades a cada um dos diversos tipos de raças".¹¹⁷ Ao que nos lembra Funes "É como se dissesse, eu sei que estou errada, mas é assim mesmo, eles são de outra raça, e, como tal, inferiores e degenerados."¹¹⁸

Excessivamente moralista, Octavie não vê o outro como diferente. Ela deseja ver no outro alguém parecido com ela, com o europeu, com os seus costumes, seus padrões morais. Daí o estranhamento com relação à convivência entre homem e mulher, a falta de casamentos estáveis, as danças sensuais, as práticas religiosas, tudo isso é tomado por ela como desvios morais. Seria o mesmo que exigir dos mocambeiros as mesmas práticas culturais de um morador de Paris. Como se os valores morais fossem algo único em qualquer canto do planeta, que dependesse

somente da condição de ser “humano” para que todos agissem de forma parecida, esquecendo que tais valores são, como ela mesma diz, “conseqüência forçada das nossas convenções sociais” e construções culturais diversas.

O olhar de Octavie, como os de tantos outros viajantes desta e de outras épocas, é marcado pelo estranhamento, o não reconhecimento do *outro*, como lembra Todorov. “Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente, diferente de todo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aqui*, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância de configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.”¹¹⁹

Por fim, os relatos de Madame Coudreau sobre as comunidades negras estão inseridos nas grandes discussões travadas na segunda metade do século XIX, tendo principalmente o Brasil como palco e por pressupostos a poligenia e a crença na superioridade da raça branca.

Octavie Coudreau achava que não seria uma tarefa fácil fazer com que estes grupos agissem como os brancos já que

saídos da barbárie muito bem depois que o branco, o negro, para começar a sua aptidão a uma civilização ainda assim recentemente adquirida, tem necessidade durante algumas gerações da proteção comum do branco e de uma forte disciplina social.¹²⁰

Disciplina esta que a própria Octavie exercia na prática com os seus empregados, na maioria negra, chegando ao ponto de várias vezes aplicar-lhes castigos corporais.

Tal conduta, além de mostrar uma posição claramente racista, nos leva também a crer, que Octavie chegava mesmo a uma defesa tardia da escravidão, pois entendia os quilombolas do rio Curuá estariam melhores se estivessem ainda escravos já que traziam no físico uma marca de degenerescência.

Eles não são tão fortes e robustos quanto os antigos escravos. Isto se compreende, um escravo era um bem precioso para o seu senhor, era um valor mercante, ele não tinha interesse em fatigá-los e o tratava bem. Agora não tendo mais senhor, ele prefere viver mal a trabalhar, seu ideal é o *farniente*, acrescente a isto seu gosto exagerado pela cachaça, você terá as principais causas de sua degeneração: a preguiça e bebedeira. [...]

Os mocambeiros não respeitam e não têm o reconhecimento de nada; eles não querem trabalhar e não sabem obedecer. Não se pode mesmo dizer que são simplesmente crianças que não sabem dirigir a sua existência, são seres viciosos e maléficos, eles são nulos no ponto de vista do valor social.¹²¹

Antes disso, durante a sua viagem ao rio Trombetas a viajante já havia mencionado que o simples ato da fuga já denotava a má qualidade moral dos primeiros mocambeiros, pois:

Seria evidentemente estranho à nossa época fazer de antigos escravos um crime de terem tido êxito na fuga. Mas lá ter estes indivíduos por heróis ou mesmo simplesmente por homens de bem, há um abismo. Comumente, os escravos que se evadiam eram os piores, os, que, preguiçosos, mentirosos, enganadores de seus mestres, ter-se-iam tornados, livres numa sociedade regular, que dos reincidentes da justiça. Mendigos e enganosos, servis, hipócritas, preguiçosos, tais estavam antes da sua fuga, tais reencontram hoje.

Nos seus Mocambos eles se uniam para questões de mútuas insubordinações e para roubar as suas mulheres. Eles tentavam à sua volta a prática da escravidão, tentando ter por prisioneiros os seus vizinhos índios, dos quais pelo menos tentavam retirar-lhes as mulheres e as crianças.

Que seja entre os Bonis ou entre Bochs da Guiana francesa e holandesa, ou entre Mocambeiros Chouna ou de Ouaraip na Guiana inglesa, ou os do Curuá do Sul, entre os do Tapajós e o Xingu, vê-se por toda a parte escravos fugitivos apresentarem os mesmos caracteres morais: baixeza, mentira e traição com relação ao branco, insolência e tirania com relação ao índio, e por último entre si a regressão rápida para estes costumes mais intrínsecos dos negros primitivos, como os da ilhas Fiji, os do Benim e os de Uganda deram-nos tão de curiosos espécimes.¹²²

Portanto, ao fugir da escravidão o antigo escravo deixa de ter a proteção do branco e, por conseguinte, a ausência de disciplina relegara aos seus descendentes a degeneração, chegando ao ponto de ser “impossível fazer dos que existem atualmente em trabalhadores e pessoas honestas. Com eles faz-se bem ser prevenido e não se deve, da parte deles, se surpreender de nenhuma má ação.”¹²³ Neste caso, seria melhor nada fazer porque apesar das

doutrinas unitárias evidentemente muito bonitas, mas aqueles que as preconizam deveriam vir fazer as experiências aqui e compreenderiam rápido que tudo se opõem atualmente à

assimilação: a hostilidade dos habitantes, a irredutibilidade da raça, o atavismo, o meio. Isto não significa que eu desejo o aniquilamento da raça negra, eu queria simplesmente que a gente os deixem, aquilo que eles são. Eles não são da raça branca à qual eles não entendem nada, nem os deveres, nem os direitos e a qual eles não querem nem saber.¹²⁴

4.2. Madame Coudreau e os índios.

Cruel, racista e absolutamente preconceituosa com os negros, Octavie foi capaz de ser benevolente com as populações indígenas das quais manteve contato, chegando mesmo a considerá-los a “grandes crianças” que “estão na idade de ouro, não têm aborrecimentos, não tem tristezas, não tem desejos, não tem invejas”¹²⁵. O que denota a visão pré-concebida do *bom selvagem*, que a exemplo do marido Henri Coudreau, ela também tinha com relação ao indígena que ainda não tivesse adquirido os vícios da sociedade.

Se entre os quilombolas Octavie sentia-se pouco à vontade, desejando partir o quanto antes através dos rios, entre os indígenas sentia-se bem e desejou ter mais tempo para apreender seus costumes, mesmo que fosse para apenas satisfazer sua *legítima curiosidade*:

Não sei nada da sua moralidade, deveria viver-me entre eles. Isso satisfaria a minha *legítima curiosidade*. Estaria feliz de completar os meus estudos sobre os seus costumes, mas não tenho nem o tempo nem os meios. O meu programa é traçado e os meus dias são contados. Duas semanas na maloca ter-me-iam ensinado certamente muitas coisas.

Não é simplesmente fazendo rapidamente uma viagem numa região que se pode dar documentos numerosos e positivos sobre o país e

sobre os habitantes, é necessário residir por toda a parte onde há aglomerações, estudar os hábitos das populações, aprender ou pelo menos compreender a língua, o bastante para trazer índices suficientes. Então, a viagem teria um resultado sério e seria mais fácil decidir qual sistema de colonização a adotar, o que adaptar-se-ia melhor aos costumes dos indígenas.¹²⁶

Em certos momentos Octavie se irrita com seus barqueiros por repetirem que “índio não é gente é bicho do mato” ao que ela responde que “são brutos, não há o que duvidar, no entanto, tais índios são melhores e são superiores do ponto de vista moral assim como o ponto de vista intelectual.”¹²⁷ Noutra ocasião, deseja estapear o ex-guia do padre Nicolino e sogro do seu guia Guilherme, o mocambeiro Lothario, por o mesmo ter dito “minha branca, vossa senhoria sabe que índio não é gente”. Para Octavie “este velho trapaceiro é que está, indiscutivelmente como todos os seus, abaixo do nível moral e intelectual dos índios, ele é que deveria ser tratado como um animal daninho.”¹²⁸

Na viagem que fez ao rio Cuminá, chega a achar que tentar civilizar os Pianokoto seria prejudicial a eles. O ideal seria que os mesmos continuassem assim como estavam na sua inocência. Na infância da civilização. Longe dos vícios da sociedade, pois:

Para eles a terra é boa, estão na idade de ouro, não têm aborrecimentos, não tem tristezas, não tem desejos, não tem invejas. Quando, sob pretexto de civilização, vier-se violar o solo desta maloca, hoje tão tranqüila, adeus a felicidade da qual gozam; ensinar-lhes-emos paixões, por conseguinte dores, que lhes são desconhecidas. As quais lhes trarão lágrimas?

Pobre velho Tamouchi que treme à minha abordagem, tens efetivamente razão; a civilização dará muito mais bem-estar às pessoas da tribo, habitarão uma grande aldeia, serão velhos, não

terão mais medo de mostrar as suas mulheres aos estrangeiros, e serão muito mais infelizes. Velho Tamouchi! Conheço sofrimentos de todas as espécies, posso assegurá-lo que a miséria material não é nada, as misérias do coração são as únicas coisas que contam, e aquelas não as conhecem.¹²⁹

Da mesma forma que sonha com uma vida ideal para o *bom selvagem*, Octavie entende que o processo civilizatório é inexorável. Daí um dilema: deixar os índios como estão e deixar que naturalmente entrem em extinção, ou submetê-los ao processo de assimilação? Certamente que fica com a segunda opção, já que:

os sentimentos não contam aqui. A civilização reclama os seus direitos, devo recordar-me que sou explorador e que a minha exploração nestas regiões abandonadas do Pará não comporta tais sentimentos, que esta exploração deve ser por si mesma utilitária e prática.

Por conseguinte, vi os Índios *Piánocotós*. Mas à que isso pode servir agora que sabemos que eles estão instalados no alto Cuminá, não se procura utilizar-los ou se os utiliza mal?

Não são numerosos, é certo. Mas, num país onde não há ninguém, é ainda um contributo sério.¹³⁰

4.2.1 Da Boa Utilização do Índio.

Da mesma forma que vimos em Coudreau, há também em Octavie uma defesa pela “boa utilização” da mão de obra indígena para o processo de ocupação do território paraense que consistiria, sobretudo, em reconhecer a sua perfeita adaptação ao meio amazônico. Octavie estava convencida que os imigrantes de raça branca poderiam povoar por eles mesmos, sem o socorro da mestiçagem, os campos gerais do alto Cuminá, do alto Parú, do alto Murapi. Mas,

como efetivamente é certo que uma raça qualquer, a menos que passe por sacrifícios enormes, não pode ser transplantada do seu meio natal para outro onde o aclimatação lhe é difícil, guardarei para mim esta convicção. Satisfar-me-ei de dizer que em vez desprezar a raça indígena, seria bom servir-se dela para um povoamento que se efetuará relativamente bastante rapidamente utilizando os índios.¹³¹

Para ela, os indígenas seriam um contributo apreciável em quantidade e qualidade, pois já viviam de pouco, satisfaziam de quase nada, fornecendo por isso sempre uma quantidade de trabalho superior ao seu consumo, o que compensaria as despesas necessárias para transformá-los de recoletores em trabalhadores. Além disso, sua índole boa, sua obediência e submissão, os tornariam relativamente fáceis de domesticar.

É claro que isso não queria dizer que o índio adulto, assim que lhe desse uma missão, ficaria logo laborioso só por isso, cruzando de só um salto as etapas da civilização que

os nossos antepassados levaram dezenas de séculos para percorrer; certamente não, poder-se-á mesmo que no início a civilização tenha pouca influência sobre ele, mas mais jovem será fácil de instruir e serão preciosos para a aclimatação da raça branca pela mestiçagem com a raça indígena.¹³²

Uma vez que o sangue, ao preço de sacrifícios sofridos pelos seus antepassados, teria adquirido uma indiscutível imunidade. Quanto aos colonos aproveitariam desta imunidade relativa unindo-se a eles.

4.2.2. Da mestiçagem com o branco

Para Octavie o índio seria a saída para o imigrante europeu ou brasileiro se aclimatar na Amazônia. A mestiçagem entraria então como uma dupla contribuição. Para o branco, a possibilidade de fácil aclimatação por receber um sangue já adaptado às condições do meio; para o índio, a possibilidade de receber os caracteres civilizatórios do branco. É claro, como não poderia deixar de ser, a viajante faz uma ressalva neste processo. A miscigenação seria apenas com o branco, jamais poderia ser com o negro, “porque não vejo efetivamente o que pode valer o mestiço de um comerciante e um selvagem americano, ou de um selvagem americano e deste *“termo inferior”* que se chama Mucambeiro.”¹³³

Para ela, somente o cruzamento da raça branca com o índio poderia dar resultados satisfatórios, já que para explorar os planaltos interiores ou para penetrar a hostil floresta virgem, apenas os mamelucos que poderiam emprestar com utilidade o socorro dos seus braços e a sua Inteligência. Para isso, cita Couto de Magalhães que disse que:

os filhos do solo, habituados à vida semibárbara, são essenciais aos elementos da vitória; na luta pacífica, mas tenaz, da elaboração da riqueza de um povo, são os elementos indispensáveis de sucesso. Não se trata somente da conquista do solo, trata-se também e, sobretudo de milhares de braços aclimatados, os únicos que podem abrir prontamente a via. Se os colonos europeus são-nos necessários, os colonos indígenas ser-nos-ão muito mais; porque, assim como diz-nos a grande França, pela via eloqüente do Monsieur Quatrefages, *nenhuma raça é tão vantajosa no Brasil como elemento de trabalho que a raça do branco aclimatado pelo sangue do indígena.*¹³⁴

4.2.3. Da catequese do índio

Decidida pela assimilação do índio à civilização seria necessário estabelecer um modo pelo qual ele ascendesse da condição semibárbara para a de civilizado, que dentro da visão positivista do século XIX deveria ser de forma gradual. Para Octavie Coudreau, a saída passaria pela catequese dos indígenas pelas missões religiosas. Para ela, o trabalho do padre Gil Vilanova no Araguaia servia de prova da eficácia das missões em conduzir os índios à civilização num tempo relativamente curto.

Além do mais, para facilitar o contato entre os futuros colonos e os indígenas atuais, seria necessária uma fase transitória; fase esta que somente “uma iniciativa hábil e cheia de solicitude os conduzirá devagar à civilização e somente com os missionários religiosos que chegar-se-á a fazer algo destas grandes crianças.”¹³⁵

Para Octavie a catequese não seria necessariamente a melhor saída. No entanto, achava que seria o único meio a empregar, já que a experiência vinha dando certo em todas as partes por onde os padres passavam, seja no Paraguai, no Orenoco, na Califórnia, no Canadá. De outra forma, seria

muito infeliz para a civilização que chegue neste povo primitivo estes *métis-usuriers* [mestiços-usurários] que exercem o pequeno comércio nas partes inferiores dos rios: comércio vergonhoso, cujos *Meios Comerciais de Spencer* não podem dar a mais ínfima idéia. Seria mais o potente meio de desmoralização. Alguns mestiços, merecendo a prisão, enriquecer-se-iam talvez, mas os indígenas embruteceriam e desapareceriam. Pensar nos comerciantes, nos administradores, nos colonos para alterar estes selvagens em civilizados, seria utopia.¹³⁶

¹ A idéia de fascínio está presente em toda narrativa do gênero “literatura de viagens”. É o fascínio pela busca do desconhecido (algo como o canto da sereia) que move o peregrino na Idade Média, o viajante do período das descobertas, o viajante-naturalista do século XVIII e o Viajante-explorador do Século XIX. Este encantamento pelo “novo” (que Erasmo de Roterdã qualifica como uma das loucuras da humanidade, pois os homens ávidos por novidades ou tomados por empreendimentos extraordinários “vão a Jerusalém, a Roma ou a São Tiago onde não têm o que fazer, e deixam em casa esposas e filhos” [ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. S.Paulo: Novo Brasil Editora Brasileira Ltda, 1983, p. 86.]) está presente também no próprio narrador, uma vez que, como comentaremos mais adiante, o que o viajante faz em seus relatos são construções auto-referenciais, em outras palavras, ele produz o seu auto-retrato a partir de seus relatos. Quando fala das maravilhas da natureza desconhecida ela acaba por nos revelar a sua própria natureza. Da mesma forma, podemos dizer que as viagens são de certa forma empreendimentos pessoais do próprio viajante, apesar dos interesses políticos e comerciais dos financiadores. Neste caso, se a toda narrativa de viagens é, de certa forma, movida pelo fascínio, o viajante que vem a ser o protagonista destas histórias (reais ou imaginárias) é da mesma forma fascinante. Ele é o herói que conduz o leitor pelo mundo do desconhecido. No mesmo raciocínio, o viajante é mais fascinante quando sua própria história é capaz de suplantar seus relatos, casos de Coudreau e Octavie.

Ainda sobre as narrativas de viagens e a posição dos diversos estudiosos quanto à tipificação destas como um gênero literário específico, o leitor deve consultar dentre outros os estudos de PINHEIRO, Rachel. **Aspectos das produções textuais nas viagens científicas**, artigo publicado na Revista ATALAIA/INTERMUNDOS do CICTSUL, Centro Interdisciplinar de ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://www.triplov.com/hist_fil_ciencia/rachel.html>. Acessado em 24.mai.2006; TODOROV, T. **A viagem e seu relato**, trad. de Lea Mara Valezi Staut). Revista Brasileira de Letras, 39: 13-24, 1999 e TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

² As críticas de Arthur Vianna aos trabalhos de Coudreau foram publicadas em uma série de 10 artigos, no jornal “O Pará”, no período de 14 a 28 de junho de 1898. Artigos estes denominados “As Viagens de Mr. Coudreau”.

³ Sobre o assunto ver: CARDOSO, Francinete do S. Santos. **Entre conflitos, negociações e representações : o contestado franco-brasileiro na última década do século XIX**. 2003. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento - PLADES, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém. Exemplar disponível na biblioteca do NAEA.

⁴ Sobre a biografia de Henri Coudreau ver BENOIT, Benoit. Henri Coudreau (1859-1899): **Dernier explorateur français em Amazonie**. Paris: L’Harmattan, 2000., e COUDREAU, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, 1900.

⁵ A cidade de Sonnac, hoje com menos de 540 habitantes, está situada no sudoeste da França, no departamento de Charente Marítima, na micro-região de Matha (pays de Matha). Todos habitantes da

pequenina Sonnac, uma antiga vila do século XII, se orgulham hoje do seu filho ilustre. A sua rua principal leva o nome de Henri Coudreau e um dos pontos turísticos é a estátua do Viajante. Informações. Disponível em: <<http://www.paysdematha.com/spip.php?article395>>. Acessado em: 24.mai.2007.

⁶ Flatters (Paul François Xavier), oficial do exército francês e explorador nascido em Laval a 16 de Setembro de 1839, morto no Saara em 16 de Fevereiro de 1881 quando liderava uma expedição de 93 homens. Juntamente com Flatters quase toda a tribulação fora massacrada por mais de 600 tuaregues. Dos 93 membros da expedição, 21 apenas escaparam. Nenhum Francês estava entre os sobreviventes; todos os papéis da missão foram perdidos. Contudo, graças às cartas escritas por Flatters antes da catástrofe, pôde-se reconstituir uma parte das observações feitas por ele e os seus companheiros de viagem. A história completa da tragédia Flatters pode ser lida no livro: **Les deux missions Flatters au pays des Touareg Azdjer et Hoggar**, escrito em 1889 por Henri Brosselard-Faidherbe (BROSSELARD-FAIDHERBE, Henri (1855-1893). Les deux missions **Flatters au pays des Touareg Azdjer et Hoggar**. Paris: Jouvot, 1889. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104799z.table>>. Acessado em 18.jan.2007.)

O endereço acima se refere ao acervo digital da Biblioteca Nacional da França, o qual faz parte da *The European Library*.

The European Library é um projeto gigantesco que engloba todas as bibliotecas nacionais da Europa num compartilhamento de acervos digitalizados gerenciados pela Biblioteca Nacional da Noruega (Koninklijke Bibliotheek - National library of the Netherlands). A biblioteca digital europeia pode ser visitada no seguinte endereço: <<http://www.theeuropeanlibrary.org>>. O acervo digital da Biblioteca Nacional da França pode ser acessado em <<http://gallica.bnf.fr>> ou <<http://gallica2.bnf.fr>>.

Recentemente a Biblioteca do Congresso Americano (The Congress Library) assinou convênio com a Google envolvendo um montante de 3 milhões de dólares para a digitalização de todo seu acervo de domínio público para servir de base para a WORLD LIBRARY. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro participará dos dois projetos.

⁷ RALEIGH, Sir Walter. **The discovery of Guiana (1592-1596)**. London: The Hakluyt Society, 1928

⁸ CREVAUX, Jules Nicolas. **Le Mendiant de l'El Dorado: de Cayenne aux Andes 1876-1879**. Paris: Payot. 1993., p. 130. Ver também CREVAUX, Jules Nicolas. **Voyage dans l'Amérique du Sud**. Paris: Hachette, 1883;

⁹ Toda a obra de Henri e Octavie Coudreau, incluindo ensaios, relatos e artigos, foi digitalizada e indexada em software próprio para facilitar a busca textual por palavra-chave, tanto no idioma dos documentos originais, no nosso caso o francês, quanto no português.

Como aporte teórico-metodológico, utilizei de métodos e técnicas desenvolvidas nos estudos literários do século XX, principalmente aqueles derivados da obra de Mikhail Bakhtin, com suas noções acerca da importância de se apreciar as forças populares na história cultural e literária, considerando também as idéias de dialogismo, polifonia, alteridade e exotopia, presentes nos textos. Utilizo ainda, dentro do

campo da Semiótica, a poética estruturalista à maneira de Tzvetan Todorov (A poética de Todorov tem a vantagem, dentre outras, de efetuar uma síntese de muitas das noções e tendências que então se entrecruzavam na França e fora dela), a semiótica narrativa, a análise textual de Roland Barthes, dentre outras.

¹⁰ “Quanto mais um explorador enfrentasse sua aventura sem os instrumentos civilizados, mais atraente ele se tornava para o viajante de poltrona que se deleitava com a leitura destes relatos. Quanto mais distante, desconhecido e remoto o lugar, mais curiosidade ele despertaria no público. Quanto mais detalhado seu relato em termos de geografia, culturas, línguas e modos de vida, mais avidamente ele seria lido. Se trouxesse mais informações polêmicas para as discussões intelectuais, mais seu nome seria citado e lembrado” (Torquato, 1996, p. 91., citado por SILVA, Wilton Carlos Lima da. **As terras inventadas. Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.)

¹¹ Trecho da musica “País Tropical” de Jorge Bem Jor, 2º, 3º e 4º versos da primeira estrofe.

¹² Este é com certeza o livro mais interessante de Octavie Coudreau, pois é nele que a exploradora relata sua viagem ao Rio Cuminá com o intento principal, além da exploração do rio, de buscar os restos mortais do seu marido Henri Coudreau para serem levados à França. É um relato carregado de lirismo e poesia. Octavie faz da sua viagem ao rio Cuminá uma viagem ao interior de si mesma.

Ainda profundamente abalada com a morte do companheiro, Octavie deixa-se fluir em palavras, externando a grande tristeza de que é acometida em virtude da morte do seu companheiro de longas viagens.

O vazio deixado pelo ser amado poderia ser compensado com a frenética atividade de exploração pelo interior da selva amazônica. No entanto, as visitas aos mesmos lugares, a repetição de cenas e cenários semelhantes a tantos outros percorridos em companhia do marido em suas viagens pela Amazônia, só trazem lembranças do ente ausente. ”Durante estes longos dias de descida, os dias felizes passados com o meu marido nas solidões das florestas virgens mim retornam ao espírito. Os mesmos incidentes, que se reproduzem em condições idênticas, são tantas as feridas que desperta a chaga tão dolorosa que levo no coração.” (Voyage au Cuminá, p. 109)

A Viagem começa em 20 de abril de 1900, a partir de Belém. Antes da partida recebe o carinho do melhor amigo de Henri Coudreau em Belém: José Girard. (Sobre o fotógrafo e pintor J. Girard consultar a dissertação de mestrado de (ARRAES, Rosa Maria Lourenço. **Paisagens de Belém: História, natureza e pintura na obra de Antônio Parreiras, 1895-1909.** UFPA, Belém, 2006, páginas 49-51, 75-77). O também fotógrafo Girard tenta acalentar Octavie dizendo que “Você estará muito sozinha, os primeiros dias serão muito duros, conto com vossa coragem para não enfraquecer”. Ao que Octavie responde “Obrigada, meu caro Sr. Girard, obrigada pelas vossas boas palavras. Não me deixarei cair no desânimo, mas quero permanecer com a minha dor: é o que me resta dele.”

O percurso até Santarém é marcado pelas tristes lembranças da ausência do marido. Mesmo percurso da última virgem que fizeram juntos ao Rio Trombetas, tudo a faz lembrar-se dele. Em Santarém

hospeda na mesma casa e dorme na mesma cama que antes dividira com Coudreau. Depois que toma o rio em direção a Oriximiná, faz a primeira parada no mesmo lugar da viagem anterior: “A mesa é posta sob a mesma árvore, a decoração é a mesma, meus marinheiros são os mesmos, e sou incapaz de conter minha emoção. Retiro-me imediatamente da mesa e satisfaço-me de um cigarro.” A dor das lembranças continua: “Mas à hora de acampar, é bem pior. Eis na mesma casa, do mesmo caboclo, com as mesmas figuras, as mesmas crianças geófagas, os cães também sempre magros, a recepção igualmente má, a minha rede atada aos mesmos postes. Não sou, felizmente, supersticiosa, de outra maneira veria nesta repetição singular das mesmas coisas algum mau presságio. ” (Voyage au Cuminá, p. 10, tradução nossa). É impressionante a marca da morte em todo o relato de Octavie. A cada parada noticia a morte de um ou outro conhecido da viagem anterior.

O momento alto da emoção, como se era de esperar, dá-se com a vista ao túmulo de Coudreau: “No dia 3 de Maio, a 1 hora da tarde, chegamos ao lugar onde descansa aquele por quem levarei luto eterno. Nenhuma única erva, nenhuma planta sobre o modesto túmulo que está também mais limpo que quando o deixei há seis meses. Sou lá que olham esta cruz de madeiras sobre um dos seus braços seu. Nome gravado à faca, a terra nua, o país deserto, e interrogo-me se é bem verdadeiro que qualquer de que gosto está lá! Queria poder chorar, as lágrimas, este orvalhar-se da alma que cura sempre algo, aliviar-me-ia neste momento, mas encontro em mim apenas revolta e a minha dor é uma cólera surda contra o destino. Ainda um olhar sobre esta colina onde deixo parte do meu coração e parte da minha alma e caminho para a boca do Cuminá onde o dever chama-me.”

Noutra ocasião, quando um de seus barqueiros está à beira da morte, ao vê-la aproximar-se, exclama feliz: “Ah! Agora, não morrerei”. Ao que ela indaga a si mesmo: ”Infelizmente! como podem ter tanta confiança em mim que não pude salvar o de que mais gostava neste mundo? (Voyage au Cuminá, p. 12, tradução nossa).

Quando estão próximos ao rio Cuminá e resolvem parece que a tristeza abate a todos: “É o primeiro acampamento que faço na floresta desde a morte meu marido, e meus marinheiros estão, assim como eu, extremamente emocionados. Olhando o lugar vazio, onde geralmente atavam a rede do doutor. Parece-me, a cada momento, que vou vê-lo aparecer. Durmo de um sono agitado, desperto freqüentemente, e, cada vez, vejo o seu querido rosto emergir-se vivo no meio das trevas: a ilusão é tão forte que, com olhos abertos, creio ainda vê-lo.”

Somente o trabalho duro da jornada sobre o rio, atravessando cachoeiras, furando atalhos pela floresta é capaz de manter a mente de Octavie livre dos seus fantasmas. Porém, uma chuva forte é bastante para suspender momentaneamente as atividades da viajante e seu grupo. Neste caso, sentada sobre uma pedra, com a sua capa e o seu guarda-chuva, tem que esperar pacientemente que a chuva passe. Novamente Octavie se vê em volta com seus tristes pensamentos:

São dias de uma tristeza infinita, são demais para mim estes tempos negros de luto.
Em mais harmonia com a minha alma que os tempos claros e alegres, pesam mais fortemente, no entanto, sobre mim, recordam-me as horas dolorosas da minha

existência, dão-me quase o desgosto da vida. (Voyage au Cuminá, p. 47, tradução nossa.)

Ou às vezes, quando se esta na canoa, navegando lentamente sobre o leito do rio, longe das corredeiras e cachoeiras, a calmaria traz novamente as recordações:

Durante estes longos dias de descida, os dias felizes passados com o meu marido nas solidões das florestas virgens mim retornam ao espírito. “Os mesmos incidentes, que se reproduzem em condições idênticas, são tantas as feridas que desperta a chaga tão dolorosa que levo ao coração.” (Voyage au Cuminá, p. 109, tradução nossa.)

O dia 13 de Julho, dia de Santo Henrique, de quem Octavie foi devota, passa a ser também o dia de prestar homenagem ao marido Henri. Neste dia, em todos os anos, quaisquer que sejam as condições da viagem todos param.

Este dia de descansos para meus homens é um dia luto para mim. Os nossos prazeres são momentâneos e as nossas alegrias são mentirosas, há verdade apenas na nossa dor, a última gota desta esponja do coração que bebe e mantém a vida é uma lágrima. (Voyage au Cuminá, p. 114, tradução nossa.)

Nem mesmo o retorno à Capital e capaz de diminuir o seu sofrimento:

Pará! Diria em enfim que Pará será para mim uma estada encantadora. Não, abandonar-me-ei, como em viagem, aos meus BLUE DEVILS; sofrerei ainda mais, porque não terei mais a grande vida ativa; terei mágoas de amor-próprio, preocupações, choques insignificantes que aumentarei, que tomarei demasiado ao coração. Então aspirarei somente retornar outra vez para as florestas virgens, no interior deserto do Estado do Pará. (Voyage au Cuminá, p. 140, tradução nossa.)

¹³ HELPHAND, Alexander (“Parvus”), 1901 “Die Sturm and Drangperiode des Kapitals,” in Die Handelskrisen und die Gewerkschaften. Belin, Olle & Wolter, 1972, p. 26., apud HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios**. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 57.

¹⁴ HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios**. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 57.

¹⁵ Sobre o assunto ver artigo “The formation of a world economy – 1870 to 1914” in The Times Atlas of World History, London, Fourth Edition, 1993. pg. 252 – 253.” Ver também HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, principalmente o capítulo 2 “Uma Economia mudando de Marcha”, pg. 57-85; HOBBSAWN, Eric J. **A Era do Capital (1848-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, todo o capítulo III; HOBBSAWN, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.; e TEMP, Tom. **A revolução Industrial na Europa do Século XIX**, Lisboa, Edições 70, 1985. Caps. 2, 3, 4 e 5.

¹⁶ Para que se evite anacronismos desnecessários, o termo mundialização é aqui utilizado em substituição a globalização, que é um conceito, como quer a maioria dos autores, formulado para dar

conta da sociedade industrial, no século XX, pós Segunda Guerra ou como resultado da revolução tecnológica. No entanto, sabemos muito bem que a origem do processo remonta, pelo menos, ao início da expansão do capitalismo comercial, no século XVI, com os descobrimentos e que se desenvolveu a partir da Revolução Industrial.

Diversos autores utilizam o conceito em toda a fase deste processo sem a preocupação de ser ou não “anacrônicos”. Para o economista austro-brasileiro, Paul Singer, “A globalização não começou agora e nem se tornou irreversível. A história dos últimos quinhentos anos do Brasil é parte integrante da história da globalização, ou seja, da construção duma economia mundial capitalista.”, por exemplo. (Revista Teoria e Debate / nº 44 - abr/maio/junho de 2000, Fundação Perseu Abramo).

Para Paul Singer, a globalização remonta a bem antes da época dos Descobrimentos. O economista é categórico em afirmar que “o atual processo de internacionalização da produção mercantil, mediante a superação das distâncias e as barreiras políticas entre as nações, começou pelo menos desde a famosa viagem de Marco Polo ao Extremo Oriente, no século XIII”.

O autor não deixa de ter razão, afinal, o que motivou o empreendimento das grandes navegações senão a acumulação de capitais feita pelos genoveses graças ao comércio por vias terrestres com a Pérsia, a Índia e a China. Riquezas estas que puderam financiar as nações ibéricas como protagonistas principais do processo de interligação marítima da Europa com os demais continentes?

Um outro autor clássico, Eric J. Hobsbawm, como já vimos aqui, refere-se a “uma economia global única” para designar o processo de mundialização da economia do século XIX. Portanto a nossa escolha é apenas formal.

17 Sobre o assunto ver: LEJEUNE, Dominique. **Les Sociétés de géographie en France et l'Expansion coloniale au XIXème siècle**. Paris: Albin Michel, 1993.

18 Sobre os viajantes dos séculos XVII e XVIII ver dentre outros: BOTTING, Douglas. Humboldt y El cosmos: **Vida, obra y viajes de um hombre universal (1769-1859)**. Barcelona: Ediciones Del Serbal S.A, 1973; BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo. Objetiva/Metalivros, 1999.

19 Sobre o assunto ver: MAURO, Frederic. Préface in : BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859 – 1899) Dernier exploreur français en Amazonie**. Paris: L’Harmattan. 2000. ; FOURNIÉ, Pierre. **Aventuriers du Monde. Les grands explorateurs français au temps des premiers photographes, 1866-1914**. Paris: L’Iconoclaste, 2003.; LEFÉBURE, Antonie. **Explorateurs, photographes. Territoires inconnus, 1850-1930**, La Découverte, Paris, 2003.; VON HAGEN, Victor Wolfgang. **South America Called Them: Explorations of the Great Naturalists Charles-Marie de la Condamine Alexander von Humboldt Charles Darwin Richard Spruce**, Londres: Robert Hale Limited, 1949 Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=5457805>>. Acessado em 25.jun.2006; CUTRIGHT, Paul Russel. **The Great Naturalists Explore South America**. New York: The Macmillan Company, 1940. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=5456539>>. Acessado em 25.jun.2006.

²⁰ Richard Francis Burton é seguramente o viajante que mais encarna o típico explorador do século XIX. De formação clássica, este jovem diplomata, capaz de se expressar em mais de trinta idiomas, viajou por toda a África e Oriente, deixando uma vasta obra. São mais de setenta e dois livros (entre relatos de viagens e traduções de clássicos como “As mil e uma noites”). No Brasil, além de traduzir os relatos de Hans Staden escreveu livros de viagens dentre eles *Highlands of Brazil* e *The Lowlands of Brazil*. Em português podemos encontrar as seguintes obras: BURTON, R.F. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.; BURTON, R.F. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976. Sobre o viajante ver SILVA, Wilton Carlos Lima da. **As terras inventadas. Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton**. São Paulo. Editora Unesp, 2003.

²¹ Pierre Paul François Camille Savorgnan de Brazza (1852-1905), viajante-explorador ítalo-francês, serviu para o governo francês na África contribuindo decididamente para a expansão do neo-colonialismo francês na África. Ainda hoje sua fama é lembrada através do nome da capital da República Popular do Congo: Brazzaville. Dos seus vários relatos podemos destacar: A descoberta de Ogooué (1875-1878), A origem do Congo Francês (1879-18820), Fundação do Congo Francês (1883-1885) e Colonização do Congo (1886-1898). Na web existe um importante sítio sobre o viajante e seus relatos, disponível em: < <http://www.brazza.culture.fr/en/index.html>>. Acessado em: 25.jun.2007.

²² Alcides Orbigny (1802-1857), paleontólogo francês, empreendeu uma longa viagem de oito anos pela América Latina, a serviço da Academia de Ciências de Paris, no período de 1826 a 1834.

Fruto desta viagem à América Meridional o autor deixou, além da **Descripción geográfica, histórica y estadística de Bolívia**, mais duas obras de valor extraordinário, como: **Viaje a la América meridional** (1844) em que, a maneira de diário, narra sua viagem incluindo importantes dados botânicos, zoológicos, geológicos, históricos, urbanísticos, arqueológicos, acompanhada de 500 pranchas aquareladas de sua autoria e **El hombre americano** (1838) que constitui um importante aporte para a etnologia americana.

A já conhecida **Descripción geográfica, histórica y estadística de Bolívia**, por sua vez, foi uma obra encomendada pelo presidente José Ballivián, a qual devia ser um trabalho que abarcaria todo o país, mais por diversas razões acabou por ficar inconclusa, com apenas a publicação do volume 1 dedicado a Moxos e Caupolicán.

²³ Jules Crevaux, Médico da Marinha Francesa, faz sua primeira exploração na Amazônia, a serviço do governo do seu país, no período de 1876 a 1877, quando é incumbido de navegar o Maroni, de canoa, até os montes Tumuc-Humac (Tumucumaque), afim de explorar, na volta, o Yari, um dos afluentes ainda quase inexplorado do rio Amazonas. Nesta primeira viagem, o jovem explorador, que contava, na época, incompletos 29 anos de idade, narra dois fatos que o torna famoso em seu país. O primeiro deles é o contato com a tribo dos Boni, um grupo de ex-escravos das plantações de cana da Guiana Holandesa que refugiara nas matas em busca da liberdade. É entre os Boni que Crevaux vai encontrar Apatou, seu guia e amigo inseparável que o acompanhará na maior parte de suas expedições, tendo inclusive visitado Paris onde faz sucesso em apresentações na Sorbonne. O segundo é a sua visita aos

montes de Tumuc-Humac (Tumucumaque), a legendária cadeia de montanhas que se tornara famosa pelos relatos de outro viajante, o inglês Sir Walter Raleigh. É em Tumuc-Humac (Tumucumaque) onde Crevaux finalmente descobre o que poderia ter inspirado a famosa lenda do “Eldorado” que tanto falava Raleigh. Tratava-se nem mais nem menos de várias grutas cujas paredes são formadas por mica, um mineral de brilho intenso quando refletida a luz solar, o que faz lembrar o ouro. Estas mesmas grutas são inundadas em determinada época do ano, o que certamente deve ter originado a famosa lenda do lago Parima, em cujas margens diziam encontrar-se a fabulosa cidade de Manoa.

Na sua segunda expedição (1878-1879) Crevaux explora a cadeia de montanhas que separa os vales do Amazonas e do Oiapoque. Nesta viagem outro fato o deixa emocionado. Ao encontrar uma aldeia indígena formada somente por mulheres, Crevaux pensava finalmente ter encontrado a legendária tribo das Amazonas. Não era. As próprias índias logo esclareceram que eram, na verdade, mulheres expulsas de suas aldeias e condenadas a refugiar-se nas matas. Nem bem passado o susto, as mulheres ofereceram uma de suas filhas de cinco ou seis anos ao perplexo viajante para que a tomasse como esposa. Em troca Crevaux deveria torna-se chefe da aldeia.

No fim de cada um das suas missões, Crevaux é obrigado de retornar a França para lá refazer-se das malárias contraídas e para levar as amostras de animais e de plantas recolhidas, as anotações topográficas e os utensílios indígenas endereçados aos museus etnográficos. Os seus numerosos textos escritos diariamente e publicados na revista “*a Volta do mundo*” oferece aos seus leitores o encantamento frente ao exotismo da Amazônia. Se seus escritos encantam o público europeu, as imagens captadas por suas lentes os provocam sensações extremas. Pois para ele: “a fotografia é a única coisa que pode apreender os mil detalhes da vegetação luxuriante desta região”. Neste tipo de exploração onde qualquer bagagem extra é um estorvo, o explorador nunca hesitou em levar um material bastante incômodo e de difícil lida e transporte nas florestas úmidas: a chapa fotográfica que possui o mesmo valor testemunhal e etnográfico dos artefatos indígenas recolhidos.

Em 06 de agosto de 1880, Crevaux deixa novamente a França para uma terceira expedição: estudar a comunicação entre os rios Madalena e Orenoco a partir da Colômbia, depois de atravessar a Cordilheira dos Andes. Nesta viagem, o companheiro Apatou é quase engolido por um Jacaré, sendo salvo pelo próprio Crevaux. Mesmo destino não teve outro companheiro de viagem, o farmacêutico François Burban, que picado por uma arraia veio a falecer após ter sua perna gangrenada por obra do veneno do peixe.

Nesta viagem Crevaux conta com o auxílio de outro fotógrafo famoso, Félix Morin, para ilustrar suas observações acerca dos índios Warao. Neste ensaio etnográfico Crevaux descreve a dificuldade de fazer as imagens. Para ele posicionar um Warao na frente da objetiva constitui uma tarefa árdua porque os primeiros, atraídos pelos presentes, “não ficam tranquilos na presença das manobras ligeiramente fantásticas da fotografia. Este aparelho montado sobre três pés esqueléticos, este ser esquisito, metade escondido sob o seu casaco, este grande olho redondo e fixo que às vezes se aproxima, às vezes se afasta e que parece querer hipnotizá-lo, aguça evidentemente a sua imaginação. Também não é sem dificuldade que se obtém dos pacientes a imobilidade necessária. As primeiras provas não são

completamente satisfatórias, mas os indígenas gradualmente tomam coragem, e logo, completamente tranqüilizados e sobretudo ligeiramente maravilhados pelos resultados obtidos, disputam a vez de posar...”.

De volta, mais uma vez à França, o viajante é recebido pela Sorbonne, onde orgulhosamente apresenta o resultado de sua última viagem: cinquenta e dois crânios, vários esqueletos recolhidos de sete lugares diferentes e trezentas imagens de índios sobre a forma de desenhos e fotografias.

Agora mundialmente famoso Crevaux é convidado pelo governo boliviano a comandar uma expedição de reconhecimento em seu país. Em dezembro de 1881 uma pequena equipe formada por ele, o astrônomo Billet, o médico Bayol e o pintor Rinzel, parte para a Bolívia para explorar o rio Pylcomayo entre a Bolívia e a Argentina. No mês de abril de 1882, o grupo agora maior, dez homens no total, desce o Pylcomayo com a bagagem carregada de bugigangas destinadas aos índios, principalmente os Tobas de reconhecida hostilidade. Foi a última vez que se teve notícia de Crevaux e seus homens. Tempos depois do desaparecimento do grupo outra expedição comandada Thouar foi enviada à região com o objetivo de encontra-los. Ninguém vivo. Um único vestígio encontrado: uma maleta de médico com a inscrição J.C.

²⁴ Hermenegildo Carlos de Brito Capelo (1841-1917), membro da marinha portuguesa, chegando ao posto de contra-almirante, foi, assim como Alexandre Serpa Pinto e Roberto Ivens, responsável pelas demarcações das possessões portuguesas na África. Em 1877 realizou, em conjunto com Serpa Pinto e Roberto Ivens, uma expedição científica na África Central, com os objectivos de estudar os territórios compreendidos entre Angola e Moçambique e, principalmente, a relação entre as bacias hidrográficas do Zaire e do Zambeze. O relato desta viagem foi registrado no seu principal livro *Benguela às Terras de Iaca na África Central e Ocidental*. Existem várias reedições dos seus livros feitos pela editora Europa-América como os que se seguem: CAPELO, Hermenegildo Carlos de Brito; IVENS, Roberto. **De Benguela às Terras de Iaca : descricao de uma viagem na África Central e Ocidental**. Lisboa, Editora Europa-América, 1996.; CAPELO, Hermenegildo Carlos de Brito; IVENS, Roberto.. **De Angola à contracosta**. 2ª edição, Lisboa, Editora Europa-América, 1987.;

²⁵ Roberto Ivens (1850-1898), assim como Capelo, foi oficial da marinha portuguesa, tendo o acompanhado em todas as expedições feitas pela África. As descrições de suas viagens também foram feitas em conjunto com Hermenegildo Capelo, conforme conta da nota anterior.

²⁶ David Livingstone (1813-1873), missionário escocês e explorador da África, contribuiu decididamente para a ocupação européia da África, no século XIX. Seu principal livro *Missionário Viagens e Pesquisador na África do Sul (1857)*.

²⁷ Sir Henri Morton Stanley (1841-1904) ou John Rowlands, seu nome de batismo, foi um dos mais importantes exploradores da África no século XIX. John Rowlands foi criado em um orfanato na Inglaterra. Aos 18 anos muda-se para os Estados Unidos, onde se torna amigo do milionário Stanley quem depois o adota e dá-lhe seu nome. Nos Estados Unidos, depois de servir como soldado nos dois lados da Guerra Civil Americana, é recrutado como correspondente de guerra. Pouco tempo depois,

passa a trabalhar exclusivamente para o *New York Herald*. Foi justamente *New York Herald* quem o contratou para a sua primeira grande missão: a busca e resgate do pastor David Livingstone, em 1871, na Tanzânia. O relato desta aventura, que o tornou mundialmente famoso, foi escrito no seu livro “How I found Livingstone”, publicado um ano depois. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/etext/5157>>. Acessado em: 26.jun.2007. Já como explorador famoso, Stanley contribuiu ativamente para a criação do Congo Belga (Estado Livre do Congo), sendo responsável pelo apoio dos Estados Unidos à pretensão do rei Leopoldo da Bélgica pelo Congo, durante a conferência de Berlim.

²⁸ Sobre o assunto ver: PRATT, Mary L. **Olhos do império, relatos de viagem e transculturação**. Bauru: Edusc, 1999; BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859 – 1899) Dernier exploreur français en Amazonie**. Paris. L’Harmattan. 2000; BROU, Numa . **Dictionnaire Illustre Des Explorateurs Et Des Grands Voyageurs Francais Du Xix Siecle T.4**. Paris: Oceani, Cths Edition, 2000; LEFÉBURE, Antoine de. 2005. **L’Amazonie disparue : Indiens et explorateurs 1825-1930**. Paris: Editions La Découverte, 2005; BILBAO, C. **La ciencia del hombre en el siglo XVIII. Jauffret, Cuvier, Degérando y outros**. Buenos Ayres: Centro Editor de América Latina, 1991; BOURGUET, M.N. **O explorador**. In: VOVELLE, M. (dir) **O homem do iluminismo**. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: E. Presença, 1997; BRIGOLA, J.C. **Viagem, ciência, administração - o complexo museológico da Ajuda (1768-1808)**. "Livro de resumos do 1o Congresso Luso-brasileiro de História das Ciências e da Técnica". Évora: Universidade de Évora, 2000; CARDOSO, W. **A Adesão do Brasil setecentista à ciência moderna**. Tese de Doutorado, São Paulo: FFLCH-USP, 1991; DIAS, M.O. da S. **Aspectos da ilustração brasileira**. "Rev. do IHGB", 278:105-170, jan-mar. 1968; DROUIN, J-M. **De Lineu a Darwin: os viajantes naturais**, in: SERRES, M. (ed) **Elementos para uma história das ciências**, tomo 2. Lisboa: Terramar, 1998; FIGUEIRÔA, S.F.M. **Ciência na busca do eldorado: a institucionalização das ciências geológicas no Brasil, 1808-1907**. São Paulo: FFLCH-USP, tese de doutorado, 1992; GUEDES, M.E. **João da Silva Feijó - viagem filosófica a Cabo Verde**. *Asclépio*, v.XLIX, 1, 131-138, 1997; HOLANDA, S.B. **A herança colonial - sua degradação**. In: HOLANDA. S.B. (org) **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1893 (t2, vol 1); JARDINE, N.; SPARY, E.C. **The natures of cultural history**. In JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. (eds) **Cultures of natural history**, 3-13. Cambridge: University Press, 1996; KURY, L.B. **Entre utopia e pragmatismo: a história natural no iluminismo tardio**. In: SOARES, L.C. **Da revolução científica à big (business) science**. São Paulo: HUCITEC, 2001; LARSEN, A. **Equipment for the field**. In: JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. **Cultures of natural history**, 358-377. Cambridge: University Press, 1996; LEITE, M.L.M. **Naturalistas viajantes**. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 1(2): 7-19, 1995; LISBOA, K.M. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec, 1997; LOPES, M.M. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997; LOPES, M.M. **Viajando pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica**. *História, Ciências Saúde - Manguinhos*, vol. III (suplemento): 881-897, 2001; OUTRAM, D. **New spaces in natural history**. In:

JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. **Cultures of natural history**, 358-377. Cambridge: University Press, 1996; PATACA, E.M. **Arte, ciência e técnica na Viagem Philosophica de Alexandre Rodrigues Ferreira: a confecção e utilização de imagens histórico-geográficas na Capitania do Grão-Pará, entre setembro de 1783 a outubro de 1784**. Campinas: IG-UNICAMP, dissertação de mestrado, 2001; PESTRE, D. **Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens**. Cadernos IG/UNICAMP, v.6 (1): 3-56, 1996. Tradução de FIGUEIRÔA, S.F.M; PINHEIRO, R. **As histórias da Comissão científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema**. Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Geociências, Dissertação de Mestrado, 2002; RAMINELLI, R. **Viagens e inventários. Tipologia para o período colonial**. História: questões e debates, no 32: 27-46, jan/jun 2000; RESTREPO, O.F. **Naturalistas: la construccion de una ordem natural**: in: RESTREPO, O.F. et all **Historia social de la ciencia en Colombia**. Tomo III - Historia Natural y Ciências Agropecuárias. Colombia: COLCIENCIAS, 1993; SIMON, W. J. **Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century**. Lisboa: C.E.H.C.A./Inst. De Investigação Científica Tropical, 1983; TODOROV, T. **A viagem e seu relato** (tradução de Lea Mara Valezi Staut). Revista brasileira de letras, 39: 13-24, 1999; VESSURI, H. **Los viajes de G.G. Simpson a Sudamérica: visión científica y experiencia subjetiva**. Redes, v. VI (14): 13-49, 1999; PINHEIRO, Rachel. **Aspectos das produções textuais nas viagens científicas**. In: revista Atala/Intermundo. Lisboa: CICTSUL/Universidade de Lisboa, 2003.

²⁹ Há raríssimos trabalhos sobre Coudreau, sendo que o pouco material sobre o viajante, caso do trabalho de Sébastien Banoit, apesar da mais importante e extensa pesquisa sobre o explorador, não consegue abarcar todos os aspectos de sua vida e obra. Não existe, por exemplo, nenhuma pesquisa de fôlego que explore as idéias políticas de Coudreau. O professor Vicente Sales foi o primeiro pesquisador do nosso tempo que relatou a nuance anarquista do casal Coudreau, o que fez o mesmo Benoit em seu livro recente. Ora, nem precisa pesquisa muita acurada para conhecer suas preferências político-ideológicas, basta relacionar seus amigos mais íntimos: Eliséé Reclus, pelo menos um dos três anarquistas mais influentes e importantes de sua época; o escritor Jules Gros, uma figura também controversa, por muito tempo presidente da Sociedade Geográfica de Paris, parceiro de Coudreau na malfadada instauração da República de Counani e também amigo íntimo de Reclus, com quem trocava constantes correspondências; e, finalmente, vários amigos anarquistas brasileiros, dentre eles, o fotógrafo J. Girard, quem quando não viajava com o explorador, pelo menos, como nos conta Octavie, os acompanhava até o navio em todas as vezes que partiam em viagens de exploração pelos rios paraenses.

Além do seu posicionamento político-ideológico, outra faceta atribuída ao autor merece nota. Trata-se da sua condição ou não de espião do governo Francês na região do contestato franco-brasileiro. A maior parte dos escritos sobre o geógrafo ou sobre a região do contestado franco-brasileiro o trata como tal. O próprio Benoit, que é o único pesquisador a nos apresentar um trabalho de peso e bastante confiável sobre o cientista-viajante, levanta esta hipótese, sem, no entanto, nos apresentar um veredicto

sobre o caso. Na verdade, o autor, apesar de nos apresentar documentação que nos levaria a perceber que Coudreau teria sido realmente um espião, termina por nos convencer, de certa forma, do contrário.

Ao analisar as atividades políticas do cientista Emílio Goeldi na região do Contestado logo após o terrível massacre de pelo menos 38 pessoas (dentre os mortos: velhos, senhoras e crianças) por militares franceses no dia 15 de maio de 1895, Nelson Rodrigues Sanjad, em seu excelente trabalho, afirma que Coudreau “em setembro de 1891 se estabeleceu em Cunani, na Guiana Brasileira, onde novamente atuou a serviço do governo francês, como espião”. (SANJAD, Nelson. **A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907**, Tese de Doutorado pela Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Brasil. Ano de Obtenção: 2005. Exemplar disponível na Biblioteca do Museu Emílio Goeldi).

Não é nosso interesse, pelo menos por enquanto, desvendar este mistério. Um trabalho sobre o assunto requer uma pesquisa mais sistemática nos arquivos franceses. No entanto, sem nenhuma pretensão de refutar as afirmações em contrário e sem desmerecer as pesquisas até agora feitas sobre Coudreau, devemos levantar algumas questões para futuras pesquisas: primeiro, para ser um “espião” ou agente secreto, é elementar que seus atos, seus interesses e até sua própria condição seja secreta. Um agente secreto, em qualquer acepção, deve ser alguém que se mistura ao inimigo para recolher informações e transmiti-las ao governo para o qual trabalha ou espia. Ora, decididamente Coudreau não seria a pessoa mais indicada para tal empreitada, pelo simples motivo do mesmo, como bom francês que era, nunca ter escondido seus interesses com relação ao território do Contestado. Ele sempre advogou abertamente, na sua juventude, ao seu governo, maior atenção para a região; e depois, quando finalmente se desilude com seu país, defende uma Cunaní Livre, sem a intervenção da França e nem do Brasil. Coudreau se interessava muito mais pela região do Contestado, para ele um futuro berço de uma próspera civilização; do que pela Colônia Francesa propriamente dita, para ele tomada de vícios. Neste caso, seria muito mais prudente para o Governo Francês enviar um espião de verdade disfarçado num garimpeiro ou qualquer comerciante. Uma pessoa capaz de percorrer toda a região sem levantar a menor suspeita. O trabalho que o Governo Francês queria de Coudreau era eminentemente científico. A França sabia que mais cedo ou mais tarde a questão do contestado seria decidida em algum tribunal internacional e ela, da mesma forma do Brasil, não possuía quase nenhuma informação sobre a região, a não ser os trabalhos do próprio Coudreau. Era preciso, além da entrada de cidadãos franceses, como já era feita há muito tempo em maior grau por brasileiros, a elaboração de relatórios cientificamente provados capazes de indicar uma possível ocupação histórica da região, como fez o Brasil ao contratar os serviços do respeitável cientista Emílio Goeldi. Segundo, se Coudreau era realmente um espião e incontestemente defensor da III República, por que então ninguém da elite política e econômica da Guiana confiava nele? Alias o próprio subsecretário da Marinha e depois secretário dos negócios das colônias (1887, 1889-1892) antes de tornar-se Ministro do interior (1905) e a Guerra (1905-1906, 1919), Eugène Etienne (1844- 1921), fervente promotor da política de expansão colonial francesa sempre defendeu a suspensão e ou negação dos financiamentos a todo e qualquer projeto de Coudreau. Pelo que vimos, “o todo poderoso” deputado fez carreira triunfal na Terceira República de Jules Ferry, passando por todos os postos ligados diretamente aos interesses expansionistas da França; e seria o próprio, não outro, a

contratar e controlar os serviços de espionagem. No entanto, se dependesse do mesmo, Coudreau estaria há muito tempo longe da região, como fica claro neste artigo Publicado pelo jornal republicano semanal Caiense “L’Avant-Garde”:

Um explorador.

Pelo último correio chegou Sr. Coudreau, o explorador "esperto" por excelência. Ninguém, hoje, ignora a sua façanha de correr às matas. Quando terminar de gastar os recursos postos à sua disposição oferecendo a Deus explorações de copiadoras libações de cachaça e cachiri, e de arruinar a saúde dos que o acompanham, ele retorna à França.

Alguns meses depois veremos surgir um novo livro com fortes gravuras no qual contará às sociedades de geografia admimiradas, as sangrentas batalhas que teve de travar para tornar-se senhor do contestado. Seguramente os curiosos que não engolirem facilmente os produtos de Tarascon, fazerem busca aos cadáveres dos vencidos destas lutas, garantimos que encontrará apenas os cadáveres de muitos garrafas e frascos que o referido Coudreau carrega com ele e contra os quais terá lutado até a última rolha. Se encontra uma garrafa cheia - ele faz que pode.

Queríamos contudo centrar sobre a nova exploração. Sabendo este fará, ou seja nada, queremos saber qual pretexto que teve o Sr. Coudreau para atrair para ele capitais e companheiros. O Sr. Coudreau dir-nos-á também sobre qual texto baseia a sua pretensão de ser o associado forçado de qualquer industrial que apresentar-se-ia no contestado, qual poder pôde dar-lhe os direitos que pretende ter e que pretende exercer para enganar o mundo através de seu gigantesco descaramento.

Esperamos, que os Conselheiros tomem guarda. (**L’Avant-Garde, número 35, Cayena, 5 de outubro de 1893, p.2 – Tradução Nossa**)

Em outra ocasião foi a vez do comandante militar da Guiana, capitão Peroz, atacar Coudreau em seu longo relatório sobre o massacre de brasileiro por militares franceses. Relatório este publicado imediatamente após o conflito em 6 de junho de 1895 no *Moniteur de la Guyane Française*, e traduzido e divulgado no Brasil por Sílvio Meira.

Diante da ação vigorosa e enérgica do Brasil, ação levada até a brutalidade e de onde nasceu, em alguns anos, a posse de fato quase irrecusável do Contestado por essa potência, que fez o Governo francês?

Além da missão Coudreau, da qual nada ousou dizer, tanto seu desempenho me parece estranho, além da missão Casey, organizada e provida de maneira a ser levada a um fracasso quase certo, nada, absolutamente nada!

É muito curioso que nem um lado nem outro confiavam inteiramente em Coudreau, que não se definia por nenhum dos dois partidos, como podemos ver em uma carta escrita ao Engenheiro Gonçalves Tocantins, em 6 de junho de 1895, e publicada quase em seguida pelo Diário de Notícias, do Pará.

Carta essa quase um manifesto de solidariedade aos brasileiros com referência ao massacre do dia 15 de maio de 1895, feito por militares franceses a moradores da vila de Macapá:

Il.mo Sr. Dr. Tocantins, encarregado de missões científicas

Meu caro colega

Acabo de ler atentamente vosso relatório sobre o massacre do Amapá. Relata um conjunto de fatos que, desgraçadamente, não podem ser postos em dúvida, mesmo nos detalhes. Assisti ao inquérito que fizestes no Amapá e cotejei-o com o outro contra-inquérito feito por mim mesmo e minha convicção é completa: os fatos são exatos no seu conjunto.

Peço-vos somente que distingais, nesse lamentável acontecimento, duas fontes de responsabilidade:

1o - A responsabilidade do Governo Francês — O Governo foi iludido em sua boa fé por um pequeno bando de indivíduos, mais ou menos comprometidos em “camarinha”, que eu observo há alguns anos e cuja entrada próxima nas galés espero com paciência;

2o - A responsabilidade do bando de indivíduos em questão — Por hoje não marcarei na espádua senão o odioso instigador do massacre do Amapá, o célebre Charvein, grande jacobino, anticolonial, que dá realmente a mão ao seu negro nas pequenas combinações auríferas do Contestado. Não determino por ora porque não estou na França; mas fá-lo-ei nos jornais de meu país.

Falarei! Não consentirei que se diga que Caiena, a Caiena que conheceis, a Caiena com sentimento antifrancês, vós mesmo o tendes verificado, provocou um rompimento entre a França e o Brasil.

O coração e o bom senso das duas grandes nações amigas prevalecerão contra as patifarias dos negros e a raiva dos concessionários.

Cordialmente, meu caro Doutor,

vosso devotado Henri Coudreau, ex-encarregado de missões culturais, 1883-1895.

³⁰ Joseph Conrad (1857 -1924) narra em “O Coração das Trevas” (Heart of Darkness), obra publicada em 1902, uma viagem às profundezas da África negra, em plena época colonial. A história é nos contado pelo seu alter-ego, Marlow, um viajante que partira para capitanear um navio mercante num grande rio africano. O romance é curto, pouco mais de 140 páginas numa versão de bolso; porém, a sua narrativa é densa e com detalhes quase visuais, como nos contos de mistério do século XIX; o que é capaz de prender o leitor do início ao fim. É um livro para ser lido de um fôlego só. É como se fosse um relato de um sonho, melhor seria de um pesadelo. Marlow, como Virgílio, em a Divina Comédia de Dante Alighieri, nos guia pelos recantos abissais da floresta africana, onde o lodo primordial penetra em nossas narinas e “o grande silêncio primordial da floresta” “chega ao cerne do nosso próprio coração”.

Toda a narrativa, como no inferno de Dante, é formada por tomadas, como num filme: o cenário asfixiante, um ambiente tão misterioso quanto o próprio rio, a própria selva, os próprios nativos, onde colonizadores e colonizados parecem ausentes, deslocados, alheios, na mais perfeita esquizofrenia. É a visão dantesca que Joseph Conrad teve do processo de colonização da África do final do século XIX e início do XX.

A natureza, no caso floresta e rios, “com seu mistério, sua grandeza e a espantosa realidade de sua vida oculta”, é tomada por Conrad a um misterioso ser, com vida própria, algo divino e demoníaco, capaz de tornar todos os personagens joguetes do seu impulso voraz. Seria a natureza reagindo à intromissão humana? Ou seria um simulacro da própria sanha colonialista?

Há algo parecido no destino da maioria dos viajantes do século XIX que participaram da loucura colonialista. Pura má sorte ou maldição? O certo é que tal qual o personagem Kurtz de Joseph Conrad alguns dos nossos viajantes são abatidos pela loucura e morte.

³¹ A proximidade do viajante com comerciantes franceses sediados em Belém é comprovada com a facilidade que o viajante conseguiu com um deles empréstimo no valor de 15 mil francos para continuar sua primeira viagem de exploração, que englobou todo o território contestado, desde o litoral até a divisa com a Colômbia (1883-1885). Coudreau foi obrigado a recorrer ao amigo Donatien Barrou, depois de ver sua missão abortada pelo governo do seu país por conta de um pequeno incidente diplomático, criado pelo próprio Coudreau, envolvendo a França e o Brasil. Tudo aconteceu depois da passagem do viajante pela região do contestado, ocasião em que o mesmo conclamou a população local a abraçar a “causa francesa” sob a promessa de que seu país criaria uma linha de vapores subvencionada de Caiena até o Pará. De fato, a ação de Coudreau não ficou só na propaganda. Ele chegou também a recolher de várias aldeias petições reclamando a anexação imediata da região ao território francês. Isso desagradou prontamente ao governo brasileiro, o qual encarregou o nosso Ministro Plenipotenciário do Brasil em Paris que comunicasse ao governo Francês as estipulias do jovem Coudreau. Em 24 de Janeiro de 1884, Marcos Antônio de Araújo, o Visconde de Itajubá, comunica o nosso descontentamento ao ministro dos Negócios estrangeiros. Segundo o diplomata, o explorador, de Passagem pelo Contestado, teria chamado a atenção, não escondendo que era encarregado “de obter todas as informações possíveis do território do Amapá”, até ao Rio Branco e a fronteira da Venezuela, e levando os habitantes “a aderir à causa Francesa, porque o governo da Guiana francesa estabelecerá em breve uma linha de vapores subvencionada de Caiena ao Pará”. Por último, o viajante, segundo o visconde, assegurando a evidência do pertencimento à França dos territórios de Oyapock e de Counani, teria até mesmo dito [referindo à anexação do território contestado à França, seria feita] pela ciência ou pela força.

Diante de tais circunstâncias, o governador da Guiana, Chessé, apesar da sua admiração por Coudreau, escreve-lhe pela segunda vez, advertindo que este teria que voltar imediatamente ao território Francês:

Meu caro Sr.,

Recebi em 16 de Fevereiro 1884, as vossas cartas de 15 de novembro e de 29 de dezembro de 1883, datadas do Pará e apresso-me de adverti-lo que fui afetado

penosamente de ver a desenvoltura com a qual tem agido ultimamente. Há de resto uma coisa que não consigo entender, é que acusando-me a recepção da transferência de 4000 francos que vos enviei (...), não disse uma palavra da minha carta do 26 de Novembro passado, n. 407, que devia contudo ser-vos entregue ao mesmo tempo, e que advertindo-o do envio dos 4000 francos, prescrevia-o de retornar do território contestado, retornando sobre os vossos passos, para continuar os vossos estudos dos diversos pontos que interessam-nos (...)

Assim como era entendido de resto, devia esperar as minhas instruções no Pará, e você sabe ainda melhor que nós que as comunicações entre Caiena e Pará não são nem numerosas e nem rápidas.

Por conseguinte não pude me explicar, supondo mesmo que não recebeste a minha carta de 26 de novembro, e a vossa organização da missão, e vossa partida para Manaus.

Quanto ao empréstimo de 15.000 Francos que fez pessoalmente ao Sr. Barrau, há apenas uma coisa que muito me surpreende, foi a facilidade com a qual o Sr. Barrau avançou-vos esta soma, e posso explicar-me este negócio apenas pela concepção nova, de projetos ou de esperanças comerciais que teria combinado pessoalmente ao Pará, e aos quais o Sr. Barrau ter-se-ia associado, ou para os quais teria consentido a ajudá-los. Porque está claro que o empréstimo de 15000 Francos que vos foi realizado pelo Sr. Barrau não contrata em nada o Governador no que diz respeito à este estimável negociante. Mas, qual que possa ser de resto, e nas condições absolutamente independentes nas quais agiu, e é colocada, vejo-me na desagradável necessidade de notificar-vos que não tem mais até nova ordem a contar com nenhum concurso pecuniário do governo, para a continuação da missão que vos foi dada (Carta de Chessé, Governador da Guiana a Henri Coudreau, 21 de Fevereiro de 1884, transcrita por BENOIT, 2000., p. 112-113, tradução nossa).

Ao ler este documento ficamos, no entanto, em dúvida se realmente Barrou teria repassado o dinheiro para Coudreau por conta própria, por conta da amizade ou estaria por trás disso tudo o governo francês que na impossibilidade de continuar financiando oficialmente a missão de reconhecimento do território em litígio recorreu a terceiros, dando a entender que Coudreau agiria por conta própria? A resposta definitiva a esta pergunta virá com uma pesquisa mais acurada nos arquivos franceses. De qualquer forma, Coudreau negou na época o caráter político do seu trabalho ao escrever, após recepção desta última carta: "Os que me enviaram abandonam-me, negam-me, condenam-me [...] Eu não quero retornar, como um culpado, prosseguirei custe o que custar (COUDREAU, Henri. **La France Équinoxiale**, Tome Second. Paris: Challamel Ainé, Éditeur, 1887.,p. 319-321, tradução nossa).

³² Sobre as relações pessoais e políticas de Coudreau ver BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859 – 1899) Dernier exploreur français en Amazonie**. L'Harmattan. Paris. 2000., páginas 25 a 28.

³³ Rondon encarna, tal qual Coudreau, só que numa proporção maior, um paradoxo irremediável: a defesa incontestada das populações autóctones e o apelo intrasigente pelo desenvolvimento. Rondon, na

mais suprema e danosa contradição do seu pensamento indigenista, tinha a crença de que era capaz de “proteger” os índios e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento nas terras que eles ocupavam. Coudreau, mais realista, sabia que a “marcha inexorável da civilização” (leia-se aqui desenvolvimento) aniquilaria rapidamente este homem primevo. Daí a sua constante preocupação em defender a assimilação e miscigenação do indígena pelo homem branco europeu, mesmo tendo concluído, a partir de suas observações de campo, que o “selvagem” que tenta se civilizar rápida e artificialmente é infalivelmente condenado a perder a essência de sua grandeza e o seu saber, para adotar em contrapartida o que tem de mais perverso *no branco*. A assimilação deveria ser gradual, sem violência, nem coerção, e incentivada pelo exemplo e pela demonstração, em vez de pela força.

Entra em campo então, o que Coudreau defendia como sendo “um missionarismo laico”. Coudreau, ele próprio, se convencera de ser um missionário laico, que por patriotismo e por amor da ciência, poderia sair muito bem tal qual a um apóstolo porque conhecia o desenvolvimento passado e atual dos indígenas da América espanhola e as aldeias do Brasil. “Quem viveu dois anos inteiros nas tribos, que fala vários dialetos indígenas, que conhece os Indígenas e que os ama terá êxito certamente ” (COUDREAU, Henri. **La France Équinoxiale**, Tome Second. Paris: Challamel Ainé, Éditeur, 1887., p. 426, tradução nossa.).

É interessante aqui, tanto em Coudreau como em Rondon, um pensamento nitidamente filiado ao positivismo. Em seu “Catecismo positivista” Auguste Comte nos dá uma pista do que seria este missionário laico defendido por Coudreau e que tão fortemente influenciou teóricos positivistas brasileiros como Teixeira Mendes e homens práticos como o marechal Rondon.

No diálogo entre “a mulher” e “o sacerdote”, o fundador do positivismo argumenta que os africanos viviam no “época fetichista” do desenvolvimento social, considerada por ele, Comte, a condição humana original:

A MULHER - Quanto aos fetichistas, aliás pouco numerosos, seu estado parece-me, meu pai, por tal forma afastado do nosso que não concebo a possibilidade de os trazer rapidamente ao nível final do Ocidente.

O SACERDOTE - Apesar de seu pequeno número, minha filha, eles ocupam, no centro da África, uma vasta região completamente inacessível ainda à nossa civilização, que não poderá penetrar aí senão sob o impulso prolongado do sacerdócio positivo. Nossos dignos missionários acharão aí o caso mais apropriado para estimular os esforços teóricos e o zelo prático, propondo-se estender diretamente a religião universal por essas ingênuas povoações, sem lhes impor nenhuma transição monotéica, nem mesmo polítéica. A possibilidade de semelhante sucesso resulta da profunda afinidade do positivismo com o fetichismo, que não difere daquele, quanto ao dogma, senão em confundir a atividade com a vida, e, quanto ao culto, em adorar os materiais em vez dos produtos. (Auguste Comte, Catecismo Positivista. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. 5a. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores). p.239.)

Vale aqui dizer que o apostolado positivista brasileiro, excluída a sua interpretação científica, foi responsável por práticas humanitárias como a criação do SPI (Serviço Nacional de Proteção aos Índios), num tempo em que até renomados cientistas como o diretor do museu paulista Von Ihering, citando erroneamente o general americano Custer ao invés do general Sheridan, foi capaz de dizer num artigo publicado no Jornal do Comércio no dia 15 de dezembro de 1908 que: “bom índio unicamente é um índio morto”.

Apesar de propor reservas para proteger os indígenas, as propostas de Von Ihering de políticas indigenistas levariam inegavelmente ao seu extermínio. (Sobre este assunto ver o excelente trabalho do Americano Todd A. Diacon: “DIACON, Todd A. **Stringing Together a Nation – Candido Mariano da Silva Rondon and the Construction of a Modern Brazil, 1906-1930**. Duke University Press, 2004”. Recentemente foi publicada pela Companhia das Letras, com tradução de Laura Teixeira Mota, uma versão brasileira intitulada “Rondon”.)

³⁴ Há, sobre vários aspectos, grandes semelhanças entre Coudreau e o inglês Richard Francis Burton. No entanto, as semelhanças tornam mais definidas quando se refere à facilidade de ambos de se comunicarem em vários idiomas. Segundo Jorge Luis Borges (1999^a, p. 443-5) o diplomata e aventureiro inglês era capaz de sonhar em dezessete idiomas, além de dominar cerca de trinta e cinco.

³⁵ Ver BESSA FREIRE, João Ribamar. Rio Babel: **a história das línguas na Amazônia**. Rj: EDUERJ/Atlântica, 2004

³⁶ COUDREAU, Henri Anatole. **Chez nos Indiens – Quatre annés dans la Guyane Française (1887-18910**. Paris, Hachette et Cie, 1893, p. 614.

³⁷ BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859 – 1899) Dernier exploreteur français en Amazonie**. Paris, L’Harmattan. 2000. p. 27

³⁸ Ibid., p. 125, tradução nossa.

³⁹ A proposta de Coudreau para o triplo projeto para a Amazônia, presente em suas obras: La France Equinoxiale – 1887, Lês Français em Amazonie – 1887 e Chez Nous Indiens - 1893 é o mote principal do livro escrito por Sébastien Benoit. Em “Henri Anatole Coudreau (1859-1899), Dernier Explorateur Françaes em Amazonie” Benoit dissecou de maneira brilhante as idéias do explorador. O nosso trabalho foi tomá-las a partir desta obra, sempre tendo o cuidado, é claro, de cotejar as informações condensadas pelo seu biógrafo com os escritos do viajante francês. Da mesma forma, acrescentamos à pesquisa feita por Benoit as informações de grande relevância registradas pelo viajante em seus escritos brasileiros. Além dos relatos das suas viagens pela Amazônia brasileira, a serviço do Governo do Pará, pouco explorados no livro de Benoit, Coudreau publicou uma série de artigos em que vislumbra um futuro grandioso para a região. Dentre estes, o artigo intitulado “O Futuro da Capital do Pará” escrito provavelmente em 1899, ano de sua morte, e publicado nos Annaes da Biblioteca e Archivo Público do Pará em 1913, na verdade uma síntese das suas observações nas viagens empreendidas pelo interior do Pará no período de 1895 a 1998, a serviço do governo do estado, vem a ser um dos mais importantes. Acrescento ainda a idéia de Coudreau em implantar na região do Contestado franco-brasileiro uma

república anarco-socialista. Da mesma forma que procuro deixar clara a influência de autores socialistas e anarquistas no pensamento do viajante.

40 A idéia de que o mundo colonial poderia ser tomado por 02 duas categorias de colonização - *colônia de povoamento* e *colônia de exploração* - é pensada por Elisée Reclus e divulgada em sua obra “Nouvelle Géographie Universelle – 1883” e “L’Homme e la terre – 1908” (RECLUS, Elisée. **L’homme et la terre. Les ancêtres : origines ; milieux telluriques ; travail ; peuples attardés ; familles, classes, peuplades ; divisions et rythme de l’histoire. - Histoire ancienne : Iranie, Caucasia, Potamie.** Paris: Librairie universelle, 1905-1908. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61520f>>. Acessado em: 19.jun.2007.). Na mesma época, o economista Pierre Paul Leroy-Beaulieu trata do mesmo assunto em seu livro “De la colonisation chez les peuples modernes” (LEROY-BEUALIEU, Paul. **De la Colonisation chez les peuples modernes.** Paris: Guillauminet e Cia Libraires, 1882. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k245012.chemindefer>>. Acessado em: 02.jan. 2006.). Tudo leva a crer, que nos anos 30 do século XX, em sua obra “Géographie et colonization” (HARDY, George. **Géographie et Colonization.** Paris: Gallimard,1933.), George Hardy tenha sido influenciado por Elisée Reclus ou por Leroy_Beaulieu ao adotar os dois termos *colônias de enraizamento* e *colônias de enquadramento*. Para George Hardy, seriam *colônias de enraizamento*, quando os europeus se fixassem no novo território; já as *colônias de enquadramento* se dariam quando o elemento nativo, governado pelo europeu, conformassem o conjunto da população. Pelo que se vê, a mudança de denominação não altera o sentido das categorias, já que em última instância a colonização implica em povoamento e numa certa exploração econômica de recursos. No Brasil, o sentido da colonização é retomado por Caio Prado que passa a utilizar os mesmos termos defendidos por Reclus e por Leroy-Beaulieu. Na sua obra “Formação do Brasil Contemporâneo” (PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 1995.) somente faz referência à obra de Leroy-Beaulieu. Não se sabe, portanto, se a obra de Elisée Reclus passou despercebida por Caio Prado. De qualquer forma, nos parece, que só a partir de 1985 Elisée Reclus é revisto pelos pensadores brasileiros, numa coleção organizada por Manuel Correia de Andrade e coordenada por Florestan Fernandes intitulada “Elisée Reclus – Geografia”. A elucidação destes fatos, como também uma possível influência de Elisée Reclus no pensamento de Euclides da Cunha, pó exemplo, carece de maior pesquisa.

A obra completa de Elisée Reclus, incluindo centenas de livros, artigos e correspondências está disponível na internet graças ao projeto The European Library no endereço: <<http://www.theeuropeanlibrary.org>>. O livro “De la colonisation chez les peuples modernes” de Leroy-Beaulieu pode ser visto na íntegra na Internet. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k245012.chemindefer>>. Acessado em: 02.jan. 2006.

Sobre a influência de Leroy-Beaulieu no pensamento de Caio Prado ver (LEONÍDIO, Adalmir. **Em torno das origens: Leroy-Beaulieu e o pensamento social brasileiro.** Rio de Janeiro: Revista Estudos Sociedade e Agricultura/UFRRJ, número 13, 1999.). Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/treze/adalmi13.htm>>. Acessado em: 02.jan.2006.

41 GROS, Jules (1829-1891). **Les français en Guyane** ; 7e éd. ill. par P. Hercouët et Bassan. Paris: A. Picard, 1887., p. VI. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k206930v>>. Acessado em 19.jun.2007.

42 A idéia de utilização racional da natureza não é uma idéia nova. Ela remonta ao século XVIII com os fisiocratas. Para fisiocrata François Quesnay que introduziu no pensamento econômico a idéia de ordem natural, o funcionamento da economia equivaleria a uma ordem natural. De acordo com essa idéia, as leis da natureza governam os homens da mesma maneira que as leis de Newton governam o mundo físico. Todas as ações humanas, portanto, deveriam estar em harmonia com essas leis naturais. Cabia ao cientista descobrir as leis às quais todos os fenômenos do universo estavam sujeitos. No mundo econômico, as leis da natureza outorgavam aos indivíduos o direito natural de usufruir os frutos de seu próprio trabalho, desde que isso não ferisse os direitos dos outros. Não por menos, que seja o significado de fisiocracia “governo da natureza”.

Dessa forma, a agricultura era concebida como o único setor produtor de riqueza, devendo este setor receber apoio preferencial pelos governos.

Domingos Vandelli, reformador da Universidade de Coimbra e idealizador das viagens filosóficas, apesar de não aceitar totalmente o pensamento fisiocrata, concordava com esta corrente do pensamento econômico quando esta se referia à agricultura (VANDELLI, Domingos, 1789. **Memória sobre a preferência que em Portugal se deve dar à agricultura sobre as fábricas**. In Vandelli 1994, 143-152.) . E foram justamente as idéias de Vandelli propagadas na Amazônia por um de seus discípulos: Alexandre Rodrigues Ferreira (FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem filosófica pelas capitânias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Memórias antropológicas. Brasília: Conselho Federal de Cultura. 1974.)

As mesmas idéias também são encontradas na obra do Padre João Daniel (DANIEL, Padre João. **Tesouro descoberto no rio Amazonas**, vol. I e II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976.).

Sobre o pensamento fisiocrático ver ainda: MACHADO, Luiz. **Quesnay e os fisiocratas**, disponível em: <http://www.cofecon.org.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=794>. Acessado em 13.ago.2007.; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. **O Liberalismo num outro Ocidente: política colonial, idéias fisiocratas e reformismo mercantilista**. GUIMARÃES, Lúcia Maria Bastos P.; PRADO, Maria Emilia (org.). **O Liberalismo no Brasil imperial: origens, conceitos e prática**. Rio de Janeiro: Revan: UERJ, 2001, p. 31-72.; e (BANZHAF, H. Spencer. **Productive nature and the net product: Quesnay's economies animal and political**. *History of Political Economy*. Volume 32, número 3, p. 517-551.).

Disponível

em:

<http://muse.jhu.edu/login?uri=/journals/history_of_political_economy/v032/32.3banzhaf.pdf>.

Acessado em 29.01.2007.

Sobre Domingos Vandelli ver: SERRÃO, José Vicente. **Introdução a Domingos Vandelli, Aritmética Política, Economia e Finanças (1770-1804)**. Lisboa: Banco de Portugal (Coleção de Obras Clássicas do Pensamento Económico Português. 1994); MUNTEAL FILHO, Oswaldo. **Domenico Vandelli no anfiteatro da natureza**, dissertação de mestrado, Departamento de História, Rio de Janeiro, PUC, 1993.

Sobre Alexandre Rodrigues Ferreira ver: AREIA, M. L. Rodrigues; MIRANDA, M. A.; HARTMANN, T. **Memória da Amazônia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. 1783-1792**. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico da Universidade, 1991.; CARVALHO, J. C. M. **Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1793)**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.; CORREIA FILHO, V. **Alexandre Rodrigues Ferreira. Vida e obra do grande naturalista brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.; CUNHA, O. R. **O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Uma análise comparativa de sua viagem filosófica (1783-1793)**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991.; DOMINGUES, A. **Formas de intervenção no espaço amazônico em finais do século XVIII: política e aventura**. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH da UNL, 1988.; DOMINGUES, A. **Viagens científicas de exploração à Amazônia de finais do séc. XVIII**. *Ler História*. 19 (1990) 105-125.; DOMINGUES, A. **Viagens de exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: Política, Ciência e Aventura**. Lisboa: Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração (Madeira)/Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991.; FALCÃO, E. C. **Viagem filosófica às Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. São Paulo: Gráfica Brunner, 1970.)

43 Ainda do Professor Vicente Sales, foram pertinentes os comentários feitos sobre o casal Coudreau na introdução que fez a reedição do livro “De Belém a São João do Araguaia” de Ignácio Baptista de Moura (MOURA, Ignácio Baptista de. **De Belém a S. João do Araguaia**. Belém: Secult/Fundação Tancredo Neves, 1989., p. 7-19.)

44 Aqui novamente vale a referência dada na nota 20. Para os fisiocratas, a mineração era tida como atividade degeneradora, incompatível com a atividade agrícola. Mais uma vez Coudreau poderia estar *bebendo* do pensamento fisiocrático do século XVIII.

46 COUDREAU, Henri Anatole. **Voyage au Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. p. 82.

47 As miçangas do Coudreau também é título de um capítulo do Livro “Um Peixe Olhou para Mim” (LIMA, Tânia Stolze. **Um Peixe Olhou Para Mim**. O povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: UNESP/ISA/ NUTI, 2005.) da etnóloga e professora de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Tânia Stolze Lima. A autora realizou cerca de vinte meses de trabalho de campo etnográfico em aldeias Yudjá (na Terra Indígena Parque Indígena do Xingu, MT) e mais seis meses com famílias Yudjá que se achavam em Brasília, Rio de Janeiro ou Canarana.

⁴⁸ A Cachoeira de Pedra Seca, localizada no Alto Xingu, no Estado do Pará, foi o ponto mais distante percorrido por Coudreau em sua visita ao Xingu. Sobre as pedras da cachoeira Coudreau encontrou

cacos de cerâmicas que supôs terem sido usados em rituais pelos índios. Ali, Coudreau resolveu deixar também sua oferenda, pois a Pedra Seca seria “uma verdadeira pedra sagrada, e também um autêntico templo primitivo da tribo já quase extinta, mais ainda primitiva dos Jurunas.” (COUDREAU, Henri Anatole. **Voyage au Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. p. 86, tradução nossa.).

49 COUDREAU, Henri Anatole. **Voyage au Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. p. 86, tradução nossa.

50 Ibid., p. 86-87, tradução nossa.

51 Ibid., p. 161, tradução nossa.

52 Ibid., p. 161, tradução nossa.

53 O relato completo das viagens empreendidas na Amazônia paraense por Coudreau, a serviço do governo do Estado do Pará, está descrito nas obras: COUDREAU, Henri. **Voyage au Tapajós**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. COUDREAU, Henri. **Voyage au Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897.; COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaia**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897.; COUDREAU, Henri. **Voyage au Itaboca et l'itacayuna**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1898.; COUDREAU, Henri. **Voyage entre Tocantins et Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899.; COUDREAU, Henri. **Voyage au Yamundá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899.

Após sua morte, quando explorava o rio Trombetas, a sua mulher Octavie Coudreau continuou o trabalho contratado pelo explorador, dessas viagens a exploradora deixou as seguintes relatos: COUDREAU, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899.; COUDREAU, Octavie. **Voyage au Cuminá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899.; COUDREAU, Octavie. **Voyage au rio Curuá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.; COUDREAU, Octavie. **Voyage au Mapuera**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.; COUDREAU, Octavie. **Voyage au Maycuru**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.

54 É preciso ter cuidado para não confundir as idéias de Coudreau com relação ao meio geográfico com determinismo geográfico. Ele (Coudreau), adepto da geografia anarquista de Elisée Reclus, pensa a natureza (o meio natural) como uma grande ordem, coisa que como já vimos aqui está presente também no pensamento econômico dos fisiocratas desde o século XVIII e no positivismo do século XIX. Os anarquistas e positivistas partem do princípio de que a natureza é harmoniosa, organizada a partir de uma ordem material. Esta natureza harmônica é regida por leis que o homem não pode transgredir. A ação do homem sobre este meio deve ser feita de maneira lenta, gradual e científica, para que não se altere a ordem natural. O conhecimento destas leis é a condição necessária para a liberdade humana. Curiosamente a Lei Natural é a única lei aceita pelos anarquistas.

Por outro lado, o determinismo geográfico, conceito expresso pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel, ao aplicar os preceitos da teoria da evolução de Charles Darwin à humanidade, em sua obra *Antropogeografia: fundamentos da aplicação da Geografia à História* (1882), versa sobre as influências que as condições naturais exerceriam sobre a humanidade, sustentando a tese de que o meio

natural seria uma entidade definidora da fisiologia e da psicologia humanas, ou seja, o homem seria muito marcado pela natureza que o cerca.

O cuidado deve ser redobrado pois os conceitos, na sua forma descritiva, podem parecer próximos. No entanto, eles são essencialmente diversos e radicalmente antagônicos. A natureza (o meio natural) entendida pelos iluministas fisiocratas, positivistas e anarquistas está inscrita numa ordem natural, mas esta ordem não é imutável. É preciso compreendê-la de forma científica para poder operar mudanças de forma gradual e racional. O homem, na sua essência natural, faz parte desta ordem, formando um conjunto holístico. No entanto, ele não é um elemento passivo desta ordem. Da mesma forma que ele recebe influência do meio natural, ele também opera mudanças neste meio. O que remonta, também, à perfectibilidade humana descrita por Rousseau.

55 COUDREAU, Henri Anatole. **O Futuro da Capital do Pará**. Trad. Rosistela P. de Oliveira e Érica Pinto de Azevedo. Imprensa Oficial do Estado do Pará. 2002. Tradução a partir do original “L’Avenir da Capital du Pará”. Bibliotheca e Archivo Público do Pará. 1915. p. 11.

56 Ibid., p. 11.

⁵⁷ DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica**. São Paulo: Nobel, 1989.

⁵⁸ WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1993.

⁵⁹ SARGES, Nazaré. **Riquezas Produzindo a Belle Epoque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

60 O texto de Sanjay Subrahmanyam, *On World Historians in the Sixteenth Century*, procura, como diz o próprio autor, mostrar uma possível genealogia para a noção de world history por leituras históricas que foram escritas em uma escala mundial, no século XVI. Ele argumenta que tais trabalhos eram muito mais extensamente dispersados mais do que até agora se suspeitava, e eram de maneira alguma um fenômeno estritamente europeu; os exemplos do México, do Império Mongol, dos domínios Otomano, e da Polônia, todos encontram seu lugar na discussão. Mais além, tais histórias fazem parte de uma esfera da circulação de materiais textuais e visuais em escala planetária. Finalmente, o relacionamento entre tais histórias e a antiga tradição de “histórias universais” é explorada, mostrando as distinções entre elas. (SUBRAHMANYAM, Sanjay. **On World Historians in the Sixteenth Century**. CALIBER – Journals of the University of California Press. Representations, Summer 2005, Vol. 91, No. 1, Pages 26-57)

O exercício que fizemos, procurando enquadrar o nosso viajante, Henri Coudreau, no âmbito da world history, não se esgota aqui, e nem é nosso interesse por ora. Aproveitamos para fazer esta abordagem direta, à maneira do trabalho de Sanjay Subrahmanyam, claro que numa redução milesimal em comparação ao trabalho do historiador indiano, porque entendemos que o explorador ele próprio pode muito bem ser tomado como um world historian. No futuro, uma pesquisa mais sistemática poderá relacionar Coudreau a outros viajantes, na mesma época, em outras partes do mundo.

⁶¹ Coudreau não é o único a pensar a história futura da Amazônia no sentido de uma World History, no século XIX. Há meio século antes que Coudreau escrevesse este documento um outro francês, Alcides de Orbigny, traçava na “Descripción Geografica, Histórica y Estadística de Bolivia”, obra dedicada ao presidente boliviano José Ballivián, uma dupla saída para a Bolívia que tomaria dois caminhos distintos: um seguindo pelo estuário do Prata e outro pelo rio Amazonas.

O interessante é que o mesmo prevê a construção de um canal que ligaria, dentro desta dita região, as duas bacias hidrográfica:

Los últimos tributarios del Amazonas se confunden, por decirlo así, con los primeros del rio de la Plata: en la estacion lluviosa se puede pasar en pequeñas barcas de una vertiente á la otra, y bastaria abrir un canal de cuatro mil ochocientas varas, por en medio de un bañado, para completar un canal natural que empezase en la embocadura del rio de las Amazonas y terminase en la entrada del rio de la Plata, despues de haber recorrido treinta y cuatro grados de latitud, ó poco mas ó ménos mil docientas leguas de largo, atravesando todo el centro de la América meridional. (ORBIGNY, Alcides de (1802-1857). **Descripcion Geografica, Historica y Estadistica de Bolivia**, Tomo Primero. Paris: Gide, 1843., p. 17. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k830606>>. Acessado em 14.jan.2007.)

Para Orbigny a província de Moxos viria a ser no futuro uma praça central de operações comerciais, praticadas em escala vastíssima. Neste caso como Coudreau o viajante fala e pensa o futuro da região a partir do seu local. A diferença, no entanto, é que diferentemente de Belém, que seria entreposto de uma vasta região interligada pelo seu porto à Europa e Estado Unidos, Moxos viria a ser além de um centro de trocas, uma região produtora. Além disso, seria uma região privilegiada por ser o centro da América Latina.

Orbigny empreendeu uma longa viagem de 8 anos pela América Latina, a serviço da Academia de Ciências de Paris, no período de 1826 a 1834.

Fruto desta viagem à América Meridional o autor deixou, além da **Descripción geográfica, histórica y estadística de Bolivia**, mais duas obras de valor extraordinário: **Viaje a la América meridional** (1845) em que, a maneira de diário, narra sua viagem incluindo importantes dados botânicos, zoológicos, geológicos, históricos, urbanísticos, arqueológicos, acompanhada de 500 pranchas aquareladas de sua autoria e **El hombre americano** (1838) que constitui um importante aporte para a etnologia americana.

A já conhecida **Descripción geográfica, histórica y estadística de Bolivia**, por sua vez, foi uma obra encomendada pelo presidente José Ballivián, a qual devia ser um trabalho que abarcaria todo o país, mais por diversas razões acabou por ficar inconclusa, com apenas a publicação do tomo I dedicado a Moxos e Caupolicán.

62 COUDREAU, Henri Anatole. **O Futuro da Capital do Pará**. Trad. Rosistela P. de Oliveira e Érica Pinto de Azevedo. Imprensa Oficial do Estado do Pará. 2002. Tradução a partir do original “L’Avenir da Capital du Pará”. Bibliotheca e Archivo Público do Pará. 1915. p. 11.

63 Ibid., p. 11.

64 Ibid., p. 12.

65 Ibid., p. 12.

66 COUDREAU, Henri. **Les Français em Amazonie**. Paris: Picard-Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque coloniale. Illustré par P. Hercouët ET F. Massé, 1887., p. 43, tradução nossa.

⁶⁷ As referências a Marx, Koprotkin, Summer são feitas pelo próprio Coudreau em seus relatos. Seria interessante uma pesquisa mais profunda capaz de situá-lo melhor, por meio de uma análise dos seus escritos, procurando identificar as diversas vozes presente no seu texto. Como também entender como estas idéias são recebidas e digeridas por ele? Até que ponto ele foi influenciado e também influenciou a maneira de pensar de seus contemporâneos, caso de um Elisée Reclus, por exemplo? Ora, Elisée Reclus produziu vastos documentos sobre a Amazônia sem nunca ter visitado a região. No entanto, sabemos que o célebre anarquista trocava correspondências com o nosso viajante. Daí é difícil precisar a paternidade de elementos semelhantes presentes na obra de Coudreau e na obra do seu amigo e mestre. O mais certo é falar em diálogos. De qualquer maneira, uma pesquisa desta levaria tempo. Seria necessário o exame de todos os escritos produzidos pelas duas partes. No caso de Coudreau e Reclus, quase 40.000 páginas escritas. Por ora, podemos sugerir que o mesmo elabora suas idéias levando em conta sua bagagem cultural influenciada pelo pensamento de Rousseau e diálogos com as idéias anarquistas e o socialismo em fase de gestação. Sobre as relações entre Reclus e Koprotkin, ver **RECLUS, Elisée. Correspondance. Tome I. Décembre 1850-mai 1870**. Paris: Schleicher Frères, 1911-1925. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k83235j>>. Acessado em 29.set.2006.

68 COUDREAU, Henri. **Les Français em Amazonie**. Paris: Picard-Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque coloniale. Illustré par P. Hercouët ET F. Massé, 1887., p. 201, tradução nossa.

69 COUDREAU, Henri. **De l’émigration européenne das les prairies de Guyane**. Paris: Bulletin de la Société de Géographie commerciale de Paris, t. VII, 1884-1885, p. 265-274, tradução nossa.

⁷⁰ COUDREAU, Henri. **La France Équinoxiale**, Tome Premier. Paris: Challamel Ainé, Éditeur, 1886., p.387-429, tradução nossa.

71 Ibid., p.387-429, tradução nossa.

72 Além das idéias positivistas, claramente presentes no pensamento de Coudreau, o autor parece aqui ter se inspirado em João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, primeiro governador do Estado do Amazonas, filho de Bento Tenreiro Aranha, que escrevia em 1852 :

Os imigrantes portugueses, unindo-se às raparigas do país, dão nascimento à esta nova e admirável raça dos mamelucos, raça que se distingue das tribos selvagens, não somente pela cor mais clara, mas ainda, mas sobretudo, pelo amor com o qual

consagra-se à agricultura e as artes industriais; e cujas magníficas explorações testemunham já do elevado grau de indústria e civilização ao qual chegou. Na Amazônia, o futuro é deste novo Homem.

O referido texto foi citado por Coudreau em seu livro COUDREAU, Henri. **Les Français em Amazonie**. Paris: Picard-Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque coloniale. Illustré par P. Hercouët ET F. Massé, 1887., p. 192, tradução nossa.

73 Novamente Coudreau faz uma referência explícita ao positivismo. Melhor, à Religião da humanidade. A Religião da Humanidade foi criada por Comte a partir de sua busca por uma espiritualidade plenamente humana, adaptada a uma época em que o ser humano poderia, segundo ele, viver esclarecido pela ciência, com uma atividade prática totalmente pacífica e baseada no altruísmo. A Humanidade é definida como o "conjunto de seres humanos convergentes, passados, futuros e presentes" (COMTE, Catecismo positivista)

74 BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859-1899) – Dernier Explorateur français em Amazonie**. Paris. L’HARMATTAN, 2000., p. 88, tradução nossa.

75 Aqui nos parece que Coudreau consegue fazer uma síntese de todas as idéias que ruminava. Uma mistura de romantismo rousseauiano, positivismo, anarquismo e socialismo. Apesar dos ideais positivistas e anarquistas, no século XIX, não serem tão distantes.

76 “Bom Selvagem” ou “selvagem”, como normalmente era denominado por Rousseau, é o homem no “estado de Natureza”, conforme caracterizado em seu Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens. Um ser pacífico, inocente e sereno.

Na nota J do mesmo discurso, Rousseau chega mesmo a desconfiar que os orangutangos, os “habitantes das florestas”, seriam “homens selvagens”:

[...] vários animais semelhantes aos homens – que os viajantes consideram como feras, por causa de algumas diferenças que notaram na conformação exterior, ou unicamente porque tais animais não falam – eu desconfio serem, com efeito, verdadeiros homens selvagens, cuja raça, dispersada antigamente nos bosques, não encontrara ocasião de desenvolver qualquer de suas faculdades virtuais, não adquirindo nenhum grau de perfeição e encontrando-se ainda no estado primitivo de natureza. (ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social e outros ensaios**. – 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978 – Col. Os pensadores).

Ao examinar o Discurso Sobre a Desigualdade, resumindo a vida que levavam os homens no estado de natureza, podemos concluir que: era puramente animal, estava limitada às sensações puras “e com muita dificuldade aproveitando-se dos dons que lhes oferecia a natureza”. Os acontecimentos principais desta vida eram a alimentação e a sexualidade, mas não implicavam quaisquer relações contínuas dos humanos entre si. Portanto, o homem em seu estado natural não se relaciona mutuamente, não possui laços, vivem isolados. Contudo, quando o homem sente a necessidade de contar com a assistência de seus semelhantes, começa os primeiros progressos como a construção de habitações, a constituições de famílias (que é a primeira forma de sociedade) e o surgimento das

primeiras formas de propriedade. Até aí, o que seria a idade de ouro, o homem está a meio caminho entre a adolescência primitiva e a perversão atual.

Apesar de sua paixão pelo homem selvagem, de sua evidente nostalgia a um paraíso perdido, é claro que Rousseau não pensa que tal estado seja viável ao homem moderno. Rousseau não viu, no entanto, qualquer dicotomia intransponível entre o natural, pré-social, benigno e verdadeiro, e o artificial, social, maligno e corrupto. Para ele, é possível viver na sociedade permanecendo fiel à natureza humana.

Já o *bom selvagem* descrito por Chateaubriand, que é o mesmo do positivismo, tem um alcance mais amplo, podendo até constituir sociedades bastante complexas, pois:

Quase sempre confundiu-se o estado de natureza com o estado selvagem: desta confusão chegou a figurar-se que o selvagem não tinham governo, que cada família era conduzida simplesmente pelo seu chefe ou pelo seu pai; que uma caça ou uma guerra reunia ocasionalmente as famílias num interesse comum; mas que este interesse satisfeito, as famílias voltavam ao seu isolamento e a sua independência. São erros notáveis. Reencontra-se entre os selvagens os tipos de governos conhecidos dos povos civilizados, desde o despotismo até à república, passando pela monarquia limitada ou absoluta, eleita ou hereditária. Os Índigenas da América setentrional conhecem as monarquias e as repúblicas representativas; o federalismo era uma das formas políticas mais comuns empregadas por eles (...) O erro onde caiu-se relativamente à existência política do governo selvagem é mais singular, foi devido terem sido iluminados pela história dos Gregos e dos Romanos: ao nascimento do seu império que tinham instituições muito complexas.(...)As leis políticas nascem nos homens antes das leis civis(...) As leis políticas nascem espontaneamente com o homem, e estabelecem-se sem antecedentes; encontra-se em hordes as mais bárbaros.”

(CHATEAUBRIAND, François-René. Voyage en Amérique. 1827. Disponível em: <<http://www.poesies.net/chateaubriandvoyageamerique.txt>>. Acessado em: 23.jan.2007. Tradução nossa).

Neste caso, Coudreau pode muito bem ter sido influenciado por Rousseau, como também pode ter sido pelo positivismo, pela geografia anarquista de Reclus, pela idéias de François-René Chateaubriand (1768-1848) e até mesmo pelo indigenismo brasileiro, este, alias, influenciado por Chateaubriand e pelo positivismo.

77 Rousseau afirma no Discurso Sobre a Origem da Desigualdade que os serem humanos, mesmo na sua condição primitiva, possuem duas faculdades que os distingue definitivamente dos animais. Uma delas é o livre-arbítrio; a outra é “a faculdade de aperfeiçoamento pessoal”, a que ele chama de perfectibilidade. Neste caso, Rousseau deliberadamente descarta a razão como elemento diferenciador entre o homem e o animal. Rousseau deixa claro que o que difere o homem do animal são a sua liberdade e a sua perfectibilidade e não a sua razão. No seu livro Emílio ou Da Educação Rousseau também diz que a razão não é um dos principais atributos do homem natural: “Dai concluo que não é

verdade que os preceitos da lei natural assentem na razão: tem uma base mais sólida e segura. O amor dos homens é o princípio da justiça humana.” (Emílio, IV, 235). Bem entendido, “a razão por si só” não pode ser o fundamento dos preceitos da lei natural.

⁷⁸ Os Bonni, assim conhecidos devido à fama de um de seus líderes de mesmo nome, são quilombolas remanescentes de um grupo de ex-escravos das plantações de cana da Guiana Holandesa, atual Suriname, que se refugiaram nas matas em busca da liberdade. A origem das tribos bonni remonta a 1770, época em que um grupo de quatrocentos a quinhentos escravos refugiados se instalaram na parte nordeste de Suriname, perto do rio Barbakoeba. Dali, liderados por Bonni e Aluku o grupo se lança a vários ataques de razias a inúmeras plantações na Guiana Holandesa, atual Suriname. Em represália aos ataques, durante décadas, o governo colonial organiza uma série de campanhas militares contra o grupo que resiste e vence a maioria delas. No entanto, ao passar dos anos, as constantes guerras fragmentam o grupo que é obrigado a refugiar-se para a Guiana Francesa e Inglesa. A paz só foi selada em 1860, depois de quase um século de lutas ininterruptas. É entre os Bonni que Crevaux vai encontrar Apatou, seu guia e amigo inseparável que o acompanhará na maior parte de suas expedições, tendo inclusive visitado Paris onde faz sucesso em apresentações na Sorbonne. O mesmo Apatou também acompanha Coudreau em sua primeira viagem de exploração na Guiana Francesa. Hoje a população Bonni conta com mais de 2.000 mil pessoas, a maioria vivendo na Guiana Francesa. Sobre o assunto ver: LAMUR, E. Humphrey. **The impact of Maroons Wars on population policy during slavery in Suriname**”, publicado no *The Journal of Caribbean History*, vol. 23 (1), 1989, pp. 1-27.)

⁷⁹ Sobre a visão dos viajantes sobre os mocambeiros do Baixo Amazonas ver: FUNES, Eurípedes. **Nasci nas matas: nunca tive senhor’: história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 1995. Ver também a monografia de graduação do Professor Adrin Moura de Figueiredo, da UFPA: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **O negro na fala do branco: o discurso de Madame Coudreau sobre os mocambeiros do Curuá. 1989**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal do Pará.

⁸⁰ É muito provável que Coudreau tenha mesmo chegado a esta conclusão observando em suas viagens índios desaldeados que tivesse de adotar táticas e extratécnicas para sobreviver em meio aos brancos. No entanto, a possibilidade que o mesmo tenha chegado a essa conclusão não só pela observação mas pela idéia que tinha dos índios a partir das suas leituras de Rousseau ou mesmo pelo pensamento positivista não pode ser descartada.

Rousseau, em seu “Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens”, distingue, implicitamente, segundo o sociólogo Paul Arbousse-Bastide, duas espécies de selvagens: 1) os bons selvagens, que conservam a simplicidade do estado de natureza original – seriam antes “primitivos”; 2) os maus selvagens, que aprenderam os vícios da corrupção social sem equilibrá-los com as vantagens da civilização – seriam antes “barbaros”. Ao consultarmos o texto de Rousseau, somos também levados ao mesmo entendimento.

Logo no prefácio, Rousseau deixa claro que:

É fácil de ver que nessas mudanças sucessivas da constituição humana é que se deve procurar a origem primeira das diferenças que distinguem os homens, os quais, na opinião comum, são naturalmente tão iguais entre si quanto o eram os animais de cada espécie antes que várias causas físicas tivessem introduzido em algumas espécies as variedades que nela notamos. Com efeito não é concebível que essas primeiras mudanças, sejam quais forem os meios pelas quais se deram, tenham alterado, a um só tempo e da mesma maneira, todos os indivíduos da espécie; porém, tendo uns aperfeiçoado ou deteriorado e adquirido várias qualidades, boas ou más, que de modo algum eram inerentes à sua natureza, ficaram outros por mais longo tempo em seu estado original. (ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social e outros ensaios**. – 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978 – Col. Os pensadores., p. 227).

Da mesma forma, o positivismo distinguia os indígenas entre bons e maus selvagens. No mesmo período em que Coudreau escrevia *Chez Nous indiens*, 1887 – 1891, obra na qual desenvolve as suas teses em relação aos índios da Amazônia, já se travava no Brasil intensa discussão em torno do problema indígena brasileiro, levada a cabo por positivistas brasileiros, como Miguel Lemos e Teixeira Mendes, os quais tinham o jornal gaúcho *A Federação* como veículo de divulgação de suas idéias.

Cintia Régia Rodrigues, ao analisar a construção da imagem do índio no jornal “*A Federação*”, no intervalo de 1884 a 1910, notou a permanência, durante todo o período, da imagem do *bom selvagem*, como sendo aquele que detinha qualidades e estava na infância da humanidade, estando subjugado perante a sociedade; bem como da imagem do *mau selvagem*, esse que matava, agredia, e era um empecilho ao desenvolvimento da sociedade e retardava o progresso em todos os aspectos, mas principalmente no econômico, pois não trazia nenhum benefício à sociedade. (RODRIGUES, Cíntia Régia. **O Positivismo e a imagem do índio no jornal A Federação**. Londrina: Anais do XXIII Simpósio da ANPUH, 2005.)

81 O termo “Hussard Noir de la République” era aplicado, na III República Francesa, no período que segue as reformas Jules Ferry, ao professor laico: uma alusão ao seu papel de propagandista da laicidade contra o ensino religioso vigente na França até aquele momento. A palavra “hussard” refere-se a um combatente, a um membro da cavalaria ligeira; o adjetivo “noir” lembra a roupa que o professor usava. A cor preta dos uniformes dos professores das Escolas Normas, **das quais Coudreau foi professor** antes de se tornar explorador, criadas a partir de 1879, em toda a França e colônias francesas, tinha por objetivo dar um ar de severidade à instituição escolar laica, ao que abria precedente para serem chamados também de “hussard de la sévérité”.

O apelido tornou-se popular a partir da obra *L'argent* de Charles publicada em 1913: "Os nossos jovens mestres eram bonitos como hussards pretos." (PÉGUY, Charles. **L'Argent, l'Argent suite, 1913**. Paris, Gallimard, 1932).

82 Já tivemos, aqui, a oportunidade de analisar as contradições presente no pensamento de Coudreau quando o comparávamos ao Marechal Cândido Rondon. Vimos que o paradoxo central dos dois viajantes é a crença de que seriam capazes de “proteger os indígenas” ao mesmo tempo que se

propunha o desenvolvimento, “o progresso”, nas terras ocupadas por estes mesmos índios. Devemos tomar cuidado, no entanto, em tomá-los como contraditórios. Devemos ter em mente que o que é para nós uma proposição aporética, para um contemporâneo de Coudreau ou Rondon é a mais perfeita lógica. Devemos entender que existe uma questão central que é inegável: para eles o progresso, a “marcha civilizatória”, “evolução da sociedade e da civilização” é inexorável e infinita. A ordem (bem entendida como a “ordem natural”) e o progresso são fatores que podem até ser contraditórios, mais não irreconciliáveis. Vejamos bem: o homem natural está inscrito, obviamente, na ordem natural; e a natureza e o homem participam de uma evolução natural. Logo, para que haja o progresso, ou seja, a aceleração desta evolução, basta que se conheça as leis da natureza. Desta maneira, mostrar aos “selvagens”, através de exemplos e ensinamentos os óbvios benefícios da indústria e da sociedade moderna e deixar que estes por livre iniciativa adotasse tais formas “civilizadas” de vida, não alteraria a ordem natural das coisas, já que o livre-arbítrio é condição natural do homem.

⁸³ Sobre o pensamento de Quatrefages ver suas obras: QUATREFAGES DE BREU, Jean Louis Armand de (1810-1892). **Darwin et ses précurseurs français : étude sur le transformisme**. Paris: F. Alcan, 1892. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61984s>>. Acessado em 12 jun.2007.; QUATREFAGES DE BREU, Jean Louis Armand de (1810-1892). **Rapport sur l'ouvrage de M. Jules Duval intitulé "Histoire de l'émigration européenne, asiatique et africaine au XIXe siècle"**. Paris: impr. de E. Martinet, 1863. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k432425w>>. Acessado em 12 jun.2007.; QUATREFAGES DE BREU, Jean Louis Armand de (1810-1892). **Souvenirs d'un naturaliste**. Paris: Charpentier, 1854. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1068234>>. Acessado em 12 jun.2007.; QUATREFAGES DE BREU, Jean Louis Armand de (1810-1892). **L' espèce humaine**. Neuvième édition. Paris: Ancienne librairie germer baillièrre et cie félix alcan éditeur, 1888. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ga000738.pdf>>. Acesso em 12 jun.2007.; QUATREFAGES DE BREU, Jean Louis Armand de (1810-1892). **La Floride**. In: Revue dès Deux Mondes. 1843. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k355423>>. Acesso em: 12 ago.2007.

84 QUATREFAGES, apud COUDREAU, Henri. **Les Français em Amazonie**. Paris: Picard-Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque coloniale. Illustré par P. Hercouët ET F. Massé, 1887, tradução nossa.

85 COUDREAU, Henri. **La France Équinoxiale**, Tome Second. Paris: Challamel Ainé, Éditeur, 1887., p. XIII, tradução nossa.

86 COUDREAU, Henri. **Les Français em Amazonie**. Paris: Picard-Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque coloniale. Illustré par P. Hercouët ET F. Massé, 1887., p. 20, tradução nossa.

87 Já vimos anteriormente que Coudreau tinha a convicção que há determinados pontos do globo onde as características geográficas são naturalmete propícias ao desenvolvimento da civilização. Ele afirma que não importa se o homem elege este ou aquele lugar como estratégico, “as grandes cidades não são uma criação artificial do homem”. Neste caso, Counani seria um destes lugares escolhidos primeiro

pela sua condição geográfica de delta do Amazonas; segundo, pela mística relacionada à ancestralidade da região, tendo a região de Tupacamaque como um possível berço de civilizações pretéritas.

88 Esta região era, à época colonial, a fronteira entre o território controlado pelos Espanhóis e pela terra dos Índios Mapuche. Da mesma maneira que nos Estados Unidos, os Índios combateram os Espanhóis, depois o governo chileno até ao fim século XIX. Em 1860, Orélie- Antoine de Tounens, desembarca em Araucânia, onde é levado rapidamente em triunfo pelos nativos, que vêem nele o salvador que os libertará das exações chilenas. Em 20 de Novembro de 1860, é proclamado rei de Araucânia e da Patagônia: dois anos depois, é expulso e repatriado para a França. Ali, continua o seu combate em artigos publicados na imprensa. No entanto, tentando várias vezes reganhar o seu reino, será expulso outra vez pelas autoridades chilenas e argentinas, vindo a falecer em Tourtoirac (Dordogne) em 1878. O Mapuches são ainda majoritários na região, e a sua língua, o mapudungún, é atualmente ensinada nas escolas. Diversos jornais e rádios utilizam a língua mapuche. Sobre o assunto ver: BENGUA, José. **Historia del pueblo mapuche**. Santiago: Ediciones Sur. 1985.

89 De 1877 para 1883, um negócio inacreditável dividiu profundamente a opinião e suscitou por toda a parte controvérsias apaixonadas: um aristocrata bretão, Marques de Rays, nascido em Lorient em 1832, decidiu criar uma colônia livre no que é hoje a Papua Nova Guiné, uma área do globo que naquela época ainda não despertava o interesse das potências europeias. Sem nunca ter pisado o pé na região, o magnata a batizou de Nova França e o que seria a sua capital de Porto Bretão; a seguir, pôs-se a vender terrenos da nova colônia a todos os que queriam apoiar a sua empresa. Milhares e milhares de poupadores compraram-lhe lotes nesta terra promissora. Com uma considerável soma advinda das vendas dos terrenos o mesmo pôde adquirir vários navios e enviar para a nova colônia vários grupos de colonos aos quais prometia uma vida quase paradisíaca. A empresa foi à bancarrôta, os infelizes colonos encontraram o inferno e quase cento e quarenta deles encontraram, em vez de riquezas, a morte. Os sobreviventes encontraram refúgio na Austrália e na Nova Caledônia. A história desta inacreditável e trágica história é contada por Daniel Raphalen em: RAPHALEN, Daniel. **L'odyssée de Port-Breton, ou le rêve océanien du marquis de Rays**. Rennes : Les Portes du Large, 2006.

90 De uma série de trabalhos relacionados à questão do Contestado Franco-Brasileiro, tivemos a oportunidade de consultar a Tese de Doutorado de Nelson Sanjad, principalmente o capítulo 5, O Museu Paraense e as Questões Regionais, onde o autor elucida a querela entre Emílio Goeldi e Coudreau por conta dos trabalhos produzidos pelo viajante os quais davam conta que a França teria direito histórico sobre a área. Como estas obras (La France Equinoxiale e Les Français em Amazonie) seriam inevitavelmente utilizadas como documentos pela França perante o tribunal de arbitramento, Goeldi apressou em atacá-las, começando pelo empreendimento de duas expedições científicas à região (1890 e 1895), a pedido do governo do Estado do Pará e do ministro das Relações Exteriores, para verificar “in loco” as afirmações do Sr. Coudreau. As duas missões tiveram como resultado dois relatórios confidenciais dirigidos aos governos estadual e federal onde o cientista não poupa pesadas críticas às informações, no seu entender, nada científicas e levianas, dadas por Coudreau em suas obras. O ataque segue também em diversos artigos publicados no exterior. (Sanjad, Nelson. **A Coruja de**

Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907, RJ. Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. 2005.)

Um outro trabalho também consultado foi o trabalho de José Sarney e Pedro Costa, onde através da compilação e comentários de diversos documentos os autores narram a história política do Contestado. (Sarney, José; Costa, Pedro. **Amapá: a terra onde o Brasil começa**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.270 p.: il., fot. 2 edição – Coleção Brasil 500 anos).

91 BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859-1899) – Dernier Explorateur français en Amazonie**. Paris. L'HARMATTAN, 2000, p. 114

92 Coudreau prefaciou o livro (GROS, Jules. **Les Français em Guyane**. Paris. Hercouët et Bassan. 1887.).

93 William Graham Summer (1840-1910), sociólogo e economista americano, foi um dos mais influentes pensadores do grupo dos “darwinistas sociais”. Foi Summer em sua Obra *Folkways* que forjou o conceito de “etnocentrismo”. Segundo Summer,

o etnocentrismo é o termo técnico para esta visão das coisas segundo a qual nosso próprio grupo é o centro de todas as coisas e todos os outros grupos são medidos e avaliados em relação a ele. *Folkways* corresponde para ele cobrir tanto a relação interna como externa. Cada grupo alimenta seu próprio orgulho e vaidade, considera-se superior, exalta suas próprias divindades e olha com desprezo as estrangeiras. Cada grupo pensa que seus próprios costumes (Folkways) são os únicos válidos e se ele observa que outros grupos têm outros costumes, encara-os com desdém. (SUMMER, William Graham. **Folkways: A Study of the Sociological Importance of Usages, Manners, Customs, Mores, and Morals**. New York: Ginn and Company.1906., p. 13, tradução nossa.); disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/24253/24253-h/24253-h.htm#Page_13>. Acessado em 14.fev.2007.

94 COUDREAU, Henri. **La France Équinoxiale**, Tome Premier. Paris: Challamel Ainé, Éditeur, 1886., p. 395, tradução nossa.

95 Kropotkin defendia as comunas como unidades administrativas por estas estarem próximas do povo e de suas necessidades imediatas. Além disso, as comunas deveriam configurar-se em associações voluntárias que reunissem os interesses sociais representados por grupos de indivíduos ligados a elas. Para Kropotkin, estas comunas produziriam espontaneamente uma rede de cooperações capaz de substituir o Estado. (KROPOTKIN, Petr Alexeyevich (1842-1921). **La Commune : la Commune de Paris**. In: La Brochure Mensuelle, n. 180. Décembre. Paris: Groupe de propagande par la brochure, 1937. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k67549m>>. Acessado em 29.set.2006.). Ver também: WOODCOCK, G. **História das idéias e movimentos Anarquistas**. Porto Alegre: Ed. L&PM Pocket, 2002.; KROPOTKIN, Petr Alexeyevich (1842-1921). **Communisme et anarchie. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1903**. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81944z>>. Acessado em 29.set.2006.;

KROPOTKIN, Petr Alexeyevich(1842-1921). **La loi et l'autorité**. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1913. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81973j>>. Acessado em 29.set.2006.; KROPOTKIN, Petr Alexeyevich(1842-1921). **Le principe anarchiste**. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1913. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k819757>>. Acessado em 29.set.2006.; KROPOTKIN, Petr Alexeyevich(1842-1921). **La morale anarchiste**. Paris: ASH (Antony), 1989. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6550s>>. Acessado em 29.set.2006.; KROPOTKIN, Petr Alexeyevich(1842-1921). **L'Etat : son rôle historique**. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1906. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81948b>>. Acessado em 29.set.2006.

96 COUDREAU, Henri. **La France Équinoxiale**, Tome Premier. Paris: Challamel Ainé, Éditeur, 1886., p. 395, tradução nossa.

⁹⁷ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya**. Paris: A. Lahure, Imprimeur Editeur, 1897., p. 109, tradução nossa.

⁹⁸ Ibid., p. 110, tradução nossa.

⁹⁹ O dualismo existente na concepção do índio perpassa por toda nossa história, desde o período colonial até a primeira metade do século XX; e ele não se restringe apenas ao senso comum ou às observações dos cronistas e viajantes: essa dicotomia foi à base da nossa própria legislação e políticas indigenistas, como bem observa Beatriz Perrone-Moisés:

A diferença irreduzível entre "índios amigos" e "gentio bravo" corresponde um corte na legislação e política indigenistas que, encaradas sob esse prisma, já não aparecem como uma linha tortuosa crivada de contradições, e sim duas, com oscilações menos fundamentais. Nesse sentido, pode-se seguir uma linha de política indigenista que se aplica aos índios aldeados e aliados e uma outra, relativa aos inimigos, cujos princípios se mantêm ao longo da colonização. Nas grandes leis de liberdade, a distinção entre aliados e inimigos é anulada e as duas políticas se sobrepõem. (PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **Índios Livres e Índios Escravos – Os princípios da legislação indigenista do período Colonial (séculos XVI a XVIII)**. In: Cunha, Manuela Carneiro da. História dos Índios do Brasil. São Paulo: Cia . das Letras: Secretaria Municipal de Cultura:FAPESP, 1992., p. 117.

Da mesma forma que se deu com a legislação e a políticas indigenistas no período colonial, as quais separavam os índios em duas categorias radicalmente distintas: "índios amigos" e "gentio bravo", a legislação e políticas indigenistas do século XIX até a primeira década do século XX, tratavam de maneiras distintas os "índios bravos" e os "índios domesticados". Sobre o assunto ver : CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos Índios do Brasil. São Paulo: Cia . das Letras: Secretaria Municipal de Cultura:FAPESP, 1992.,

¹⁰⁰ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya**. Paris: A. Lahure, Imprimeur Editeur, 1897., p. 221, tradução nossa.

¹⁰¹ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tapajoz**. Paris: A. Lahure, Imprimeur Editeur, 1897., p. 31, tradução nossa.

¹⁰² Ibid., p. 31, tradução nossa.

¹⁰³ Ibid., p. 31, tradução nossa.

¹⁰⁴ Ibid., p. 32, tradução nossa.

¹⁰⁵ Ibid., p. 124, tradução nossa.

¹⁰⁶ Ibid., p. 125, tradução nossa.

¹⁰⁷ Ibid., p. 86, tradução nossa.

¹⁰⁸ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya**. Paris: A. Lahure, Imprimeur Editeur, 1897., p. 184-185, tradução nossa.

¹⁰⁹ Aqui Octavie Coudreau faz uma citação da última estrofe do poema *Dies Irae* do poeta francês Charles Marie René Leconte de Lisle (1818-1894). Este poema foi publicado em seu livro “Poèmes Antiques”: LACONTE DE LISLE, Charles Marie René. **Poèmes Antiques**. Paris: Alphonse Lemerre., p. 326. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/40362/Leconte-de-Lisle-Poemes-antiques>>. Acessado em: 21.jul.2008. Laconte de Lisle, um dos mais famosos dentre os poetas parnasianos franceses, tornou-se conhecido entre nós pela influência que teve na poesia de diversos poetas parnasianos brasileiros, dentre eles: Olavo Bilac.

¹¹⁰ O naturalista Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau (1810-92), criador do primeiro museu de etnologia na França (1880), era um dos principais defensores da unidade da origem da espécie humana. Quatrefages definiu a raça como “o conjunto de indivíduos semelhantes, pertencentes a uma mesma espécie, tendo recebido e transmitido pelos meios procriadores os caracteres de uma variedade primitiva.” Portanto a espécie é para ele o ponto de partida, dela surge isoladamente ou em grupos a variedade, que, quando consegue afirmar e transmitir seus caracteres por intermédio da hereditariedade, forma a raça:

A questão da unidade ou a multiplicidade das espécies humanas pode formular-se nos seguintes termos: as diferenças que distinguem os grupos humanos estão nos caracteres de espécie ou nos caracteres de raça?

Vê-se que a alternativa toda se desenvolve sobre as duas palavras espécie e raça. É, por conseguinte, absolutamente necessário precisar, tão exatamente que possível, o sentido de cada uma delas.

(QUATREFAGES DE BREU, Jean Louis Armand de. *L' espèce humaine*. Neuvième édition. Paris. Ancienne librairie germer baillièrre et cie félix alcan éditeur, 1888., p. 25, tradução nossa.)

¹¹¹ QUATREFAGES, Armand de. **La Floride**. *Revue des Deux Mondes (NOUV SERT T1)*., p. 757., disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k355423>>. Acessado em 18.abr.2006. Mesma

passagem é citada por Léon Poliakov em: POLIAKOV, Léon. **O Mito Araiano**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974., p. 204.

112 FUNES, E. A. **Otille Coudreau e os Mocambeiros do Baixo Amazonas**; Anais Eletrônicos do XIII Economic History Congress; 2002; XIII Economic History Congress; Buenos Aires; Argentina; Português; disponível em: <<http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/60Funes321.pdf>>. Acessado em 19.fev.2007.

113 Há uma curiosidade interessante com relação à grafia do nome de Octavie Coudreau utilizada por autores brasileiros. Devido à abreviação utilizada pela própria Madame Coudreau, que sempre assinara como “O. Coudreau”, disseminou-se nos textos sobre a viajante uma série de diferentes nomes. Por isso, é comum encontrar o seu nome grafado como Olga, Otile, Otilia, Odília, Otávia, Ondine, Otille etc. A grafia correta como sendo “Octavie” só foi possível depois do trabalho de Benoit (BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859-1899) – Dernier Explorateur français en Amazonie**. Paris. L’HARMATTAN, 2000, p. 88) que foi capaz de verificar a assinatura feita por extenso em diversos documentos, pela viajante.

¹¹⁴ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Cuminá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.,p.158, tradução nossa.

¹¹⁵ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **O negro na fala do branco: o discurso de Madame Coudreau sobre os mocambeiros do Curuá**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal do Pará. 1989.

¹¹⁶ FUNES, Eurípedes A. **“Nasci nas Matas Nunca Tive Senhor” – história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas**. São Paulo: USP, tese de doutorado, 1995

¹¹⁷ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1900., p. 130, tradução nossa.

¹¹⁸FUNES, Eurípedes A. **Otille Codreau e os Mocambeiros do Baixo Amazonas**. Disponível em: <<http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/60Funes321.pdf>>. Acessado em 19.fev.2007.

¹¹⁹ TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fosntes, 1983., p. 3

¹²⁰ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1900., p. 130, tradução nossa.

¹²¹ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Curuá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903., p. 18, tradução nossa.

¹²² COUDREAU, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1900., p. 130, tradução nossa.

¹²³ COUDREAU Ibid., p. 131, tradução nossa.

¹²⁴ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Curuá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903., p. 25-26, tradução nossa.

¹²⁵ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Cuminá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.,p.170, tradução nossa.

¹²⁶ Ibid., p. 164, tradução nossa.

¹²⁷ Ibid., p. 82, tradução nossa.

¹²⁸ Ibid., p. 132, tradução nossa.

¹²⁹ Ibid., p. 170, tradução nossa.

¹³⁰ Ibid., p. 170, tradução nossa.

¹³¹ Ibid., p. 150, tradução nossa.

¹³² Ibid., p. 172, tradução nossa.

¹³³ Ibid., p. 173, tradução nossa.

¹³⁴ Ibid., p. 173, tradução nossa.

¹³⁵ Ibid., p. 171, tradução nossa.

¹³⁶ Ibid., p. 171, tradução nossa.

Capítulo Segundo

1. Em busca do Bom selvagem: Análise iconográfica e Iconológica de fotografias de índios e civilizados tiradas pelo casal Coudreau.¹

1.1. Fotografar a Amazônia no século XIX: um ofício laborioso.

Não é, com efeito, uma sinecura, fazer fotografia em exploração, sem água pura, uma câmara escura difícil de instalar devido ao vento que levanta a tenda, então as placas são veladas, os banhos derrubados, e não me resta nada de um tão penoso trabalho.²

(Octavie Coudreau, *Voyage au Mapuera*)

O desabafo acima feito por Octavie Coudreau, em sua viagem ao rio Mapuera, no Estado do Pará, no ano de 1901, nos dá uma dimensão do que era fotografar no interior da Amazônia, em plena floresta úmida, no final do século XIX e início do XX. O Relato torna-se ainda mais dramático se dissermos que ele foi feito logo após um naufrágio onde a viajante perdera quase todo o seu material fotográfico, incluindo perto de uma centena de fotografias já reveladas. Imagine a dor para uma cientista perder esse “tesouro” a pouco colhido entre índios quase desconhecidos naquele tempo, mesmo entre os brasileiros.

Naquela época, mesmo contando com um considerável avanço tecnológico para a captação e o processamento da fotografia, o fotógrafo se que aventurasse pelo interior da selva tinha de enfrentar uma dura rotina para conseguir uns poucos instantâneos. A começar pelo transporte do material fotográfico: as emulsões para os banhos dos negativos de vidro compostas por produtos químicos altamente sensíveis, as chapas de vidro pré-sensibilizadas, as tendas de revelação; tudo isso sendo transportado em minúsculas canoas pelas águas nem

sempre calmas dos rios amazônicos; por isso, sujeito a qualquer instante tudo perder em iminentes naufrágios. A cada cachoeira, esses materiais sendo carregados nas costas por dentro da mata, juntamente com a canoa e toda a bagagem necessária à sobrevivência: víveres, ferramentas, armas, equipamentos para acampar; e muitas vezes, como no caso de Octavie - quando se podia dar ao luxo de ouvir grandes intérpretes da *Belle Époque*, longe dos faustosos teatros de Paris - um gramofone completava a bagagem necessária para enfrentar meses nas selvas longe dos centros “civilizados”. Nas noites de solidão, no coração da Amazônia, ouvir a vozes de um Enrico Caruso, um Feodor Chaljapin, uma Nellie Melba,³ certamente amenizava o espírito de uma mulher que passara a viajar sozinha com os seus marinheiros depois da morte do marido.

Os naufrágios rotineiros eram certamente os maiores inimigos destes fotógrafos, cientistas e aventureiros. Além de Octavie, seu marido Coudreau e outros tantos viajantes tiveram o dissabor de perder o resultado de meses de trabalho em naufrágios. Caso bem emblemático foi o ocorrido com o famoso Jean Chaffanjon⁴, viajante capaz de inspirar o escritor Jules Verne na criação de sua obra “L’Orénoque et le Caura Voyage aux Sources de l’Orénoque”. Chaffanjon perdera todo o registro fotográfico de sua viagem de dois anos, pelo rio Orinoco, na Venezuela, no período de 1885 a 1887, por conta de um naufrágio.

Além das dificuldades com o transporte do material e equipamentos fotográficos, da tomada da fotografia e o seu processamento, o fotógrafo viajante também enfrentava a desconfiança e, muitas vezes, a hostilidades das populações nativas, que reagiam, em certos casos, de forma violenta àquele estranho artifício capaz de *apreender* suas almas. Jules Crevaux⁵, médico da marinha francesa, no relato sobre a terceira viagem que fez através da Amazônia, em 06 de agosto de 1880, para estudar a comunicação entre os rios Madalena e Orenoco a partir da Colômbia, depois de atravessar a Cordilheira dos Andes, nos descreve a

dificuldade que ele e o seu companheiro de viagem, o famoso fotógrafo Félix Morin, tiveram para fotografar os índios Warao. Para ele, posicionar um Warao na frente da objetiva se constituía em uma tarefa árdua:

[...] não ficam tranqüilos na presença das manobras ligeiramente fantásticas da fotografia. Este aparelho montado sobre três pés esqueléticos, este ser esquisito, metade escondido sob o seu casaco, este grande olho redondo e fixo que às vezes se aproxima, às vezes se afasta e que parece querer hipnotizá-lo, aguça evidentemente a sua imaginação. Também não é sem dificuldade que se obtém dos pacientes a imobilidade necessária. As primeiras provas não são completamente satisfatórias, mas os indígenas gradualmente tomam coragem, e logo, completamente tranqüilizados e, sobretudo ligeiramente maravilhados pelos resultados obtidos, disputam a vez de posar...⁶

Dois anos depois, quando explorava o rio Pilcomayo entre a Bolívia e a Argentina, a serviço do governo Boliviano, Crevaux e todos os seus dez companheiros de viagem desapareceram misteriosamente na região próxima a uma área habitada, na época, pelos índios Tobas de reconhecida hostilidade. Tempos depois do desaparecimento do grupo outra expedição comandada por Thouar foi enviada à região com o objetivo de encontrá-los. Ninguém vivo. Um único vestígio foi encontrado: uma maleta de médico com a inscrição J.C. Não se sabe, no entanto, se as mortes tiveram alguma relação com o de Crevaux ser um fotógrafo. De qualquer forma, aguça a nossa imaginação a morte de outro fotógrafo, em 1901, numa região muito próxima àquela onde se deu o desaparecimento da expedição de Crevaux, ter ocorrido pelo único motivo de ele ser fotógrafo.

Estamos falando do explorador, etnógrafo e artista italiano Guido Boggiani⁷. Este também fotógrafo, seguramente o maior fotógrafo dos índios brasileiros do século XIX, foi morto pelos índios Tumrahas, que o consideravam um bruxo perigoso que roubava os seus

espíritos com um *diabólico instrumento*. Boggiani foi decapitado e enterrado com mais de 500 fotografias para que não pudesse voltar para se vingar.⁸

Voltando a nossa viajante, devemos lembrar que apesar de todas as dificuldades pelas quais passavam um fotógrafo itinerante na sua época, devemos lembrar que o resultado tanto quantitativo quanto qualitativo de suas fotografias deveu-se ao avanço considerável que a indústria fotográfica experimentara naquele século. A fotógrafa Octavie, como bem ficou provado em seu relato do naufrágio no rio Mapuera, já utilizava a *chapa seca*, uma revolução tecnológica da indústria fotográfica do século XIX, que mudou radicalmente a maneira de fotografar. E essa mudança não restringiu apenas ao processo fotográfico em si. Foi mais longe: alterou a própria linguagem fotográfica.

As *chapas secas* eram compradas já prontas para serem usadas, o que facilitava a ação do fotógrafo, agora preocupado somente com o objeto a ser fotografado. Com a *chapa seca* ele podia fazer fotografias em série, deixando o processamento do negativo só para depois. Imaginemos que antes da invenção da *chapa seca*, a utilização do *colódio úmido* tolhia o fotógrafo, por exemplo, de fazer um registro *instantâneo*. Ele jamais poderia fotografar uma ação em curso porque antes de fazer a fotografia ele tinha que banhar a chapa de vidro com o material fotossensibilizante, fotografar e logo em seguida fazer a revelação. Isso acontecia, porque o composto químico utilizado, para a fixação do nitrato de prata fotossensível à chapa, era formado por partes iguais de álcool e éter misturados a uma solução de nitrato de celulose; como podemos ver um composto altamente instável, propício, por exemplo, à combustão espontânea. Razão pela qual o fotógrafo tinha que tomar a fotografia ainda com a chapa úmida (donde a menção “úmida”) para assegurar a ação do álcool e do éter, elementos estes, que devido a sua volatilidade, evaporaria rapidamente.

As *placas secas* foram inventadas em 1871 pelo inglês Richard Maddox (1816-1902), recebendo esta denominação justamente por diferenciá-la do *colódio úmido*. As *placas secas* empregavam, ao invés do álcool, do éter e do nitrato de celulose, a gelatina animal como elemento ligante do nitrato de prata. Em 1885, estas chapas já eram produzidas industrialmente pelos irmãos Lumière, em sua fábrica na periferia de Lyon, onde empregavam mais de 300 funcionários, os quais produziam cerca de 50 mil chapas por dia.

Para se ter uma idéia da mudança na linguagem da fotografia pós-invenção da *chapa seca*, basta compararmos uma fotografia de índios feita por Albert Frisch (imagem 01), na província do Amazonas, em 1865, com as fotografias de Octavie Coudreau. A rigidez das poses, no primeiro, contrasta radicalmente com a menção de movimento, de uma ação em curso, no segundo caso. E olha que o criativo fotógrafo alemão utilizava de um artifício sensacional na tentativa de amenizar este efeito artificial do registro fotográfico à época: a combinação de duas fotografias. Primeiro, ele fotografava o modelo diante de um fundo neutro, conseguindo a exposição perfeita. Em seguida, ele fotografava o ambiente real no qual o personagem vivia, para depois combinar os dois negativos no ato da cópia sobre o papel albuminado.⁹



Imagem 01 - Albert Frisch – Indios Umuauás às margens do rio Japurá. Província do Amazonas, c. 1865. Albúmen, 23,8 x 18,3 cm. Coleção Institut Für Läderkunde/Leipzig.

1.2 - Fotografias de Viajantes na Amazônia dos Séculos XIX: Uma Arte a Serviço da Ciência

Desde a primeira viagem feita à foz de um dos maiores dos seus rios, em 1500, por Vicente Pinzón, a região que mais tarde veio a ser chamada de Amazônia, graças à lenda construída por Orellana, Raleigh e pelo padre Acuña e divulgada por La Condamine, a partir do mito das guerreiras amazonas, sempre despertou a imaginação daqueles que embrenharam por suas matas ou singraram seus rios à procura de riquezas, almas, descobertas científicas ou por pura aventura. Cada visitante, além de reiterar as lendas existentes, adicionava outras impressões míticas, num emaranhado de relatos comparáveis somente à sua intrincada e densa vegetação. O que era Jardim do Éden passa às vezes a Inferno Verde, dependendo do humor de quem relata. Assim se fez a Amazônia e assim foi vista pelo menos até o século XIX, quando os trabalhos dos naturalistas que percorreram a região, já a partir do século XVIII, foram, aos poucos, contribuindo para a mudança dessa mentalidade para uma nova representação que marca o distanciamento frente ao exotismo do novo mundo.

Com a chegada da família real portuguesa, o país se abria ao mundo e despertava curiosidade. Intensifica-se assim uma grande corrida ao país em busca de novidades capaz de dar subsídios às ciências naturais. Inicialmente, o próprio D. João VI incentivou e financiou grandes missões científicas e artísticas. Além do próprio interesse interno, outros países europeus enviam seus naturalistas viajantes movidos pela febre de colecionismo que se alastrou, a partir da segunda metade do século XVIII, pela Europa e América, com a inclusão da História Natural nos programas de viagens, científicas ou não. O que antes era apenas uma coisa dada, imutável, propícia apenas à contemplação, passa, na *Idade Clássica* (o termo é de Foucault), a ser observada, dissecada, catalogada de modo a encurtar a distância entre as coisas e a linguagem. Assim, a História Natural vai "conduzir a

linguagem o mais próximo possível do olhar e, as coisas olhadas, o mais próximo possível das palavras." ¹⁰

É nesse contexto que os viajantes naturalistas desembarcam em nossas praias (e mal desembarcam já ganham as matas ou os rios), esquadrinhando plantas, bichos e gente. Para falar apenas de alguns de uma numerosa lista, e apenas destacando aqueles que vieram para a Amazônia, além do casal Coudreau tratado à parte neste trabalho, citamos: La Condamine¹¹, Alexandre Rodrigues Ferreira¹², Humboldt ¹³ (que teve a sua viagem interrompida quando chegou à região), Henry Walter Bates¹⁴, Alfred Russel Wallace¹⁵, Hércules Florence¹⁶ (que integrou a expedição do barão Langsdorff), o zoólogo Johan Baptist von Spix¹⁷ e o botânico Carl Friedrich von Martius, a Expedição Thayer encabeçada por Louis Agassiz¹⁸; Jules Crevaux¹⁹ e outros. De seus relatos um legado inestimável para a compreensão do nosso passado. Até porque, somos, em certo sentido, constructos do que viram e interpretaram, à sua maneira etnocêntrica, os viajantes europeus e mesmos brasileiros que pensavam como europeus. Em última instância fomos inventados pelos relatos dos viajantes. Relatos estes reforçados pelos teóricos iluministas e confirmados pelo cientificismo do século XIX.

Acompanhando tais relatos uma profusão de imagens visuais (gravuras, mapas e fotografias), pois a necessidade de descrição é tão grande que lhes faltam palavras. Para Miriam Lifchitz Moreira Leite “as palavras dos viajantes nem sempre correspondiam ao vocabulário nativo do país visitado e as espécies encontradas tinham de ser reproduzidas idênticas e em todos os mínimos detalhes a fim de que fosse possível a compreensão do que nunca tinha sido visto” ²⁰. Dai recorrer às imagens, como forma a garantir a fiel representação do objeto. A imagem entra como que ocupando uma curiosa posição entre a linguagem e os objetos da natureza, complementando o que disse Foucault.

Ao longo dos séculos a história natural aperfeiçoou maneiras de registrar a realidade, de descrever sobre os seres vivos e criou convenções para a representação gráfica a partir do que via o naturalista em suas dissecações ou observações microscópicas o que vai configurar em imagens. Imagens essas destinadas à divulgação e ensino da própria história natural.

Já no século XVII, Robert Hooke (incentivado pelo pensamento de Francis Bacon e pela observação do mundo microscópico) propunha em sua *Micrographia* uma “reforma na filosofia” através de uma observação minuciosa, microscópica, dos objetos, capaz de transportar o Homem do mundo ilusório e das fantasias para o mundo concreto das coisas. Dos registros dessas observações seria construída a base do verdadeiro conhecimento. Como disse o próprio Hooke seus estudos se destinavam a:

Mostrar que isso não se requer muita coisa, nenhuma força da Imaginação, ou exatidão do Método, ou profundidade da Contemplação (embora a adição destas, ali onde se deve possuí-las, deve produzir uma serenidade mais perfeita), mas sim uma Mão sincera e um Olho fiel, para examinar, e para registrar, as coisas tais quais elas aparecem.²¹

Mais tarde surgiria a história natural mais ou menos nos moldes do novo conhecimento proposto por Hooke que concebia o conhecimento de um objeto natural como a apresentação desse objeto o mais detalhado possível, numa descrição completa, para daí buscar as leis que regem seus movimentos na física natural. Nesse caso nada mais apropriado para representar o ser vivo do que os desenhos.

A uma simples leitura será possível ver nesses desenhos a participação de naturalistas, artistas e, algumas vezes, também dos gravadores que transpunham os desenhos para placas de metal, blocos de pedra ou madeira. Nesses casos, pressupõe-se uma intensa negociação e fiscalização cuidadosa do naturalista para que o resultado fosse uma cópia o

mais fiel possível. Normalmente, dentre os membros de suas expedições, o naturalista contava com artistas, desenhistas ou fotógrafos, o que veio a ocorrer a partir do século XIX. Mas existiam ainda aqueles naturalistas-desenhistas, bem como desenhistas-naturalistas.

É de se esperar, portanto, que a produção das gravuras de formas vivas envolvia, além do ser vivo, a participação de vários atores, englobando concepções científicas, escolhas estéticas, interesses variados e profissionais diversos, resultando os desenhos numa obra carregada de significantes. Assim, se considerarmos a produção em si, uma gravura demanda muito mais conhecimento e, portanto, retém muita mais informação do que o texto.

Com a fotografia não é diferente. Apesar de instantâneo, na captação do objeto, o ato fotográfico demanda uma produção complexa. Antes do clic, todo fotógrafo vai definir previamente a imagem levando em consideração o ângulo, o foco, o enquadramento, a luminosidade e o momento de expressão; portanto, o manuseio e combinação destes elementos inerentes a fotografia são definidos pelo indivíduo que sintetiza a ação de fotografar, sendo o mesmo imparcial. Todo fotógrafo, em última instância, é um agente cultural de seu tempo que produz símbolos, manipula-os e os armazena assim como os escritores e pintores sempre fizeram. Símbolos estes que resultaram em mensagens diversas (livros, quadros etc.) que, por sua vez, tem a finalidade de informar, ser referência histórica. Portanto, pelo menos nesse caso, somos inclinados a concordar com Baudelaire quando ele tenta definir o papel da fotografia como sendo o de conservar o traço do passado, auxiliando as ciências em seu esforço para uma melhor compreensão da realidade do mundo:

Que ela enriqueça rapidamente o álbum do viajante e devolva seus olhos a precisão que falta a sua memória, que orne a biblioteca do naturalista, exagere os animais microscópios, fortaleça até com algumas informações as hipóteses do astrônomo; que seja finalmente a secretária e o caderno de notas de alguém que tenha necessidade em sua profissão de uma exatidão material absoluta, até aqui não existe nada melhor.²²

É claro que a fotografia não é só isso (simples instrumento de uma memória documental do real). Assim como a arte não é somente pura criação imaginária, como finalidade sem fim, livre de qualquer função social e de qualquer arraigamento na realidade, como queria Baudelaire. No entanto, tendemos a concordar, em parte, com ele, pois toda fotografia constitui-se numa fonte histórica que reúne um inventário de informações, sejam elas objetivas ou subjetivas, que despertam a curiosidade e estimulam a busca de idéias.

A partir de 1842, com a objetiva desenvolvida por Joseph Petzval (dezesesseis vezes mais luminosa do que a desenvolvida nas oficinas de Daguerre), além do aumento das sensibilidades das placas, que possibilitaram a drástica diminuição do tempo de exposição de 15 minutos para razoáveis 20 ou 40 segundos, os estúdios fotográficos começam a proliferar ao redor do mundo. Neste embalo, a Amazônia não fica fora e já pouco menos de quatro anos, em 1846, Charles DeForest Fredrick, daguerreotipista procedente dos Estados Unidos, abre um estabelecimento fotográfico em Belém.

Daí até os trabalhos de Nadar, a fotografia conhece um desenvolvimento rápido, tanto que quando Henri Coudreau desembarcou na Guiana Francesa iniciando uma série de dezenas incursões pela Amazônia, de 1881 a 1899, já contava com uma câmara fotográfica semi-portátil para o registro de suas impressões visuais. Mesmo antes de Coudreau, vários cientistas-viajantes já haviam registrado a natureza e o homem amazônicos com suas lentes²³. Para citar apenas alguns: Louis Agassiz e sua mulher Elizabeth Agassiz, Jules Crevaux, Jean Chaffanjon, George Huebner e Charles Kroehle, Karl Von Den Steinen, Guido Boggiani.²⁴

2 - Narrativas Visuais: Toda imagem conta uma história

Desde o seu nascimento, a começar pelos primeiros daguerréotipos, a fotografia produziu imagens memoráveis, como o grande comício dos Cartistas no Park Kennington, em Londres, no qual se reuniram, em 10 de abril de 1848, centenas de milhares de trabalhadores contra o “Reform Act” do período vitoriano. Com o desenvolvimento da fotografia, como nos conta Peter Burkert²⁵, a lembrança de determinados acontecimentos torna-se cada vez mais associada com suas imagens visuais. Qual imagem nos vem à mente quando referimos à Guerra do Vietnã? Certamente a imagem dramática da pequena Kim Phuc fugindo nua de um ataque de napalm ao seu povoado, em 1972, pelos Estados Unidos, virá imediatamente à nossa lembrança. Nenhum texto, por mais perfeito, jamais se aproximará do impacto desta fotografia do vietnamita Hung Cong (Nick) Ut. Tanto é que a sua propagação foi o élan primordial na mobilização da opinião pública americana para pressionar o governo dos Estados Unidos a assumir um acordo de paz com o Vietnã.

Da mesma forma, se ouvirmos as palavras Hiroshima ou bomba atômica imediatamente nos vem a mente a fotografia conhecida como “Cogumelo Atômico”, que alias não foi tirada do ataque a Hiroshima e sim de Nagasaki. Às vezes, uma outra imagem de uma outra explosão nuclear 10 vezes maior feita 9 anos depois no Atol de Biquíni também é associada ao drástico ataque americano.

Certamente passarão séculos antes que futuras gerações de revolucionários esqueçam o semblante altivo, belo e compenetrado de Che Guevara captado pelo fotógrafo cubano Alberto Dinis (Koda). Nenhuma biografia do líder sul americano influenciará mais do que esta imagem considerada a mais famosa fotografia do mundo.

Assim, toda fotografia funciona como uma narrativa completa, numa dimensão temporal passado/presente/futuro. A fotografia, pelo seu grande apelo emocional, nos faz lembrar e é esta memória que torna possível a narrativa dos fatos associados à imagem.

Se é verdade que toda fotografia nos conta uma história, sendo, portanto um sistema independente de signos, nesse caso, uma série fotográfica torna-se em um poderoso sistema de informação uma vez que é capaz de fragmentar as continuidades e acumular as peças em um maço interminável de onde podemos depois retirá-las e por meio de informações outras (registros escritos, memória ou experiências) para construir, por diversas associações, inúmeras narrativas muitas vezes impossíveis com o sistema da escrita.

É muito comum, quando narramos as nossas viagens de férias, fazermos o relato a partir do registro fotográfico da viagem. E o que é interessante é que tanto podemos fazê-la a partir de uma ordem cronológica, desde a primeira fotografia até a última, ou simplesmente, de maneira aleatória, à medida que as imagens vão sendo vistas. Podemos ainda combinar séries por assuntos: visitas a museus, visitas a parques, idas a concertos, passeios etc. As combinações são intermináveis e qualquer combinação pode perfeitamente ligar a outra ou outras combinações. Como eu disse, as possibilidades de contar a história da viagem a partir dos seus registros visuais são infindáveis.

Se, ao invés do registro fotográfico, optássemos simplesmente pelo apontamento de viagem, mesmo que o fizéssemos através de um diário, certamente ao final, ou passado algum tempo dos acontecimentos, não lembraríamos com riqueza de detalhes de outros acontecimentos que mesmo ausentes na fotografia estão a ela ligados por associações mnemônicas. Isso acontece porque, conforme nos lembra muito bem Susan Sontag,

as noções de imagens e realidade são complementares[...] De fato, a importância das imagens fotográficas como meio para integrar cada vez

mais acontecimentos a nossa experiência é, em definitivo, só um derivativo de sua eficácia para administrar-nos conhecimentos dissociados da experiência e independentes dela.²⁶

3 - Os retratos dos Coudreau

Faremos agora uma primeira viagem, ainda que um “desajeitado tatear”, rememorando o texto de Guimarães Rosa transcrito na Introdução deste trabalho, através do conjunto de fotografias de índios e civilizados feitas pelo casal Henri e Othavie Coudreau, tendo como mote da narrativa a busca dos fotógrafos pelo mito do *bom selvagem*. No curso da narrativa, tendo sempre a seqüência dos retratos, evidentemente, também lembraremos o que foi exaustivamente discutido no capítulo anterior, e que podemos afirmar agora como sendo o maior paradoxo destes viajantes “de la Troisième République française”: a crença no ideal romântico do *bom selvagem* e a defesa intransigente de uma civilização e sua marcha inexorável, a qual, em última instância, seria responsável pela aniquilação total deste homem “primeiro e integral”. Mas, como nem todo paradoxo é irremediável, Coudreau apresenta uma saída para o seu dilema: a solução do problema passaria pela miscigenação. Assim, encontrar o Homem em seu estado “natural” seria como encontrar a fonte da juventude para uma sociedade européia que de tanto evoluir já se apresentava os primeiros sinais de decrepitude. Coudreau ansiava e sonhava mesmo acordado com este dia maravilhoso. Além do seu inseparável fuzil e sua câmara fotográfica portátil (uma novidade que revolucionou a fotografia nos anos 80 do século XIX), o viajante visionário carregava uma quantidade considerável de miçangas para dar de presente aos “verdadeiros índios” - “*quarante-cinq kilos de perle, ni plus ni moins! C’est le reste d’un stock que je traînais avec moi depuis plusieurs années pour de vrais Indiens.* »²⁷

As fotografias aqui analisadas foram publicadas nos relatórios de viagem do casal. Algumas foram reproduzidas por desenhos litográficos outras, as mais recentes, transferidas diretamente para os clichês de metal através da fotogravura. O fundo Iconográfico da Sociedade Geográfica de Paris detém a totalidades dos originais das fotografias tiradas por Coudreau e Octavie em Suas Expedições.

A impossibilidade, por hora, de contato com estas fontes originais nos obriga a trabalhar, na maioria dos casos, com as suas reproduções. Felizmente, tais reproduções são bem fieis aos originais. Pelo menos nas poucas fotografias que podemos comparar apenas uma pequena parte do fundo das imagens são às vezes alteradas ou tem alguns de seus elementos suprimidos. O que é comum neste tipo de reprodução. Tomamos como exemplo, uma fotografia original de Victor Frond e a sua reprodução litográfica (imagem 02 e 03). Sem prejuízo do contexto e do objeto principal fotografados, a reprodução litográfica ou a fotogravura não altera o foco principal da fotografia. Aqui mesmo teremos oportunidade de analisar, no conjunto de fotografias do casal Coudreau, uma fotografia de dois índios Carajá (fotografia 05 e 06) que foi reproduzida no livro “Estados Unidos do Brasil” pelo geógrafo Elisée Reclus. A comparação das duas imagens atesta o que falamos.

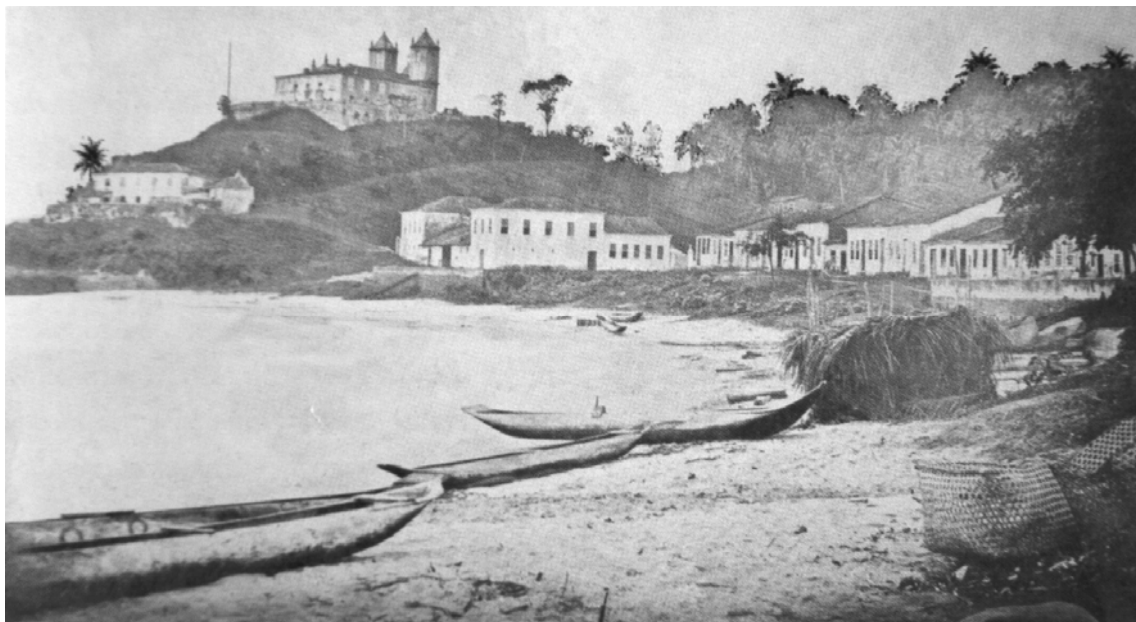


IMAGEM 02 - Victor Frond. Vila Velha do Pereira, *vendo-se o Forte de São Diogo e a Igreja de Santo Antonio*. Salvador, Província da Bahia, c. 1858. Albúmen, 22,0x29, 5 cm. Coleção do Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/ Departamento de Identificação e Documentação/Arquivo Noronha Santos.



IMAGEM 03 - Victor Frond. Vila Velha do Pereira, *vendo-se o Forte de São Diogo e a Igreja de Santo Antonio*. Salvador, Província da Bahia, c. 1858. Litografia de Jaime a partir do original em albumina de Frond 20,7 X 31,5 cm. Coleção do Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/ Departamento de Identificação e Documentação/Arquivo Noronha Santos.

Fronde como o casal Coudreau e tantos outros fotógrafos oitocentistas foram obrigados a apelar para o uso da litografia para a impressão em larga escala de seus trabalhos fotográficos. O rápido desenvolvimento da fotografia não foi acompanhado, no mesmo ritmo, pelos processos de impressão industrial das gráficas. Tão antigo quanto a própria indústria gráfica, a litografia consistia em transferir a imagem fotográfica para uma pedra litográfica através de um processo químico. A fotografia era reproduzida diretamente sobre a pedra litográfica através de um desenho utilizando um lápis especial denominado o *crayon litográfico*. Depois do desenho pronto a pedra era submetida a um banho com produtos químicos. A reação do produto se dava diretamente na pedra, corroendo-a somente nos espaços onde não havia tinta, ou correndo menos nos locais onde havia menos tinta. Dessa forma o desenho era composto com as graduações do preto ao cinza, ou o branco onde houvesse a cobertura total da pedra pela tinta. Depois disso, espalhava-se a tinta de impressão na pedra para a transferência definitiva da fotografia para o papel. Mesmo com a invenção da fotogravura, no final do século XIX, a fotografia ainda continuou a ser reproduzida através de desenhos pelo menos até 1897, inclusive utilizando o próprio processo de fotogravura. Na fotogravura a imagem (fotografia ou desenho) era transferida diretamente para chapas de metal (clichês) que depois eram submetidas a banhos de ácido perclorato de ferro para a corrosão do metal onde não houvesse tinta ou material fotossensibilizante.

Na imagem número 03, podemos notar as alterações feitas pelo o gravador, onde foi suprimido no primeiro plano um barco, para a inclusão de pessoas no lugar. Da mesma forma, foi incluídas outras pessoas no meio da praia. Essas alterações são muito comuns no caso das fotografias de Frond, como nos conta Pedro Karp Vasquez:

No caso de Frond, algumas mudanças são consideráveis, como a inserção de pessoas, animais de montaria, veículos de tração animal ou embarcações,

mas são todas lícitas, posto que efetuadas sob a sua supervisão direta, no duplo papel de fotógrafo e editor do *Brazil Pittoresco*.²⁸

Já nas fotografias do casal Coudreau, tanto as imagens 06 e 07, quanto às demais que tivemos a oportunidade de comparar, as alterações são mínimas. De qualquer forma, apesar de tratar de reproduções, foram estas imagens que tiveram maior divulgação.

4 - Coudreau e Octavie, fotógrafos-viajantes

Desde os trabalhos de Nadar, a fotografia conhece um desenvolvimento rápido e Coudreau é um dos primeiros exploradores a importar para a América equatorial o material necessário para a tomada de vista e retratos. Mais tarde, quando servia ao governo do Pará, recentemente casado, passa a dividir a tarefa de fotógrafo com sua mulher Octavie Coudreau, que o acompanhou em todas as suas viagens até a sua morte. Esta sim, seguramente foi a primeira mulher a fotografar a Amazônia e suas gentes.

Henri Coudreau e Octavie Coudreau, conforme descrito no Primeiro Capítulo, não eram fotógrafos por ofício. Geógrafos e Cartógrafos, o casal, no entanto, utiliza-se do recente invento para registrar melhor o seu trabalho igualmente geográfico, orográfico, hidrográfico, topográfico, histórico, ecológico e etnográfico. Tudo é registrado pela dupla nas suas diversas incursões pela Amazônia: rios, acidentes geográficos, cachoeiras, povoados, populações ribeirinhas, a sua própria expedição e as dificuldades por que passavam; embarcações e, finalmente, índios, o que vem a ser suas maiores predileções.

Etnógrafo romântico, Coudreau, apesar de suas contradições, é um apaixonado pela vida indígena. Chega a acreditar piamente no mito do *bom selvagem* e o busca incessantemente a cada expedição, apesar de se impacientar muitas vezes na busca deste

homem original. Da mesma forma, se o índio desperta amor, é pela mulher indígena que Coudreau vai dispensar quase toda sua atenção.

Coudreau destaca, em seus trabalhos, várias páginas ao mito das “Amazonas”. A divisão de trabalho e o papel da mulher na sociedade indígena levam Coudreau até mesmo a procurar bases científicas para explicar a sua existência.

O trabalho de Coudreau e seu interesse pelos índios nos lembram muito bem, guardadas as devidas proporções, o fotógrafo americano Edward S. Curtis (1868-1951)²⁹. Ambos tinham uma visão idealizada do índio. Ambos acreditavam na sua rápida extinção, à medida que fossem tomando contato com o branco. Dessa forma, não seria demasiado zelo, sabendo das manipulações que foram feitas pelo fotógrafo americano, desconfiarem dos retratos dos nossos franceses. Curtis, ao que se sabe, fazia pequenas intervenções em suas fotografias, desde a elisão de detalhes que fossem estranhos aos índios “genuínos”, como a adição de elementos que os tornassem mais “índios”.

Como a maioria dos fotógrafos etnográficos, Curtis viu o retrato verdadeiro de índios, mostrando, desse modo, apenas o que ele acreditava ser parte do indigenismo primitivo. Seu conceito de primitivismo parece ter-se baseado na ilusão popular e mesmo científica do século XIX que torna esgotado o indianismo - que o indianismo verdadeiro era aquele que não havia sido afetado pela cultura branca.³⁰

No entanto, sem prejuízo aparente, os trabalhos destes dois fotógrafos-etnógrafos configuram-se em excelente documentação etnográfica.

Além de etnógrafo, preocupado em assimilar todas as informações possíveis sobre os diversos grupos indígenas que teve contato, Coudreau como Curtis, apesar do olhar filtrado pelo ideal rousseauiano, deu mostra de um verdadeiro talento de lingüista, conforme já vimos no primeiro capítulo. Segundo Benoit,

[...] além de falar correntemente o crioulo, o português, o espanhol, a língua geral e o wayana (índios Roucouyenne do Tumuc-Humac), fazia-se compreender algumas línguas tão pouco conhecidas como o tucano e o tariana (rio Uaupés) o ouapichiane e o macouchi (alto rio Branco), o ouayeouué [Waiwai] (nascente do rio Urubú) e o oyampi (alta Guyana)³¹.

Curtis se fez índio. Coudreau o desejo ser.

No primeiro capítulo, também tivemos a oportunidade de ver que Coudreau, ao mesmo tempo em que é capaz de desmistificar a concepção ocidental sobre o indígena, também é capaz de concordar com o mito ligado à região desde a sua descoberta: a existência das Amazonas. Ao abordar o estudo etnográfico das populações do alto Rio Branco, casualmente ele cita a história da “Tribo das Mulheres”. Com muita seriedade, relata em primeiro lugar que esta tribo seria composta exclusivamente de muitas mulheres belíssimas que andavam nuas; selvagens guerreiras cuja ocupação principal seria a busca perpétua do prazer carnal em suntuosas orgias onde os seus prisioneiros seriam utilizados até ao esgotamento definitivo.

Segundo Sébastien Benoit, Coudreau mesmo

considerando estes rumores como um mito, tenta, no entanto, dar uma explicação plausível - ou mesmo científica - à existência das Amazonas, relacionando-a ao mito dos Yurupari e a etnografia dos Índios Uaupé. Do termo uaupés que significaria em tupi ‘em fuga’ ou ‘caminho da fuga’, deduz um êxodo de numerosas nações indígenas, ocorrido alguns séculos anteriormente. Do mito e os rituais do Yurupari deduz o temor de uma ordem social invertida que tem existido (na qual as mulheres governavam) e a vitória dos Uaupés sobre estas mulheres que detinham o poder. Por último, da aparente heterogeneidade física dos Indígenas Uaupés, conclui a uma grande reconciliação entre vencedores e vencida bem como uma refundição cultural em só um grande grupo “³²

5 - Lendo os Retratos dos Coudreau

Apesar de admirador incontestado do craniologista Armand de Quatrefages e da força que tinha a nascente antropologia física em sua época, as fotografias do casal Coudreau não seguem o padrão da fotografia que ligava ao uso científico do século XIX.³³ As poses e enquadramentos dos retratos seguem ao padrão clássico da fotografia. As imagens são sempre tomadas ao ar livre e quase sempre o fundo é emoldurado pela vegetação, ao que denota uma intenção dos fotógrafos em harmonizar fotografados e a natureza onde vivem, em se tratando de indígenas; e, nos casos de *civilizados*, muito mais que mera influência da pintura de paisagem, uma translação em termos visuais do ideal de Rousseau de integrar-se à natureza.

Maior progresso ainda pode ser notado nas fotografias tomadas unicamente por Octavie, depois da morte de seu marido Henri Coudreau. Se, sob a direção do marido, Octavie privilegiava o retrato pousado, como veremos a seguir, nas imagens feitas unicamente por ela, como é o caso de uma série de fotografias feitas entre os índios Waiwai e Pianokoto (atuais Tyrió), o retrato pousado é quase que completamente abolido. Octavie passa a explorar o instantâneo, o cotidiano do indígena puro e simplesmente, a ação é tomada sem os arranjos prévios da fotografia pousada.

Mesmo nos retratos pousados, diferentemente da voga de fotografias para usos científicos, os Coudreau exploram mais a expressão, o dinamismo fisionômico dos modelos. Mesmo nos poucos retratos onde são mostradas a face e o perfil do fotografado as imagens foram feitas, possivelmente, para futuras comparações craniométricas com outros grupos de uma mesma etnia. No caso das fotografias de índios Caiapó Paraenses, por exemplo, onde se verificam várias fotos de perfil, estamos certos de que tais retratos se destinavam a comparações com fotografias de Caiapó do Sul. O próprio fotógrafo-viajante ao comentar

sobre a possibilidade de parentesco entre o grupo do sul e os Caiapó Paraenses, uma vez que estes partiam de uma mesma origem e que tiveram migrações paralelas:

Parece-me mais cuidadoso esperar que a língua seja estudada a fundo, que centenas de fotografias sejam tomadas bem como centena de mensurações, antes de classificar os Kayapós, ou pelo menos os Kayapós Paraenses, num grupo étnico que teria possibilidades de ser o que lhes convém. O que sabemos dos costumes dos Kayapós Paraenses, fora do interesse intrínseco, poderá já servir de índice para a classificação futura.³⁴



Imagem 04 – *Bécouéïtac, jeune femme Cayapó (face)*. Retrato de uma menina Caiapó. “Voyage au Tocantins-Araguaya”, página 195.



Imagem 05– *Bécouéítac, jeune femme Cayapó (profil)*. Retrato de uma menina Caiapó tirado de perfil. “Voyage au Tocantins-Araguaya”, página 194.



Imagem 06 – *João Congri, (face), Chefe Caiapó.* Retrato de João Congri, Cacique Caiapó. Voyage au Tocantins-Araguaia, página 207.



Imagem 07 – *João Congri, (perfil), Chef Caiapó*. Retrato de João Congri, Cacique Caiapó, tirado de perfil. Voyage au Tocantins-Araguaya, página 203.

5.1 – Índios, *Civilizados*, Mestiços e os projetos social e econômico para a Amazônia:

Em sua primeira viagem pelo interior paraense, apesar da sua curiosidade em relação aos índios Parintintin (Kagwahiva), cuja decepção por não ter tido contatos com os mesmos é evidente em seu relato; não obstante ter dedicado um capítulo inteiro aos Mundurucus e ter contactado alguns índios Mawé (Sateré-Mawé), o interesse em fotografá-los não pareceu tão evidente, salvo em alguns casos como as fotografias de dois grupos de mulheres apiacás e outros retratos de um maués, um apiacá e um mundurucu, todos eles civilizados.

Na viagem ao Tapajós, os viajantes parecem centrar maior atenção ao que poderia ser considerado como o seu “projeto econômico para a Amazônia”. Coudreau que defendia a agricultura familiar como saída para a ocupação e exploração da região, ao deparar-se com os chapadões de Santarém, fascinado pelas planícies e planaltos do Oeste Paraense, parece retornar aos seus sonhos de um projeto econômico para a Amazônia. Da mesma forma que defendia para a República de Counani o que chamava de “colono dos prados”, um homem novo fruto da miscigenação com o índio e que continuaria a ser “em ao mesmo tempo, um pouco agricultor, um pouco caçador e um pouco pescador”³⁵; Coudreau passa a ver em alguns grupos familiares do Alto Tapajós a concretização da sua utopia.

Na imagem seguinte (imagem 06) a família de José Lourenço Cardoso forma um quadro harmônico, onde todos os elementos que a compõe foram cuidadosamente escolhidos ou pensados. A começar pela disposição dos fotografados, os quais simetricamente arranjados, denotam uma perfeita unicidade. Atina-se aqui a busca clássica das proporções. Ao fundo destes, eleva-se uma pequena vegetação, o que comprova uma característica de quase todos os retratos dos Coudreau: **as fotografias de índios ou civilizados são quase sempre tomadas ao ar livre e tendo como fundo algum elemento que evoque a natureza.** Tais imagens assim compostas, ao ar livre e em meio à natureza, mostram a intenção dos fotógrafos em integrar estes habitantes dos trópicos ao seu meio. Ao índio, o seu lugar por natureza; ao branco ou mestiço, sua capacidade de assimilação e adaptação.

Cardoso além de mestiço foi capaz de manter uma relação excepcional com os Mundurucus, assimilando em parte sua cultura e seu idioma com muita facilidade ao que Coudreau descreve como um ponto positivo.



Imagem 08 –*Cardoso et sa famille*. Retrato de José Lourenço Cardoso e sua família. Um retrato clássico de simetrias perfeitas. Voyage au Tapajoz, página 42

A mesma ordem e simetria também é a tônica na imagem formada pela família de Maurício Rodrigues da Silva, na imagem 07. O casal e seus oito filhos adultos, que segundo Coudreau “acaba de formar uma “razão social”³⁶, são dispostos de tal maneira que são capazes de formar, em conjunto, um círculo perfeito. Desta vez, o chefe da família que na figura anterior foi disposto de forma equilibrada com a sua mulher, nesta aparece no centro do grupo como o líder desta pequena “empresa familiar”.



Imagem 09 – *Maurício et sa famille*. Retrato de Maurício Rodrigues da Silva e sua família. Mesma preocupação com a composição do retrato anterior: simetria perfeita com os personagens dispostos em círculo. Voyage au Tapajoz, página 45.

5.2 – Jurunas: triste resquício de um povo:

Os Jurunas, ou o que sobrou deles, já era um povo bastante reduzido em fins do século XIX, muito em função de guerras intertribais principalmente com os índios Suyá e Mentuktire Caiapó (conhecidos por eles como Txukarramãe) e do avanço da exploração de seringais e castanhais em suas terras. Coudreau foi o segundo viajante a dar notícias dessa gente. Antes, Von den Steinen havia mantido contato com eles.

Segundo Coudreau, um grupo outrora numeroso, que se estendia em 18 malocas espalhadas desde a Praia Grande à Pedra Seca, na região do Xingu, por época de sua visita não passava de 150 pessoas.

Na fotografia (imagem 08) os três índios Juruna fotografados são, pela ordem da direita para a esquerda: Antonio Nunes, Doutor e José Grosso. Bem cuidados e de aspecto saudável estes personagens ainda apresentam um certo “ar” de guerreiros. São seguramente os primeiros indígenas a serem fotografados por Coudreau na sua viagem ao Xingu. Provavelmente, os Coudreau os tenham encontrado nas terras de propriedade do seringalista Ernesto Accioly. O “Coronel” Ernesto Accioly apossou-se de vários seringais e castanhais e fez fortuna com o comércio da borracha e castanha. Na sua propriedade, Coudreau encontrou um grande número de seringueiros ao seu dispor. É de se supor que os três Jurunas mantivessem comércio com o fazendeiro.

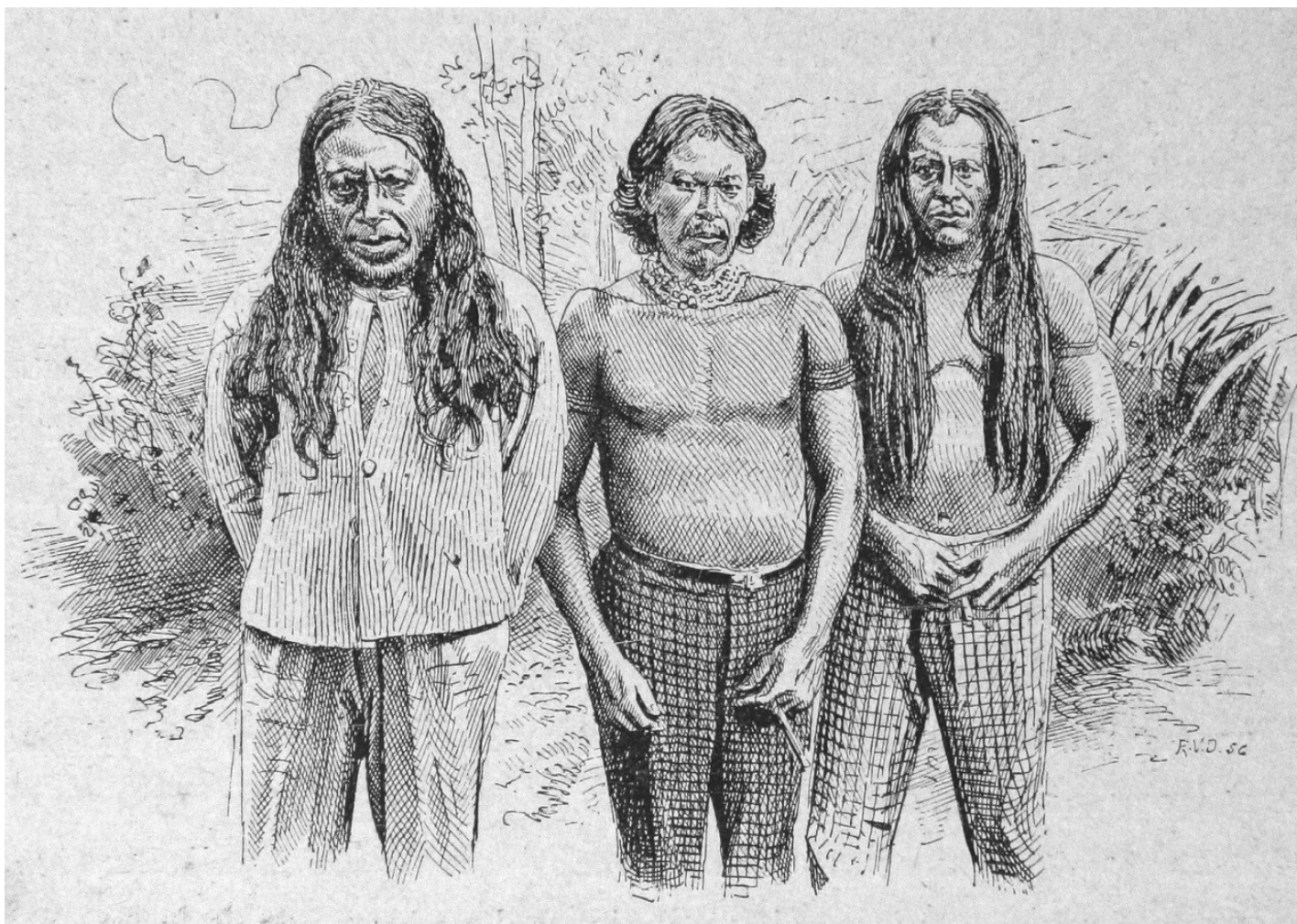


Imagem 10 –*Trois Jurunas: Antonio Nunes, Doutor, José Grosso.* Retrato de três índios Juruna. Bem cuidados e de aspecto saudável estes personagens ainda apresentam certo “ar” de guerreiros. *Voyage au Xingu*, página 33.



Imagem 11 –*Joaquim Pena et as famille*. Retrato da família Juruna de Joaquim Pena. “Joaquim pena está vestido com trapos, que nele se revestem de beleza”. *Voyage au Xingu*, página 80

Imagem de forte apelo, de todas as fotografias feitas destes índios seguramente a fotografia de Joaquim Pena e sua família (imagem 09) é a que mais retrata a condição de penúria dos Jurunas, principalmente se levarmos em consideração que o índio que aparece com a mulher e seus três filhos foi até pouco tempo antes da visita de Coudreau um dos maiores *tuxauas* e a quem recaía a chefia um dos 18 grupos Jurunas. A sua situação parece comover até o próprio Coudreau que diz: “Este lendário tuxaua é um civilizado. Tem até um certo ar que revela sua distinção. Exprime-se com facilidade num português corrente e claro. Joaquim pena está vestido com trapos, que nele se revestem de beleza”³⁷. Com esta observação, Coudreau possivelmente quis amenizar a triste realidade desses Juruna, já que o que a própria fotografia nos mostra está longe de retratar qualquer indício de distinção ou dignidade dos fotografados. São farrapos humanos. Tristes figuras esqueléticas que à míngua fogem da perseguição do branco procurando um lugar ermo em que pudessem ser livres.

Todos têm os olhos fixos na objetiva da câmara: olhares que denotam uma profunda melancolia. Com a exceção da pequena indiazinha, esta sim, alheia a toda a desgraça que abateu sobre os seus, ainda mantém semblante alegre e é a única que esboça a intenção de um sorriso. Os olhares dos fotografados também indicam que a câmara foi posicionada a uma baixa altura, num ângulo de baixo para cima. Coudreau ou Octavie, quem quer que tenha feito a fotografia, assim o fez para que se imprimisse na imagem um certo ar de altivez ao grupo, uma ilusão de grandeza. Uma homenagem a quem outrora foi um grande chefe. Um chefe se não foi capaz de proteger seu povo pelo menos tenta agora proteger sua família.

O estado de total degradação do grupo Jurunas parece abater totalmente o ânimo do viajante que temporariamente parece desistir da sua busca pelo “bom selvagem”. Depois de subir o Xingu até a Cachoeira da Pedra Seca e ter visto dezenas de taperas Jurunas pelo caminho, Coudreau num gesto simbólico deposita 45 quilos de miçangas no lugar que conforme referências de seus guias Jurunas seria o lugar mais sagrado do grupo. Para Coudreau aquelas bijuterias, resto de um estoque que carregava consigo há vários anos, a fim de dá-lo aos “verdadeiros índios”, a cada dia mais difícil de serem encontrados, de vez que estariam sendo “absorvidos”, quer pela civilização, quer pela morte, seriam ali depositadas como uma dádiva à “tribo já quase extinta, mas ainda primitiva dos jurunas”.³⁸

Será que os jurunas que erram por estas paragens, esquecendo sua dignidade de índios, vestidos de farrapos, irão se apropriar destas bijuterias, aí deixadas evidentemente com alguma intenção misteriosa, no alto desta pedra, alguns quilômetros ao sul da qual ardem, neste momento, no centro dos campos da vertente meridional, grandes fogueiras que certamente foram acesas pelos Carajás-suiás?...

Deixo ali, estas contas em testemunho de uma fé que tive, mas já não mais tenho. Fica para atestar que um dia acreditei na possibilidade de sua utilização pelos índios. Isso talvez fosse possível há muito tempo não muito remoto. Quando comecei a acreditar nesta possibilidade, ela já começava a não mais existir.³⁹

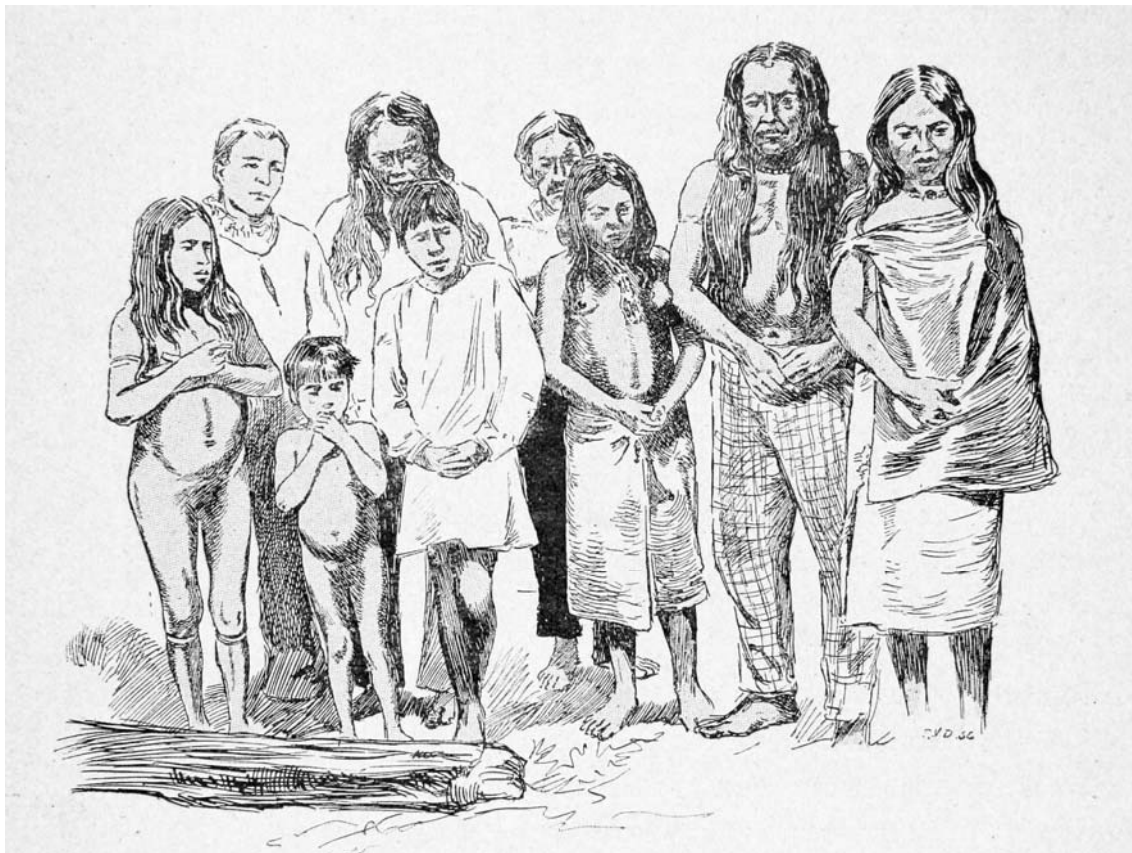


Imagem 12 –*Jurunas de la Praia Grande*. Um grupo de índios Juruna. Voyage au Xingu, página 133

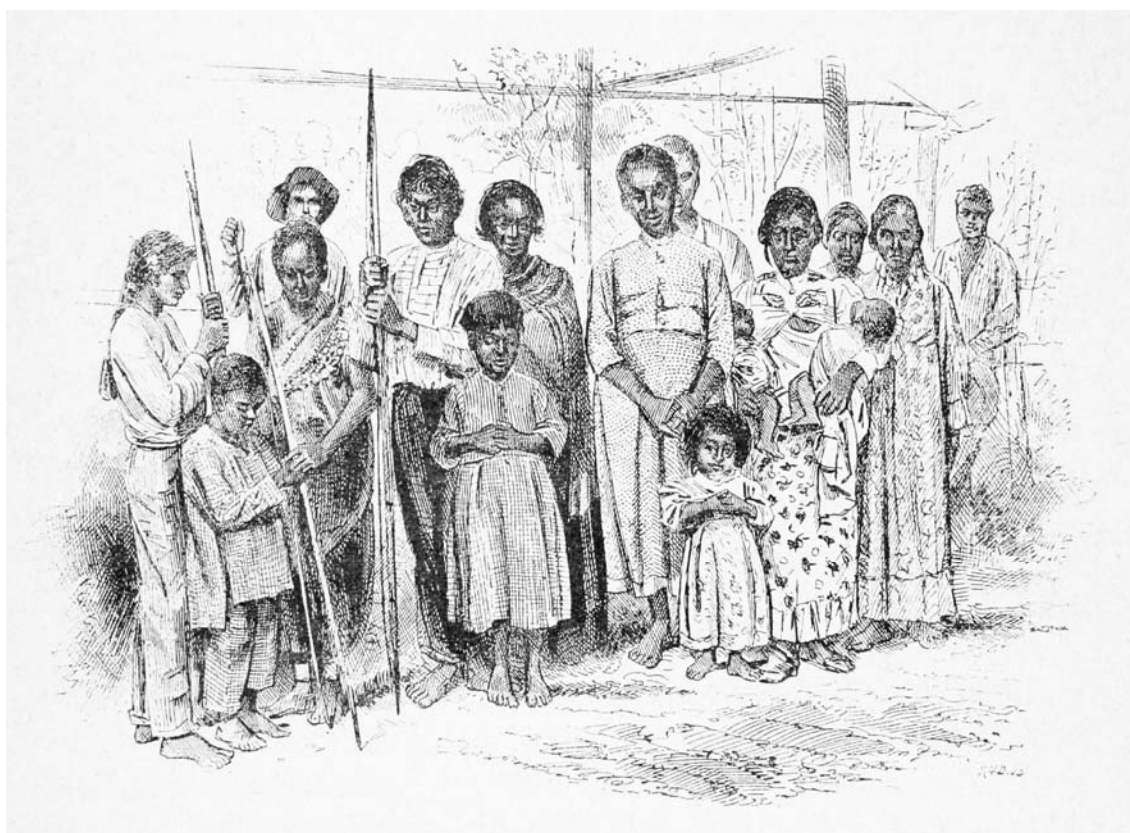


Imagem 14– *Moyen Xingú: Indiens Domestiques. Voyage au Xingu, página 143*



Imagem 13 – *Trois de Notre Troupe. Voyage au Xingu*, página 91

Duas filhas de Joaquim Pena que acompanharam os Coudreau até Cachoeira Seca, no alto Xingu. Mesmo uma cena corriqueira entre os indígenas, em que crianças brincam com seus animais de estimação, não passou despercebida pela atenta fotógrafa. O Registro do cotidiano da vida indígena é um imenso atrativo para ela.

5.2 – Retratos dos Carajá: a idealização do Bom Selvagem.

A fotografia de dois índios Caiapó, a seguir, (imagem 12) foi tomada em estúdio. Tudo leva a crer que Coudreau assim o fez com o intuito de materializar aquilo que ele idealizou sobre os índios Carajá. Por não ter podido adaptar-se à civilização e incapaz de defender-se perante as agressões ocidentais, a tribo dos Carajá é ameaçada rapidamente de extinção. Coudreau se apaixona por tais espécimes indígenas, que por muito tempo mantidos num estado de natureza, agora sucumbem frente ao contato com os brancos. Ai está o ideal rousseauiano do *bom selvagem*, "este homem livre e orgulhoso" que a sociedade ainda não corrompeu, único de uma natureza pródiga cheia de bondade. Assustado pelo progresso capitalista, o explorador se tornou indianista na sua obra "chez nos indiens": "Quanto mais o progresso crescer, mais a necessidade de voltar à natureza crescerá." Tomado da nostalgia edênica, Coudreau procura nesta fotografia *imortalizar* estes indivíduos condenados a desaparecer. Sua nudez, seu penteado típico, os arcos e flechas que brandem, todos estes elementos participam de uma *mise en scène* cuja sobriedade e exame não escondem a vontade que tem o fotógrafo de comover o espectador.

Aliás, a condição de miséria em que viviam os Carajá comoveu bastante Coudreau, a ponto dele prever a extinção rápida deste povo. Não por menos. Coudreau, ao fotografar estes índios em estúdio, fez uma bela fotografia e sem dúvida um "souvenir" de uma tribo em extinção. Também não deixa de ser comovente o relato que fez de uma aldeia Carajá:

A Aldeia do Déréké, situada, para falar exatamente, entre o Estirão da Primeira Aldeia e o Estirão do Correinha, é uma única palhoça-hangar bastante longa. Raramente vi algo tão sujo, tão feio, tão miserável, entre as casas indianas. Uma pequena população atingida de doenças de pele, de lepra, com emagrecimento de cadáver, ferve ou lentamente circula, a febre nos olhos, neste quadro de miséria. Existia ali uma população total, incluindo ausentes, de 25 indivíduos, homens, de mulheres e crianças.

Parece que "*capitão*" Déréké, confia, durante a sua ausência, à sua filha Joanna que é uma heroína, parece, a "direção" da Aldeia. Mas é mais lá um posto de "amazona" que uma situação de enfermeira aos incuráveis.

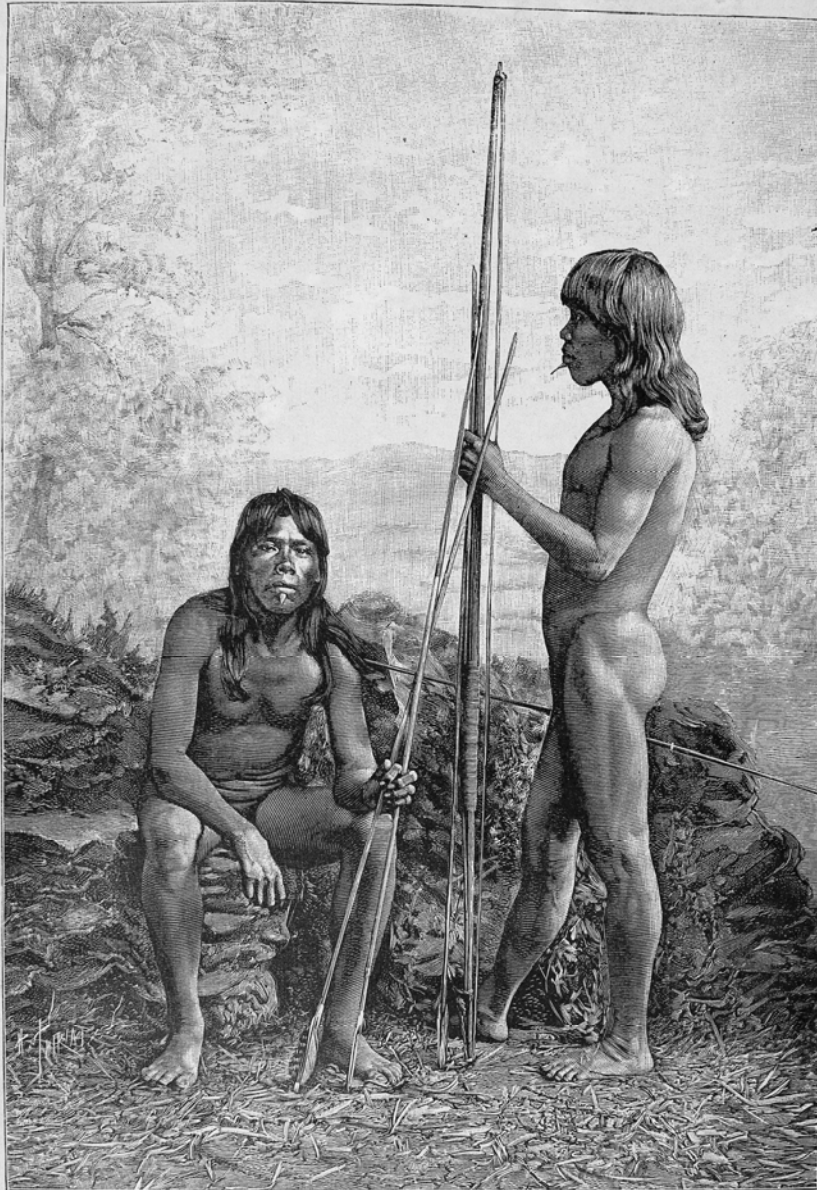
Deixamos, sem lamentação, a pobre Aldeia de Déréké. Parece que hoje em dia todas as aldeias dos Carajás do Araguaia estão como estas, de barracos baixos, sujos, miseráveis. Contudo não é na natureza destes Indianos ser de uma limpeza excessiva e sempre foi assim. No entanto houve outrora abundância nas malocas, as roças eram vastas e as provisões não se esgotavam. Há menos de quatro ou cinco anos que, com o desenvolvimento das relações de comércio com os civilizados seguidamente do trabalho para estes, as roças foram negligenciadas. Hoje a miséria veio, tão geral, complicada pelo desenvolvimento simultâneo da preguiça e do roubo, o estado material e moral dos Carajás tornaram-se tão miserável, que tudo faz prevê a extinção próxima da tribo. Os Dominicanos de Barreira eles mesmos não mantêm mais no caso dos Carajás qualquer esperança de salvar quaisquer crianças do naufrágio da nação, conduzindo à civilização pela escola a descendência dos últimos Carajás.⁴⁰

O espanto e a consternação de Coudreau não são por menos. Afinal, munido das informações de Elisée Reclus e Couto Magalhães, o viajante esperava encontrar ao longo do Araguaia um número infinitamente maior de índios Carajá, pelo menos os 10 mil relacionados por Couto. O que Coudreau pode contar chegou apenas a 380 indivíduos⁴¹. Coudreau fica espantado com tanta decadência vista pelas aldeias por onde passava quase sempre reduzidas a “um barraco sujo com uma dezena de pessoas, homens, mulheres e crianças, todos muito magros”.⁴² Decepcionado, Coudreau vaticina: “Aqueles Carajás industriais, sportsmen, cavalheirescos, castos, heróicos, não existem mais. Os Carajás de hoje os sucederam como a noite sucede ao dia.”⁴³

Neste Caso, diante da impossibilidade de trazer de volta o Carajá histórico, famosos por suas intensas relações com os brancos desde 1700, por suas guerras com os Caiapó, os Tapirapé, os Xavante, os Xerente, os Avá-Canoeiro, pela defesa de seus territórios, Coudreau recria-os, a partir desta fotografia, idealizados na forma do bom selvagem.



Imagem 15 – *Dois Índios Carajá fotografados em estúdio*. Diante da impossibilidade de encontrar o “bom selvagem” Coudreau o idealiza neste retrato. Fonte: Sociedade de Geografia de Paris



ÍNDIOS CARAJÁS.

Gravura de Thiriat, segundo photographia emprestada pelo sñr. Coudrau.

Imagem 16 – *ÍNDIOS CARAJÁS*: Gravura de Thiriat, segundo photographia emprestada pelo Sr. Coudreau. Gravura feita a partir da fotografia anterior para ilustrar o livro *Estados Unidos do Brasil* de Elisée Reclus.

5.3 – Os bons selvagens de Octavie

Que coisa singular que é a vida, quando penso que sou eu quem abre o caminho da civilização a estes índios, eu que tanto queria lhos guardar sua misteriosa poesia.⁴⁴

(Octavie Coudreau, Voyage au Mapuera)

Marie-Octavie Coudreau, conhecida pelo seu “mau humor” para com as populações negras, mostra pelos seus relatos das viagens aos rios Cuminá e Mapuera, no Estado do Pará, uma verdadeira paixão indianista. Mesmo nos relatos do seu marido, se não podemos precisar qual participação tivera na construção do texto, podemos, no entanto, afirmar a autoria da maioria das fotografias que complementam tais relatos. Nestas fotografias, até agora vistas, podemos atestar seu discurso bastante favorável aos índios. São imagens que além de denunciar a situação pelas quais passavam estas populações pelo interior do Estado do Pará, na segunda metade do século XIX, denotam também a sua preocupação com os retratados. Em todas as imagens percebe-se o esforço em dignificá-los através da busca da plasticidade das imagens tomadas em perfeitos enquadramentos, privilegiando, ao mesmo tempo, o prazer estético e o registro etnográfico.

As fotografias são, na maioria das vezes, tomadas sem poses forçadas aproveitando ao máximo a descontração e naturalidade dos fotografados. É interessante notar nas fotografias de Octavie a presença de uma linguagem do fotojornalismo ou até mesmo da etnofotografia. Octavie fotografava como se estivesse fazendo um relato, uma reportagem, ou mesmo um registro etnográfico.

As fotografias de Octavie nos fazem lembrar a declaração feita pelo antropólogo Eduardo Viveiro de Castro sobre um trabalho fotoetnográfico seu feito entre os índios Yawalapíti do Parque Indígena do Xingú, no período de 1976 a 1977:

Fiz estas fotografias para capturar aspectos da vida Yawalapíti que não podia traduzir em linguagem escrita e para comunicar o prazer propriamente estético despertado por minha percepção deles, meu prazer em olhá-los, difícil de ser incluído em trabalho acadêmico.⁴⁵

Da mesma forma, Octavie parece, ao fotografar os índios Waiwai e Tyrió, experimentar esta preocupação de cientista e o prazer de uma *voyeuse* em olhá-los. A própria viajante externou esta preocupação etnográfica, ao reclamar o pouco tempo que tinha para passar entre os índios:

Não sei nada da sua moralidade, deveria viver-me um pouco com eles. Aquilo satisfaria a minha legítima curiosidade. Estaria feliz de completar os meus estudos sobre os seus costumes, mas não tenho nem o tempo nem os meios. O meu programa é traçado e os meus dias são contados. Duas semanas na maloca ter-me-iam ensinado certamente muitas coisas.

Não é simplesmente fazendo rapidamente uma viagem numa região que se podem dar documentos numerosos e positivos sobre o país e sobre os habitantes, é necessário residir por toda a parte onde há aglomerações, estudar os hábitos das populações, aprender ou pelo menos compreender a língua o bastante para trazer índices suficientes. Então, a viagem teria um resultado sério e seria mais fácil escolher o sistema de colonização a adotar, o que adaptar-se-ia melhor aos costumes dos indígenas.⁴⁶

Na impossibilidade de um registro mais sistemático, baseado na observação de campo, optou pelo registro fotográfico como forma a registrar instantaneamente esses indivíduos tal qual viviam. Foi uma forma de compensar a impossibilidade do registro através do discurso escrito da vida e costumes desses índios. Octavie não os conheciam, não sabia sua língua, mal pôde comunicar-se com eles, a não ser por poucas palavras ou gestos, neste caso a fotografia compensou o que foi impossível descrever em palavras.

Não se sabe se Octavie tinha conhecimento, mas na sua época, alguns etnógrafos já se aventuravam pelo campo da etnofotografia. Em 1870, o sargento John K. Hillers (1843-1925) foi contratado pelo governo americano para fazer o registro fotográfico de várias tribos

índigenas dos Estados Unidos. Quase na mesma época, em 1880, a antropóloga americana Alice Fletcher foi contratada pelo Museu Peabody para fotografar os índios Omaha e Sioux, no estado de Dakota. Seis anos depois, em 1886, Franz Boas⁴⁷ iniciou um trabalho de 40 anos entre os índios Kwakiuti. Outro pioneiro da etnografia, que já tivemos a oportunidade de falar neste trabalho, foi o famoso Edward S. Curtis⁴⁸ que iniciou, por conta própria, um trabalho fotoetnográfico dos índios americanos que durou trinta anos. O resultado foi 40.000 fotografias de índios de 80 diferentes tribos americanas. A intenção de Curtis era clara: fazer no menor tempo, o maior número possível de registros relativos à cultura indígena americana para preservá-los para a História. Curtis, assim como o casal Coudreau, acreditava no eminente desaparecimento dos índios, incapazes, segundo eles de suportar o avanço da civilização. Por isso, a decisão de registrar estes índios e sua cultura através da fotografia para garantir sua memória futura.

Tivemos a oportunidade de dizer, no início deste capítulo, que uma invenção no campo da fotografia, no fim do século XIX, deu ao fotógrafo a possibilidade de captar os acontecimentos no momento da ação, o que diminui sensivelmente a capacidade de “representar” própria dos retratos pousados. Devemos agora complementar com a afirmação de que a utilização da *chapa seca* e da câmera de mão, se por um lado, possibilitou a Octavie fazer a captura desses *instantâneos* da vida de algumas tribos de índios brasileiros, este ato não foi seguido pela maioria dos fotógrafos de seu tempo. O que queremos dizer é que o avanço tecnológico apenas possibilitou, mas não interveio de forma arbitrária na escolha da fotógrafa. A fotografia do século XIX e início do século XX foi, na época de Octavie e por muito tempo depois, uma fotografia eminentemente pousada. “A *pose* é o próprio símbolo da fotografia no século XIX, atravessando toda a sua história como elo de ligação entre imagens obtidas, os recursos tecnológicos existentes e os agentes sociais envolvidos.”⁴⁹ Razão pela qual é imperioso afirmar que a escolha de Octavie aliada à facilidade tecnológica, foi um caso

isolado do *metier* fotográfico do Brasil de sua época e que só se iguala (em termos brasileiros), em qualidade e capacidade descritiva, aos registros fotográficos feitos pelos fotógrafos integrantes da Comissão Rondon, a partir de 1900, sob a direção do também fotógrafo e cineasta Thomaz Reis.⁵⁰

Outra prova inequívoca da escolha de Octavie, é o conjunto de suas próprias fotografias tomadas antes e depois da morte de Henri Coudreau. Como vimos aqui, é nítida a preferência por retratos pousados na primeira fase, período em que dividia o trabalho com o Henri Coudreau (da imagem 04 à imagem 16); e a quase completa ruptura com esta forma de fotografar nos seus trabalhos feitos sem a direção de seu marido (da imagem 17 à imagem 31). Na primeira fase, não podemos precisar quais fotografias foram feitas por Octavie e quais são de autoria de Henri. Sabemos, no entanto, pelos relatos do próprio Coudreau, que a tarefa do registro cartográfico e fotográfico ficava mais a cargo dela, sendo que Coudreau exercia também a tarefa de fotógrafo quando Octavie estivesse impedida de fotografar por estar doente de malária, por exemplo. De qualquer forma, é bem provável que Coudreau exercesse certa “direção” nos trabalhos de exploração e que Octavie acatasse sugestões suas na forma de tomar essas fotografias. De outro modo como explicar esta clara diferença entre as fotografias dos dois períodos?

Todas as fotografias que vão da imagem de 17 à imagem de número 31 foram tomadas sem a prévia preparação dos fotografados. As poses não são negociadas, aliás, nestas fotografias inexistem as poses. Na imagem 17, por exemplo, duas jovens índias Waiwai foram fotografadas no momento que provavelmente observavam de longe o grupo de Octavie. As duas índias não olham para a mesma direção. A menina da direita, segurando uma faca, surpreendida com a aproximação de Octavie, olha fixamente para a câmara. As duas índias foram novamente fotografadas, separadamente: a primeira da direita juntamente com outros quatro índios (imagem 19), a segunda ao lado de dois índios, sendo um deles seu marido, conforme

informado na legenda. Octavie confessou ter gostado mais desta menina segundo ela tão nova e já casada.

Na imagem 18, duas crianças Waiwai são surpreendidas pela câmera de Octavie. O primeiro num gesto de brincadeira leva a mão ao rosto procurando se esconder do aparelho enquanto o segundo apenas sorri. Nota-se, pela composição e descontração dos fotografados a ausência da pose.

Na imagem 21, observamos cinco índios, todos aparentando pouca idade, ao lado de uma canoa carregada com os utensílios e equipamentos de viagem. O primeiro, com o dedo em riste, indica para a direção de Octavie que prepara para fotografá-los. O gesto é acompanhado pelos olhares dos demais, com exceção do quarto índio que continua com o olhar interessado na canoa ou nos objetos que estão dentro dela. Um pouco atrás, um dos barqueiros de Octavie observa o grupo atentamente, provavelmente está ali vigiando a canoa e os equipamentos da expedição. O que é interessante nesta imagem é como eles são surpreendidos pela fotógrafa, o que prova que a fotografia não foi negociada. Octavie não os preparou para a tomada da fotografia, ela quis registrar naturalmente aquela cena.

Em todas as ocasiões, os índios foram fotografados de corpo inteiros e Octavie sempre os enquadrou no centro da fotografia, num provável desejo de nada deixar escapar.



Imagem 17 – *Les deux Indiennes*. Reprodução da fotografia de duas jovens índias Waiwai . A menina que segura uma faca já é casada, como veremos nas legendas das próximas imagens. Esta imagem que ilustra a página 77 do “Voyage au Mapuera” foi captada por Octavie em 1901.

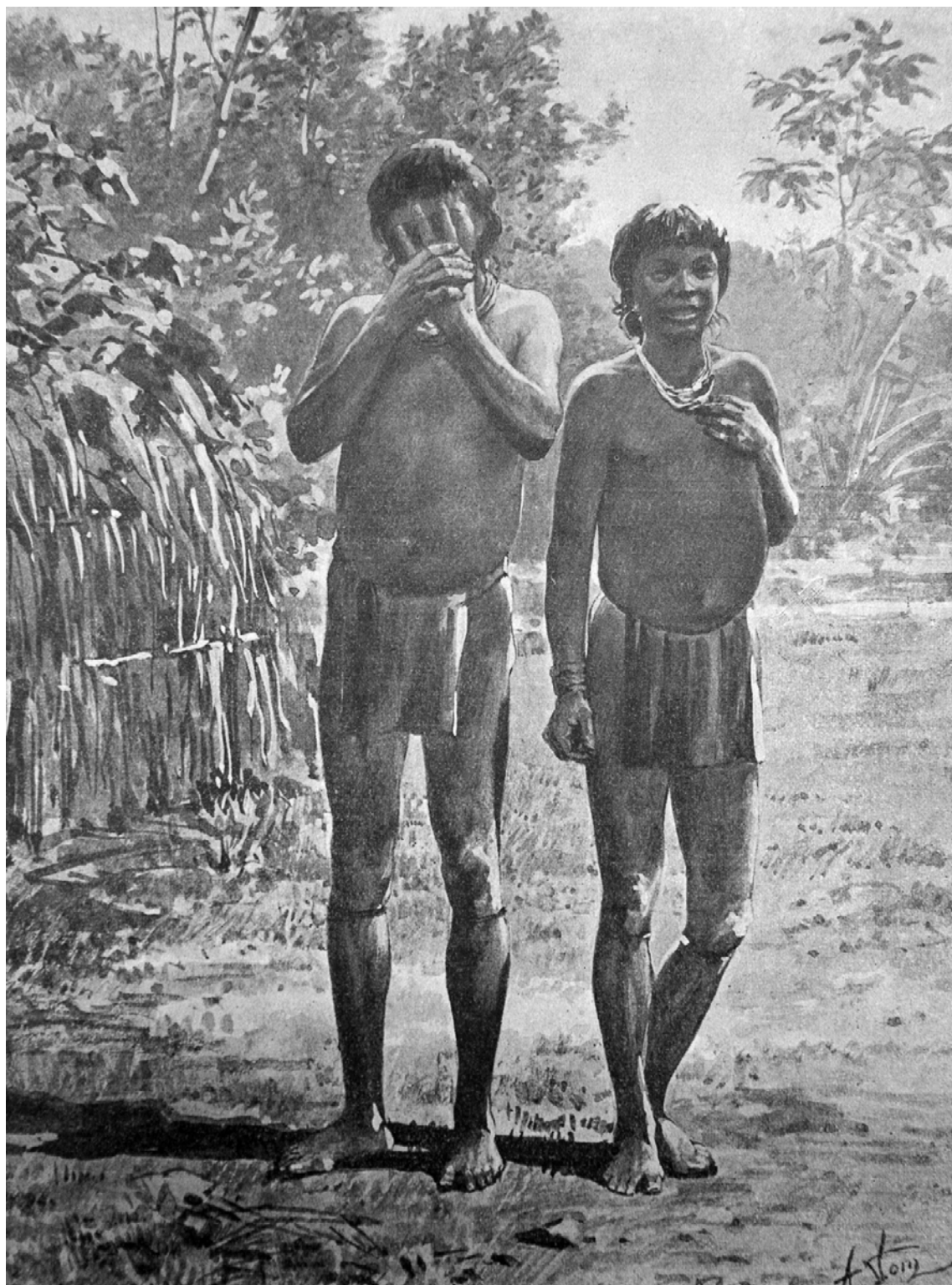


Imagem 18 – *Indiens de la Maloca Grande*. Reprodução da fotografia de dois meninos Waiwai feita por Octavie em 1901, publicada no “Voyage au Mapuera” à página 137. Surpreendido pela câmera de Octavie Coudreau, o menino esconde o rosto em tom de brincadeira. O clima é de total descontração.



IMAGEM 19 - *Indiens de la Maloca Grande*. Fotografia de um grupo de índios Waiwai reproduzida na página 125 do “Voyage au Mapuera” .

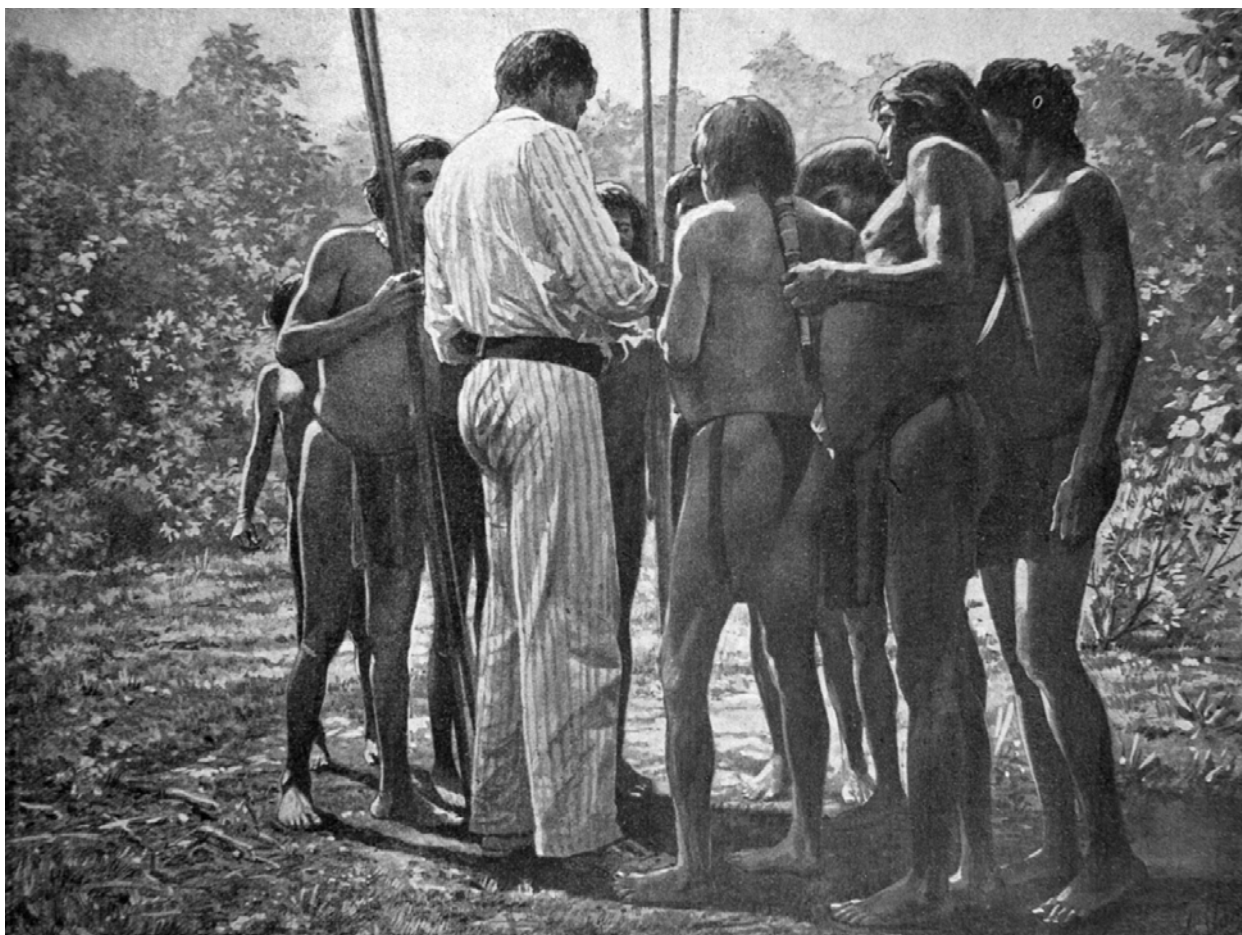


IMAGEM 20 - *Indiens regardant um revolver*. Armas de fogo sempre despertaram a curiosidade de caçadores ou guerreiros. Aqui um grupo Waiwai observa atentamente um revólver. Pode se imaginar a destreza de Octavie em manejar tão rapidamente a câmara fotográfica para conseguir este instantâneo. “Voyage au Mapuera”, página 133.

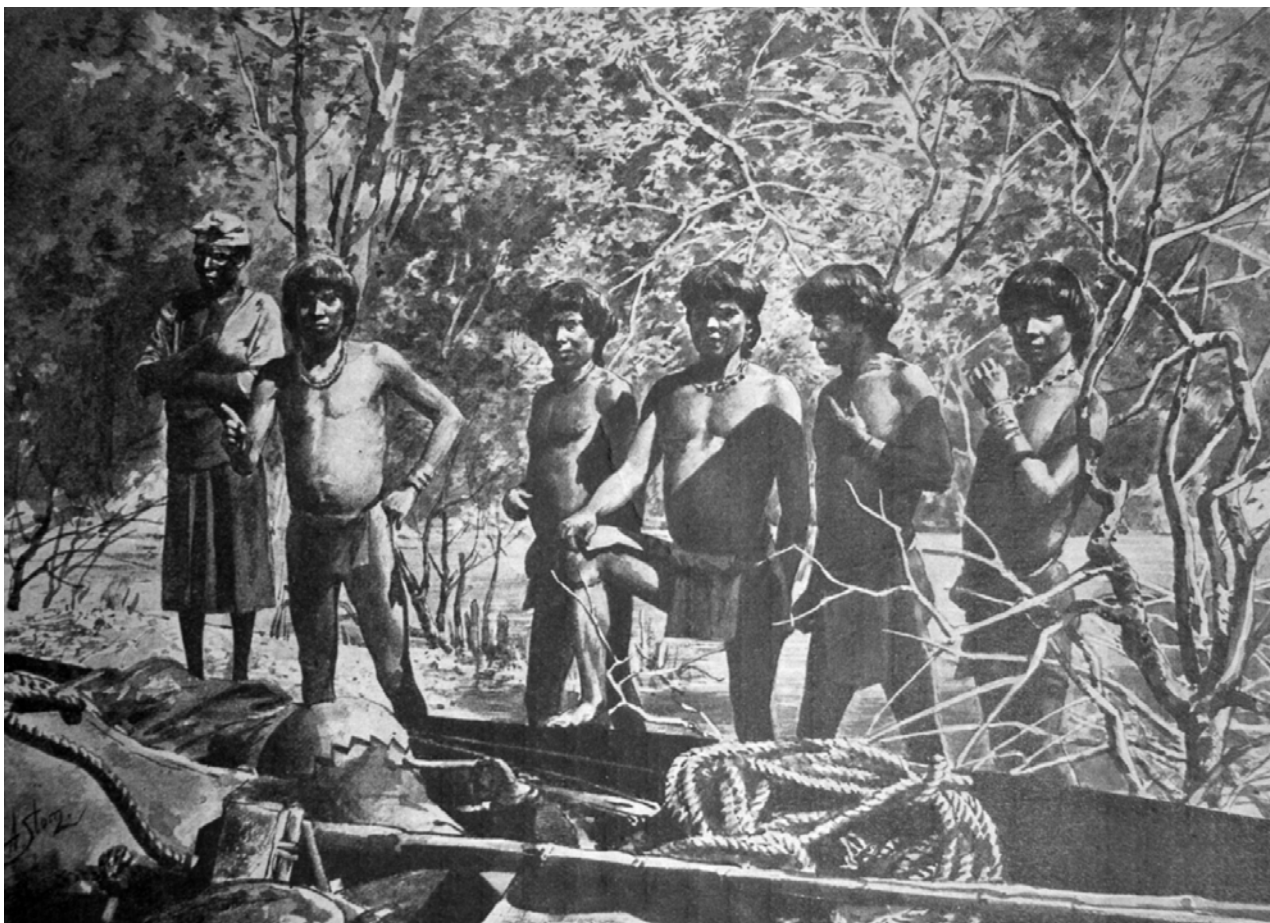


Imagem 21 – *Indiens pêcheurs de la première maloca*. Fotografia de um grupo de índios Waiwai. Dentro da Canoa pode-se ver, além da corda, alguns instrumentos musicais como um tambor e um gramofone. O primeiro índio da direita chama a atenção do grupo para fotógrafa. Todos estão sob o olhar vigilante do barqueiro “Voyage au Mapuera”, página 113.

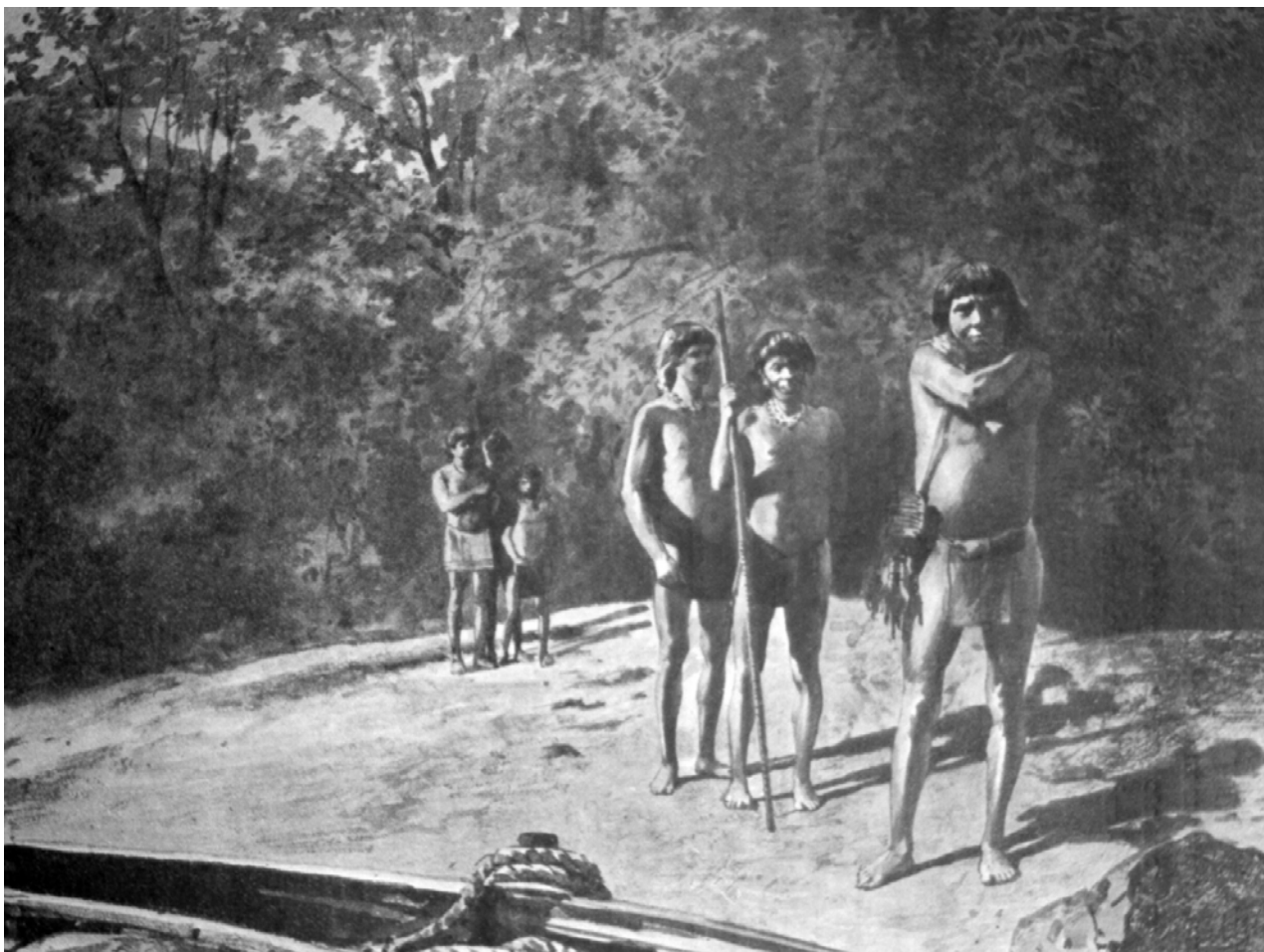


Imagem 22 – *Indiens de l'île du Tamouchi-i*. Cuidados ao primeiro contato, somente os homens se aproximam do grupo de Octavie. Mulheres e crianças observam de longe. “Voyage au Mapuera”, página 113.

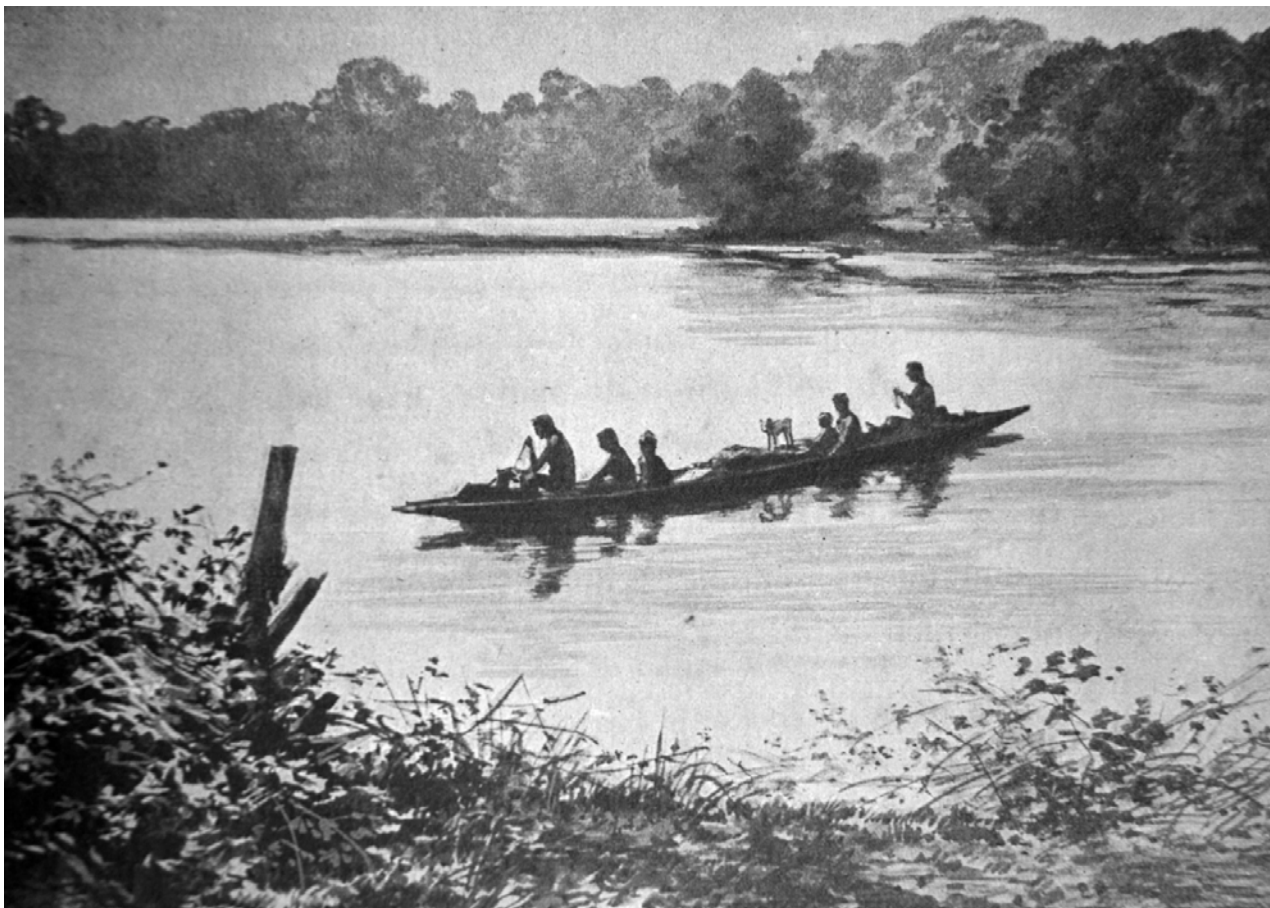


Imagem 23 – *Famille indienne*. Índios Waiwai do Mapuera. “Voyage Mapuera”, página 89



Imagem 24 – *Les deux pêcheurs*. Fotografia de dois índios Waiwai reproduzida na página 97 do “Voyage au Mapuera”.

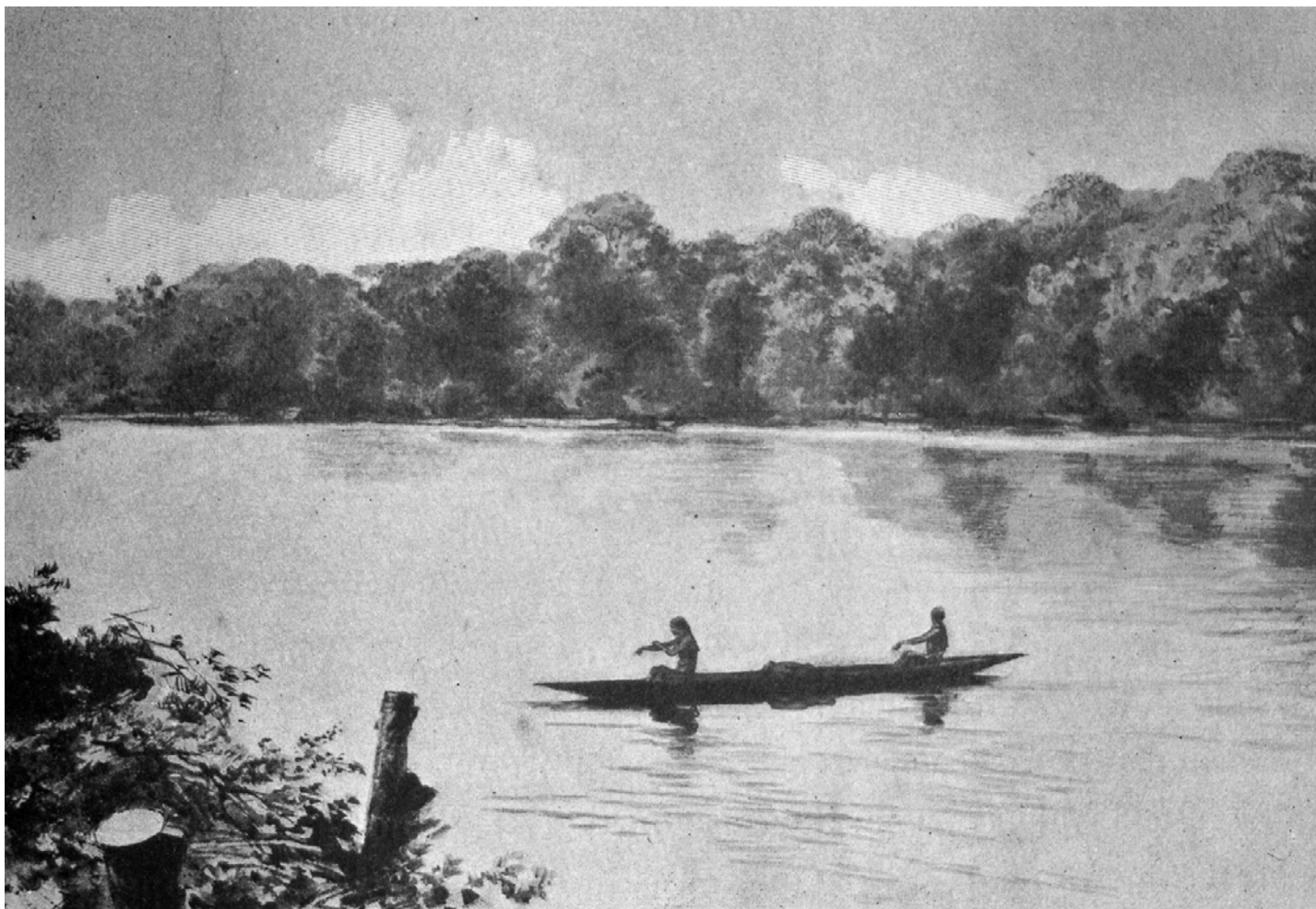


Imagem 25 – *Deux Indiens*. Fotografia de índios Waiwai do Mapuera, reproduzida na página 109 do “Voyage au Mapuera”.



Imagem 26 –*Maloca Grande*. Fotografia de uma umana (casa coletiva) dos índios Waiwai reproduzida na página 121 do “Voyage au Mapuera”.



Imagem 27 – *Tamouchi Piánocotó*. Aqui um velho chefe Pianokoto (atuais Tiryó) conversa com o grupo de Octavie Coudreau. A comunicação com estes índios não foi problema para Octavie uma vez que a mesma entendia a língua Ouayana (Waina). Os Tiryó, por viverem num meio multi-lingüístico (Karib, Tupi e Aruak da área guianense) conseguiram entendê-la. “Voyage au Mapuera”, página 144.



Imagem 28 – *Piánocotós*. Fotografia de um grupo de índios Pianokoto (atuais Tiryó) feita nas imediações de uma aldeia próxima ao rio Cuminá. “Voyage au Mapuera”, página 145.



Imagem 29 – *Piánocotós*. Nesta fotografia Octavie registra a troca de presentes com um grupo de índios Pianokoto (atuais Tiryó), nas imediações de uma aldeia próxima ao rio Cuminá. “Voyage au Mapuera”, página 152.

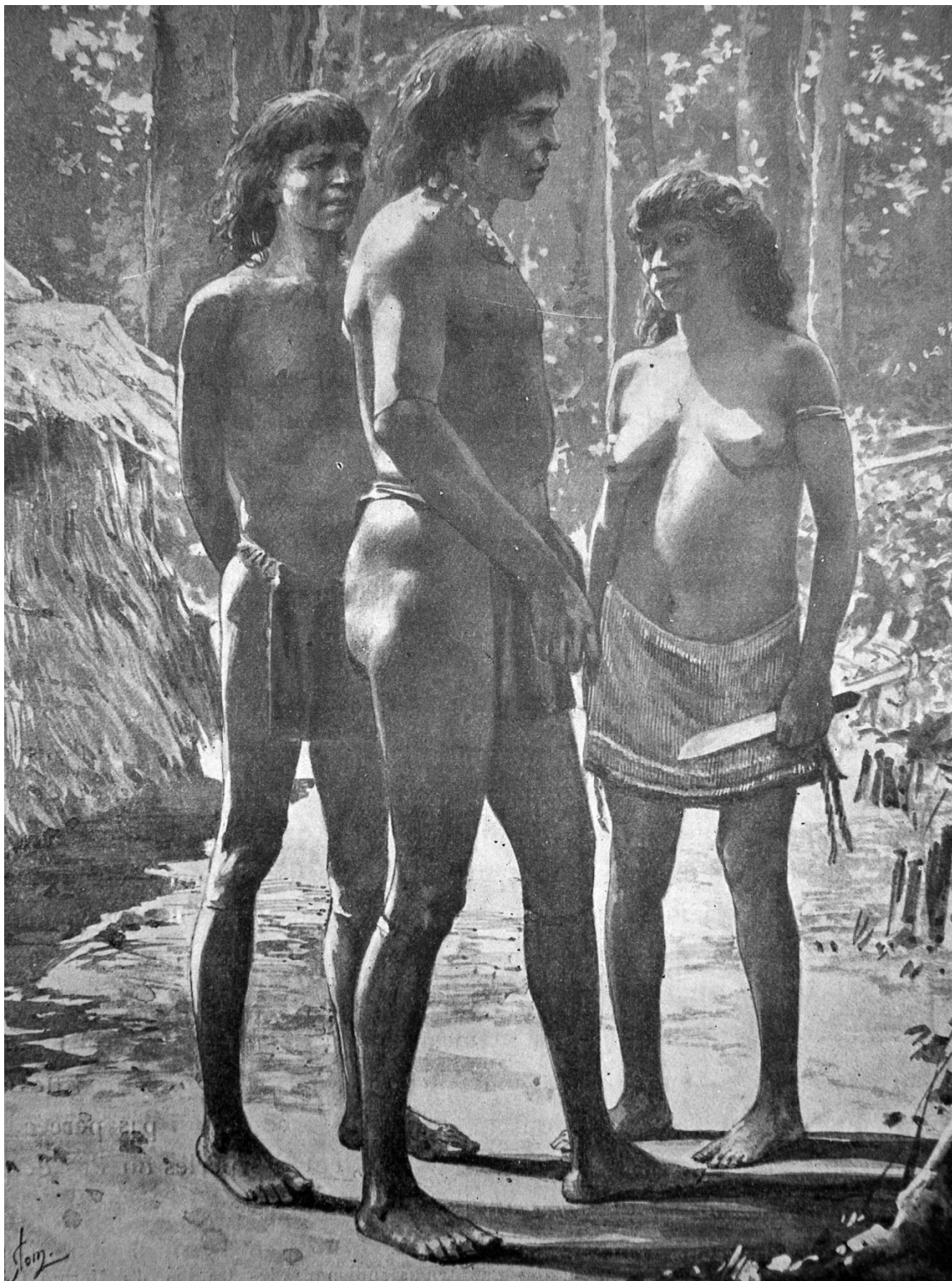


Imagem 30 – *La petite indienne et son mari*. Fotografia de um grupo de índios Waiwai. “Voyage au Mapuera”, página 85.

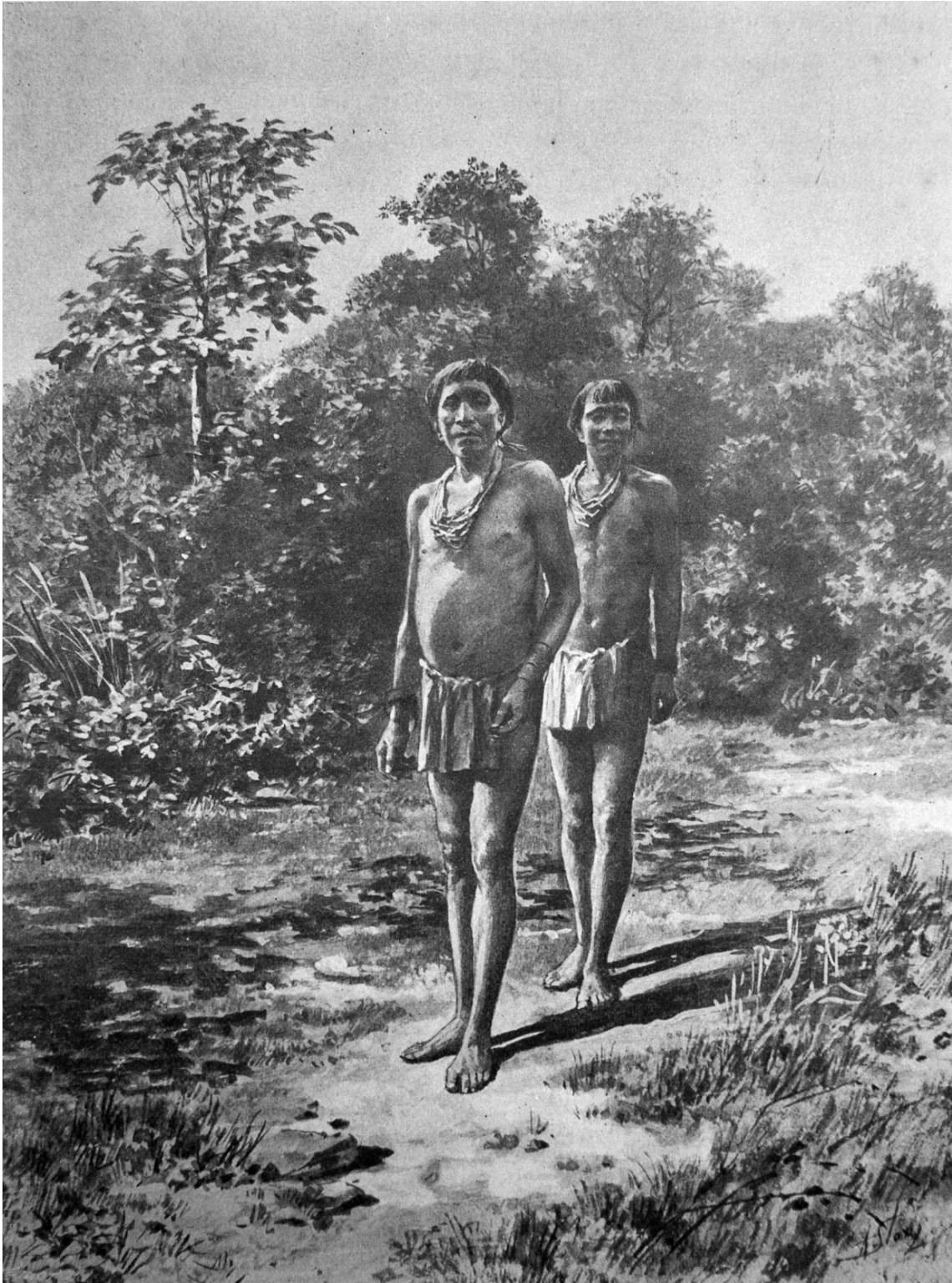


Imagem 31 – *Indiens de la première Maloca*. Fotografia de dois índios Waiwai. “Voyage au Mapuera”, página 105.

Considerações finais

Apresentamos, ao longo deste trabalho, um panorama geral dos relatos escritos e imagéticos deixados pelo casal Coudreau, frutos de suas observações nas suas viagens pelo interior da Amazônia brasileira e guianense, durante vinte anos, período esse, que se estendeu de 1883 a 1903.

Durante esse tempo, de grande importância histórica para a região, que foi período do *boom* da borracha, estes atores superaram a prática da maioria dos viajantes que era a de observar e relatar o que viam. Os Coudreau foram capazes, a partir de suas observações, de propor saídas para os problemas da Amazônia. Dentre eles, a dificuldade da ocupação do nosso vasto território, carente de mão-de-obra e de infra-estrutura.

Priorizamos, dentro do imenso universo de seus relatos, os seus discursos sobre as populações indígenas, procurando entender as suas visões sobre o índio numa época em que toda a elite intelectual e científica brasileira, de uma forma ou de outra, procurava apresentar suas teses sobre a questão indigenista, a maior parte delas, marcada pela forte influência das teorias pseudo-raciais que marcaram os estudos científicos de todo o século XIX.

Já conhecíamos de alguns trabalhos publicados, a visão eminentemente racista dos Coudreau, principalmente de Octavie Coudreau, acerca do negro. No entanto, quase nenhum estudo apontava para as opiniões destes viajantes sobre a questão indígena.

Através de seus textos e fotografias, o Casal Coudreau apresenta uma visão sobre o índio totalmente diversa da sua visão preconceituosa do negro. Se para eles, negro se constituía num problema, o índio vinha a ser a solução para a colonização da Amazônia;

primeiro, cooperando diretamente com o imigrante europeu ou brasileiro, ao constituir-se em mão-de-obra para a lavoura; segundo, emprestando seus caracteres genéticos – através da miscigenação - e seus conhecimentos sobre o meio para a aclimatação do branco na região.

Os relatos do casal Coudreau, tomados como uma unidade no início do trabalho, tiveram que ser, ao longo da pesquisa, analisados separadamente à medida que as opiniões, em alguns casos, tomavam rumos diferentes. Vimos, por exemplo, que o casal divergia quanto à concepção de raça. Enquanto Octavie era manifestadamente poligenista, Coudreau era monogenista. O que explica, o discurso violento de Octavie sobre o negro. No entanto, se foram divergentes neste e em outros vários aspectos, o casal apresenta um discurso uníssono sobre o índio.

Mesmo acontecendo com suas fotografias, que apesar de serem feitas na sua grande maioria por Octavie Coudreau, elas apresentam diferenças marcantes de um período para o outro. Quando fotografava em conjunto com o marido Henri Coudreau, foi dada prioridade para os retratos pousados; sozinha, depois da morte do marido, Octavie muda completamente sua forma de fotografar, passando das poses para os instantâneos.

Por fim, procuramos explicar aquilo que foi o maior paradoxo destes viajantes “de la Troisième République française”: a crença no ideal romântico do “bom selvagem” e a defesa intransigente de uma civilização e sua marcha inexorável, a qual, em última instância, seria responsável pela aniquilação total deste homem “primeiro e integral”.

Como nem todo paradoxo é irremediável, a solução do problema passaria pela miscigenação. Assim, encontrar o Homem em seu estado “natural” seria como encontrar a fonte da juventude para uma sociedade europeia que de tanto evoluir já apresentava os primeiros sinais de decrepitude.

Estou certo de que a pesquisa serviu também para explicar melhor o homem da segunda metade do século XIX, marcado por embates entre idéias tão díspares como cientificismo e romantismo. Por vezes, alguns destes homens ou mulheres eram capazes de tentar conciliar tais antinomias. Os Coudreau foram alguns deles, ao proporem uma utopia social que passaria pela conciliação da civilização com a vida selvagem, da razão com a liberdade, do progresso com a igualdade.

¹ Neste capítulo, examino um conjunto de fotografias produzidas pelo casal Henri e Octavie Coudreau nas suas viagens pelo interior do Pará a serviço do governo do Estado, no período de 1884 a 1889, e aquelas produzidas unicamente por Octavie Coudreau, depois da morte do seu marido, no período de 1889 a 1903, inclusive quando estava a serviço do governo do Estado do Amazonas.

Tratam-se, na sua maioria, de fotografias publicadas nos relatórios de viagem do casal: COUDREAU, Henri. **Voyage au Tapajós**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. ; COUDREAU, Henri. **Voyage au Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. ; COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaia**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897.; COUDREAU, Henri. **Voyage au Itaboca et l'itacayuna**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1898. ; COUDREAU, Henri. **Voyage entre Tocantins et Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. ; COUDREAU, Henri. **Voyage au Yamundá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. ; COUDREA, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. ; COUDREA, Octavie. **Voyage au Cuminá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1899. ; COUDREA, Octavie. **Voyage au rio Curuá**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.; COUDREA, Octavie. **Voyage au Mapuera**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903. ; e COUDREA, Octavie. **Voyage au Maycuru**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1903.

Algumas foram reproduzidas por bico de pena e impressas graças ao processo de fotogravura outras impressas, ao que parece, diretamente de glichês de metal ou gelatina. O fundo Iconográfico da Sociedade de Geografia de Paris detém a totalidades dos originais das fotografias tiradas por Coudreau e Octavie em suas expedições.

² COUDREAU, Octavie. **Voyage au Mapuera**. Paris. A. Lahure Imprimeur Editeur, 1903., p. 96.

³ A menção aqui a estes três intérpretes de ópera é de nossa livre dedução, uma vez que em 1901, pouquíssimos cantores tinham suas vozes gravadas nos discos de gramofones, dentre estes: Enrico Caruso, Feodor Chaliapin e Nellie Melba . O gramofone só foi inventado em 1887 e produzido industrialmente a partir de 1890. Uma

década depois, a nossa viajante já levava um destes aparelhos em sua viagem ao rio Mapuera; e, muito provavelmente, discos dos intérpretes aqui referidos.

⁴ **Jean Chaffanjon: um herói dos romances de Jules Verne (1885-1887)**

Enquanto Coudreau explorava o Xingu e o Tapujós, no Pará, outro francês, Jean Chaffanjon, percorria o Orinoco. De porte incomum, sua estatura elevada (cerca de 1,90), atlética, sua barba espessa e negra, seu rifle Winchester de repetição e sua máquina fotográfica emprestam ao viajante os atributos necessários à encarnação de um personagem ideal de um dos romances de Jules Verne. O escritor francês fica admirado com os relatos de sua viagem ao rio Orinoco, na Venezuela entre 1885 e 1887, descritos no livro “L’Orénoque et le Caura Voyage aux Sources de l’Orénoque”. Em “Le Superbe Orénoque” (1898), inspirado pelos feitos de Chaffanjon, Jules Verne cria o herói Jean de Kermor, uma cópia romântica do explorador.

Hoje em dia, poucas fotografias de Jean Chaffanjon podem ser encontradas. A maior parte foi perdida durante a própria expedição, por conta de um naufrágio sofrido pelo grupo de Chaffanjon. O pouco que restou trata-se, na maior parte, de imagens da expedição ou retratos do próprio viajante. (Sobre este e demais fotógrafos viajantes que percorreram a Amazônia nos séculos XIX e XX, ver: LEFÉBURE, **L’Amazonie disparue: Indiens et explorateurs (1825-1930)**. Paris: La Découverte, 2003.)

⁵ **Jules Crevaux: o amigo dos Boni (1876-1882)**

Jules Crevaux, Médico da Marinha Francesa, faz sua primeira exploração na Amazônia, a serviço do governo do seu país, no período de 1876 a 1877, quando é incumbido de navegar o Maroni, de canoa, até os montes Tumuc-Humac, afim de explorar, na volta, o Yari, um dos afluentes ainda quase inexplorado do rio Amazonas. Nesta primeira viagem, o jovem explorador, que contava na época incompletos 29 anos de idade, narra dois fatos que o tornaram famoso em seu país. O primeiro deles é o contato com a tribo dos Boni, um grupo de escravos das plantações de cana da Guiana Holandesa que se refugiara nas matas em busca da liberdade. É entre os Boni que Crevaux vai encontrar Apatou, seu guia e amigo inseparável que o acompanhará na maior parte de suas expedições, tendo inclusive visitado Paris onde faz sucesso em apresentações na Sorbonne. O segundo é a sua visita aos montes de Tumuc-Humac, a legendária cadeia de montanhas que se tornara famosa pelos relatos de outro viajante, o inglês Sir Walter Raleigh. É em Tumuc_Humac, onde Crevaux finalmente descobre o que poderia ter inspirado a famosa lenda do “Eldorado”, que tanto falava Raleigh. Tratava-se nem mais nem menos de várias grutas cujas paredes são formadas por mica, um mineral de brilho intenso quando refletida a luz solar, o que faz lembrar o ouro. Estas mesmas grutas são inundadas em determinada época do ano, o que certamente deve ter originado a famosa lenda do lago Parima, em cujas margens diziam encontrar-se a fabulosa cidade de Manoa.

Na sua segunda expedição (1878-1879) Crevaux explora a cadeia de montanhas que separa os vales do Amazonas e do Oiapoque. Nesta viagem, outro fato o deixa emocionado. Ao encontrar uma aldeia indígena formada somente por mulheres, Crevaux pensava finalmente ter encontrado a legendária tribo das Amazonas. Não era. As próprias índias logo esclareceram que eram, na verdade, mulheres expulsas de suas aldeias e condenadas a refugiar-se nas matas. Nem bem passado o susto, as mulheres ofereceram uma de suas filhas de 5

ou 6 anos ao perplexo viajante para que a tomasse como esposa. Em troca Crevaux deveria tornar-se chefe da aldeia.

No fim de cada um das suas missões, Crevaux é obrigado de retornar a França para lá refazer-se das malárias contraídas e para levar as amostras de animais e de plantas recolhidas, as anotações topográficas e os utensílios indígenas endereçados aos museus etnográficos. Os seus numerosos textos, escritos diariamente e publicados na revista "*a Volta do mundo*", oferecem aos seus leitores o encantamento frente ao exotismo da Amazônia. Se seus escritos encantam o público europeu, as imagens captadas por suas lentes provocam sensações extremas. Pois para ele: "a fotografia é a única coisa que pode apreender os mil detalhes da vegetação luxuriante desta região". Neste tipo de exploração, onde qualquer bagagem extra é um estorvo, o explorador nunca hesitou em levar um material bastante incômodo e de difícil lida e transporte nas florestas úmidas: a chapa fotográfica que possui o mesmo valor testemunhal e etnográfico dos artefatos indígenas recolhidos.

Em 06 de agosto de 1880, Crevaux deixa novamente a França para uma terceira expedição: estudar a comunicação entre os rios Madalena e Orenoco a partir da Colômbia, depois de atravessar a Cordilheira dos Andes. Nesta viagem, o companheiro Apatou é quase engolido por um Jacaré, sendo salvo pelo próprio Crevaux. Mesmo destino não teve outro companheiro de viagem, o farmacêutico François Burban, que picado por uma arraia veio a falecer após ter sua perna gangrenada por obra do veneno do peixe.

De volta, mais uma vez à França, o viajante é recebido pela Sorbonne, onde orgulhosamente apresenta o resultado de sua última viagem: cinquenta e dois crânios, vários esqueletos recolhidos de sete lugares diferentes e trezentas imagens de índios sobre a forma de desenhos e fotografias.

Agora mundialmente famoso, Crevaux é convidado pelo governo boliviano a comandar uma expedição de reconhecimento em seu país. Em dezembro de 1881, uma pequena equipe formada por ele, o astrônomo Billet, o médico Bayol e o pintor Rinzel, parte para a Bolívia para explorar o rio Pylcomayo entre a Bolívia e a Argentina. No mês de abril de 1882, o grupo agora maior, dez homens no total, desce o Pylcomayo com a bagagem carregada de bugigangas destinadas aos índios, principalmente os Tobas de reconhecida hostilidade. Foi a última vez que se teve notícia de Crevaux e seus homens. Tempos depois do desaparecimento do grupo outra expedição comandada Thouar foi enviada à região com o objetivo de encontra-los. Ninguém vivo. Um único vestígio encontrado: uma maleta de médico com a inscrição J.C. . (Sobre este e demais fotógrafos viajantes que percorreram a Amazônia nos séculos XIX e XX, ver: LEFÉBURE, **L'Amazonie disparue: Indiens et explorateurs (1825-1930)**. Paris: La Découverte, 2003.)

⁶ CREVAUX, Jules. Citado por LEFÉBURE, **L'Amazonie disparue: Indiens et explorateurs (1825-1930)**. Paris: La Découverte, 2003., p. 50.

⁷ **Guido Boggiani – O pintor-fotógrafo (1888-1901)**

Este explorador fantástico efetuou seus trabalhos entre os índios Caduveo (Cadiuéu), que no século XIX ocupavam uma área pertencente hoje ao Mato Grosso do Sul e do Chaco Paraguai, explorou por mais de 14 anos as florestas e os altiplanos situados na tríplice fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia, incluindo o sul da Amazônia. Boggiani, que como Crevaux, teve um fim trágico quase que na mesma região onde fora morto o

viajante francês, deixou um legado iconográfico inestimável (mais de 500 fotografias e diversos desenhos) para a história dos nossos índios.

Guido Boggiani, explorador, etnógrafo e artista italiano e seguramente o maior fotógrafo dos índios brasileiros do século XIX, nasceu em Omegna, em 1861, depois de estudar arte na academia de Brera, em Milão, Boggiani abandona as seduções da alta sociedade milanesa e se muda para o Brasil, onde por 14 anos percorre a floresta e os altiplanos na fronteira com Bolívia e Paraguai, reunindo mais de 500 fotografias e muitos desenhos e esboços. Suas fotografias retratam principalmente pessoas e a vida de duas tribos, os Ixiras e os Tumrahas, entre 1887 e 1893, sobre as quais Boggiani também escreveu um de seus livros mais importantes de etnografia, "Os Chamacocos".

O explorador italiano escreveu também tratados lingüísticos e geográficos da mesma região, ilustrados com desenhos seus.

Em 1901, enquanto já se preparava para voltar à Itália, Boggiani foi informado pelos Ixiras de uma tribo misteriosa da região do Grande Chaco paraguaio, os Morotocos, aos quais os outros índios atribuíam as características curiosas de serem barbudos (nenhuma tribo sul-americana o era), "sem ossos no corpo e rápidos como o vento".

Boggiani decidiu tentar o contato e se aventurou no Chaco junto com o seu companheiro de aventura, o guia Felix Gavilan. Mas, eles foram mortos em uma emboscada de um grupo dissidente dos Tumrahas que, por considerá-lo um bruxo perigoso, decapitaram-no para que não pudesse voltar para se vingar.

Quatro anos mais tarde, o aventureiro tcheco Albert Vojtech Fric repercorreu o caminho de Boggiani na savana paraguaia, concluindo as explorações e descobrindo o local onde ele foi morto. Foi Fric quem recuperou muito do material fotográfico da última expedição do artista novarese e o entregou à família Boggiani. (ANSA). . (Sobre este e demais fotógrafos viajantes que percorreram a Amazônia nos séculos XIX e XX, ver: LEFÉBURE, **L'Amazonie disparue: Indiens et explorateurs (1825-1930)**. Paris: La Découverte, 2003.)

⁸ Sobre estes e demais fotógrafos viajantes que percorreram a Amazônia nos séculos XIX e XX, ver: LEFÉBURE, **L'Amazonie disparue: Indiens et explorateurs (1825-1930)**. Paris: La Découverte, 2003.; ainda sobre Boggiani ver

⁹ Sobre os muitos e variados processos fotográficos oitocentistas, ver : VASQUEZ, Pedro Karp. **O Brasil na Fotografia Oitocentista**. São Paulo: Metalivos, 2003., p. 39-40.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995., p. 146.

¹¹ LA CONDAMINE, Charles Marie de. **Relation abrégée d' un voyage fait dans l' interieur de l' Amerique Méridionale. Depuis la Côte de la Mer du Sud, Jusqu' aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la riviere des Amazones; lûe á l'Assemblée publique de l'Académie des Sciences, le 28 avirl 1745**. Paris: 1745.

¹² FERREIRA, Alexandre Rodrigues **Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Memórias antropológicas. Brasília, Conselho Federal de Cultura. 1974.

-
- ¹³ HUMBOLDT, Alexander von; BONPLAND, Aime. **Voyage au Régions Équinoxiales du Nouveau Continent fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 e 1804**. Paris: A. Paris, 1819. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61299w>>. Acessado em 14.jun.2007.
- ¹⁴ BATES, Henry Walter. **O naturalista do rio Amazonas**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Brasília, 237).
- ¹⁵ WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1979.
- ¹⁶ FLORENCE, Hercules. **Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas**. São Paulo: Melhoramentos, 1941
- ¹⁷ VON HAGEN, Victor Wolfgang. **South America Called Them – Explorations of the Great Naturalists Charles-Marie de la Condamine Alexander von Humboldt Charles Darwin Richard Spruce**. Londres: ROBERT HALE LIMITED, 1949. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=5457805>>. Acessado em: 24.jan.2007.
- ¹⁸ AGASSIZ, Elisabeth Cary. **Louis Agassiz : sa vie et sa correspondance** / Mme Elizabeth C. Agassiz ; trad. de l'anglais par Auguste Mayor. Paris: Fischbacher. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2038271>>. Acessado em: 24.jan.2007.
- ¹⁹ CREVAUX, Jules Nicolas. **Voyages dans l'Amérique du Sud**. Paris: Hachette et Cie, 1889. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23007000>>. Acessado em: 24.jan.2007.
- ²⁰ Moreira Leite , Miriam Lifchitz: in Rev. Antropol. vol.44 no.2 São P aulo 2001, página 23
- ²¹ ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII**. trad. Antônio de Pádua Danesi, São Paulo, EDUSP, 1999., p.161.
- ²² Boudelaire apud DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas, Sp: Papirus, 1999., p. 29.
- ²³ O índio brasileiro que sempre despertou a atenção de viajantes europeus os quais produziram uma vasta quantidade de gravuras, pinturas e esboços de todos os tipos, com a invenção da fotografia não podia ser diferente. Já em 1844, cinco anos após a apresentação do processo de daguerreotipia pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre na Câmara de Ciência de Paris, dois índios Botocudo, foram fotografados por E. Thiesson na mesma cidade. Trata-se, até o presente, das primeiras fotografias de índios que se tem notícia e já figurava nestas primeiras imagens o uso científico da fotografia. As fotos mais antigas que se conhece de índios feitas no território do Brasil são de 1865, de autoria do suíço August Frisch, que viajou ao longo do rio Amazonas.
- ²⁴ A maior parte destes viajantes ainda é pouco conhecida por nós, o que torna interessante fazer um breve resumo da aventura de cada um pelos rios e florestas da Amazônia, como já fizemos nos casos de Jules Crevaux, Jean Chaffanjon e Guido Boggiani. Nestas viagens em busca de conhecimentos científicos ou do desconhecido, muitos destes viajantes encontram a morte.

Expedição Thayer encabeçada por Louis Agassiz e sua muher Elizabeth Cary Agassiz (1865-1866)

Entre 1865 e julho de 1866, vem ao Brasil, como chefe da expedição Tayer, saindo de Nova Iorque, passando pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, nordeste do Brasil e terminando na Amazônia. Como resultados de sua viagem publicou o livro *Journey to Brazil* em 1868.

Nesse sentido, sua viagem realizada ao Brasil, tornou a Amazônia uma espécie de laboratório de estudos sobre a mestiçagem brasileira e pretendeu fortalecer o campo político de parte da elite norte-americana que pregava a segregação dos negros. Ele diz, explicitamente: "Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas deveriam vir ao Brasil."

Na Amazônia, realizou fotos de habitantes de cunho menos artístico que, por exemplo, as fotos tiradas por Albert Frisch, pois os retratou em poses típicas da antropometria, que davam destaque à conformação das partes dos corpos e suas proporções, sem preocupação com a inserção dos indígenas em seu ambiente.

George Huebner e Charles Kroehle: fazendo fortuna com fotografias. (1889-1892)

O que hoje é comum ver em dezenas de sítios da Internet, onde são posta à venda milhares de fotografias sobre a Amazônia no que se tornou conhecido como "banco de imagem", no século XIX também tinha seu equivalente. Era comum fotógrafos percorrerem determinadas regiões do globo à caça de imagens exóticas e de interesse etnográfico para alimentar os acervos dos museus ou para atender aos próprios exploradores que não contassem com uma máquina fotográfica em suas bagagens. Neste sentido, dois fotógrafos alemães George Huebner (1862-1935) e Charles Kroehle, filhos de famílias de comerciantes de borracha da cidade de Iquitos, no Peru, resolvem descer o Amazonas em direção a Manaus com o objetivo de produzir o máximo possível de fotografias de "*regiões em parte desconhecidas e de tribos selvagens para além dos Andes*", a fim de constituir um fundo documental inédito, que os tornariam referência a qualquer naturalista interessado em ilustrar seus trabalhos ou mesmo aos turistas interessados em levar um souvenir de seus périplos pela região.

Para atender à demanda etnográfica, a dupla empregava estratégias para obter fotos seguindo à risca os manuais de etnografia da época, mesmo que para isso tivesse de arranjar seus modelos, despindo-os e postando-os em meio a cenário de natureza virgem.

Sobre as normas e procedimentos quanto às tomadas fotográficas para utilização científica, à época destes viajantes, ver: BATUT, Arthur (1846-1918). **La photographie appliquée à la production du type d'une famille, d'une tribu ou d'une race**. Paris: Gauthier-Villars, 1887. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k110285p>>. Acessado em 28.jan.2008.; EDER, Josef Maria. **La photographie instantanée, son application aux arts et aux sciences**. Paris: Gauthier-Villars et fils, 1888. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103269>>. Acessado em: 28.jan.2008.; JOLY, Édouard-Léon (Commandant). **La photographie pratique: manuel à l'usage des officiers, des explorateurs et des touristes**. Paris: Gauthier-Villars et fils, 1898. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103146>>. Acessado em: 28.jan.2008.; LE BON, Gustave (1841-1931), **Les levers photographiques et la photographie en voyage**. Paris: Gauthier-Villars et fils, 1889. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76297m>>. Acessado em: 28.jan.2008.; BRUNEL, Georges. **Variations et détermination des temps de pose en photographie: manuel élémentaire de posochronographie**. Paris: Gauthier-Villars et fils, 1897. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k207273g>>. Acessado em: 28.jan.2008.

Karl Von Den Steinen – o explorador do Xingu (1884 – 1888)

Quando explorava o Xingu, em 1896, Coudreau se gabava de fazer tal empreitada contando apenas como guia a “carta de Steinen”. O viajante naturalmente referia-se ao grande etnógrafo alemão Karl Von Den Steinen.

Karl von den Steinen, etnólogo alemão (1855-1929) foi o primeiro estudioso a visitar e documentar a região do Brasil Central, isso há quase cento e vinte anos atrás. Ao retornar de sua segunda expedição ao Xingu, que durou de 1887 a 1888, ele escreveu o livro que foi editado em 1894 na Alemanha, com mapeamento e fotos inéditas da região e seus habitantes.

"Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens" (Entre os povos nativos do Brasil Central), além de apreender para a posteridade um lado belo, espetacular e pouco conhecido do Brasil, contém as únicas fotografias das diferentes tribos e os primeiros levantamentos cartográficos do Xingú até aquela data, com localização e distribuição geográfica dos povoamentos de então.

Numa bela fotografia de uma menina Baïkiri, tirada pelo fotógrafo-etnógrafo Karl Von Den Steinen certamente, pelo menos enquanto captura a sua imagem, parece ter encontrado a Éva bíblica. Aliás, coincidentemente, a jovem respondia pelo nome cristão de Éva.

²⁵ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**, História e Imagem. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 175

²⁶ SONTAG, Susan. **Sobre La Fotografia**. Buenos Aires: Alfaguara, 2006, p. 219

²⁷ COUDREAU, Henri Anatole. **Voyage au Xingu**. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897. p. 86.

²⁸ VASQUEZ, Pedro Karp Vasquez. **O Brasil na Fotografia Oitocentista**. São Paulo. Metalivros, 2003., p. 56.

²⁹ Já tivemos oportunidade de Valar sobre Edward S. Curtis (1868-1951) na referência número 35 do primeiro capítulo.

³⁰ LYMAN, Christopher. The Vanishing race and other illusions: photographs of Indians by Edward S. Curtis. Smithsonian Institution, 1982. p. 63. Citado por Sara Brandon. **Edward Curtis, uma construção imagética do índio norte-americano in revista Studium/Unicamp**. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/nove/2.html>>. Acessado em: 24.jan.2007.

³¹ BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859-1899) – Dernier Explorateur français en Amazonie**. Paris. L'HARMATTAN, 2000, p. 27.

³² BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859-1899) – Dernier Explorateur français en Amazonie**. Paris. L'HARMATTAN, 2000, p. 77.

³³ Atitude que não agradou muito os seus críticos. O maior deles, Artur Vianna, em um de seus 10 artigos intitulados “As Viagens de Mr. Coudreau”, publicado no jornal *O Pará*, número 171, página 02, colunas 02 e 03, de 22 de junho de 1898, diz que:

Depois da *mission scientifique au Tapajós*, encarregou o Dr. Lauro Sodré a Mr. Coudreau de duas novas *missions*, uma ao Xingú, outra ao Tocantins-Araguaya.

Em primeiro de maio de 1896, partiu o explorador de Belém com destino ao Xingú.

Este rio, como o Tapajós, de longa data conhecido, gozara anteriormente de algumas explorações importantes; por duas vezes o nosso ilustre compatriota Domingos Soares Ferreira Penna penetrara-o até o curso médio, uma das vezes, acompanhado pelo distinto oficial da nossa marinha Miguel Lisboa; em 1813, o príncipe Adalberto da Prússia e os condes de Bismark e de Oriolia haviam atingido o paralelo 4°, 30', e a célebre comissão, chefiada pelo dr. Carlos von den Steinen, e da qual fizeram parte o douto antropologista Paulo Ehrenreich e o abalizado geólogo e astrônomo Pedro Vogel, além do não menos esforçado Guilherme von den Steinen, percorreram o grande rio em toda a sua extensão.

Temos sobre a banca, ao lado da *Voyage au Xingú*, de Mr. Henri Coudreau, o trabalho de Steinen e dos seus companheiros, a cópia de uma velha carta geográfica do rio, organizada em 1802, por ordem do capitão general Caetano Pinto de M. Montenegro, e a carta ao Xingú, segundo o traçado definitivo da expedição *Steinen*, publicado pelo Dr. Clauss, no *Petermann's Mittheilungen*, jornal geográfico alemão.

Em confronto com estes trabalhos, estudaremos a *Voyage au Xingú*, sob diversos pontos de vista, salientando o que acharmos correto e condenando o que ao nosso juízo parecer condenável.

Começaremos a nossa apreciação à obra por examiná-la sob os pontos de vista *arqueológico e etnológico*.

O Xingú é, como o Tapajós, o habitat de numerosas tribos e consequentemente, Mr. Coudreau deve ter tido diante de si, ao alcance da sua trena, preciosos representantes indígenas.

Nada se encontra, porém, na *Voyage au Xingú*, como na *Voyage au Tapajós*, digno de nota para a etnologia.

Nos mesmos termos gerais, rápidos, com que tratou *dos Parintintins, dos Maués, Apiacás, Tapanhunas*, do Tapajós, referiu-se aos *Araras, Carajás, Jurunas, Penas, Assurinis*, do Xingú; as considerações emitidas não podem constituir um estudo aceitável ao menos.

Ainda mesmo que se quisesse conceder a Mr. Coudreau a justificativa da nulidade da sua obra, sob o ponto de vista cientificamente etnológico, pelo fim de propaganda do seu trabalho, levantar-se-iam a derrocar uma tal justificativa os intuítos do nosso Governo nas *missions scientifiques*.

Claro está que o Estado não dispendeu os seus contos de réis, usando apenas as informações comerciais ou interesseiras; as suas vistas foram sem dúvida mais longe, portanto, nunca poderá acertar a ausência de estudos sobre os índios, que se nota nos livros de Mr. Coudreau.

Na *Voyage au Xingú* mais que na *Voyage au Tapajós*, há um imenso claro que as observações etnológicas deveriam ter preenchido; não somos exagerados, exigimos o que o caráter da missão de Mr. Coudreau nos dá direito de exigir.

Nas diversas tribos citadas pelo explorador não foram estudos e registrados:

1° - caracteres físicos – altura em ambos os sexos e com diferentes idades, cor dos cabelos, pele e olhos, conformação dos membros, amplitude do ângulo facial, medidas craniológicas etc.etc;

-
- 2° - adornos e tatuagens – enfeites de penas, batoques, cópias dos desenhos etc.
- 3° - nascimento e educação dos índios – condição das mulheres durante a gestação, os partos, tratamento dos recém-nascidos, educação dos filhos etc.
- 4° - as habitações indígenas – formas das casas, materiais empregados na sua construção, aldeias etc.
- 5° - a alimentação indígena – caça, pesca, agricultura, instrumentos e armadilhas da caça e da pesca etc.
- 6° - A família indígena – parentescos paterno e materno etc.
- 7° - O casamento – monogamia, poligamia, divórcio, idades nos dois sexos para o casamento, impedimentos dirimentes, cerimônias e matrimoniais etc.
- 8° - Os chefes indígenas – constituição do governo, o chefe na guerra e na paz, maiores etc.
- 9° - A guerra – causas, armas, preparativos, marchas, ataques etc.
- 10° - Religiões indígenas – idéias de Deus, cosmogonia, espíritos maléficos, antropomorfismo, cultos etc.
- 11° - Culto aos mortos – concepção da imortalidade da alma, enterramentos, urnas funerárias, luto etc.
- 12° - A medicina e a cirurgia – toxicologia, plantas medicinais, operações, curativo dos ferimentos etc.
- 13° - Agricultura – roças, instrumentos agrícolas, plantações etc.
- 14° - Cerâmica – utensílios, fabricação, pintura, fornos etc.
- 15° - A navegação – embarcações, remos, pilotos etc.
- 16° - Instrumentos de pedra lascada e de pedra polida – martelos, machados etc.
- Este simples e incompleto programa nos mostra bem claramente o laconismo da *Voyage au Xingú* no assunto indígena; Mr. Coudreau não teve prazo estabelecido para a conclusão dos seus estudos, podia conseguintemente gastar alguns dias com os índios.
- Com boas informações sobre as tribos do Tapajós e do Xingú, teria Mr. Henri dado às suas obras um cunho original, precioso, tanto para o leitor indiferente como para o cientista.
- Pelo lado arqueológico houve alguma melhora; o autor deu-nos os desenhos das pedras esculpidas da Caruara, Cotijuba, Itamaracá, e só.
- Quem ler as belas páginas de Carlos Steinen sobre os Trumais, os Bakairis, os Nahuquás, os Mehinakus, do Xingú e passar depois a percorrer os informes etnológicos da obra de Mr. Coudreau, compreenderá a impossibilidade de um paralelo; quem ler os trabalhos de Paulo Ehrenreich reconhecerá que os traços gerais, etnológicos da *Voyage au Xingú* são incompatíveis com o grau de adiantamento dos estudos precedentemente feito.

Sobre as normas e procedimentos quanto às tomadas fotográficas para utilização científica, à época do casal Coudreau, ver: BATUT, Arthur (1846-1918). **La photographie appliquée à la production du type d'une**

famille, d'une tribu ou d'une race. Paris: Gauthier-Villars, 1887. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k110285p>>. Acessado em 28.jan.2008.; EDER, Josef Maria. **La photographie instantanée, son application aux arts et aux sciences.** Paris: Gauthier-Villars et fils, 1888. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103269>>. Acessado em: 28.jan.2008.; JOLY, Édouard-Léon (Commandant). **La photographie pratique: manuel à l'usage des officiers, des explorateurs et des touristes.** Paris: Gauthier-Villars et fils, 1898. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103146>>. Acessado em: 28.jan.2008.; LE BON, Gustave (1841-1931), **Les levers photographiques et la photographie en voyage.** Paris: Gauthier-Villars et fils, 1889. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76297m>>. Acessado em: 28.jan.2008.; BRUNEL, Georges. **Variations et détermination des temps de pose en photographie: manuel élémentaire de posochronographie.** Paris: Gauthier-Villars et fils, 1897. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k207273g>>. Acessado em: 28.jan.2008.

³⁴ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tapajós.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897, p. 213.

³⁵ COUDREAU, Henri. **Les Français en Amazonie.** Picard-Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque coloniale. Illustré par P. Hercouët ET F. Massé, Paris 1887, p. 201

³⁶ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tapajós.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897

³⁷ COUDREAU, Henri. **Voyage au Xingu.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897, página 80.

³⁸ COUDREAU, Henri. **Voyage au Xingu.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897, página 86

³⁹ COUDREAU, Henri. **Voyage au Xingu.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897, página 86

⁴⁰ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897., p. 119-120

⁴¹ Sobre a demografia do povo Carajá ao longo da história, O Alferes José Pinto da Fonseca, em 1775, falou da existência de 7 a 8 mil índios (FONSECA, José Pinto. **Da cópia da carta que o alferes José Pinto da Fonseca escreveu ao Exm. General de Goiás, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de índios, dirigida do sítio onde portou.** *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro : IHGB, v. 8, 1868.); Krause em 1908, falou da existência de apenas 815 índios (KRAUSE, Fritz. **Nos sertões do Brasil.** *Rev. do Arquivo Municipal*, São Paulo : Arquivo Municipal, v. 66 a v. 91, 1940/1943.); Lipkin refere-se a um número de 795, em 1939 (LIPKIND, William. **The Carajá.** In: STEWARD, J. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. v. 3. Washington : Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, 1948.)

⁴² COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897., p. 187

⁴³ COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya.** Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897., p. 187

⁴⁴ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Mapuera.** Paris. A. Lahure Imprimeur Editeur, 1903., p. 91

⁴⁵ CASTRO, Eduardo Viveiro de. **Dois Rituais do Xingu.** In: Cadernos de Antropologia e Imagem, número 2- Antropologia e Fotografia. Rio de Janeiro: Núcleo de Antropologia e Imagem/UERJ, p. 99.

⁴⁶ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Cuminá.** Paris. A. Lahure Imprimeur Editeur, 1903., 164.

⁴⁷ Boaz, Franz. **Kwakiutl Ethnography**. Edited by Helen Codere, Chicago and London: The University of Chicago Press, 1966.

⁴⁸ CURTIS, Edward S. **Los Indios de Norteamérica**. Madri: Taschen, 2005

⁴⁹ TURAZZI, Maria Inez. Poses e Trejeitos: **A fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1995.

⁵⁰ Sobre o assunto ver:TACCA, Fernando de. **A imagética da Comissão Rondo. Etnografias filmicas estratégicas**. Campinas: Papius, 2001. (Coleção Campo Imagético); TODD A. Diacon: “**Stringing Together a Nation – Candido Mariano da Silva Rondon and the Construction of a Modern Brazil, 1906-1930**”. Duke University Press. 2004.

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia (Fontes): Trabalhos do Casal Coudreau:

1.1. Escritos de Caiena (publicações de Henri Coudreau)

1.1.1. Grandes publicações:

COUDREAU, Henri. **La France Équinoxiale**. Paris: Challamel aîné, 3 vol. In 8°, atlas de 8 cartes. I. Études sur Guyanes ET l'Amazonie 1886, 436p. II. Voyages à travers lès Guyanes et l'Amazonie 1887, 496p. III. Études et voyages à travers lès Guyanes et l'Amazonie 1887, 8 cartes em couleur.

_____. **Les Français em Amazonie**. Picard-Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque coloniale. Illustré par P. Hercouët ET F. Massé, Paris: 1887, 226p

_____. **Vocabulaires méthodiques dès langues ouayana, aparai, oyampi, emerillon, introd.** Par Luc Adam. Paris: 1892, 147p.

_____. **Chez nos Indiens. Quatre années das La Guyane française**, Le Tour Du Monde, 1892, 1^o semestre, p. 1-96

_____. **Chez nos Indiens. Quatre années das La Guyane française, 1887-1891**. Hachette et Cie, Paris: 1893, 98 grav. et une carte au 1^o janvier 250 000^e (carte parue dans le Bulletin de la Société de Géographie, 1891), 614p.

1.1.2 – Artigos e ou publicações em pequenas brochuras

COUDREAU, Henri. **Le Pays de Wargla et les peuples de l'Afrique et Hartmann**. Paris (Viat), 52 p. in-, 1882, in 16°.

_____. **Notes sur les richesses forestières, pastorals, minières de la Guyane Française**. Moniteur de la Guyane française, 12 et 19 mai 1883, Cayenne, 1883, in 8°

_____. **Les richesses de la Guyane française**. Cayenne, Imprimerie Du Gouvernement, 1883, 215/145, 184p.

_____. **De l'émigartion européenne dans lès prairies de La Guyane**. Bulletin de la Société de Géographie commerciale de Paris, t. VII, 1884-1885, p. 265-274.

_____. **La place de Pará.** Bulletin de la Société de Géographie commerciale de Paris, t. VII, 1884-1885, p. 385-394.

_____. **Histoire de la colonisation française em Guyane.** Revue Du Monde Latin, Paris, octobre et décembre 1885.

_____. **Les Uaupès.** Revue géographique internationale, annés 1885 et 1886.

_____. **L'Amazonie.** Bulletin de la Société de Géographie commerciale de Paris, t. VIII, 1885-1886, p. 122-159.

_____. **L'organisation consulaire em Amazonie.** Revue Du Monde Latin, Paris: janvier 1886.

_____. **Les Directeurs d'Indiens.** Revue de la Société de Géographie de Tours, t. III, 186, p. 41-47 et 110-119.

_____. **Le territoire conteste entre la France et Le Brésil.** Bulletin de la Société de Géographie de Lille, t. V, 1^o semestre de 1886, p. 42-71.

_____. **La Guyane centrale.** (conférence), Bulletin de la Société de Géographie de l'Est, 1886, PP. 565-597.

_____. **Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au haut Tombetta (Mai 1884-avril 1885).** Bulletin de la Société normande de Géographie et tirage à parte, Rouen. (Cagniard), 135 p. in-4, 1886.

_____. **La Haute Guyane.** Bulletin de la Société des Études coloniales et maritimes, 1888, p. 113-129.

_____. **Le Counani et le Mapa.** Bulletin de la Société de Géographie, Paris: 1889, p. 396-424

_____. **Le contesté franco-brésilien.** avec carte au 1/7 500 000e, Bulletin de la Société de Géographie, Paris, p. 289-309.

_____. **La Guyane centrale et son avenir.** Bulletin de la Société de Géographie commerciale de Paris, t. XIII, 1890-1891, p. 153-160

_____. **Le contesté franco-hollandais.** Le National, Paris: 5, 18, 24 juin 1891.

_____. **Le contesté franco-hollandais.** Bulletin de Société dès Études coloniales et maritimes, 1891, p. 165-186.

_____. **Conférence d'Henri Coudreau.** Compte-rendu dès séances de la Société de Géographie, Paris: 1891, séance extraordinaire Du 15 juin 1891, réception de M. Henri Coudreau, p. 361-389.

_____. **Note sur 53 tribus de la Guyane.** Bulletin de la Société de Géographie, Paris: 1891, p. 116-132.

_____. **Dix ans de Guyane, mission Du Ministère de l'Instruction publique, avec carte au 1/1 250 000e.** Bulletin de la Société de Géographie, Paris: 1891, p. 447-480.

_____. **Les Caraïbes. À propôs dès individus exhibés au Jardin d'Acclimatation.** La Nature, 1^o semestre 1892, PP. 246-250.

_____. **Exploration em Guyane.** Société nomande de Géographie, t. XIV, 192, p. 137-154.

_____. **Études de la chîne dès monts Tumuc-Humac.** Association française pour l'avancement dès sciences, compte-rendu de la 21^o session, Pau, 1892, 2^o partie, p. 884-889.

_____. **Aperçu general dès Tumuc-Humac.** Société de Géographie, 1893. PP. 29-52, plus 1 carte. 23 cm. Extrait du Bulletin de la Société de Géographie, 7^o sérié, t. XIV, Paris: 1^o trimestre 1893.

_____. **Le litige de l'Amazonie.** Bulletin de Société dès Études coloniales et maritimes, 1893, p. 229-239.

_____. **La question du territoire conteste franco-brésilien.** Bulletin de Société de Géographie Commerciale de Paris, t. XVIII, 1895, p. 8-23.

1.1.3 – Verbetes para a “la Grande Encyclopédie Berthelot”

COUDREAU, Henri. **Guyane.** In: La Grande Encyclopédie Berthelot, Tome 19, Paris: H. Lamirault, 18??. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24654x/f631>>. Acessado em 22 jan. 2006.

_____. **Guyane anglaise.** In: La Grande Encyclopédie Berthelot, Tome 19, Paris: H. Lamirault, 18??. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24654x/f631>>. Acessado em 22 jan. 2006.

_____. **Guyane française.** In: La Grande Encyclopédie Berthelot, Tome 19, Paris: H. Lamirault, 18??. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24654x/f631>>. Acessado em 22 jan. 2006.

_____. **Guyane néerlandaise.** In: La Grande Encyclopédie Berthelot, Tome 19, Paris: H. Lamirault, 18??. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24654x/f631>>. Acessado em 22 jan. 2006.

1.1.4 – Reportagens para o “Journal des Voyages”

COUDREAU, Henri. **Voyage au territoire indien de la Guyane.** (n^o 618 à 626, 12 mai 1887- 7 juillet 1889). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34446531j/date>>. Acessado em 22 jan. 2006.

_____. **Um hibernage sou l'Équador.** (n° 744 à 756, 11 octobre 1891- 3 janvier 1892). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34446531j/date>>. Acessado em 22 jan. 2006.

_____. **Counani et Mapa.** (n° 822 et 823, 9 et 16 avril 1893). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34446531j/date>>. Acessado em 22 jan. 2006.

_____. **Pâques aux Tumuc-Humac.** 1888 (n° 873 à 875, 1° avril 1894-15 avril 1894). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34446531j/date>>. Acessado em 22 jan. 2006.

_____. **Légendes dès Tumuc-Humac.** (n° 914, 13 janvier 1895, n° 919 e 920, 17 et 24 février 1895, n° 931, 12 mai 1895, n° 942, 28 juillet 1895, n° 956, 3 novembre 1895, n° 971, 16 février 1896). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34446531j/date>>. Acessado em 22 jan. 2006.

1.2 – Escritos brasileiros

1.2.1 – Livros publicados por Henri Coudreau.

COUDREAU, Henri. **Voyage Au Tapajoz. 28 Juillet 1895-7 Janvier 1896.** Illustre De 37 Vignettes Et d'une Carte ..Paris: A. Lahure, 1897.

_____. **Voyage Au Xingu, 30 Mai 1896-26 Octobre 1896.** Illustre De 68 Vignettes Et d'une Carte. Paris: A. Lahure, 1897.

_____. **Illustre De 87 Vignettes Et d'une Carte Des Rivieres. "Tocantins-Araguaya."** Paris: A. Lahure, 1897.

_____. **Voyage A Itaboca Et A l'itacayuna, 1er Juillet 1897-11 Octobre 1897.** Illustre De 76 Vignettes Et De 40 Cartes. Paris: A. Lahure, 1898.

_____. **Voyage entre tocantins et xingu 3 avril 1898-3 novembre 1898.** ouvrage illustre de 78 vignettes et de 15 cartes. Paris: A. Lahure, 1899.

_____. **Atlas dès voyages au tapajos, au xngu et au tocantins-araguaya.** Paris: 1899, in 4°, 94 cartes.

_____. **Voyage au yamunda 21 janvier 1899-27 juin 1899.** Ouvrage illustre de 87 vignettes et de 17 cartes. Paris: a. Lahure, 1899.

1.2.2– Artigos publicados por Henri Coudreau.

COUDREAU, Henri. **L’Avenir da Capital du Pará**. Bibliotheca e Archivo Público do Pará. 1915

1.2.3– Album fotográfico publicados por Henri Coudreau

COUDREAU, Henri. **L’État de Pará (États-Unis de Brésil)- Album des principales avenues, places, monuments, ports, statues de l’État de Pará**. Paris (A. Lahure), 2 parties en 1 vol., in-4, plan, carte, 1897.

1.2.4– Livros Publicados por Octavie Coudreau

COUDREAU, Octavie. **Voyage au trombetas, 7 aout 1899-25 novembre 1899** . Paris: a. Lahure, 1900. 3 p. L., 141, [2] p. Illus., port., 7 fold. Maps. 29 x 23 cm. Trombetas river (brazil).

_____. **Voyage au cumina, 20 avril 1900-7 septembre 1900** . Paris: a. Lahure, 1901.

_____. **Voyage au rio curua, 20 novembre 1900-7 mars 1901**. Ouvrage illustre de 34 vignettes et de 1 carte. Paris: a. Lahure, 1903.

_____. **Voyage a la mapuera, 21 avril 1901-24 decembre, 1901**. Ouvrage illustre de 36 vignettes et de 1 carte. Paris: a. Lahure, 1903.

_____. **Voyage au maycuru, 5 juin 1902-12 janvier, 1903**. Ouvrage illustre de 57 vignettes et de 1 carte. Paris: a. Lahure, 1903.

_____. **Voyage au canumã 21 août 1905 – 16 février 1906**. Paris: a. Lahure, 1906, 216 p.

2. Bibliografia Geral

AGASSIZ, Elisabeth Cary. **Louis Agassiz : sa vie et sa correspondance** / Mme Elizabeth C. Agassiz ; trad. de l'anglais par Auguste Mayor. Paris: Fischbacher. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2038271>>. Acessado em: 24.jan.2007.

AGOSTINHO, Pedro. **Testemunhos da ocupação pré-xinguana na bacia dos formadores do Xingu.** In: Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu (Vera Penteadó Coelho, org.). São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993., pp. 223-287.

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. **Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual.** In: FELDMAN-BIANCO, Bela, MOREIRA LEITE, Míriam L. (org.). Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Campinas: Papirus, 1998., p. 75-112.

ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII.** trad. Antônio de Pádua Danesi, São Paulo: EDUSP, 1999.

ALTENFELDER SILVA, Fernando. **O mundo mágico dos bacairis.** Em Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu (Vera Penteadó Coelho, org.). São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993., pp. 347-374.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado.** 3. ed. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, s.d.

ALVARENGA, Alexandre C. **O mundo nos detalhes do cotidiano: aspectos teóricos da gênese e da significação na fotografia documentária.** Campinas: 1994. Dissertação (mestrado) - Instituto de Artes, UNICAMP.

ALVES, Nilda et al. **A leitura de imagens na pesquisa social: História, comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2004.

AMORIM, Marília. **O Pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Sociais,** São Paulo: Musa, 2001.

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. **O patriarca da independência: José Bonifácio de Andrada e Silva (dezembro de 1821 à novembro de 1823).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

ANDRADE, Manuel Correia (org.); FERNANDES, Florestan intitulada (coord) **Elisée Reclus – Geografia.** São Paulo: Editora Ática. 1985

- ANTONIONI, Michelangelo. **Blow up. Depois daquele beijo.** Inglaterra/Itália: 1966. (Filme).
- AREIA, M. L. Rodrigues; MIRANDA, M. A.; HARTMANN, T. **Memória da Amazônia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. 1783-1792.** Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico da Universidade, 1991.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética.** Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ARRAES, Rosa Maria Lourenço. **Paisagens de Pelém: História, natureza e pintura na obra de Antônio Parreiras, 1895-1909.** Belém: UFPA, 2006.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt.** Lisboa: Pub. D. Quixote, 1989.
- AUMONT, Jacques. **A imagem.** 2a ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Maurício (orgs.). **Escravos brasileiros do Século XIX na fotografia de Christiano Jr.** São Paulo: Ex Libris, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec. 7ª Edição. 1995
- _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec. 1996.
- _____. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes. 1992.
- _____. **O Freudismo.** São Paulo: Perspectiva. 2001.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2ª ed. 1997.
- BANZHAF, H. Spencer, 2000. **Productive nature and the net product: Quesnay's economies animal and political.** *History of Political Economy*, 32:3, 517-551
- BARCELOS NETO, A. 2001. **Apontamentos para uma iconografia histórica xinguana. Em Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura** (Bruna Franchetto e Michael Heckenberger, orgs.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. pp. 193-218.

BARROS, Edir Pina de. **Os bakairi e o Alto Xingu: uma abordagem histórica. Em Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura** (Bruna Franchetto e Michael Heckenberger, orgs.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. pp. 308-334.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1984.

_____. **A Aventura Semiológica**, Lisboa: Edições 70. 1987

_____. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978

_____. **A mensagem fotográfica**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 303-316.

_____. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **Crítica e Verdade**, São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, s/d.

_____. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 9a edição. 1993.

_____. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 44.

_____. **S/Z**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.

BATUT, Arthur (1846-1918). **La photographie appliquée à la production du type d'une famille, d'une tribu ou d'une race**. Paris: Gauthier-Villars, 1887. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k110285p>>. Acessado em 28.jan.2008.

BATES, Henry Walter. **O naturalista do rio Amazonas**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Brasiliana, 237).

BATES, Marston. **The Nature of Natural History**. New York, Scribner, 1950.

BATESON, G. e MEAD, Margaret: **Balinese Character - a photographic analysis**. Special Publications of the New York Academy of Sciences, vol. II. 1942.

BAZIN, Andre. **The ontology of the photographic image**. In: PETROCK, Peninah R. *The camera viewed, writings on twentieth-century photography*. New York, Dutton, 1979, v. 2, p. 140-146.

BECEYRO, Raul: **Ensayos sobre Fotografia**. Editorial Arte y Libros.

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BECQUELIN, Pierre. 1993. **Arqueologia Xinguana**. Em Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu (Vera Penteadó Coelho, org.). São Paulo: EDUSP/FAPESP. pp. 223-232.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Objetiva/Metalivros, 1999.

BENATTI, Antonio Paulo. **História, ciência, escritura e política**. In: *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: UNICAMP, 2000.

BENGOA, José. **Historia del pueblo mapuche**. Santiago: Ediciones Sur. 1985.

BENJAMIM, Walter. **Passagens**. Edição alemã: Rolf Tiedemann. Organização da edição brasileira: Willi Bolle. Colaboração na organização da edição brasileira: Olgária Chain Féres Matos. Tradução do alemão: Irene Aron. Tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão técnica: Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2006.

_____. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 209-140.

_____. **Obras escolhidas. Magia, Técnica, Arte e Política**. S. Paulo: Brasiliense 1993.

_____. **Discursos interrompidos I**. Madrid, Taurus Ed., 1973. P.61-83

_____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1 (A imagem de Proust, p. 36-49. O narrador, p. 197-221).

BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859 – 1899) - Dernier exploreur français en Amazonie**. Paris. L'Harmattan. 2000.

- BERGER, J. Modos de ver. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BESSA FREIRE, João Ribamar. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rj: EDUERJ/Atlântica, 2004.
- BESSER, Howard. **Visual access to visual images: the UC Berkeley Image Database Project**. Library Trends, v. 38, n. 4, p. 787-798, 1990.
- BEZERRA NETO, José Maia & GUZMÁN, Décio Marco Antonio (orgs.). **Terra Matura: historiografia e história social da Amazônia**. Belém: Paka-tatu, 2002.
- BILBAO, C. **La ciencia del hombre en el siglo XVIII. Jauffret, Cuvier, Degérando y outros**. Buenos Ayres: Centro Editor de América Latina, 1991.
- BLUM, A.S. **Picturing nature: American nineteenth-century zoological illustration**. Princeton, N.J.: Princeton University, 1993.
- BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** São Paulo: EDUSC, 2001.
- BORGES, Maria Eliza L. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BOTTING, Douglas. Humboldt y El cosmos: **Vida, obra y viajes de um hombre universal (1769-1859)**. Barcelona: Ediciones Del Serbal S.A, 1973.
- BOURDIEU, Pierre (org.). **Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la phtographie**. 2. ed. Paris: Les Editions de Minuit, 1965.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Ed. Perspectiva, São Paulo: 1987.
- _____. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.
- BOURGUET, M.N. **O explorador**. In: VOVELLE, M. (dir) **O homem do iluminismo**. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: E. Presença, 1997.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: Unicamp, 1997.
- BRANDÃO, Helena N. **Escrita, leitura, dialogicidade**. In BRAIT, B. (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 1997.
- _____. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Unicamp, 2004.

BRASSAI. **Proust e a fotografia**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

BRAUNE, Fernando. **O Surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000;

BRIGOLA, J.C. **Viagem, ciência, administração - o complexo museológico da Ajuda (1768-1808)**. "Livro de resumos do 1o Congresso Luso-brasileiro de História das Ciências e da Técnica". Évora: Universidade de Évora, 2000.

BROC, Numa . **Dictionnaire Illustre Des Explorateurs Et Des Grands Voyageurs Francais Du Xix Siecle T.4**. Paris: Oceani, Cths Edition, 2000.

BRUNEL, Georges. **Variations et détermination des temps de pose en photographie: manuel élémentaire de posochronographie**. Paris: Gauthier-Villars et fils, 1897. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k207273g>>. Acessado em: 28.jan.2008.

BURKE, Peter (Org), **A Escrita da História: novas perspectivas**, Tradução: Magda Lopes, São Paulo: Unesp. 1992.

_____. **A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa**. In: BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

_____. **Testemunha ocular: História e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

BURTON, R.F. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. São Paulo: Universidade de São Paulo.1976.

CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **Antropologia e Fotografia**. Rio de Janeiro: UERJ. 1996. Vol.2.

CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Vol.2.

CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **Construção e Análise de Imagens**. Rio de Janeiro: UERJ. 1996. Vol. 3.

CAPELO, Hermenegildo Carlos de Brito; IVENS, Roberto. **De Benguela às Terras de Iaca : descrição de uma viagem na África Central e Ocidental**. Lisboa, Editora Europa-América, 1996.

_____. **De Angola à contracosta**. 2ª edição, Lisboa, Editora Europa-América, 1987.

CARDOSO, Ciro F. e MAUAD, Ana Maria. **História e Imagem**. In: Domínios da História. Ciro F. Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido, história**. Campinas: SP: Papiros, 1997.

CARDOSO, W. **A Adesão do Brasil setecentista à ciência moderna**. Tese de Doutorado, São Paulo: FFLCH-USP, 1991.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **História dos Índios no Brasil**, Companhia das Letras, 1992.

_____. **Imagens de Índios do Brasil: O Século XVI**. IN Revista de Estudos Avançados vol. 4, n. 10, Set.- Dez. 1990.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. **O olhar europeu**. São Paulo; EDUSP, 1994.

CARVALHO, J. C. M. **Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1793)**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHATEAUBRIAND, François-René. **Voyage en Amérique**. 1827. Disponível em: <<http://www.poesies.net/chateaubriandvoyageamerique.txt>>. Acesso em: 03 jan. 2007.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLARK, Katherina & HOLQUIST, Michel. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

COMTE, Auguste. **Catecismo Positivista**. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. 5a. ed. (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1991.

CORREIA FILHO, V. **Alexandre Rodrigues Ferreira. Vida e obra do grande naturalista brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

- COUTO, Hildo Honório do. **Uma introdução à semiótica**. Rio de Janeiro: Presença, 1983.
- CREVAUX, Jules Nicolas. **Voyages dans l'Amérique du Sud**. Paris: Hachette et Cie, 1889.
Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23007000>>. Acessado em: 24.jan.2007.
- _____. **Le Mendiant de l'El Dorado: de Cayenne aux Andes 1876-1879**. Paris: Payot. 1993.
- CUNHA, O. R. **O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Uma análise comparativa de sua viagem filosófica (1783-1793)**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991.
- CURTIS, Edward S. **Los Indios de Norteamérica**. Colonia : Tashen. 1998.
- CUTRIGHT, Paul Russell .**The Great Naturalists Explore South America**, New York: The Macmillan Company, 1940. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=5456539>>. Acesso em: 28 mai. 2007.
- DANIEL, Padre João. **Tesouro descoberto no rio Amazonas**, vol. I e II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976.
- DARNTON, Robert. **História da leitura**. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 199-236.
- DE PAULA, Jeziel. 1932: **imagens construindo a história**. Campinas: UNICAMP/Piracicaba: UNIMEP, 1998.
- DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica**. São Paulo: Nobel, 1989.
- DEBRAY, Régis. 1994. **Vida e Morte da Imagem- uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis, Vozes.
- DEELY, J. **Semiótica Básica**, Editora Ática, São Paulo: 1990.
- DELGADO, Luís. Rui Barbosa: **Tentativa de compreensão e síntese**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. (APESP 923281B211d)
- DENT, N.J.H. **Dicionário Rousseau**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

DERRIDA, J. **A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas**, in: A escritura e a diferença, debates/filosofia, Ed. Perspectiva, São Paulo: 1995.

DIACON, Todd A. **Stringing Together a Nation – Candido Mariano da Silva Rondon and the Construction of a Modern Brazil, 1906-1930**. Duke University Press, 2004.

DIAS, M.O. da S. **Aspectos da ilustração brasileira**. "Rev. do IHGB", 278:105-170, jan-mar. 1968;

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. São Paulo: EDUSC, 2002.

DOMINGUES, A. **Formas de intervenção no espaço amazônico em finais do século XVIII: política e aventura**. Dissertação de mestrado. Lisboa: FCSH da UNL, 1988.

_____. **Viagens de exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: Política, Ciência e Aventura**. Lisboa: Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração (Madeira)/Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991.

DOSSE, François. **História do estruturalismo, v.1: o campo do signo**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: 1993.

_____. **História do estruturalismo, v.2: O canto do Cisne de 1967 aos Nossos Dias**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: 1993.

DROUIN, J-M. **De Lineu a Darwin: os viajantes naturais**, in: SERRES, M. (ed) **Elementos para uma história das ciências**, tomo 2. Lisboa: Terramar, 1998.

DUARTE, Elizabeth B. **Sobre o texto fotográfico**. **Imagens Técnicas**, 1, p. 139-148, 1998.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1999.

DUCROT, O. e TODOROV, T.: **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. Ed. Perspectiva. SP 1972.

DURRELL, G. & L. **O Naturalista Amador - Um Guia Prático ao Mundo da Natureza**. Trad. de Raul de Sá Barbosa e Antonio Houaiss. São Paulo: Martins Fontes, 1 989.

ECO, Umberto - **A estrutura ausente**, Perspectiva, São Paulo, 1976.

_____. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **Tratado Geral de Semiótica**, Ed. Perspectiva, São Paulo: 1980.

EDER, Josef Maria. **La photographie instantanée, son application aux arts et aux sciences**.

Paris: Gauthier-Villars et fils, 1888. Disponível em:
<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103269>>. Acessado em: 28.jan.2008.

EDWARDS, Elizabeth: **Anthropology and Photography, 1860-1920**. Yale Univ. Press. New Haven and London, 1992.

ENSER, P. G. B. **Pictorial information retrieval**. *Journal of Documentation*, v. 51, n. 2, p. 126-170, 1995.

FABRIS, Annateresa (Org.): **Fotografia, usos e funções no século XIX**. EDUSP. São Paulo: 1991.

_____. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

_____. **Language and power**. London, Longman, 1989.

FALCÃO, E. C. **Viagem filosófica às Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. São Paulo: Gráfica Brunner, 1970.

FELDMAN-BIANCO, Bela, MOREIRA LEITE, Míriam L. (org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais**. Campinas: Papyrus, 1998

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1986.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem filosófica pelas capitâneas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Memórias antropológicas. Brasília: Conselho Federal de Cultura. 1974.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal (org. e introdução). **Histórias do Xingu: Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão**. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP e FAPESP, 1994.

FERREZ, Gilberto. **A fotografia no Brasil 1840-1920**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória/Funarte, 1985.

_____. **O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez**. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia; Ed. Ex Libris, 1984.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **O negro na fala do branco: o discurso de Madame Coudreau sobre os mocambeiros do Curuá**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal do Pará. 1989.

FIGUEIRÔA, S.F.M. **Ciência na busca do eldorado: a institucionalização das ciências geológicas no Brasil, 1808-1907**. São Paulo: FFLCH-USP, tese de doutorado, 1992.

FLORENCE, Hercules. **Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas**. São Paulo: Melhoramentos, 1941

FLUSSER, Vilém. **Hacia una filosofia de la fotografia**. México, D.F., Editorial Trillas, 1990. (Biblioteca Internacional de Comunicación).

FONT, Domenec. **El poder de la imagen**. Barcelona, Salvat Ed, (Colección Salvat: Temas Clave)1984.

FONTCUBERTA, Joan. **El beso de Judas: fotografia y verdad**. Barcelona, Gustavo Gili, 1997.

TURAZZI, Maria Inez. **Fotografia**: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ organizadora. Brasília: IPHAN, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**, São Paulo: Loyola, 1970.

_____. **As Palavras e as Coisas**. Lisboa, Portugalia, 1968.

_____. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOURNIÉ, Pierre. **Aventuriers du Monde. Les grands explorateurs français au temps des premiers photographes, 1866-1914**. Paris: L'Iconoclaste, 2003.

FRAISSE, E. et al. **Representações e imagens da leitura**. São Paulo: Ática, 1997.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

FRANCHETTO, Bruna e Michael HECKENBERGER (orgs.). 2001. **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**, in: Obras Completas de S. Freud – vols. IV e V – Rio – Imago –1972

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1976. (Punto y Línea).

FREUND, Gisèle: **Fotografia e Sociedade**. Ed. Vega. Lisboa. - Biren, J.: Lesbian Photography - seeing through our own eyes. IN Studies in Visual Communication, vol. 9, n. 2, 1983.

FREYRE, Gilberto; PONCE DE LEON, Fernando; VASQUEZ, Pedro. **O retrato brasileiro; fotografias da coleção Francisco Rodrigues: 1840-1920**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

FUNES, E. A. (Docente): **Otille Coudreau e os Mocambeiros do Baixo Amazonas**; Anais eletrônicos do XIII Economic History Congress; 2002; XIII Economic History Congress; Buenos Aires; ARGENTINA; Português. Disponível em: <<http://eh.net/XIIICongress/cd/papers/60Funes321.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 200.

_____. **“Nasci nas Matas Nunca Tive Senhor” – história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas**. São Paulo: USP, tese de doutorado, 1995.

GADET, F. & T. HAK (org.) **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990

GAGNEBIN, Jeane Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. . 2. edição, 1 reimpressão. Perspectiva. São Paulo: 2004

- GAUTHIER, Guy. **Image et texte. Le récit sous le récit.** *Langages*, Paris: n. 75, p. 9-21, 1994.
- GAY, Peter. **O estilo na história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GERNSHEIM, Helmut & Alison. **The history of photography from the camera obscura to the beginning of the modern era.** New York, McGraw Hill, 1969.
- _____. **Daguerre: the history of diorama and the daguerreotype.** New York, Dover, 1968.
- GOLDBERG, Vicki. **The power of photography changed our liver.** New York, Abbeville Publishing Group, 1993.
- GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. **Norma e Forma.** Trad. Jefferson L. Vieira.- São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Expressão e Comunicação.** In: *Meditações sobre um Cavalinho de Pau.* São Paulo: EDUSP, 1999.
- GOMEZ DE LA SERNA. **Los Viajeros de la Ilustracion.** Madri: Alianza Editorial, 1974.
- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia,** Marco Zero, São Paulo: 1994.
- GRAHAM, Margaret E. **The description and indexing of images: report of a survey of ARLIS members,** 1998/99. Disponível na Internet via WWW.URL: <http://www.unn.ac.uk/iidr/ARLIS/>, capturado em 19.10.2006.
- GRANGEIRO, Cândido Domingues. **As Artes de um Negócio: a febre photographica (São Paulo 1862-1886).** 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- GREIMAS, Algirdas Julien, LANDOWSKI, Eric. **Análise do discurso em ciências sociais.** São Paulo: Global Universitária, 1986.
- GROS, Jules (1829-1891). **Les français en Guyane ;** 7e éd. ill. par P. Hercouët et Bassan. Paris: A. Picard, 1887. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k206930v>>. Acessado em 19.jun.2007.

GUBERN, Román. **La mirada opulenta: exploración de la iconosfera contemporánea.** Barcelona, Gustavo Gili, 1987.

GUEDES, M.E. João da Silva Feijó - **viagem filosófica a Cabo Verde.** Asclépio, v.XLIX, 1, 131-138, 1997.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Bastos P.; PRADO, Maria Emilia (org.). **O Liberalismo no Brasil imperial: origens, conceitos e prática.** Rio de Janeiro: Revan: UERJ, 2001.

GUIRAUD Pierre, 1983, **A Semiologia**, Lisboa: Editorial Presença.

GURAN, Milton: **Linguagem Fotográfica e Informação.** RJ: Rio Fundo Ed. 1992.

HAGEN, Victor W. Von. **South America Called Them: Explorations of the Great Naturalists Charles-Marie de la Condamine Alexander von Humboldt Charles Darwin Richard Spruce.** R. Hale. London. 1949.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. **O que é retórica.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

HARDY, George. **Géographie et Colonization.** Paris: Gallimard,1933.

HARTMANN, Thekla: **A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX.** IN Coleção Museu Paulista, série Etnologia vol. 1. SÃO PAULO: 1975.

HECKENBERGER. Michael. **Estrutura, história e transformações: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 d.C.** In: Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura (Bruna Franchetto e Michael Heckenberger, orgs.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital (1848-1875).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.

_____. **A Era dos Impérios.** Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A volta da narrativa.** In: Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOCKINGS, P.: **Principles of Visual Anthropology.** Mouton, The Hague, 1975.

HOLANDA, S.B. **A herança colonial - sua degradação.** In: HOLANDA, S.B. (org) **História geral da civilização brasileira.** São Paulo: Difel, 1893.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso. Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil.** 3a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

HUMBOLDT, Alexander von; BONPLAND, Aime. **Voyage au Régions Équinoxiales du Nouveau Continent fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 e 1804.** Paris: A. Paris, 1819. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61299w>>. Acessado em 14.jun.2007.

JAKOBSON, R. **A Linguagem comum dos lingüistas e dos antropólogos,** in: **Lingüística e Comunicação.** Ed. Cultrix, SP. 1969.

JARDINE, N.; SPARY, E.C. **The natures of cultural history.** In JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. (eds) "Cultures of natural history", 3-13. Cambridge: University Press, 1996;

JARDINE, N.; SPARY, E.C. **The natures of cultural history.** In: JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. (eds) **Cultures of natural history,** 3-13. Cambridge: University Press, 1996.

JOLY, Édouard-Léon (Commandant). **La photographie pratique: manuel à l'usage des officiers, des explorateurs et des touristes.** Paris: Gauthier-Villars et fils, 1898. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103146>>. Acessado em: 28.jan.2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papirus, 1996.

KANT, I.: **Crítica da Razão Pura,** Introdução, in: Os Pensadores, São Paulo: Ed. Victor Civita/Abril Cultural, 1980.

KEIM, J.A **La photographie et l'homme: sociologie et psychologie de la photographie.** Paris: Casterman, 1971.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética?.** SÃO PAULO: Brasiliense, 1985, Primeiros Passos.

KOSSOY, Boris. **Album de photographias do Estado de São Paulo: 1892: estudo crítico**. São Paulo: Kosmos, 1984.

_____. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

_____. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Fotografia**. In: ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. V.2, p.867-913. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

_____. **Hercules Florence, 1883: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. 2 ed., São Paulo: Duas Cidades, 1980.

_____. **Origens e expansão da fotografia no Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1980.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

KOZLOFF, Max. **The privileged eye: essays on photography**. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1987.

KRAUSS, Rosalind. **Le photographique: pour une théorie des ecarts**. Paris: Macula, 1990.

KROPOTKIN, Petr Alekseevi? (1842-1921). **La Commune : la Commune de Paris**. In: *La Brochure Mensuelle*, n. 180. Décembre. Paris: Groupe de propagande par la brochure, 1937. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k67549m>>. Acessado em 29.set.2006.

_____. **Communisme et anarchie**. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1903. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81944z>>. Acessado em 29.set.2006.

_____. **La loi et l'autorité**. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1913. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81973j>>. Acessado em 29.set.2006.

_____. **Le principe anarchiste**. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1913. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k819757>>. Acessado em 29.set.2006.

_____. **La morale anarchiste**. Paris: ASH (Antony), 1989. Disponível em:

<<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6550s>>. Acessado em 29.set.2006.

_____. **L'Etat : son rôle historique**. Paris: aux bureaux des "Temps nouveaux", 1906. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81948b>>. Acessado em 29.set.2006.

KURY, L.B. **Entre utopia e pragmatismo: a história natural no iluminismo tardio**. In: SOARES, L.C. "Da revolução científica à big (business) science". São Paulo: HUCITEC, 2001;

KURY, L.B. **Entre utopia e pragmatismo: a história natural no iluminismo tardio**. In: SOARES, L.C. **Da revolução científica à big (business) science**. São Paulo: HUCITEC, 2001.

LA CONDAMINE, Charles Marie de. Relation abrégée d' un voyage fait dans l' interieur de l' Amerique Méridionale. Depuis la Côte de la Mer du Sud, Jusqu' aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la riviere des Amazones; lûe á l'Assemblée publique de l'Académie des Sciences, le 28 avirl 1745. Paris: 1745.

LACONTE DE LISLE, Charles Marie René. **Poèmes Antiques**. Paris: Alphonse Lemerre.

LADRIERE, J. **A articulação do sentido**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.

LAMUR, E. Humphrey. **The impact of Maroons Wars on population policy during slavery in Suriname**", publicado no The Journal of Caribbean History, vol. 23 (1), 1989.

LARSEN, A. **Equipment for the field**. In: JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. **Cultures of natural history**, 358-377. Cambridge: University Press, 1996.

LE BON, Gustave (1841-1931), **Les levers photographiques et la photographie en voyage**. Paris: Gauthier-Villars et fils, 1889. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76297m>>. Acessado em: 28.jan.2008.

LE GOFF, Jacques. **História**. In: História e memória. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LEACH, E.: **Cultura e Comunicação: A lógica pela qual os símbolos estão ligados**. Zahar. RIO DE JANEIRO: 1978.

LÉFEBURE, Antoine. (Direction). **Aventuriers du Monde. Les grands explorateurs français au temps des premiers photographes, 1866-1914**, Paris: L'Iconoclaste, 2003.

_____. (Direction). **Explorateurs, photographes. Territoires inconnus, 1850-1930**, Paris: La Découverte, 2003.

_____. 2005. **L'Amazonie disparue : Indiens et explorateurs 1825-1930**. Paris: Editions La Découverte, 2005.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, M.L.M. **Naturalistas viajantes. História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, 1(2): 7-19, 1995.

LEJEUNE, Dominique. **Les Sociétés de géographie en France et l'Expansion coloniale au XIXème siècle**. Paris: Albin Michel, 1993.

LEMAGNY, Jean-Claude & ROUILLÉ, André (org.). **Histoire de la photographie**. Paris: Bordas, 1986.

LEONARDO, Irving. A. **Viajeiros por la América Latina colonial**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

LEONÍDIO, Adalmir. **Em torno das origens: Leroy-Beaulieu e o pensamento social brasileiro**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Sociedade e Agricultura/UFRRJ, número 13, 1999.

LEROY-BEUALIEU, Paul. **De la Colonisation chez les peuples modernes**. Paris: Guillauminet e Cia Libraires, 1882.

LEUNG, C. H. C., HIBLER, D., MWARA, N. **Picture retrieval by content description**. Journal of Information Science, n. 18, p. 111-119, 1992.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

LIMA, Tânia Stolze. **Um Peixe Olhou Para Mim**. O povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: UNESP/ ISA/ NUTI, 2005.

LISBOA, K.M. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec, 1997.

LOCKE, J. Os Pensadores. SP: Editora Nova Cultural, 1999.

LOIZOS, Peter: **Innovation in Ethnographic Film - from innocence to self-consciousness, 1955-85.** Manchester Univ. Press. Manchester, 1993.

LOPES, M.M. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX.** São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Viajando pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica.** História, Ciências Saúde - Manguinhos, vol. III (suplemento): 881-897, 2001.

LYMAN, Christopher. The Vanishing race and other illusions: photographs of Indians by Edward S. Curtis. Smithsonian Institution, 1982. p. 63. Citado por Sara Brandon. **Edward Curtis, uma construção imagética do índio norte-americano in revista Studium/Unicamp.** Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/nove/2.html>>. Acessado em: 24.jan.2007.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia.** São Pualo, Brasiliense; Funarte, 1984. (Coleção Primeiros Vôos).

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** SÃO PAULO: Pontes, 1993.

_____. **Os termos-chave da Análise do Discurso.** Lisboa: Gradiva, 1997.

MALLAC, Guy de; EBERDACH, Margareth. **Barthes.** São Paulo: Edições Melhoramentos, Editora Universidade de São Paulo: 1997.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens.** Tradução Rubens Figueiredo (et tal). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MANINI, Miriam Paula. **O verbal e o visual no caso do Foto-Romance.** Campinas,. Dissertação (mestrado) - Instituto de Artes, UNICAMP, 1993.

_____. **Análise documentária de imagens. Informação & Sociedade: Estudos,** v. 11, n. 1, p. 128-135, 2001, também em edição on line: Disponível na Internet via WWW.URL: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/>, capturado em 24.05.2008.

_____. **Imagem, imagem, imagem...: o fotográfico no foto-romance.** In: SAMAIN, Etienne (org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec/SENAC, 2005, p. 235-250.

MARESCA, Sylvain. **As figuras do esquecimento.** In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Antropologia e Fotografia. Rio de Janeiro: Núcleo de Antropologia e Imagem/UERJ, v.2, p. 71. 1996.

MAURO, Frederic. Préface in : BENOIT, Sébastien. **Henri Anatole Coudreau (1859 – 1899) Dernier exploreur français en Amazonie.** Paris: L'Harmattan. 2000.

MEAD, Margaret: **Visual Anthropolgy in a discipline of words.** IN Hockings (Ed.), 1975.

MELATTI, Julio Cezar. **Como escrever palavras indígenas.** Revista de atualidade indígena, Brasília: Funai, ano 3, número 16, 1979.

_____. **Nomes de tribos.** Ciência hoje, Rio de Janeiro: SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), volume 10, número 56, 1989.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.** In: Revista Brasileira de História. Vol 23. n. 45. ANPUH, 2003,

_____. **Rumo a uma História visual.** In: MARTINS, José S., ECKERT, Cornélia, NOVAES, Sylvia C. (org.). O imaginário e o poético nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 2002. (Ciências Sociais).

MENEZES, Paulo. **A trama das imagens.** São Paulo: Edusp, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo: 1984.

_____. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Signos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MIGUEL, Maria Lúcia C. **A fotografia como documento. Uma instigação à leitura.** Acervo, Rio de Janeiro: v. 6, n. 1/2, p. 121-132, 1993.

MITCHELL, W.J.T.: **Iconology - Image, Text, Ideology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

MOLLAT, Michel. **Los exploradores del siglo XIII al XVI: Primeras miradas sobre nuevos mundos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

MOREIRA LEITE, Miriam: **Retratos de Família**. EDUSP. São Paulo: 1993.

MOREIRO GONZÁLEZ, José A., ROBLDANO ARILLO, Jesús. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: UFPR, 2003. (Pesquisa, 86).

PLATÃO. **A República**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MORRIS, W.C. **Fundamentos da Teoria dos Signos**. Ed. Eldorado, RJ. 1976.

MOURA, Carlos Eugênio M. (org.). **Retratos quase inocentes**. São Paulo: Nobel, 1983.

MOURA, Ignácio Baptista de. **De Belém a S. João do Araguaia**. Belém: Secult/Fundação Tancredo Neves, 1989.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. **Domenico Vandelli no anfiteatro da natureza**, dissertação de mestrado, Departamento de História, Rio de Janeiro: PUC, 1993.

_____. **O Liberalismo num outro Ocidente: política colonial, idéias fisiocratas e reformismo mercantilista**.

NAVES, Rodrigo. **A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

NEIVA JR., Eduardo. **A imagem**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)

NEWHALL, Beaumont. **The daguerreotype in America**. 3 ed., New York, Dover, 1975.

_____. **The history of photography from 1839 to the present day**. New York, The Museum of Modern Art, 1982.

NICHOLS, Bill: **Ideology and the Image**. Indiana University Press. Bloomington, 1981.

_____. **Representing Reality**. Indiana Univ. Press. Bloomington, 1991.

NISHIKAWA, Reinaldo. **Retratos em preto e branco: uma discussão analítica sobre fontes fotográficas para o historiador**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 15, n. 12, p. 1797-1810, dez. 2005.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica. De Platão a Pierce**. SÃO PAULO: Annablume, 2003.

NOVAES, Adauto. 1998. **O olhar**, S. Paulo, Companhia das Letras.

_____. **Imagens impossíveis**. Humanidades, Brasília: n. 49, p. 106-113, jan. 2003.

O'CONNOR, Brian C., O'CONNOR, Mary Keeney. **Categories, Photographs & predicaments: exploratory research on representing pictures for access**. Bulletin of the American Society for Information Science, v. 25, n. 6, 1999. [on-line] Disponível na Internet via WWW.URL: <http://www.asis.org/Bulletin/Aug-99/oconnor.html>, 27/9/2001.

O'CONNOR, Brian C., **Pictures, aboutness, and user-generated descriptors**. [on-line] Disponível na Internet via WWW.URL: <http://academic.emporia.edu/wcb/schools/SLIM/slim/boconnor/1/files/goodrum.htm>, 27/9/2001.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo: Unesp, 1992.

OHOLY-NAGY, Laszlo. **Painting, photography, film**. Massachusetts, 1987.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2005.

ORBIGNY, Alcides de (1802-1857). **Descripcion Geografica, Historica y Estadistica de Bolivia**, Tomo Primero. Paris: Gide, 1843., p. 17. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k830606>>. Acessado em 14.jan.2007.

ORLANDI, Eni P. (org). [et al]. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Trad. de Bethânia Mariani [et al]. 2. ed. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**. SÃO PAULO: Pontes, 1999.

OUTRAM, D. **New spaces in natural history**. In: JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E.C. **Cultures of natural history**, 358-377. Cambridge: University Press, 1996.

PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia**. Temas Humanísticos na Arte do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1982.

_____. **Significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979..

PATACA, E.M. **Arte, ciência e técnica na Viagem Philosophica de Alexandre Rodrigues Ferreira: a confecção e utilização de imagens histórico-geográficas na Capitania do Grão-Pará, entre setembro de 1783 a outubro de 1784**. Campinas: IG-UNICAMP, dissertação de mestrado, 2001.

MENEZES, Paulo . **A Trama das Imagens**. São Paulo: EDUSP, 1997

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 1997.

PÉGUY, Charles. **L'Argent, l'Argent suite,1913**. Paris: Gallimard, 1932.

PEIRCE, Charles S. 1980: **Peirce, vida e obra** in: Os Pensadores, Ed. Victor Civita/Abril Cultural, São Paulo.

_____. **Semiótica, Estudos**. São Paulo: ed. Perspectiva, 1999.

_____. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1984.

PELEGRINI, Sandra, ZANIRATO, Sílvia Helena (org.). **Dimensões da imagem: interfaces teóricas e metodológicas**. Maringá: UEM, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **Índios Livres e Índios Escravos – Os princípios da legislação indigenista do período Colonial (séculos XVI a XVIII)**. In: Cunha, Manuela Carneiro da. História dos Índios do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

PESTRE, D. **Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens**. Cadernos IG/UNICAMP, v.6 (1): 3-56, 1996.

PETRUCK, Peninah R. (ed.). **The camera viewed: writings on twentieth-century photography**. New York, E. P. Dutton, 1979.

PINHEIRO, Rachel. **Aspectos das produções textuais nas viagens científicas**. In: revista Atala/Intermundo. Lisboa: CICTSUL/Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: <http://www.triplov.com/hist_fil_ciencia/rachel.html>. Acesso em: 23 abr. 2006.

PLAZA, Julio. **Relações entre escrita e imagem**. (Mimeo). 1999.

_____. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva/Brasília: CNPq, 1987.

POLIAKOV, Léon. **O Mito Araiano**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela, MOREIRA LEITE, Míriam L. (org.). Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Campinas: Papiрус, 1998, p. 75-112.

_____. **Imagem e representação do índio no século XIX**. In: Grupioni (Org.) Índios no Brasil. São Paulo: SMC, 1992.

PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PRATT, Mary L. **Olhos do império, relatos de viagem e transculturação**. Bauru: Edusc, 1999.

PRICE, Sally. **Arte Primitiva em Centros Civilizados**. Editora UFRJ. Rio de Janeiro: 2000.

PRIORE, Mary & GOMES, Flávio (orgs.). **Os Senhores dos Rios: Amazônia, margens e história**. Rio de Janeiro: Elsevire, 2003.

QUATREFAGES DE BREU, Jean Louis Armand de (1810-1892). **Darwin et ses précurseurs français : étude sur le transformisme**. Paris: F. Alcan, 1892. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61984s>>. Acessado em 12 jun.2007.

_____. **Rapport sur l'ouvrage de M. Jules Duval intitulé "Histoire de l'émigration européenne, asiatique et africaine au XIXe siècle"**. Paris: impr. de E. Martinet, 1863. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k432425w>>. Acessado em 12 jun.2007.

_____. **Souvenirs d'un naturaliste**. Paris: Charpentier, 1854. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1068234>>. Acessado em 12 jun.2007.

_____. **L' espèce humaine**. Neuvième edition. Paris: Ancienne librairie germer baillière et cie félix alcan éditeur, 1888. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ga000738.pdf>>. Acesso em 12 jun.2007.

_____. **La Floride**. In: Revue dès Deux Mondes. 1843. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k355423>>. Acesso em: 12 ago.2007.**RALEIGH, Sir Walter. The discovery of Guiana (1592-1596)**. London: The Hakluit Society, 1928.

RAMINELLI, R. **Viagens e inventários. Tipologia para o período colonial**. História: questões e debates, no 32: 27-46, jan/jun 2000.

RAPHALEN, Daniel. **L'odyssée de Port-Breton, ou le rêve océanien du marquis de Rays**. Rennes : Les Portes du Large, 2006.

RECLUS, Elisée. **Correspondance. Tome I. Décembre 1850-mai 1870**. Paris: Schleicher Frères, 1911-1925. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k83235j>>. Acessado em 29.set.2006.

_____. **Le Brésil et la colonization**. In: Revue des deux mondes : recueil de la politique, de l'administration et des moeurs, 15 jun., Paris: Revue des deux mondes, 1862. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k64853z>>. Acessado em 17.jan.2007

_____. **Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia, estatística**. Tradução e breves notas do B.-F. Ramiz Galvão, e anotações sobre o território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Paris Livreiro-Editor, 1899.

_____. **L'homme et la terre. Les ancêtres : origines ; milieux telluriques ; travail ; peuples attardés ; familles, classes, peuplades ; divisions et rythme de l'histoire. - Histoire ancienne : Iranie, Caucasia, Potamie**. Paris: Librairie universelle, 1905-1908. Disponível em: <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61520f>>. Acessado em: 19.jun.2007.

RESTREPO, O.F. **Naturalistas: la construccion de una ordem natural:** in: RESTREPO, O.F. et all **Historia social de la ciencia en Colombia.** Tomo III - Historia Natural y Ciências Agropecuárias. Colombia: COLCIENCIAS, 1993.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação.** Ensaios de Hermenêutica II. Porto: Rés Editora, 1989.

_____. **Ideologia e Utopia.** Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **O discurso da ação.** Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Tempo e Narrativa,** vol. I, II e III. Campinas: Papyrus, 1994, 1995, 1996.

_____. **Teoria da interpretação.** Lisboa : Edições 70, 1987.

_____. **Interpretação e Ideologias.** 4 ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1990.

RODRIGUES, Cíntia Régia. **O Positivismo e a imagem do índio no jornal A Federação.** Londrina: Anais do XXIII Simpósio da ANPUH, 2005.

ROSENBLUM, Naomi. **A world history of photography.** New York, Abbeville Press, 1984.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura.** S.Paulo: Novo Brasil Editora Brasileira Ltda, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social e outros ensaios.** – 2. Ed. – Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens,** Col. Os Pensadores, Abril Cultural, 1973.

S.F.M; PINHEIRO, R. **As histórias da Comissão científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema.** Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Geociências, Dissertação de Mestrado, 2002;

SADOUL, Georges. **Valeur du témoignage photographique,** in: Charles Samaran (org.). Encyclopédie de la Pléiade. L'histoire et ses méthodes, Bruges, Gallimard, 1973.

SAINT-GÉRAND, Jacques-Philippe; WOOLDRIDGE, Russon. **Langue du XIXe siècle**. Toronto: Universidade de Toronto. Disponível em: <<http://www.chass.utoronto.ca/epc/langueXIX/index.html>>. Acesso em 25 jan. 2006.

SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANJAD, Nelson. **A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907**, Tese de Doutorado pela Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Brasil. Ano de Obtenção: 2005. Exemplar disponível na Biblioteca do Museu Emílio Goledi

SANTAELLA, Lúcia.: **O que é Semiótica**, Ed. Brasiliense, SP. 1983.

SANTAELLA, Lucia, NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica**, mídia. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

SARGES, Nazaré. **Riquezas Produzindo a Belle Epoque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SARNEY, José, 1930-; COSTA, Pedro, 1947-. **Amapá: a terra onde o Brasil começa**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.

SARTRE, J. P. 1996. **O imaginário**. S. Paulo, Ática

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. SÃO PAULO: Cultrix, 1985.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico**. Campinas: Papirus, 1996.

SCHAFF, Adam, **História e Verdade**, Tradução: Maria Paula Duarte, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHARF, Aaron. **Art and photography**. Baltimore, Penguin Books, 1984.

SCHOLE, R. **Protocolos de leitura**. Lisboa: Edições 70, 1991.

SCHWARCZ, Lília K. M. **O olho do rei. As construções iconográficas e simbólicas em torno de um monarca tropical: o imperador D. Pedro II**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela,

MOREIRA LEITE, Míriam L. (org.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papyrus, 1998, p. 113-140.

SERRÃO, José Vicente. **Introdução a Domingos Vandelli, Aritmética Política, Economia e Finanças (1770-1804)**. Lisboa: Banco de Portugal (Coleção de Obras Clássicas do Pensamento Económico Português). 1994.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **As terras inventadas. Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SIMON, W. J. **Scientific expeditions in the portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the intellectual-scientific community of the late eighteenth century**. Lisboa: C.E.H.C.A./Inst. De Investigação Científica Tropical, 1983.

SLATER, Candace. **Entangled Edens. Visions of the Amazon**. Berkeley, University of California Press, 2001

SMIT, Johanna W. **Análise documentária: a análise da síntese**. 2a ed. Brasília: IBICT, 1989. A análise da imagem: um primeiro plano, p. 101-113.

SONTAG, Susan. **Questão de ênfase; ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Uma foto não é uma opinião; ou é?, p. 306-322.

_____. **Sobre La Fotografia**. Buenos Aires. ALFAGUARA, 2006.

SPARY, E.C. **Cultures of natural history**, 358-377. Cambridge: University Press, 1996;

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992

STONE, Lawrence. **O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história**. In: *Revista de História*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **On World Historians in the Sixteenth Century**. *CALIBER – Journals of the University of California Press*. Representations, Summer 2005.

SUMMER, William Graham. **Folkways: A Study of the Sociological Importance of Usages, Manners, Customs, Mores, and Morals**. New York: Ginn and Company. 1906. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=33725041>>. Acesso em: 07 nov. 2007.

TACCA, Fernando de. **A imagética da Comissão Rondo. Etnografias filmicas estratégicas.** Campinas: Papyrus, 2001. (Coleção Campo Imagético)

TEMP, Tom. **A revolução Industrial na Europa do Século XIX**, Lisboa, Edições 70, 1985.

THE FORMATION OF A WORLD ECONOMY – 1870 to 1914” in *The Times Atlas of World History*, London, Fourth Edition, 1993. pg. 252 – 253.”

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

TODD A. **Diacon: Stringing Together a Nation – Candido Mariano da Silva Rondon and the Construction of a Modern Brazil, 1906-1930**. Duke University Press. 2004

TODOROV, T. **A viagem e seu relato**, trad. de Lea Mara Valezi Staut). *Revista Brasileira de Letras*, 39: 13-24, 1999

_____. **A Conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TODOROV, T. e DUCROT, O. (1977). **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. Trad. Alice Myiashiro et al. São Paulo: Perspectiva

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos: a fotografia na era do espetáculo (1839-1889)**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1995.

TURNER, James M. **A typology for visual collections. Bulletin of the American Society for Information Science**, v. 25, n. 6, 1999. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Aug-99/turner.html>, 27/9/2001>. Acessado em 28.06.2006.

VANDELLI, Domingos, 1789. **Memória sobre a preferência que em Portugal se deve dar à agricultura sobre as fábricas**. In Vandelli 1994.

VASQUEZ, Pedro. **D. Pedro II e a fotografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Index, 1985.

_____. **Mestres da fotografia no Brasil: coleção Gilberto Ferrez**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1995. (Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil de 27 de maio a 16 de julho de 1995).

_____. **O Brasil na Fotografia Oitocentista**. São Paulo: Metalivos, 2003

VAZ, Paulo B. (org.) **Narrativas fotográficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Paulo, Perspectiva, 2000.

VESSURI, H. **Los viajes de G.G. Simpson a Sudamérica: visión científica y experiencia subjetiva**. Redes, v. VI (14): 13-49, 1999.

VON HAGEN, Victor Wolfgang. South America Called Them: Explorations of the Great Naturalists Charles-Marie de la Condamine Alexander von Humboldt Charles Darwin Richard Spruce, Londres: Robert Hale Limited, 1949. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=5457805>>. Acesso em: 27 abr. 2006.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1979.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1993.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 2001.

WHITEHEAD, P. J. P. e BOESEMAN, M. **Um Retrato do Brasil Holandês do Século XVII**. Animais, Plantas e Gente pelos Artistas de Johan Maurits de Nassau. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.